



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DA PSICOLOGIA

LASSANA DANFÁ

**RELAÇÕES INTERGRUPAIS E REPRESENTAÇÕES
IDENTITÁRIAS RECÍPROCAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS
AFRICANOS E BRASILEIROS**

Recife

2021

LASSANA DANFÁ

**RELAÇÕES INTERGRUPAIS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS RECÍPROCAS
ENTRE UNIVERSITÁRIOS AFRICANOS E BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia. **Área de concentração:** Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Lira dos Santos Aléssio

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

D181r Danfá, Lassana.

Relações intergrupais e representações identitárias recíprocas entre universitários africanos e brasileiros / Lassana Danfá. – 2021.
243f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Renata Lira dos Santos Aléssio.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2021.
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Estudantes africanos. 3. Estudantes brasileiros. 4. Preconceito- Educação. 5. Interação social – Conflito intergrupar. I. Aléssio, Renata Lira dos Santos Aléssio (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-116)

LASSANA DANFÁ

**RELAÇÕES INTERGRUPAIS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS
RECÍPROCAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS AFRICANOS E BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.
Área de concentração: PSICOLOGIA.

Aprovado em: 25/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Renata Lira dos Santos Aléssio (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Julia Alves Brasil (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^ª. Dr^ª. Yuri Sá Oliveira Sousa (Examinadora Externa)
Universidade Federal da Bahia

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima de Souza Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta tese aos meus falecidos pais, Abulai Danfá e Mamadu, e aos meus ancestrais Malam Bata Danfá (Mambata), Umaro Camará (Bâ-Dakar) e Cadi Sane.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que colaboram para o meu crescimento pessoal e para esta tese, principalmente aos meus familiares. Para Dalá Mané (mãe), minha esposa Gleyse pela paciência, companheirismo, amor, carinho, sem os quais não teria condições emocionais para seguir, em uma época tão complicada devido à crise da pandemia de COVID-19. Ao meu tio Amido Danfá por todo o apoio, desde graduação até o doutorado, sem ele seria impossível concretizar o sonho de graduação e muito menos o doutorado, em nenhum momento me deixou desamparado no Brasil. Não tem nada que eu possa fazer para retribuir o que fez por mim, só me resta dizer obrigado obrigado obrigado tio Amido! Ao meu tio e mentor Sadjo Danfá pelos conselhos, opiniões e longas conversas, misturando as questões intelectuais, familiares e patrióticas. A minha prima-irmã Djutala Danfá que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, me dando todo o suporte do mundo, sem o qual não estaria aqui. Djutala para mim é confidente, conselheira, mana e, muitas vezes, cumprindo a função materna. Ao meu irmão Adonis, que sempre me apoiou afetivamente, me alegrando com a beleza esplendor da Leonor. A minha querida amiga e irmã Erika pela fraternidade, amizade, companheirismo, lealdade e afeto.

A todos os meus professores e colegas da graduação, africanos e brasileiros. Os meus profundos agradecimentos para Edclécia que sempre esteve presente nas minhas reflexões, presencialmente e virtualmente. Obrigado Edclécia, por sempre estar disponível em colaborar e ajudar, saiba que tenho uma grande admiração intelectual por você. Aos meus colegas do Labint: Isadora, Isabela, Renan, Stéphanie, Rebeca, Vitor, Laís, Alina, Júlia, Cláudia. Meu agradecimento especial para Rhuana Berg e Renan pela colaboração durante a aplicação dos questionários, favorecendo os três contextos da pesquisa. Minha eterna gratidão para Rhuana e Renan. Agradeço Para Tomás e Wilson Sanca pela colaboração e acolhimento durante a minha estadia na UNILAB. Meu profundo agradecimento para professor Itacir que me deu todas as orientações possíveis, fazendo ponte com os professores para o bom andamento da coleta de dados. Agradeço o professor Ivan que igualmente colaborou para a coleta de dados na UNILAB.

Aos membros da banca Yuri Sá, Júlia Brasil, Ana Cláudia, Jorge Lyra e Ana Raquel Torres. Não tenho palavras para descrever Ana Raquel, uma profissional exemplar, sempre disposta a me ensinar, obrigado pelas indicações bibliográficas. Suas reflexões, quando da mobilidade discente em 2015, foram cruciais para a escolha do tema desta tese. Meu

agradecimento para Luiza Reis e Rafael Wolter pelas contribuições dadas durante a qualificação do projeto da tese.

A professora Fátima, que me acolheu na minha fase embrionária e imatura da pesquisa, que para mim foi um momento decisivo na minha carreira de pesquisador. Professora Fátima, saiba que a sua honestidade, sinceridade, o jeito genuíno e verdadeiro de ser foi fundamental para nunca me acomodar.

E, por último, a minha querida e maravilhosa orientadora Renata Lira dos Santos Aléssio, sem a qual esta tese não seria possível. Obrigado pela confiança, às vezes, excessivamente rsrs, mas isso me faz crescer cada vez mais. Aprendi muito contigo, sobretudo a coragem de fazer escrita ousada, instigante e transformadora. Ao longo desses seis anos ganhei mais do que uma eterna orientadora, você foi amiga leal, honesta e sincera. Nenhuma orientação foi pesada e cansativa, mesmo quando passamos dia trabalhando, às vezes, até meia noite, não consigo cansar. Trabalhar com você sempre foi algo cativante, motivador e cheio de leveza. Sempre me senti seguro em colocar as minhas ideias, me ensinou a expor os meus pensamentos e reflexões de forma honesta e corajosa. Você é exemplo da branca antirracista genuinamente, sempre levou a sério o debate racial. Ser antirracista é ter uma atitude propositiva e combativa, e, isso foi marcante na sua atuação, inclusive na educação dos seus filhos, uma atitude rara. A África para você não foi apenas um objeto de estudo, mas sim, um lugar com qual se conectou afetivamente. A música Kōrá é apenas uma das formas de concretizar essa conexão.

Sempre me perguntam como me senti na primeira vez em que pisei em solo livre. Não há nada da minha experiência para que eu pudesse dar uma resposta mais apropriada –senti que um mundo novo se havia aberto aos meus pés. Se há mais na vida do que respirar e manter o coração batendo, vivi mais naquele dia do que em um ano inteiro como escravo. Foram momentos de excitação alegre que as palavras só podem descrever até certo ponto – em uma carta a um amigo, que escrevi assim que cheguei à Nova Iorque, eu disse que: “Me senti como alguém se sentiria ao escapar uma toca de leões famintos (DOUGLAS, 2012, p.184).

O racismo faz diferença. Ser um outro neste país faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente continuará a fazer. É raro que comunidades humanas abram mão de privilégios por simples altruísmo, e portanto, o único mundo que se pode imaginar os apoiadores da branquitude renunciando à sua religião é um mundo em que seus privilégios se transformam em um luxo ao qual não se podem dar (MORISSON, 2019, p.17-18).

RESUMO

A inserção da imigração africana a estudo tem sido dificultosa por conta do racismo antinegro fortemente enraizado na sociedade brasileira, fruto da herança escravocrata e das imagens estereotipadas e preconceituosas sobre a África. Objetivamos estudar relação intergrupar entre universitários africanos e brasileiros, apreendendo as representações identitárias recíprocas entre os dois grupos. Participaram no estudo 336 universitários, sendo 238 brasileiros (UFPE-N=121, UNILAB-N=117) e 98 estudantes africanos (UNILAB). Os estudantes da UFPE foram submetidos as três condições experimentais, a saber: aplicador afro-negro (N=35), aplicador brasileiro branco (N=48) e aplicadora brasileira negra (N=38). Trata-se da técnica de descontextualização normativa, com intuito de testar a hipótese da zona muda das representações sociais. Os interlocutores da UNILAB foram submetidos apenas a condição de aplicação dos pesquisadores negros. Utilizamos a técnica de substituição tanto na UFPE assim como na UNILAB, visando acessar a zona muda das representações sociais, através da pergunta redutora da pressão normativa. Analisamos a hipótese de contato proposto por Allport por meio da análise da variável grau de convivência nas quatro condições autoavaliadas: muita, regular, pouca, nenhuma. Os conteúdos representacionais positivos sobre os africanos foram sobrerrepresentados em face a aplicação do pesquisador afro-negro e pesquisadora afro-brasileira e entre os interlocutores que afirmam conviver muito com africanos. Por sua vez os conteúdos representacionais negativos e de cunho preconceituoso foram sobrerrepresentados em face ao aplicador branco e entre os estudantes que afirmam não conviver ou convivem pouco com os discentes africanos. Verificamos o desmascaramento da zona muda em face ao pesquisador branco e os interlocutores com menor ou nenhuma convivência com membros do exogrupo. E o mascaramento da zona muda em face aos pesquisadores negros e os interlocutores com maior grau de convivência com o exogrupo. Estes achados revelam um diálogo possível entre a zona muda proposta por Abric e a hipótese do contato proposta por Allport. Os dados apontam ainda a perspectiva afrofuturista de africanos e um olhar afropessimismo de brasileiros na representação da africanidade e África. Acrescenta-se a isso a hipersexualização dos africanos pelos brasileiros. Na representação identitária dos africanos sobre os brasileiros prevaleceu a imagem de um povo hostil e promíscuo, hipersexualizando as mulheres brasileiras. Os brasileiros por sua vez se autorrepresentam como um povo hospitaleiro e carismático, mas também racista, preconceituoso, homofóbico e machista, apresentando a face desarmônica da brasilidade.

Palavras-chave: africanos; brasileiros, racismo; identidade; relações-intergrupais.

ABSTRACT

The inclusion of African immigration into the study has been tremendously difficult due to anti-black racism which is strongly rooted in Brazilian society, as result of the slavery heritage and stereotyped and prejudiced concept (or images) about Africa. We aim to study the intergroup relationship between African and Brazilian university students, apprehending the reciprocal representations of identity between the two groups. A total of 336 university students participated in the study, being 238 Brazilians (UFPE-N=121, UNILAB-N=117) and 98 African students (UNILAB). The UFPE students were submitted to three experimental conditions, namely: afro-black applicator (N=35), white Brazilian applicator (N=48) and black Brazilian applicator (N=38). This is the normative decontextualization technique, with the purpose of testing the mute zone hypothesis of social representations. UNILAB's interlocutors were submitted only to the condition of application by black researchers. We used the substitution technique both at UFPE and at UNILAB, aiming to access the silent zone of social representations, through the question of reducing the normative pressure. We analysed the hypothesis of contact proposed by Allport through the analysis of the variable degree of coexistence in the four self-assessed conditions: plenty, regular, little, none. The positive representational contents about Africans were overrepresented in the face of the application of the Afro-Black researcher and Afro-Brazilian researcher and among the interlocutors who claim to interact a lot with Africans. In turn, the negative and prejudiced representational contents were overrepresented in the face of the white applicator and among the students who claim not to live or have little contact with African students. We verified the unmasking of the silent zone in the face of the white researcher and the interlocutors with less or no contact with members of the outgroup. And the masking of the zone changes in the face of black researchers and interlocutors with a greater degree of coexistence with the outgroup. These findings reveal a possible dialogue between the silent zone proposed by Abric and the contact hypothesis proposed by Allport. The data also point to the Afrofuturist perspective of Africans and an Afro-pessimism view of Brazilians in the representation of Africanity and Africa. Added to this is the characterization of the hyper-sexualization of Africans by the Brazilians. In the representation of Africans identity over Brazilians, the image of a hostile and promiscuous people prevailed, hyper-sexualizing the Brazilian women. Brazilians, in turn, represent themselves as a hospitable and charismatic people, but also racist, prejudiced, homophobic and sexist, presenting the disharmonious face of Brazilianness.

Keywords: Africans; Brazilians, Racism; Identity; Intergroup relations

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1– PERGUNTAS, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	83
FIGURA 2– INSTRUMENTO APLICADO	88
FIGURA 3– PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO “OS AFRICANOS SÃO” EM FUNÇÃO DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS	115
FIGURA 4– PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO EM FUNÇÃO QUANDO PENSA NA ÁFRICA DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS	127
FIGURA 5– DENDROGRAMA DO CORPUS O QUE BRASILEIROS PENSAM DOS AFRICANOS (76,65% DE RETENÇÃO).....	129
FIGURA 6– DEDROGRAMA QUEM SÃO OS BRASILEIROS PARA AFRICANOS (87,61% DE RETENÇÃO).....	136
FIGURA 7 – PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO EM FUNÇÃO “OS BRASILEIROS SÃO” DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS	155
FIGURA 8– AUTORREPRESENTAÇÃO DOS AFRICANOS (RETENÇÃO 82,98%).....	168
FIGURA 9– HERETORREPRESENTAÇÃO DOS AFRICANOS (RETENÇÃO 67,41%)	173
FIGURA 10– O QUE OS AFRICANOS PENSAM DA ÁFRICA (RETENÇÃO 73,56%)	184
FIGURA 11– COMO OS BRASILEIROS PENSAM A ÁFRICA (76,58% DE RETENÇÃO) ...	189
FIGURA 12– AUTORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (77,88% DE RETENÇÃO) .	201
FIGURA 13– HERETORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (RETENÇÃO 73,56%) ...	206
FIGURA 14– QUANDO OS BRASILEIROS PENSAM O BRASIL (RETENÇÃO 76,50%)	212
FIGURA 15– QUANDO OS AFRICANOS PENSAM O BRASIL (RETENÇÃO 63,27%)	217

LISTA DE TABELAS

TABELA 1– CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA AFRICANA	86
TABELA 2– CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA BRASILEIRA	86
TABELA 3– AMOSTRA BRASILEIRA (N=238) SEGUNDO BLOCO DO INSTRUMENTO E CONDIÇÃO QUASE-EXPERIMENTAL	89
TABELA 4– AMOSTRA AFRICANA SEGUINDO BLOCO DO INSTRUMENTO	90
TABELA 5– ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS SOBRE O AFRICANO SEGUNDO DELINEAMENTO QUASE-EXPERIMENTAL - AMOSTRA BRASILEIRA (N=238)	98
TABELA 6– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS	105
TABELA 7– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO ESTADO – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS	110
TABELA 8– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DA RAÇA – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS	113
TABELA 9– ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS SOBRE A ÁFRICA SEGUNDO DELINEAMENTO QUASE-EXPERIMENTAL- AMOSTRA BRASILEIRA (N=238).....	117
TABELA 10– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS BRASILEIROS	120
TABELA 11– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO ESTADO – CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS	122
TABELA 12– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DA RAÇA – CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS	124

TABELA 13– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS: “OS BRASILEIROS SÃO”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES AFRICANOS.....	143
TABELA 14– ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS: “QUANDO PENSA NO BRASIL”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES AFRICANOS.....	144
TABELA 15– ESPECIFICIDADES DA AUTORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (N=238).....	146
TABELA 16– ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DO GRAU DE CONVIVÊNCIA	150
TABELA 17– ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DO ESTADO.....	151
TABELA 18– ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DA RAÇA	153
TABELA 19– ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR: OS AFRICANOS SÃO	160
TABELA 20– CAMPO SEMÂNTICO NA AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA	180
TABELA 21– ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR “OS BRASILEIROS SÃO”: A AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO	195
TABELA 22– ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR “QUANDO PENSA NO BRASIL”: A AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO	208

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	IDENTIDADE SOCIAL E RELAÇÕES INTERGRUPAIS	27
3	ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E RACISMO COMO FENÔMENOS MACROSSOCIAIS.....	44
4	IDENTIDADE E DIFERENÇA: CULTURALIZAÇÃO, NATURALIZAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO	64
5	PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO.....	74
6	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	85
6.1	Participantes	85
6.2	Construção instrumento	87
6.3	Procedimento da coleta	89
6.4	Procedimentos de Análise	91
6.5	Aspectos éticos	95
7	VARIAÇÃO DA EXPRESSÃO DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS EM FUNÇÃO DO (DES) MASCARAMENTO DA ZONA MUDA E DO GRAU DE CONVIVÊNCIA ENTRE AFRICANOS E BRASILEIROS	97
7.1	Variação dos conteúdos representacionais em função do mascaramento e do desmascaramento da zona muda sobre africano e África – amostra brasileira.....	97
<i>7.1.1</i>	<i>Preconceito e desejabilidade social na representação social do africano.....</i>	<i>98</i>
<i>7.1.2</i>	<i>Preconceito e desejabilidade social na representação social da África.....</i>	<i>116</i>
<i>7.1.3</i>	<i>Preconceito e desejabilidade social na representação dos africanos: interlocutores brasileiros “o que a população brasileira pensa dos africanos?</i>	<i>128</i>
7.2	Variação da expressão dos conteúdos representacionais sobre o brasileiro e sobre o Brasil: zona muda (amostra africana)	135
<i>7.2.1</i>	<i>Afinal, quem são os brasileiros para os africanos? Hipótese de zona muda a partir da técnica de substituição</i>	<i>136</i>

7.2.2	<i>Representação da brasilidade de acordo o grau de convivência do indutor “os brasileiros são”: perspectiva dos interlocutores africanos</i>	142
7.2.3	<i>Representação da brasilidade de acordo o grau de convivência do indutor “quando pensa no Brasil”: perspectiva dos interlocutores africanos.....</i>	144
7.3	Efeito do contexto da aplicação e grau de convivência na autorrepresentação dos brasileiros através do indutor os brasileiros são.....	146
8	ESTRUTURA REPRESENTACIONAL DA AFRICANIDADE E DA BRASILIDADE	159
8.1	Estrutura das representações identitárias sobre os africanos: autorrepresentação e heterorepresentação	159
8.1.1	<i>Acusação dos universitários brasileiros pelos conteúdos representacionais negativos na autorrepresentação dos africanos</i>	167
8.1.2	<i>Confirmação e imputação da culpa no “outro” pelos conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos difundidos sobre os africanos.....</i>	173
8.1.3	<i>Estrutura representacional na caracterização da África.....</i>	179
8.1.4	<i>Afrofuturismo na representação da África: ponto de vista dos interlocutores africanos</i>	183
8.1.5	<i>Afropessimismo e África como berço histórico: perspectiva dos interlocutores brasileiros</i>	188
8.2	Estrutura representacional da caracterização da brasilidade	194
8.2.1	<i>Em defesa da brasilidade: mítica ou intolerante.....</i>	201
8.2.2	<i>Defesa da primazia da brasilidade desarmônica sobre a harmônica: perspectiva dos interlocutores africanos</i>	206
8.2.3	<i>Estrutura representacional na caracterização do Brasil.....</i>	208
8.2.4	<i>Defesa da identidade brasileira do ponto de vista do pertencimento territorial: perspectiva dos interlocutores brasileiros.....</i>	212
8.2.5	<i>Identidade brasileira do ponto de vista do pertencimento territorial: perspectiva dos interlocutores africanos</i>	216
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	223
	REFERÊNCIAS	228

1 INTRODUÇÃO

A minha trajetória acadêmica ao longo da graduação e mestrado em Psicologia, bem como minha filiação no Laboratório da Interação Social Humana (LABINT) estão focadas nos estudos africanos. O meu percurso e experiência apontam para a necessidade e pertinência de aprofundar os referidos estudos no campo da teoria das representações sociais (TRS). Uma teoria proposta por Moscovici (1961/2013) e que se insere dentro dos estudos da Cognição Social na tradição dos estudos psicossociológicos franceses, aderindo a uma perspectiva na qual indivíduo e sociedade aparecem como indissociáveis. A TRS compreende as cognições sociais enquanto produto histórico-cultural.

Na dissertação, intitulada “*Alteridade, Racismo e Representações Sociais: O caso do ebola no Brasil*”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, estudei a construção social do ebola na mídia impressa brasileira à luz da TRS, articulando conceitos de risco, racismo, problema social e alteridade. O estudo foi feito no jornal Folha de São Paulo (desde a aparição das primeiras matérias sobre ebola em 1976 até março de 2015) (DANFÁ, ALÉSSIO, TORRES, 2021) e na Revista Veja no período compreendido entre março de 2014 e fevereiro de 2015 (DANFÁ; ALÉSSIO, 2017). Os estudos concluídos na dissertação de mestrado de Danfá (2016) sobre representações sociais (RS) e ebola, estão centrados no nível de análise do tipo societal ou ideológico, tal como proposto por Doise (2002). Este nível se debruça sobre as dimensões ideológicas e culturais atreladas ao olhar da imprensa com relação ao africano.

Do ponto de vista teórico os nossos achados apontam a *invisibilidade* como processo psicossocial explicativo do racismo, a partir da invisibilização do outro africano como protagonista hábil a falar dos seus problemas sociais. Neste sentido, o discurso racista se dá principalmente pela ausência do outro africano no debate sobre ebola. Vimos assim, a ausência do discurso dos profissionais africanos bem como a ausência da experiência africana e os respectivos traços culturais e costumes no cerne da discussão sobre ebola. O que se deve ao fato dos africanos serem tratados como não sujeitos de direito, isto é, incapazes de assumirem o destino dos seus problemas e cujas culturas são relegadas à desapareição, uma vez que o modelo ocidental da cultura humana é tido como aquele que todos devem seguir (DANFÁ; ALÉSSIO; TORRES, 2021). Neste sentido, o temos investigado as dimensões ideológicas e culturais atreladas ao olhar da imprensa

com relação ao africano, tendo como ponto de partida o ebola. Adotamos a abordagem societal nesta tese pelo fato de ter sido utilizada de forma eficaz nos trabalhos que estudam o preconceito, a discriminação, os grupos minoritários, entre outros, conforme vimos em vários estudos de Jorge Vala (2011; 2013).

A partir dos estudos realizados na dissertação sentimos a necessidade de olhar para os outros níveis de análise propostos por Doise. Assim, esta tese pretende, portanto, olhar para outros níveis de análise propostos por Doise (2002). O nível intraindividual tem centrado no modo como os indivíduos organizam suas experiências com o ambiente. O segundo nível diz respeito aos processos interindividuais e situacionais. Nesse nível, os indivíduos são considerados intercambiáveis, uma vez que são os seus sistemas de interação que proporcionam princípios explicativos. O terceiro diz respeito à posição ocupada pelos diferentes atores sociais nas relações sociais. E o último nível, societal, se refere aos sistemas de crenças, representações e normas sociais. As produções culturais e ideológicas características de uma sociedade são importantes neste nível. Esta tese se propõe sobretudo a refletir sobre os níveis intra-individual (representações de cada indivíduo) e intergrupais (jogo alteritário em função das posições ocupadas na sociedade: gênero, raça, faixa etária, ocupação).

No período anterior à coleta dos dados desta tese, utilizamos a diversidade dos níveis de análise para investigar os artigos publicados sobre a imigração africana e Psicologia no Brasil. Apesar de número considerável de imigrantes a estudo e a imigração a trabalho, que vem crescendo na atualidade, a psicologia brasileira tem estudado pouco a imigração africana (DANFÁ; ALÉSSIO, 2020). Sem fixar limite temporal, em 2019 encontramos nas bases de dados brasileiras 1171 estudos, dos quais foram selecionados 5, atendo aos critérios de inclusão (estudos relacionados à imigração africana em Psicologia publicados no Brasil) e exclusão (todos os artigos que não versam sobre a imigração africana, não estudados ou publicados em Psicologia no Brasil). Os dados foram coletados entre fevereiro e maio de 2019 nas bases: Periódicos da Capes, Pepsic, BVS. Os artigos foram analisados à luz dos níveis de análise de Doise (2002), dos quais encontramos os níveis intraindividual, interindividual e societal.

Os resultados do primeiro nível agrupam dois artigos (BARRETO; COUTINHO; RIBEIRO, 2009; MALLARD, CREMASCO e METRAUX, 2015) e explicam a dificuldade de inserção dos estudantes africanos a partir de suas experiências individuais como dificuldade de falar português ou sotaque, e não por questões macrosociais, sustentadas pelo racismo. A dificuldade de inserção é explicada pela dificultoso

processo de aculturação e adaptação dos indivíduos. Por sua vez, os dois artigos situados no nível interindividual (GARCIA; GOES, 2010; LIMA; FEITOSA, 2017) focalizaram nas relações interpessoais e os processos de identificação dos estudantes africanos com o exogrupo, do ponto de vista da origem nacional e étnico-racial. Porém, os estudos não relacionam as discussões com as tensões raciais presentes na estrutura social brasileira. Por último, o nível societal, composto por apenas um artigo (PEREIRA; SANTOS, 2018), concebe a experiência de ser africano imigrante inserida na teia das relações, nomeadamente, passado colonial, escravocrata e desigualdades sociais. O estudo demonstrou também uma certa cautela dos estudiosos ao enfatizarem o racismo e/ou atitudes hostis com relação à imigração africana como principal empecilho na inserção social destes imigrantes. (DANFÁ; ALÉSSIO, 2020).

A nossa escolha pela temática de representações identitárias recíprocas dos africanos e brasileiros se deve ao fato dos nossos estudos anteriores focarem no ponto de vista do grupo agente da discriminação, carecendo, portanto, dos estudos que investigam o ponto de vista de grupo agente discriminado, em uma perspectiva recíproca e relacional. Aliás, o estudo da revisão anteriormente apresentado sobre a imigração africana em Psicologia demonstra a ausência de estudos na perspectiva intergrupar, o que reforçou a pertinência teórico-empírica desta tese. O modelo de investigação que propomos se insere na *perspectiva genética* proposta por Moscovi (1991) no estudo das relações e influências intergrupais. Trata-se de uma concepção que procura investigar as relações de poder ou de influência social do ponto de vista crítico, apreendendo o ponto de vista dos invisibilizados e desfavorecidos. O que vai na contramão da *perspectiva funcionalista* que compreende a sociedade do ponto de vista de equilíbrio, em que os indivíduos pertencentes aos grupos minoritários devem se adequar aquilo que aparece como dado. Este modelo tenta fazer prevalecer os ditames dos valores do grupo majoritário e/ou dominante.

Neste sentido, enquanto na perspectiva funcionalista se almeja paz e harmonia social, visando preservar os valores e as normas das estruturas dominantes, o modelo genético estabelece o conflito e o desequilíbrio, tendo os grupos desfavorecidos e colocados à margem como agentes de mudança. Assim, nos interessa assumir a perspectiva da africanidade e da brasilidade conflituosas e não harmônicas, afinal, a identidade não é fixa e essencializante, e sim, a forma como nos representamos e somos representados, do ponto de vista intrapessoal, interpessoal, intergrupar e nos jogos de poder (HALL, 2016; MOSCOVICI, 1991; TAJFEL, 1981b).

Objetivamos estudar a relação intergrupal entre universitários africanos e brasileiros, apreendendo as representações identitárias recíprocas entre os dois grupos. Chamamos de representações identitárias recíprocas, os processos de categorização “nós” e “eles”, que, por conseguinte, sustentam a construção do autoconceito, da imagem do endogrupo e do exogrupo. Assim, a construção identitária no processo dialético e de comparação com o outro e com os grupos sociais pode proporcionar satisfação e insatisfação individual e coletiva (TAJFEL, 1981b; TAJFEL; TURNER, 1986).

A tese tratou de grupos sociais com posições sociais assimétricas. De um lado, o cidadão do país acolhedor e do outro lado, o imigrante africano negro vulnerável, devido a sua proveniência nacional e étnica hostilizada. Assim, os processos de autorrepresentação e heterorepresentação são marcados pelas hierarquias sociais entre os dominantes e os dominados (CABECINHAS, 2007). Essa marcação se deve ao fato de relações de poder influenciarem o processo de categorização de si e do outro, conforme tem sido apontado por Cabecinhas (2002; 2007) e Deschamps e Moliner (2014). Chamamos de autorrepresentação o processo de categorização em que os universitários africanos ou brasileiros emitem as evocações falando do endogrupo. E denominamos de heterorepresentação o processo de categorização que consiste na emissão das evocações sobre o exogrupo.

Os contextos em que vivemos são importantes para entendermos o nascimento de determinados assuntos cotidianos. Assim, a nossa vida não é desvinculada à sociedade em que vivemos, e por isso, os julgamentos que fazemos estão inseridos dentro de um conjunto mais amplo dos valores socialmente compartilhados (BRUNER, 1981 apud TAJFEL, 1981a). Não se pode pensar a Psicologia sem levar em conta a conexão entre o indivíduo, a sociedade e o contexto cultural (BRUNER, 1981; apud TAJFEL, 1981a). Posto isso, é necessária uma integração sociopsicológica, que nos permite estabelecer vínculos entre antecedentes histórico-culturais e sócio-políticos ao pensarmos as temáticas como preconceito, racismo, identidade social e relações intergrupais à luz da Psicologia (TAJFEL, 1981a).

A tese transcorreu em um período de crises políticas profundas e polarizações sociais, que começou com o declínio da esquerda no poder tendo culminado com impeachment da presidenta Dilma em 2016, e, por conseguinte a ascensão dos partidos neoliberais e/ou de direita anti-igualitária radicais. Estes últimos são capazes de projetar nos imigrantes sentimentos de ódio, ameaça e agressividade, constitutivo do ideário

direitista. Tais ataques procedem como autodefesa diante das crises sociopolíticas profundas, como nos dias atuais (PIERUCCI, 2013).

No caso concreto dos imigrantes, afirma o autor, a “intromissão” deles e a crença da decadência dos costumes elitistas, por exemplo, aversão às minorias, constituem fator propulsor dos sentimentos negativos neles projetados. Esses afetos nocivos podem levar ao racismo, entendido aqui como sentimento de exacerbação, exaltação, ênfase e obsessão pela diferença (PIERUCCI, 2013), podendo acarretar discursos tais como: “*imigrantes negros são diferentes dos imigrantes brancos*”; “*imigrantes brancos são mais desenvolvidos e distintos dos imigrantes negros*”; “*imigrantes dos países ricos são melhores em termos de valores culturais quando comparados com os países poucos desenvolvidos*”. Importante destacar que a diferenciação, neste caso, a ênfase nas diferenças hierárquicas sociais entre as raças humanas, constitui um dos processos psicossociais do racismo, conforme proposta de Vala (2013), a qual vamos abordar ao longo desta tese. O nosso estudo igualmente se insere em um país cujas mudanças sociopolíticas e econômicas não foram acompanhadas pela inserção do negro na sociedade de classes (FERNANDES, 2008), com autonomia e potencialidades econômicas, sociais e jurídicas, sendo capaz de entrar na arena pública, disputando protagonismo. Por conseguinte, o negro continua “dependente” do branco para ascensão social e econômica, levando em conta a construção de uma sociedade dominada pelos privilégios brancos.

A imigração africana a estudo no Brasil vem crescendo há muitos anos, em decorrência, por exemplo, do Programa de Estudantes-Convênio da Graduação (PEC-G), criado ainda em 1965 pelo decreto nº55.613. Os estudantes africanos são majoritários no PEC-G, constituindo 76% dos selecionados anualmente, com destaque dos países africanos da língua portuguesa como Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Angola. De 2000 a 2019 foram selecionados 7.991 estudantes provenientes dos países africanos, dentre os quais África de Sul, Argélia, Marrocos (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2021) ¹. Este quantitativo aumentou com a recente criação da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) pelo então presidente da República Federativa do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva através da sanção do decreto lei nº 12.289² em 20 de julho de 2010. De acordo com os dados da

¹ <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>

² <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/>

Diretoria do Registro e Controle Acadêmico da UNILAB (DRCA)³, publicado em maio de 2020, a instituição conta com 5.004 estudantes dos cursos presenciais, distribuídos assim: Brasil (3.818), Angola (377), Cabo-Verde (45), Guiné-Bissau (660), Moçambique (45), São Tomé e Príncipe (52) e Timor Leste (51). O quantitativo dos estudantes africanos totaliza 1.179. A nossa escolha deve-se ao fato da UNILAB concentrar um quantitativo maior de estudantes africanos em interação e/ou contato institucional com os universitários brasileiros, o que favorece a proposta desta tese, neste caso, o estudo das relações intergrupais e representações identitárias recíprocas.

Apesar do intercâmbio estudantil entre o Brasil e África ser antigo, a integração dos africanos é dificultosa e muitas vezes marcada pelas relações hostis (Ver DANFÁ; ALÉSSIO, 2020), na medida em que vigora um olhar estereotipado sobre os africanos, sustentados pela crença na África e no africano precarizados. Este olhar torna-se irreconhecível em um contexto marcado pelo lusotropicalismo (VALENTIM, 2011) e pela crença no mito da democracia racial, segundo o qual no Brasil reina paz sócio-racial, favorecida pela pretensa herança portuguesa de lidar com a pluralidade e diversidade da vida dos trópicos (lusotropicalismo). O mito da democracia racial traduz a ideia segundo a qual o brasileiro seria um povo de três raças: índios, negros e brancos, os quais casam entre si, reduzindo a distancia abissal com a classe dominante, majoritariamente branca (FREYRE, 2003). A imagem mítica do brasileiro é do ser humano cordial, pacífico e simpático (ver FREYRE, 2010; VALENTIM, 2011). E a imagem mítica do africano é do ser humano precário, mísero, incivil e exótico (ver HUGON, 2009; MBEMBE, 2018; MOORE, 2010). Foram essas duas imagens que acreditamos antecipar a interação e relações intergrupais entre estes dois grupos sociais.

Entendemos imagem não na sua dimensão estética ou iconográfica, e sim, uma concepção dinâmica, capaz de dissipar as tensões internas, uma vez que elas emergem de conceitos e percepções. A imagem nesta acepção compõe duas dimensões, a saber: a dimensão informacional e outra atitudinal, este último consiste na adoção de atitudes que visam diferenciar os sujeitos, indivíduos ou grupos, que são responsáveis pela sua produção (JESUÍNO, 2014).

Utilizamos o conceito de mito cunhado por Stuart Hall (2016), segundo o qual, o mítico sempre carrega uma imagem visualmente poderosa, mas em termos de significados é extremamente ambígua, pois que comporta mais de um significado. Assim, mesmo

³ <http://unilab.edu.br/dadosquantitativos/>

quem não conhece o contexto mitologizado consegue emitir opinião sobre ele, podendo ser imprópria, porém, não cabe o julgamento do certo ou errado, pois que o julgamento da veracidade não se encaixa no mito. A acepção de Hall não contradiz a concepção grego-ocidental do mito, segundo a qual trata-se de,

um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados (CHAUÍ, 2000, p.32).

Mito extrapola, portanto, o valor da verdade devido a sua proveniência nas figuras de autoridade, neste caso, a classe dominante que detém o poder sobre as narrativas que demonizam os africanos ou que criam a imagem do brasileiro pacífico socialmente.

Na primeira parte da tese, dividida em três capítulos, nos debruçamos sobre o marco teórico-conceitual. Trouxemos no terceiro capítulo, a discussão sobre a identidade social na perspectiva de relações intergrupais. Discorremos sobre a questão da identidade social levando em conta as questões estruturais e macrossociais historicamente estabelecidas, que trazem como correlato as relações de poder e os processos de dominação. O capítulo traz a discussão desde os autores paradigmáticos sobre a temática da identidade social e relações intergrupais em Psicologia, neste caso, Henri Tajfel, Jonh Turner, Muzafer Sherif, Thomas Wills, Wilhem Doise até pensadores contemporâneos como Rosa Cabecinhas, Jorge Vala, Marcus Eugênio Oliveira Lima, Ana Raquel Torres, Cícero Pereira. O capítulo articula também a discussão da identidade e relações intergrupais com a temática da identidade racial e relações raciais.

No quarto capítulo, discutimos do ponto de vista teórico a questão de estereótipos sociais, preconceito e racismo, trazendo pensadores como Gordon Allport, Walter Lippman, Henri Tajfel, Wilhem Doise, Serge Moscovici, Maria de Fátima de Souza Santos, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Cheikh Anta Diop, Stuart Hall, Christian Delacampgne, Jorge Vala. A discussão leva em conta a questão da multideterminação dos fatores que atuam no processo de estereotipagem, preconceito e racismo, dentre os quais os fatores estruturais de natureza política, econômica, institucional, individual, relacional, influência parental.

Neste capítulo abordamos a TRS, uma teoria científica do senso comum inaugurado por Moscovici em 1961 e que teve grandes repercussões no mundo,

principalmente na América Latina (MOSCOVICI, 2012; SANTOS, 2009). Para Abric (2001), a TRS possui um grande valor heurístico, nomeadamente na compreensão da dinâmica social, principalmente na explicação da natureza dos laços sociais, nas relações interpessoais, endogrupais e intergrupais. Acrescenta-se a isso, o papel fundamental da TRS na compreensão dos fatores que determinam os comportamentos e práticas sociais. Assim, a representação social cumpre função na elaboração do senso comum, na construção de identidade social, nas expectativas e características antecipatórias por ela gerada, que, por conseguinte, está na origem das práticas sociais. Por fim, a representação social possui a função justificadora, adaptativa e na diferenciação social, que também depende das circunstâncias externas e respectivas práticas sociais.

Abric (2001) define as representações sociais como “visão funcional do mundo que permite o indivíduo e o grupo conferir sentido as suas condutas, e entender a realidade mediante o seu próprio sistema de referência, adaptando e definindo deste modo um lugar para si” (ABRIC, 2001, p.13). As representações sociais na visão do autor operam como um sistema de interpretação da realidade que orienta as relações entre os indivíduos com o mundo físico-social que lhes circundam, determinando as respectivas condutas e práticas. Em síntese, as representações servem de guias para as ações e relações sociais e, ao mesmo tempo trata-se da pré-condição para a realidade posta, determinando um conjunto de antecipações e expectativas.

Para Abric (2001) as representações sociais possuem dois componentes: o cognitivo e social. O primeiro diz respeito o papel ativo do sujeito no tocante as regras que regem os processos cognitivos. Segundo refere-se aos processos cognitivos da natureza social, na medida em que eles são determinados diretamente pelas condições sociais em que são construídas e transmitidas uma determinada representação. Os dois componentes demonstram que a cognição é um fenômeno simultaneamente individual e social, isto é, um processo sociocognitivo regida pelas próprias regras.

Abric (2001) compreende as representações sociais como um sistema contextualizado, atendendo o contexto discursivo e contexto social da sua produção. O contexto discursivo se refere as condições discursivas sob os quais as representações são produzidas e descobertas. Isso significa dizer que as circunstâncias concretas da produção dos discursos, sobretudo a nível das interações sociais, são fundamentais para a produção das representações sociais. Por sua vez, o contexto social, diz respeito aos contextos ideológicos, as inserções e posições sociais dos indivíduos na arena social na produção das representações. Este último contexto dialoga com a abordagem societal proposto por

Doise (2002), Doise e Valentim (2015) e Vala (2011), através da proposta da intergração sociopsicológica.

Abrie (2001) resume quatro funções das representações sociais. A primeira diz respeito a sua função de saber, consistindo no fornecimento de elementos para explicar a realidade social. Favorece também a incorporação do conhecimento à uma estrutura preexistente, em consonância com o funcionamento cognitivo dos indivíduos e os valores sociais nos quais estão engajados. Proporciona ainda, um terreno fértil para a ocorrência da comunicação. Este argumento está subjacente a discussão de Moscovici (2012/1961) na inauguração da teoria.

A segunda função refere-se à identitária, na medida em que as representações favorecem a definição das identidades, preservando as particularidades de cada grupo. A definição de identidade social tem a função da satisfação da autoimagem conforme apontava Tajfel (1981a). A função identitária das representações cumpre papel importante no âmbito da comparação social, principalmente no âmbito das relações intergrupais. A terceira diz respeito a função da orientação, através do direcionamento das condutas e práticas sociais. Essa função permite a definição da finalidade de uma situação, através da determinação da relevância que ela exerce para os indivíduos, que por conseguinte, determina o estilo de gestão cognitiva a ser adotada. Proporciona ainda, um sistema de antecipação e expectativa, neste caso, a realidade é filtrada e selecionado de modo a atender e coadunar com uma realidade previamente representada. Por último, favorece integração às regras e normas sociais, ou seja, a natureza prescritiva de uma representação, na medida em que prescreve comportamentos e práticas obrigatórias (ABRIC, 2001).

E, por último, a função justificadora, ao permitir a justificação de comportamentos e condutas futuras, ou seja, a representação desempenha um papel importante antes e depois da ocorrência de uma ação. Neste sentido, permite que os indivíduos expliquem e justifiquem os respectivos comportamentos na relação com os outros e nas circunstâncias em que eles ocorrem (ABRIC, 2001).

A abordagem estrutural (ABRIC, 2003) e não consensual (DOISE, 2002) das representações foram as duas abordagens que nortearam a nossa discussão. A abordagem estrutural coloca ênfase na compreensão do modo como as representações se transformam, levando em consideração a existência de mais de uma representação, de modo a compreender a relação entre os conteúdos simbólicos e as formas da organização da vida social. Por sua vez, a abordagem sociogenética de Doise e colegas, procura

estudar não apenas os aspectos consensuais das representações sociais, mas também, os princípios organizados e diversas formas de ancoragens psicossociais dos grupos. De acordo com esta acepção, as identidades sociais, por exemplo, referem-se aos princípios de organização e homogeneização endogrupal e diferenciação exogrupal das representações sociais. Além destas duas abordagens temos a abordagem inaugural de Moscovici, que teve os seus desenvolvimentos por Jodelet, através de acréscimo de abordagem sociocultural e/ou etnográfica. E, por último, a abordagem dialógica, centradas no estudo sistêmico dos modos de comunicação e produções discursivas. Esta abordagem, em ascensão, consiste na explicação do modo como as produções discursivas são reflexos dos contextos socioculturais e interativos (VALA, 2013).

No quinto e último capítulo teórico nos debruçamos sobre a questão da diferença, que possui influência considerável na construção das identidades privilegiadas e subaturnizadas, dominantes e dominadas. Tratamos também da diferença, pensada do ponto de vista do seu caráter aprisionador ou libertador. Neste sentido, nos debruçamos sobre a importância dos processos de socialização, relações de poder e/ou relação de dominação-submissão, influência social e parental, pensamento social compartilhado e mecanismos ideológicos subjacentes a esses fenômenos (VALA, 2011). Deste modo, as temáticas relacionadas ao racismo, identidade social, relações intergrupais, preconceito, estereótipo e discriminação social, não podem ser pensadas fora das estruturas macrossociais, uma vez que se tratam de questões que extrapolam os mal-estares ou desajustamentos individuais e relações interpessoais. Apoiamos a nossa discussão nos autores como Grada Kilomba, Stuart Hall, Toni Morrison, bell hooks, Christian Delacampagne, Rosa Cabecinhas e entre outros.

Na segunda parte da tese, nos capítulos 06 e 07, explicitamos a problemática de natureza teórica, metodológica e política. Do ponto de vista teórico, procuramos articular as teorias psicológicas e/ou psicossociais com os estudos culturais, africanos e estudos raciais. Do ponto de vista político fomos instigados pelas imagens negativas sobre a África a nível das relações geopolíticas (ver HUGON, 2009; MOORE, 2010), que atrelam tudo aquilo que é africano e/ou negro como precário, inferior, primitivo e mísero, o que ao nosso ver influi de forma considerada na relação institucional, intergrupala e interpessoal entre os africanos e brasileiros. Aliás, a imagem do africano doentio e mísero foi discutida de forma minuciosa no estudo “Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África” de Danfá, Aléssio e Torres (2021).

Do ponto de vista metodológico a aplicação de três pesquisadores foi inspirada na ideia da zona muda (ABRIC, 2003), que leva em consideração o papel fundamental que a aproximação do pesquisador com o grupo estudado exerce nos resultados da pesquisa. Assim, buscamos por meio da aplicação dos questionários por três pesquisadores (aplicadores) favorecer a evocação das respostas em contextos com maior ou menor pressão normativa. Neste sentido, os questionários foram aplicados por pesquisadores: africano, brasileiro branco e brasileira negra, um delineamento quase-experimental, com intuito de fazer aparecer as partes não confessáveis de uma representação, isto é, aquelas que vão contra as normas sociais ou contra aquilo que é desejável socialmente.

Bourdieu em “Compreender” (1997) chama atenção aos pesquisadores para não se deixarem influenciar pela fidelidade dos princípios metodológicos que não levam em consideração a influência do pesquisador nos resultados, através da aproximação ou afastamento com o objeto ou fenômeno estudado. Para Bourdieu (1997, p.694) “ainda que a relação da pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos”. Neste sentido, todo o cuidado metodológico visa evitar uma gama de distorções, comuns na estrutura da relação do pesquisador-pesquisando. Razão pela qual todas as formas de distorções devem ser controladas ou dominadas, trata-se da reflexividade reflexa, isto é, o controle e a condução da entrevista que leva em conta as possíveis interferências, que, por conseguinte, afetam a condução da entrevista (BOURDIEU, 1997). O meio que adotamos na tese proposta é precisamente, a aplicação por três pesquisadores, balanceamento da ordem dos questionários e a confecção dos questionários levando em conta a questão da pressão normativa, que muda conforme se fala em nome próprio ou da população geral.

A nossa reflexão metodológica traz o debate da proximidade social e da familiaridade proposto por Boudieu (1997). Segundo esta acepção, quando o pesquisador possui uma relação próxima e familiar com o seu interlocutor, lhe é exigido o maior cuidado com as possíveis variáveis intervenientes, capazes de converter as razões e motivações subjetivas em objetivas e, por conseguinte, exercer influência nos conteúdos a serem evocados. Outra questão que orienta a nossa reflexão metodológica diz respeito à complementariedade entre diferentes técnicas de análise, de modo a elucidar os conteúdos que uma técnica isolada não nos permitiu compreender. Assim, as nossas ferramentas metodológicas dialogam como nosso olhar teórico, sempre atento aos

diferentes prismas que os fenômenos complexos como o racismo, relações intergrupais e preconceito nos exigem.

Nos capítulos 8 e 9, desenvolvemos a apresentação e a discussão dos resultados das hipóteses levantadas, fruto das nossas inquietações. De um lado, nos debruçamos sobre o modo como o contato entre os grupos favorece ou não a suavização do preconceito, racismo e discriminação. E, por outro lado, a forma como as diferentes estratégias metodológicas nos permitem acessar a parte indesejável socialmente, isto é, o lado não expresso de uma representação por ser contranormativo. Discutimos as representações recíprocas entre os africanos e brasileiros, trazendo as convergências e divergências nas evocações dos dois grupos. E, por último, no capítulo 10, apresentamos as considerações finais, trazendo de forma sintética os nossos achados, as nossas contribuições, limites da tese e pistas futuras.

2 IDENTIDADE SOCIAL E RELAÇÕES INTERGRUPAIS

Tajfel e Turner (1986) consideram que muitos estudos em Psicologia Social sobre as relações intergrupais deram maior ênfase aos aspectos psicológicos individuais e motivações que envolvem relações interpessoais, por exemplo, a Teoria de Personalidade Autoritária (ADORNO, 1950). Adorno é um dos autores que se debruçou sobre a perspectiva intraindividual do preconceito, buscando explicação no agente da discriminação e não no sujeito que é vítima. Segundo a concepção psicanalítica de Adorno, as reações infantis de medo e antipatia diante do estranho e diferente se reatualizam na fase adulta, dirigindo as atitudes hostis aos grupos estereotipados e socialmente desfavorecidos, por exemplo, negros, índios, ciganos e judeus. Estes grupos servem de substitutos, neste caso, ocupam espaço dos estranhos aos quais são dirigidos sentimentos hostis de natureza infantil.

Adorno (1950), em seu estudo “**Prejudice in the interview material**” opta por analisar o preconceito à luz dos traços de personalidade, sustentados pelas ideologias de cunho autoritário. Apesar de pensar o preconceito do ponto de vista intraindividual, Adorno acredita que é preciso existir um clima cultural e ideológico preestabelecido, que sustenta a atitude preconceituosa. Por exemplo, o antissemitismo, uma ideologia extremista, fornece um clima cultural que favorece a imagem rígida e inflexível sobre os judeus, visando justificar a aniquilação destes. A explicação de Adorno é sustentada na teoria psicanalítica que privilegia os mecanismos inconscientes. De acordo com esta visão, “a hostilidade, em grande parte inconsciente, é resultante da frustração e repressão social que é socialmente desviada de seu verdadeiro objeto, precisando de um objeto substituto através do qual possa obter uma aparente satisfação” (ADORNO, 1950, p. 608). Na visão de Adorno os mecanismos inconscientes precisam de elementos que os concretizem, é necessário, portanto, um respaldo histórico, contexto sóciopolítico e ideológico para dar consistência à atitude preconceituosa intraindividual contra o grupo alvo, em geral, tido como bode expiatório (ADORNO, 1950).

Para Tajfel e Turner (1986), as questões intraindividuais, interpessoais e intergrupais são processos amalgamados, razão pela qual ao estudarmos fenômenos grupais devemos levar em consideração a articulação de vários níveis explicativos, perspectiva que posteriormente foi desenvolvida por Doise (2002) ao propor os quatro níveis de análise na Psicologia Social. Tajfel e Turner consideram que foi a Teoria de Conflitos Realistas de Sherif (1966/2015) que deu início ao debate fora dos níveis

intrapessoal e interindividual. Para Sherif (1966/2015) “as relações intergrupais dizem respeito às afirmações de amizade ou inimizade, cooperação ou competição, conflito ou harmonia, aliança ou antagonismo e união entre os grupos, em maior ou menor grau, com os membros do exogrupo” (SHERIF, 1966/2015, p.1, tradução nossa). Para Sherif e Colaborados (1988), sempre que os indivíduos interagem individual ou coletivamente, através da identificação com o intragrupo, abre-se o espaço para a existência de relações intergrupais.

De acordo com esta acepção, as atitudes intergrupais revelam as questões vinculadas às antinomias gosto/desgosto, amor/ódio, relações de confiança ou desconfiança, as boas ou más intenções, a busca da supremacia ou igualdade. Essas questões constituem grandes catalisadores emocionais na busca da concretização dos objetivos e projetos almejados, em um processo de comparação com os outros pertencentes ao exogrupo. Na visão do autor, as questões da formação grupal não são questões imutáveis ou predeterminadas, mas sim, tratam-se de mecanismos que passam pelas formações e transformações das pessoas que necessitam compartilhar objetivos comuns, inclusive momentos de sucesso ou insucesso, glória ou humilhação. Assim, nas situações de rejeição ou de subalternização as pessoas tendem a forjar senso de identificação com aqueles que vivem experiências similares da marginalização (SHERIF, 1966/2015).

O processo de comparação, que emerge nas relações intergrupais, extrapola a simples dicotomia “nós” e “eles”, pois envolve o processo de confrontação com os outros pertencentes ao exogrupo a partir dos objetivos almejados, ganhos materiais ou simbólicos, por exemplo. Neste processo de comparação “avaliamos e categorizamos os outros agrupamentos de pessoas, comparando-os com as noções sobre nós mesmos, as nossas concepções sobre o nosso lugar na vida social e o lugar dos outros” (SHERIF, 1966/ 2015, p.3, tradução nossa). Diferentemente de Sherif, Tajfel (1981a) acredita que uma mera distinção entre grupos gera conflito, podendo reverberar na discriminação e no preconceito. Neste sentido “a mera percepção de pertencer a dois grupos distintos - isto é, categorização social por si só, é suficiente para desencadear a discriminação intergrupala, favorecendo o intragrupo” (TAJFEL; TURNER, 1986, p.281).

Conceituamos o grupo como unidade social, segundo o qual os indivíduos em uma determinada condição assumem relação de interdependência e papéis sociais mais ou menos definidos, ancorados implícita ou explicitamente em valores e normas que regulam o comportamento dos seus membros (SHERIF, et.al, 1988).

Tajfel e Turner (1986) diferenciaram as relações interpessoais das relações intergrupais. O primeiro tipo de relação diz respeito às relações condicionadas pelas características individuais de duas ou mais pessoas em interação. O segundo tipo tem a ver com as relações determinadas pelas pertenças grupais, portanto, extrapolam as idiosincrasias dos indivíduos. Aliás, os autores ressaltam que quanto maior for o conflito entre os grupos mais os seus membros se comportarão como integrantes dos respectivos grupos, e, não à luz das características individuais ou relações interindividuais.

Tajfel e Turner (1986) chamaram atenção para os processos de estratificação social subjacentes às relações intergrupais, visto que as pessoas que estão no espaço público e que mantêm interação com os outros estão cientes das condições subalternas ou de superioridade em que os outros se encontram. O que explica o deslocamento da explicação do comportamento social do nível interpessoal para nível intergrupar. Neste sentido, as condições em que se encontram os grupos servem de antecipadores para futuras relações que manterão com os outros. Ressalta-se que Tajfel e Turner (1986) compreendem status não apenas em termos materiais ou escassez de recursos, poder ou riqueza de forma isolada, mas também como resultado de comparação com os outros (TAJFEL; TURNER, 1986).

A identidade social é conceituada por Tajfel (1981b) como o conhecimento que o indivíduo tem da sua pertença a um determinado grupo social concomitantemente com o significado emocional e o valor conferido a esse pertencimento. Tajfel entende assim a identidade social como a autoimagem que os indivíduos constroem em decorrência dos seus pertencimentos grupais, conjugados com os significados emocionais e componentes valorativos neles envolvidos. O autor considera por outro lado, que a categorização social é um dos mecanismos da polarização social entre “nós” e “eles”, isto é, um processo que envolve comparação e/ou contraste entre “nós” e “eles”. Neste âmbito, “a aquisição das diferenças de valor entre o próprio grupo do indivíduo (ou grupos) e outros grupos, faz parte integrante dos processos gerais de socialização” (TAJFEL, 1981b, p.290). Isto posto, os sujeitos sociais se comportam de acordo com as suas múltiplas formas de pertencimento social. O que significa dizer que, sentimos, pensamos e nos comportamos em várias situações cotidianas de acordo com a nossa identidade social, que é reflexo das criações dos membros de uma variedade dos grupos a que pertencemos (TAJFEL, 1981a).

Na visão de Cabecinhas, Lima e Chaves (2006), pertencer a um dado grupo traz consequências psicológicas, tendo em vista que, qualquer que seja a inserção grupar, esta desenrola-se dentro das estruturas sociais que sustentam relações intergrupais. Para as

autoras, os indivíduos possuem múltiplos pertencimentos, no entanto, é o contexto que determina a saliência de uma identidade sobre a outra. Por exemplo, no caso dos africanos, o contexto imigratório para um lugar em que a África é vista de forma precária, sobressai às identidades supranacionais. Neste âmbito, ser angolano, guineense, senegalês, etc., faz pouca diferença na caracterização dos africanos, o que explica a nossa escolha metodológica pelas perguntas relacionadas à identidade supranacional (africanidade), como apresentaremos.

Existem dois tipos de identidade, a pessoal e coletiva. A identidade pessoal tem a ver com as qualidades ou atributos atrativos atribuídos a si mesmo, por exemplo, aptidões intelectuais e beleza física. E identidade social, diz respeito aos atributos positivos dos indivíduos derivados da valorização da pertença social, acrescida do significado emocional (CROCKER; LUHTANEN, 1990; TAJFEL, 1981b; TAJFEL; TURNER, 1986). Tajfel e Turner concebem a identidade social também, dialeticamente, uma vez que “as identificações são em grande medida relacionais e comparativas: elas definem o indivíduo como semelhante ou diferente de como “melhor” ou “pior” do que, membros de outros grupos” (TAJFEL; TURNER, 1986, p.283). Assim, as formas de categorização presentes na perspectiva dialética e comparativa da identidade, não se limitam apenas à simplificação do mundo social, mas servem também para inserir as pessoas em um determinado espaço social. Isto porque, as categorizações sociais permitem a segmentação, a classificação e o ordenamento no ambiente que nos circunda, servindo de ferramenta importante para a atuação dos indivíduos no espaço público (TAJFEL; TURNER, 1986).

As relações entre o racismo e a imigração foram abordadas nos estudos clássicos da Psicologia Social, mais precisamente por Tajfel (1981b). No contexto inglês, Henri Tajfel (1981), em sua obra “Grupos humanos e categorias sociais”, estudou imigração a estudo, através da pesquisa do relato de experiência dos estudantes africanos oriundos do país das ex-colônias inglesas (*Commonwealth*), os caribenhos e os asiáticos. Os resultados apontam que estes estudantes esperavam um acolhimento diferente do que lhes foi fornecido, neste caso, atitudes de rejeição e aversão. Pode-se dizer que o ser imigrante e ser negro, principalmente “determinam a vivência comum da amargura e desilusão” (TAJFEL, 1981b, p.194). O que levou este pensador a lançar a seguinte pergunta: “em que medida a aversão é devido à cor da pele e em que medida é choque de origens culturais?” (TAJFEL, 1981, p.194b). Tajfel (1981b) traz para o debate a relação natureza-cultura sobre a temática racial.

Os achados do Tajfel já apontavam a vinculação dos estudantes negros como bodes expiatórios pelo governo grã-bretanha e, quando “integrados” no âmbito das relações interindividuais, sobressai a questão da hipersexualização, conforme o seguinte relato de um estudante sudanês: “perante as emoções intensas causadas pelas questões sexuais, não seria exagero afirmar que é nelas que o racismo está profundamente enraizado” (TAJFEL, 1981b, p.206). A questão da sexualidade que poderia ser vivida da forma prazerosa acaba sendo experiência amargurada. Assim, “o próprio sucesso na questão pode ter os seus aspectos negativos. Certos estudantes acham que o sucesso não se baseia numa relação humana decente, mas que pode ser atribuído à lenda da superioridade sexual dos negros” (TAJFEL, 1981b, p.207). O que coaduna com a visão de Hall (2016) e bell hooks, segundo o qual a representação da negritude oscila entre essencialização biológica, principalmente de natureza sexual, e a “infantilização”, que atrela o negro à incapacidade de competir como sujeito responsável e capaz na sociedade neoliberal. O mesmo argumento foi defendido por Lélia Gonzalez (2020), segundo a qual racismo é um sintoma que resulta da neurose cultural brasileira, que se articula com o sexismo. A mulher negra segundo a autora é vista de forma triádica, isto é, doméstica, mãe preta e mulata. Esta última característica atrela à mulher negra, a prostituição e sexualização exacerbada.

Na visão de Cabecinhas (2006) o argumento biológico é o que sustenta o senso comum sobre as discriminações raciais, através da passagem da racialização para a etnização. Dito de outra maneira, a ênfase recai mais na desvalorização cultural dos grupos minoritários ou racializados do que na depreciação no plano biológico. Aliás, para Amílcar Cabral, “a identidade do indivíduo ou de um determinado grupo é uma qualidade biossociológica, independente da vontade desse indivíduo ou desse grupo, mas que só tem significado ao ser expressa em relação a outros indivíduos ou a outros grupos humanos” (CABRAL, 1980, p.80). Na visão de Amílcar Cabral, no processo dialético de comparação, a identidade se expressa na distinção e identificação ou afirmação e negação de determinados traços característicos individuais e coletivos. Dito de outra maneira “quer biológica, quer sociologicamente, não existem, no tempo dois seres (individuais ou coletivos) absolutamente idênticos, ou absolutamente distintos, porque é sempre possível encontrar características que os distinguem ou que os identifiquem” (CABRAL, 1980, p.80).

Tajfel (1981b) aponta ainda, que a vivência do racismo por parte destes discentes, sustentada pelo elemento físico-biológico, ocorreu de forma explícita com o

deslocamento dos países *commonwealth* para a Grã-Bretanha. O que não anula as outras formas de hierarquias sociais, quiçá raciais, que antecederam a imigração destes estudantes. Tajfel aborda a diversidade de modos de vivenciar o racismo dos antilhanos, asiáticos, sul-americanos e africanos. Estes últimos relataram apresentar maiores dificuldades de ter a consciência do racismo, devido às experiências anteriores marcadas por relações interétnicas ou “inter-tribais”, e não baseadas na cor da pele. Neste sentido, as hierarquias são outras, conforme podemos constatar no relato de um estudante africano: “os africanos ocidentalizados têm dificuldade de lidar a “apartheid” racial... ao contrário dos sul africanos ou negro americanos, eles vivem numa sociedade homogênea, senão inteiramente livre” (TAJFEL, 1981b, p197).

Com relação aos africanos e asiáticos, principalmente, Tajfel acredita que a construção via educação de uma imagem menos grosseira e errada sobre África e Ásia pode servir de uma ação preventiva, favorecendo a relação mais tolerante. Além da educação, o contato com os grupos sociais rejeitados e hostilizados pode favorecer a imagem menos grosseira, principalmente, quando conjugado com as medidas que favorecem a melhoria de estatuto dos subalternizados (ALLPORT, 1954). Na visão de Sherif e colaboradores (1988), o mero contato não favorece redução de antagonismo, mudança de atitudes ou apreciação favorável aos membros do exogrupo, exceto quando envolve objetivos superordenados comuns, que consiste na busca de metas cruciais para a sobrevivência. Neste caso, as diferenças e oposições intergrupais são deixadas de lado, prevalecendo a interdependência de partes inclusive antagônicas. Neste sentido, a hipótese de contato proposta por Allport não implica a redução imediata da percepção desfavorável ou estereótipos negativos sobre os grupos socialmente desvalorizados. Para que isso aconteça é necessário levar em consideração estratificação social, as disputas em torno de objetivos almejados ou situações que exigem relações de interdependência.

O termo contato, embora possa se referir a qualquer cenário de interação interpessoal ou intergrupar, optamos pela concepção de Sherif e colaboradores (1988). De acordo com esta concepção, refere-se à situação em que os diferentes grupos sociais, étnicos ou nacionais se reúnem ou se encontram para assistir, por exemplo, uma aula, um espetáculo, uma festa. Este conceito engloba, por exemplo, o contato institucional e interpessoal entre os estudantes brasileiros e africanos na UNILAB e UFPE. O contato institucional nas universidades brasileiras é marcado por tensões intergrupais, principalmente as raciais, em decorrência das ações afirmativas, que reatualizam o racismo embutido na sociedade brasileira (Ver CAMINO, et., 2014; LEMES; TORRES,

2013). O que coaduna com os estudos de Sherif e colaboradores (1988), segundo o qual as condições de rivalidade e situações de comparação dos ganhos a nível intergrupais são suficientes para gerar hostilização do exogrupo, por exemplo, a frustração de que os negros tiram as vagas de brancos. Estas tensões subjacentes na sociedade brasileira podem exercer influência considerável na construção de imagens dos universitários brasileiros sobre os africanos em ambiente universitário.

É precisamente este debate que propomos nesta tese, isto é, a discussão sobre a construção da imagem sobre africano em uma situação de contato institucional. Neste sentido as experiências imigratórias dos estudantes africanos assumem uma importância considerável no processo de se reconhecerem enquanto negros, uma vez que as práticas mais profundas das diferenciações baseadas na cor foram vivenciadas na imigração. Por outro lado, a identificação e o fortalecimento das relações com os estudantes/conterrâneos, em termos nacionais e raciais são enriquecedoras (TAJFEL, 1981b).

À propósito, para Jurandir Freyre Costa (1986), a dupla violência do racismo consiste justamente no abandono das características vinculadas à negritude e, a incorporação violenta dos ideais da branquitude. Por sua vez, Neusa Santos Souza (1983) considera que reconhecer-se negro (a) é experienciar o massacre identitário. Duas saídas possíveis são: a alienação, negando-se enquanto negro, ou reinventar e ressignificar a negritude. Ao escolher a via da alienação visando a ascensão social, o negro abre mão da negritude e introjeta os ideais da branquitude, ou seja, “condena-se a negar-se como indivíduo e como parte de um estoque racial, para poder afirmar-se socialmente” (SOUZA, 1983, p.23). Em resumo, o pertencimento da coletividade negra requer de um lado, os partidários negros que introjetaram a inferiorização do negro pelos brancos racistas. E do outro lado, aqueles negros que veem negritude como importante para autoimagem positiva, rompendo a imagem que coloca o negro como sujeito inferior, mísero e precário. Aliás, Para Hall (2003)

não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p.44).

As questões levantadas por Hall dialogam com os mecanismos da *mobilidade social* e *mudança social* abordados por Tajfel (1981). O primeiro refere-se ao

deslocamento interpessoal, que consiste na deslocação de um indivíduo do grupo da pertença para outro, por exemplo, a ascensão econômica dos negros e inserção no “mundo” branco. Este tipo de deslocamento decorre da insatisfação com o pertencimento a um grupo social subalternizado. Já a *mudança social* parte do pressuposto de que a estratificação social que gera condição subalterna do grupo de pertença é rígida e impermeável, o que dificulta o deslocamento interpessoal. A mudança social é então marcada pelo deslocamento intergrupais e da coletividade subalternizada. Assim, a mobilidade social não parece ser estratégia frutífera para que a minoria possa contrapor a maioria dominante e, por conseguinte, ressignificar as tradições e os valores do grupo.

Tajfel (1981b) traz duas alternativas, baseadas na criatividade social para que a minoria possa contrapor a maioria dominante. A primeira diz respeito à reavaliação e ressignificação positiva dos traços característicos do grupo, que assumem conotações negativas, por exemplo, os traços negroides. Razão pela qual surgem movimentos como *black is beautiful* (negro é belo), ressignificando positivamente a corporeidade negra. E a segunda forma tem a ver com o resgate e a vangloriação de um passado positivo. Aqui, as tradições passadas de geração em geração são retomadas e ressignificadas positivamente. Os autores como Cheikh Anta Diop (1974), através da egiptologia e Aimé Césaire (2010), através do movimento da negritude, corroboram com a tese levantada por Tajfel.

A negritude na visão de Césaire (2010, p.109) “é a busca de identidade, afirmação do direito à diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito à nossa personalidade coletiva”. O autor ressalta que a negritude consiste também na reabilitação de negros dos valores civilizatórios africanos, procurando no passado ancestral o aprofundamento da consciência negra. Neste sentido, é preciso re-enraizamento da negritude nos níveis históricos, geográficos e culturais. Dito de outro modo, a negritude é simultaneamente histórica, geográfica e cultural, o que coloca África como crucial para a constituição do ser negro. A negritude é também política na medida em que se trata de uma “atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar da dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra desigualdade. Ela é também revolta (CÉSAIRE, 2010, p.105).

A negritude nesta acepção não se trata de “vitimização” e nem passividade, e sim, uma luta vigorosa para reerguimento da raça negra. Ser negro segundo esta visão é também o despertar da consciência da diferença, o despertar da memória coletiva, resuscitando os valores herdados dos nossos antepassados, fidelidade à causa negra e

solidariedade na luta antirracista. É importante acima de tudo não esquecer que a negritude é comunidade singular que se caracteriza pela opressão sofrida, exclusão e discriminação desmedida. Ressalta-se, ainda, que a negritude extrapola a discriminação com relação à cor da pele, uma vez que reúne “grupos humanos que sofreram as piores violências da história, grupos que sofreram e sofrem frequentemente por serem marginalizados e oprimidos” (CÉSAIRE, 2010, p.104).

A negritude é, portanto, uma identidade coletiva, razão pela qual a assimilação dos ideais da branquitude não é eficaz para a redução de imagens negativas do negro, uma vez que a coletividade negra permaneceria na condição de subalternidade. Aliás, para se assimilar aos ideais dominantes é preciso abrir mão das marcas e características do grupo de pertença subalternizada e humilhada. (Ver TAJFEL, 1981b). Tajfel (1981b) traz quatro estratégias de distintividade positiva, através de mecanismos de assimilação. No primeiro caso, não há nenhum empecilho para a mobilidade social dos assimilados, podendo gerar extinção inclusive dos grupos minoritários. Neste caso, o processo de assimilação individual pode se estender para a coletividade como um todo, quebrando as barreiras estruturais. Na segunda situação de assimilação, o empecilho é maior, pois que a aceitação do assimilado no grupo hegemônico é parcial, uma vez ele permanece com atributos depreciativos do grupo de pertencimento, a pertença étnicorracial, por exemplo. A quebra de barreira não gera, portanto, o suavizamento do preconceito, discriminação e estereotipagem do exogrupo.

O terceiro tipo traz o problema da permanência da depreciação do grupo minoritário tal qual o segundo, porém, este tipo de assimilação se dá no âmbito da ilegitimidade, pelo fato de que se omite o pertencimento “verdadeiro”. Posteriormente, isso pode ter consequências quando o assimilado opta por lutar para a preservação do endogrupo marginalizado. Isto porque os sujeitos deste tipo de assimilação não são aceites pela maioria dominante, o que pode levá-los em algum momento a se identificarem com o grupo inferiorizado. Neste caso, a assimilação pode desenrolar às avessas, isto é, deslocando-se da maioria para a minoria, gerando efeito oposto. A integração dos miscigenados brasileiros, muitas vezes inseridos pela classe dominante, mascarando o pertencimento destes na comunidade, é um exemplo deste tipo de assimilação. Neste caso, o integrado pode adotar a postura antirracista, por exemplo, o que vai na contramão do grupo dominante que acredita assimilá-lo. (TAJFEL, 1981b).

Por sua vez, o último tipo de assimilação, que Tajfel (1981b) considera mais viável denominar de acomodação ou competição social, consiste na tentativa da

manutenção da identidade própria e independente da minoria sociológica. Esta competitividade nasce quando os membros da minoria assimilados percebem a impossibilidade de evitarem a inferiorização da coletividade, provocando automaticamente a atuação do grupo minoritário, com vista a não abrir mão das normas e tradições culturais. Em ambos os casos ocorre a preservação da dignidade individual e do grupo de pertença, considerado como aquele que não recebe devido respeito e dignificação.

O surgimento dos movimentos negros depois das duas grandes guerras mundiais, o National Association for Advancement of Coloured People (NAACP), traduzido pela Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor), que lutam pela preservação dos valores da negritude, em face à busca da assimilação cada vez maior dos negros. Outro exemplo que já citamos é o slogan *black is beautiful* - “o negro é belo” (TAJFEL, 1981b). Para Tajfel, este processo não é isento da comparação, uma vez que precisou-se comparar com o grupo dos brancos, os quais detém maiores privilégios, colocando os negros da condição de desprivilégio e desprestígio. A percepção da privação do que se acredita merecer explica o surgimento dos movimentos desse caráter. Tajfel (1981a), Woodward (2020), Silva (2020) e Hall (2020;2016) se aproximam neste sentido, pois concebem a identidade em uma perspectiva comparativa e relacional, por exemplo, a relação negritude e branquitude, uma precisando da outra para ser. O fenômeno de racismo é um campo de disputa e confronto de identidades, o que torna a temática propícia para estudo das representações identitárias.

As estudiosas Crocker e Luhtanen (1990) propuseram além da autoestima pessoal, a autoestima coletiva no estudo da identidade social. As autoras apontam que os sujeitos com autoestima coletiva mais elevada tendem a reagir mais às situações que ameaçam autoimagem positiva do endogrupo, protegendo-o. Neste sentido, a autoestima coletiva prediz mais a identidade social positiva que autoestima pessoal. O que explica, o fato de autoestima coletiva contribuir mais para preservação de autoimagem positiva do endogrupo (CROCKER; LUHTANEN, 1990). Assim,

enquanto as outras perspectivas se concentram na manutenção de uma identidade pessoal positiva (ou seja, autoestima pessoal), a teoria da identidade social está principalmente preocupada com a motivação para manter a identidade social positiva (ou seja, autoestima coletiva) (CROCKER; LUHTANEN, 1990, p.60).

Crocker e Luhtanen (1990) ressaltaram a necessidade de estudos sobre as identidades levarem em consideração as características de personalidades individuais, uma vez que a identidade social não garante necessariamente o “sucesso” igual a todos no que tange à autoimagem pessoal positiva. Neste sentido, as pessoas variam de acordo com a qualidade de autoestima. As autoras, acreditam, portanto, que o prognóstico positivo da identidade social se aplica aos sujeitos que possuem autoestima coletiva elevada, e, não aqueles com autoestima coletiva muito baixa (CROCKER; LUHTANEN, 1990).

Na visão de Crocker e Thompson (1987), existem três possibilidades no processo de aprimoramento da identidade social: a) o foco da identidade social não estar no nível de ameaça ou autoconceito positivo no nível pessoal, e sim, no âmbito da autoestima coletiva. Isto porque a autoestima pessoal ou defesa da ameaça pessoal, pouco influencia a amplitude do preconceito; b) o aprimoramento da autoimagem positiva se dá no processo de comparação em que se diferencia favoravelmente o endogrupo do exogrupo, isto é, acentuação das qualidades positivas do intragrupo e simultaneamente depreciação do grupo externo; c) o favorecimento do endogrupo com intuito de criar autoimagem positiva é apenas uma das possibilidades dentre tantas. Por exemplo, a reavaliação da imagem de baixo status atribuído ao grupo de pertença, através do processo do *princípio de comparação descendente* proposto por Wills (1987) é uma outra possibilidade. Na perspectiva de Wills as pessoas buscam se comparar com as pessoas que elas acreditam estar nas condições mais desfavorecidas, favorecendo a autoimagem pessoal, e não coletiva (WILLS, 1987).

O estudo de Crocker e Luhtanen (1990) diferentemente de estudos clássicos da identidade social, mostra que apesar da proteção identitária coletiva contribuir positivamente e de forma “indireta” para a autoestima e identidade pessoal positiva, ela contribui muito mais para autoestima elevada no nível coletivo. Diverge também dos estudiosos de preconceito como Thomas Wills (1987), segundo o qual as atitudes preconceituosas contra o exogrupo devem-se às necessidades da proteção de autoestima pessoal. Na visão de Crocker e Luhtanen (1990), não se trata da valorização ou realce da autoestima pessoal do preconceituoso, através da exaltação do endogrupo, mas sim, a necessidade da preservação de estima coletiva. Ao nosso ver, acreditamos que o preconceito antinegro é um exemplo, uma vez que a autoestima positiva, complexo de superioridade branca, e, por conseguinte, a exaltação da branquitude (FANON, 2008), explica mais a avaliação negativa sobre os negros.

Estão subjacentes ao conceito de identidade social proposto por Tajfel (1981b) e Tajfel e Turner (1986), as polarizações, comparações ou diferenciações sociais “nós” e “eles” e relações assimétricas dos indivíduos na esfera social, em um processo da construção de identidades no âmbito das relações intergrupais. O que quer dizer que as relações assimétricas entre os grupos são importantes para pensarmos a forma como são elaboradas as representações sociais identitárias (DESCHAMPS, MOLINER, 2014). Para estes investigadores, as representações intergrupais possibilitam clivagens e contestações. Os sujeitos que ocupam posição elevada na esfera social tentam justificar a subjugação, e os subalternizados procuram racionalizar, através da adoção de mecanismos de auto-proteção do ego, a condição social subalterna (CROCKER; LUHTANEN, 1990; DESCHAMPS, MOLINER, 2014; WILLS, 1987). Neste sentido, ao conceber identidade do ponto de vista das representações intergrupais, torna-se imprescindível a reflexão sobre as tensões, os antagonismos, as disputas e os conflitos.

Quanto a maior for a identificação dos dominados com os grupos de pertença mais as qualidades ou defeitos individuais são ignorados, e, por conseguinte, a explicação do desfavorecimento e/ou as desvantagens são explicadas à luz da condição de marginalização, hostilização e subalternização do endogrupo. Por sua vez, os grupos dominantes tentam impor um modelo ideal do sujeito ou “normal”, que vai servir de base para os demais se compararem. Nas sociedades ocidentalizadas como no Brasil, o modelo que os dominantes tentam impor como sujeito ideal é a supremacia branca, relegando os não brancos à condição de subalternidade. Neste caso, os grupos dominantes, em decorrência dos meios materiais e simbólicos de que dispõem, se colocam em condições mais vantajosas de modo a tentar ditar as normas e “protótipos” identitários aos indivíduos pertencentes aos grupos subalternizados (DESCHAMPS, MOLINER, 2014).

A máxima “somos o que somos porque eles não são como “nós”, ou “tão bom como nós” (TAJFEL, 1981b, p.388) mostra o modo como a construção identitária vem embutida de conflitos sociais, em que os membros de grupos em interação se comparam, valorizando positivamente o endogrupo. Aliás, Tajfel acredita serem inevitáveis os conflitos, competições e clivagens sociais no ato de comparação, o que ocorre, principalmente, quando as minorias lutam para abandonar as condições de inferioridade a que estão submetidas. O *racismo moderno* proposto por Lima e Vala (2004) explica também esse processo. Este tipo de racismo consiste na ideia de que os negros violam as normas do neoliberalismo, que é marcado pela competitividade e acesso igual das oportunidades. O processo de comparação desta forma de racismo se sustenta na ideia de

que os negros estão recebendo mais do que merecem, uma vez que são capazes de superar a herança deixada pela estrutura escravagista e colonial sem precisar de ações afirmativas.

Fundamentados em Tajfel (1981b), Deschamps e Moliner (2014) concebem a identidade social assim como a pessoal, baseando-se no sentimento de semelhanças e dessemelhanças em relação a si mesmo, em relação aos outros, ao endogrupo e ao exogrupo. Neste sentido, as semelhanças e diferenciações estão no cerne de qualquer debate identitário. Assim, “a identidade pode ser concebida como um fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e diferenças entre si mesmo, os outros e alguns grupos” (DESCHAMPS, MOLINER, 2014, p.14). Na visão destes autores, os indivíduos se caracterizam principalmente por atributos de ordem social, isto é, as pertenças grupais e, por outro lado, os traços de caráter pessoal, peculiar ao indivíduo, neste caso, aspectos idiossincráticos. Neste sentido, as representações intergrupais são construídas na interação social, contudo, prevalecem as representações grupais sobre as individuais. O que significa dizer, que nas relações intergrupais, os indivíduos se veem mais como membros de grupos de pertença do que as entidades isoladas (DESCHAMPS, MOLINER, 2014).

A identidade pensada do ponto de vista da representação foi abordada também por Stuart Hall (2019), segundo o qual ela varia consoante o modo como os sujeitos são representados. Neste sentido, a identidade não é garantida, podendo ser inclusive perdida. No entanto, a maneira como somos representados têm consequências, podendo nos colocar na condição de subalternidade ou dominação. É importante trazer os conceitos da representação na perspectiva de Stuart Hall e possíveis diálogos com a teoria moscoviciana. Em sua obra “A Cultura e Representação”, Stuart Hall (2016) propõe duas abordagens principais, a semiótica e a discursiva. A primeira, a abordagem semiótica, está focada no modo como a representação na sua relação com a linguagem produz significados. E a segunda, a abordagem discursiva, coloca ênfase na consequência e nos efeitos da representação, o que envolve a dimensão política da representação.

A abordagem discursiva da representação extrapola a produção de sentidos na relação linguagem-representação, na medida em que ela se debruça sobre a relação dos discursos e o poder (hierarquização e subordinação), regulação das condutas, construção das identidades, decidindo quem deve ser incluído ou excluído com base nos processos simbólicos de classificação (HALL, 2016). Esta última abordagem da representação é precisamente o que sustenta as representações identitárias recíprocas entre os africanos e brasileiros, que é o que propomos abordar nesta tese. Por exemplo, a representação do

negro ou afro-negro a partir de atributos ambíguos e inconciliáveis como infantilização *versus* erotização exacerbada (hipersexualização) (HALL, 2016; HOOKS, 2019; GONZALEZ, 2020; KILOMBA, 2020).

Hall (2016) aborda a representação como um sistema também, através de dois ângulos: a) a formação de conceitos sobre os objetos concretos, visíveis e palpáveis, b) a elaboração de conceitos sobre objetos desconhecidos, intocáveis, invisíveis. O que nos permite falar de objetos conhecidos e desconhecidos assim como o semelhante ou estrangeiro. O sistema de representação traduz, portanto, “diferentes maneiras de organizar, agrupar e classificar os conceitos, bem como em formas de estabelecer relações complexas entre elas. Usamos princípios de similaridade e da diferença para estabelecer relação entre os conceitos ou para distingui-los uns aos outros” (HALL, 2016, p.35).

O conceito da representação de Hall se aproxima da noção de representação na perspectiva das representações sociais proposta por Moscovici (2012), na medida em que ele concebe a representação do ponto de vista do conceito e da prática. A estereotipia é um exemplo claro da articulação da dimensão prática e conceitual da representação. Por exemplo, os estereótipos raciais se expressam através das expressões linguísticas e ilustrações das imagens que objetivam a imagem depreciativa do negro (HALL, 2016). A representação de acordo com a visão de Stuart Hall se expressa por meio de oposições binárias hierarquizadas como bom/mau, nativo/estrangeiro, feio/atraente, cheiroso/fedorento. Importa ressaltar que as oposições podem fazer coexistir as duas coisas ao mesmo tempo. Os atributos vinculados aos negros sempre trazem os traços contraditórios, por exemplo, sexualmente potentes e infantis (irresponsáveis).

Os mecanismos identitários proporcionam aos indivíduos a elaboração e a manutenção dos conhecimentos sobre si mesmo e outro, sobre o endogrupo e o exogrupo com quais mantém a interação na esfera social. Tais aglomerados de conhecimentos se denominam de representações identitárias, pelo fato de nelas estarem contidas os processos de comparações, alianças, diferenciações, semelhanças e diferenciações, que estão na base da construção identidade social (DESCHAMPS; MOLINER, 2014; MOSCOVICI, 2005). Os processos de categorização, estereotipia, comparação social ou de atribuição, que operam na construção da identidade social, não acontecem num mundo vazio de significações, pois que os indivíduos que se apropriam desses processos possuem um número considerável das representações sobre o mundo. Assim, ao partilhar as representações comuns, os indivíduos são capazes de utilizar os mesmos mecanismos identitários disponibilizados pela cultura e/ou grupos sociais (DESCHAMPS;

MOLINER, 2014). Neste sentido, as formas de categorizar, diferenciar ou dar nomear aos objetos e grupos sociais não são neutras, e sim, carregadas de valores, interesses e motivações, podendo causar repugnâncias e aversões a determinados sujeitos (CABECINHAS, 2007).

O estudo que propomos sobre a imigração africana a estudo na relação com os brasileiros, pressupõe autocategorizações e heterrocategorizações tanto no nível intragrupal, assim como no nível intergrupar (LIMA; VALA, 2003). Por exemplo, os termos indutores desta tese, “nós africanos” e “os brasileiros são” e “nós brasileiros” e “os africanos são” (Ver capítulo 7). Neste sentido, torna-se importante abordar os *processos sociocentros e egocentros* da identidade conforme propostos por Deschamps e Moliner (2014).

O primeiro se refere ao modo como as informações são abordadas levando em conta a relação estabelecida entre os diferentes grupos que compõem a sociedade, podendo ter como consequência prática os estereótipos e a discriminação (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Os estereótipos, que operam nos processos sociocentros da identidade, consistem na atribuição exacerbada de traços comuns aos membros do exogrupo. Eles se caracterizam assim pelas simplificações no ato de categorizar, às vezes “grosseiras” e “incongruentes”, devido ao processo de categorização neles contidos (DESCHAMPS, MOLINER, 2014). Ainda para os autores, os estereótipos desempenham importante papel avaliativo, extrapolando, portanto, a dimensão cognitiva. Sendo assim, o mecanismo de categorização que opera na distinção grupal presente no ato da estereotipagem vem carregado simultaneamente da valorização do endogrupo e da desvalorização dos integrantes do exogrupo (DESCHAMPS, MOLINER, 2014).

Em um recente estudo da revisão sobre fatores legitimadores da discriminação, Pereira e Souza (2016) consideram que o processo de categorização social está vinculado ao desenvolvimento de estereótipos, que através da racionalização e justificação das condutas discriminatórias constituem um dos requisitos fundamentais para ocorrência da discriminação social. Na categorização social diferentemente das outras formas de categorizar o mundo, são os indivíduos que estão no núcleo das categorias. Assim, na categorização social verifica-se exacerbção das diferenças operando simultaneamente com acentuação das semelhanças entre os indivíduos que compõem o mesmo grupo social (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Neste sentido, a categorização social e a formação de estereótipos se relacionam, tanto no plano cognitivo assim como no âmbito avaliativo,

atuando nos processos sociocentrados da identidade social (DESCHAMPS; MOLINER, 2014)

Por sua vez, os processos egocentrados da identidade social, consistem na análise das informações do ponto de vista dos indivíduos, em uma perspectiva relacional e dialógica. Neles operam a comparação social e a atribuição de causalidade, o que envolve o conhecimento sobre si na relação com os outros. O mecanismo de comparar-se com outro fica mais saliente nas situações de competição, conflitos, interesses conflitantes ou de privação social (DESCHAMPS, MOLINER, 2014; SHERIF, 1966/2015). Outro conceito que opera nos processos egocentrados é o processo de atribuição causal, neste caso, a autoatribuição e heteroatribuição. O primeiro, a autoatribuição, permite aos sujeitos buscarem a explicação dos respectivos comportamentos internamente, principalmente aqueles mais favoráveis. E heteroatribuição, reside na busca de explicações no exterior e a partir do comportamento dos outros, nomeadamente as condutas socialmente indesejáveis (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Em síntese, as atribuições de causalidade interna nos mecanismos identitários têm por objetivo a valorização do grupo de pertença e, conseqüentemente, externar ao exogrupo os atos indesejáveis socialmente. Operam, portanto, o realce da boa imagem de si e, conseqüentemente do endogrupo e, as imagens depreciativas para o exogrupo, principalmente nas relações intergrupais marcadas pelas fortes clivagens sociais.

Para Vala, Brito e Lopes (2015), o que confere dimensões valorativas a uma dada cultura é o tipo de contato que ela mantém a nível intergrupar. Isto porque, a representação de uma dada cultura, só ganha relevância social e psicológica no contato com os membros exteriores ao endogrupo. O que significa dizer que, a atribuição dos valores positivos do endogrupo em contraposição aos negativos em relação ao exogrupo é determinada pelo tipo da relação. Neste caso, levam-se em conta as simetrias e assimetrias sociais (VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Ao usar os jogos de auto e heteroatribuição dos traços, estamos diante de processo de comparação social na sua relação com a identidade. Neste sentido, Tajfel (1981b) considera que qualquer processo de formação de identidade, no jogo das relações intergrupais, passa por um processo de comparação intergrupo, isto porque não existe nenhum grupo social isolado dos outros, com os quais não precisa se comparar. Tajfel ainda salienta que, as relações com os outros são permeadas pelos processos psicológicos, sociais e contextuais. Os três níveis de análise nas investigações psicossociais propostos por Doise (2002) - intraindividual, interindividual e posicional dialogam com o que Tajfel

havia proposto. Tajfel explica o nível societal por meio da causação econômica, segundo o qual as posições socioeconômicas dos sujeitos são percebidas pelo exogrupo, assumindo a função antecipatória e justificadora das representações sociais no âmbito das relações interpessoais e intergrupais (CABECINHAS, 2007; TAJFEL, 1981b).

Tajfel (1981b) se opõe às versões que colocam as relações intergrupais a partir de motivações individuais e nas predisposições instituais e inconscientes do ser humano. Segundo ele, essas explicações buscam justificativas e racionalizações no passado evolutivo do ser humano. Uma concepção que desconecta o ser humano do seu contexto e/ou ambiente. Neste sentido, Tajfel acredita que existe um funcionamento social que explique as hostilidades, por exemplo, as relações de competição e cooperação. Tajfel acredita também, que além dos aspectos socioculturais, os componentes psicológicos atuam nas relações intergrupais, uma vez que as nossas crenças, comportamentos, atitudes, emoções, que nos são peculiares, explicam muitos comportamentos intergrupos. Neste quadro, as questões intrapessoais, situacionais e ideológicas, atuam consideravelmente nas relações intergrupais.

A par de Tajfel, o sociólogo Taguieff (1997) critica a tese que busca na evolução da espécie os comportamentos hostis e preconceituosos. Segundo ele, podemos cair na “cilada” de considerar tudo preconceito, incluindo as relações de amor e ódio comuns nas relações humanas. Assim sendo, a melhor forma de prever as atitudes hostis com relação a determinados grupos sociais, passa pelo modo como a situação deles é estruturada e percebida no âmbito da relação dialógica entre o endogrupo e exogrupo (TAJFEL, 1981b).

Neste sentido, torna-se importante pensar a identidade social, articulando-a com os aspectos socioeconômicos e histórico-políticos. Tais questões são fundamentais, na medida em que explicam as formas como as relações são legitimadas ou deslegitimadas nas estruturas sociais (TAJFEL, 1981b). A construção da identidade e/ou da autoimagem positiva do negro não pode ser desvinculada desses contextos, pois que são os contextos que a estruturam. Portanto, são experiências que não aconteceram em um vazio, e sim, marcados por um contexto de organização social. Esse olhar macrossocial e multifacetado orienta a nossa escolha teórica na discussão do capítulo a seguir.

3 ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E RACISMO COMO FENÔMENOS MACROSSOCIAIS

Os estudos clássicos sobre preconceito, discriminação e estereótipos colocam esses conceitos em uma relação de linearidade, o que atribui ao estereótipo a ênfase no âmbito cognitivo, o preconceito no domínio afetivo e a discriminação com relevo na esfera comportamental. O estereótipo e o preconceito servem de indicadores para as ações discriminatórias (CABECINHAS, 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015). Para esses autores, tais fenômenos não são estáticos e nem lineares, uma vez que as atitudes preconceituosas nem sempre são provenientes dos estereótipos assim como o processo de estereotipagem não necessariamente gera o preconceito ou discriminação social. Portanto, os estereótipos e o preconceito não são necessariamente indícios da discriminação social. Aliás, os estereótipos podem provocar diretamente a discriminação sem serem intermediados pelo preconceito, na medida em que podem servir de mecanismo de defesa ou de base racional para a eclosão da discriminação social (PEREIRA; SOUZA, 2016).

Na visão de Lima (2020) as teorias psicossociais devem levar em consideração, na análise de estereótipos, as repercussões das suas funções sociais e individuais, nomeadamente nos processos de categorização e proteção identitária. Neste sentido, o estudo de estereótipos deve permitir a articulação de seu papel no âmbito da causalidade social e representação social com as respectivas funções psicológicas. Fato que reforça a natureza concomitantemente social e individual da formação e veiculação de estereótipos. Aliás, se levarmos em conta as estruturas e hierarquias sociais produtoras de estereótipos, percebe-se que eles são produzidos no âmbito das relações de poder (dominação e subordinação), que, por conseguinte, repercutem nos processos individuais, interindividuais e intergrupais. Os estereótipos nessa acepção são repertórios representacionais, ancorados nos valores e ideologias dos grupos, e que se objetivam nas situações cotidianas, neste caso, nas relações interpessoais ou intergrupais (LIMA, 2020).

Segundo Cabecinhas (2007) e Pereira e Souza (2016), os estereótipos são concebidos como representações sobre os grupos humanos, que são partilhadas coletivamente, focando-se nas características e comportamentos humanos hierarquizados de acordo com critérios socialmente valorizados, permitindo explicar uma determinada ordem social estabelecida no âmbito das relações intergrupais. Se tomamos por exemplo, estereotipia racial, percebe-se que os critérios fenotípicos de cabelo, nariz e boca constituem atributos socialmente valorizados, servindo de base para o preconceito racial

com relação aos negros. Vala, Brito e Lopes (2015) conceituam os estereótipos como as crenças sobre os traços e os atributos psicológicos, em geral de cunho negativo ou exótico, tidos como característicos do exogrupo.

Para Lippmann (1922), autor que inaugurou o conceito, os estereótipos referem-se às imagens presentes nas nossas cabeças. Tais imagens não surgem no vácuo, e sim, a partir do que já preexiste na sociedade e é partilhado por outros. Para este autor, a definição ou o ato categorizar as pessoas e objetos antecede o nosso conhecimento ou a visão sobre elas. Assim, categorizamos as pessoas com base nos conhecimentos prévios e estereotipados presentes na nossa cultura. A definição inaugural trazida por Lippman já pressupõe a natureza macrossocial do conceito, na medida em que o autor compreende os estereótipos como imagens das nossas cabeças filtradas do mundo, reflexos dos nossos códigos morais, filosofias sociais, influência familiar, educacional e institucional, crenças e tendências políticas. Neste sentido, “somos informados sobre o mundo antes de vê-lo. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las” (LIPPMANN, 1922, p.60).

No que se refere à função protetora de estereótipos na identidade social, Lippmann (1922), considera que qualquer perturbação de estereótipo soa como ataque ao nosso alicerce conceitual sobre as pessoas e os respectivos grupos. Neste sentido, quem estereotipa não admite incongruências e qualquer semelhança com o estereotipado, aliás “um mundo em que aqueles que honramos são indignos e aqueles que desprezamos são nobres, é desesperador” (LIPPMANN, 1922, p.60). Percebe-se, portanto, que a função protetora gera simultaneamente a proteção identitária e a justificação de *status quo* ou a distintividade social positiva. O autor ressalta ainda, a natureza antecipadora de estereótipos nos comportamentos futuros, na medida em que eles servem de base racional para justificá-los ou reforçá-los.

Para Doise, Deschamps e Meyer (1978) a relação direta comumente estabelecida entre a acentuação da similaridade intracategorial e diferenciação intercategorial não é imperativa, uma vez que ela varia em função do modelo de categorização. Neste sentido, a relação direta entre a diferenciação e a acentuação das semelhanças intracategoriais pode ocorrer com os traços estereotípicos vinculados aos membros dos grupos. No entanto, o mesmo não acontece quando as características atribuídas aos grupos não estiverem relacionadas aos estereótipos dos seus membros. Neste âmbito, os estereótipos “consistem na atribuição aos membros de um determinado grupo as características similares, sem levar em consideração a possibilidade de diferenças intraindividuais” (DOISE; DESCHAMPS; MEYER, 1978, p.160).

Apesar de os estereótipos serem pensados à luz das influências e mecanismos macrosociais, as idiosincrasias se fazem presentes, principalmente nos casos em que a experiência contradiz o estereótipo. Nesta perspectiva, as pessoas cujas personalidades são resistentes às incongruências de informações, isto é, as “mentes fechadas”, tendem a desprezar as contradições, e, por conseguinte, as exceções confirmam a regra geral e não o contrário. Já para as pessoas de personalidade “mente aberta”, as novas informações que contradizem as experiências tendem a ser modificadas ou corrigidas (LIPPMANN, 1922).

Em seu estudo intitulado “Stereotypes”, Tajfel (2001), considera que quando os estereótipos se ligam às questões da manutenção, defesa e preservação de valores e crenças, pode-se dizer que estamos diante da função cognitiva-individual do ato de estereotipar. Já do ponto de vista das funções sociais, Tajfel (1981), acredita que os estereótipos sociais são largamente difundidos nas seguintes situações: a) na busca da compreensão da complexidade dos acontecimentos no mundo social; b) na justificativa racional para sustentar as ações cometidas contra os outros grupos; e na c) diferenciação positiva, neste caso, o realce da imagem positiva do endogrupo com relação ao exogrupo. Em síntese, estamos perante três características principais de estereótipos, a primeira (a) diz respeito à causalidade social, a segunda (b) à justificação e a terceira (c) à diferenciação (TAFEL, 1981a; 2001).

Para Tajfel, essas três funções sociais só podem ser entendidas quando pensadas do ponto de vista das relações de competição, extrapolando assim as explicações de ordem exclusivamente intrapsíquicas. Isto porque, as relações de competição e de conflito entre os grupos sociais são determinantes nas representações recíprocas (TAJFEL, 1981a). Para este autor, um estereótipo somente se torna social quando é amplamente compartilhado pelos grupos sociais, o que depende das inserções socioculturais dos indivíduos ou ancoragens sociais dos indivíduos, tomando a terminologia de Doise (2002). O processo de estereotipagem pode gerar três outras condições, a saber: a estabilização e manutenção das ideologias do grupo, de modo a servir de justificativas para determinadas ações sociais; a preservação das diferenciações positivas do endogrupo com relação aos outros grupos sociais, evitando as ameaças que as semelhanças possam causar e, por último, o vínculo que as duas condições do ato de estereotipar mantêm com as atitudes compensatórias individuais (TAJFEL, 2001).

Tajfel (2001) considera que os estereótipos muitas vezes funcionam como rótulos às pessoas desconhecidas, com vista a aproximar-se delas. Segundo ele, os estereótipos

servem também para ordenar e dar sentido ao ambiente que nos circunda, prevendo comportamento de grupos sociais rotulados. Subjaz a essa a ideia a convicção de que, uma vez existindo a categorização, abre-se o caminho, quiçá inescapável, para a ocorrência de estereotipagem. De acordo com esta visão, as interpretações são respaldadas nos elementos gestuais, pequenos sinais, modos de vestir e andar, servindo de sustentáculo ao desconhecido. Para este pensador, os sujeitos estão em geral prontos para caracterizar os grupos de acordo com os determinados traços, por vezes de forma rude (TAJFEL, 2001).

Tajfel (2001) demonstra nesse estudo alguma aproximação com a TRS, neste caso, a necessidade de darmos sentido ao desconhecido e a dificuldade humana de viver no vazio da nomeação do mundo social (ver KALAMPALIKIS, 2002; MOSCOVICI, 2012). Segundo esta visão, diante da incerteza sobre o conhecimento do outro e da preocupação com o mundo físico e social, os sujeitos procuram decifrar o estranho. As experiências passadas, questões motivacionais, jogos de interesse, idiossincrias, necessidades e objetivos almejados exercem influência significativa no processo de dar sentido ao desconhecido. Dito de outra maneira, ancora-se nos elementos fornecidos culturalmente sobre os grupos para categorizar o novo ou desconhecido. Para este pensador, há que se levar em conta também as nossas idiossincrasias na seleção de atributos relevantes para a classificação do outro estereotipicamente. Para algumas pessoas pode ser a inteligência, para outros a honestidade ou cor de pele (TAJFEL, 2001). Este último ganha mais saliência sobre as demais categorias nos contextos multirraciais, principalmente. Neste sentido,

os estereótipos são instrumentos que ajudam o indivíduo na simplificação, organização e previsão de um mundo de outro modo excessivamente complexo, por outro, os estereótipos podem ter consequências nefastas a nível das relações intergrupais (CABECINHAS, 2002, p.4).

A homogeneização dos grupos provoca a generalização e a conseqüente perda da percepção de singularidade dos indivíduos enquanto entes singulares, passando a ser vistos como membros de grupos e não como sujeitos individualizados. O preconceito e a discriminação dirigidos ao seu grupo de pertença passam a afetar esses indivíduos de forma incisiva (CABECINHAS, 1998). Na visão Cabecinhas (1998), o deslocamento da homogeneidade para heterogeneidade cumpre a função de redução de estereótipos, podendo gerar também a diminuição do preconceito, na medida em que os grupos

discriminados passam a ser vistos de forma menos prototípica e com maior variabilidade. A hipótese do contato proposta por Allport (1954) favorece esse mecanismo.

Rosa Cabecinhas (1998) salienta que apesar de habitualmente o exogrupo ser visto de forma homogênea, em alguns casos é o endogrupo que é visto homogeneamente (Ver DESCHAMPS; MOLINER, 2014). É o caso desta tese como veremos na Parte III, em que os africanos se veem homogeneamente, o que se pode explicar pela identificação e avaliação positiva da africanidade ou por causa do preconceito sofrido pelo exogrupo. Alías Bâ (2003) concebe a identidade africana através da inseparabilidade do nível supranacional (África) do nível nacional, devido à coletivização da sociedade e à presença de alguns constantes, por exemplo, o vínculo indissociável com a linhagem, com a comunidade e com a ancestralidade.

Para Lima (2020), a escolha de um determinado tipo de estereótipo é uma estratégia adotada de modo a aproximar ou a distanciar os grupos que se situam em polos opostos. O que se traduz nas oposições binárias natureza ou cultura, mais humano ou menos humano, produzindo o conteúdo da representação social que visa inferiorizar ou superiorizar os grupos sociais. Entretanto, é importante realçar, que os estereótipos, diferentemente das representações sociais, são um tipo de rótulo dirigido exclusivamente aos humanos, através da vinculação dos indivíduos a uma categoria, que pode ser racial, social, étnica, religiosa, nacional, acrescido dos significados e vínculos emocionais (CABECINHAS, 2007; TAJFEL; 2001). A outra característica dos estereótipos tem a ver com o enviesamento e a não maleabilidade, visto que eles focalizam a atenção em determinadas características que se espera encontrar, desviando das outras. Neste sentido, os estereótipos induzem ao exagero na diferenciação das características físicas e psicológicas dos membros do exogrupo (TAJFEL, 2001).

A crença no mundo justo proposta por Lerner (1980) é também uma forma racional de justificar ou distorcer os fatos que colocam os grupos minoritários como vítimas inocentes do sistema. No nível racional pode-se verificar a neutralização de qualquer que seja a informação que contradiga os estereótipos cristalizados sobre as minorias discriminadas. No âmbito das distorções pode-se deparar com as justificativas distorcidas como: a pessoa é pobre porque quer ser, pois tem trabalho para todos, basta querer.

Na visão de Tajfel (2001), alguns traços atribuídos aos “outros” desconhecidos mantêm uma certa estabilidade por um período longo, estereótipos raciais, por exemplo. Podem ocorrer transformações no processo de estereotipagem em função das mudanças

sociais, normativas, políticas e econômicas, porém, não necessariamente elas mexem nas estruturas e hierarquias vigentes. Assim, quando as mudanças sociais não atingem as estruturas de poder que sustentam as hierarquias, basta uma “pequena” eclosão das tensões sociais para que as formas hostis de estereótipos apareçam. Aliás, a construção de estereótipos quando acompanhada de atitudes hostis e/ou conflituosas, as dificuldades de mudá-las tornam-se mais complicadas (TAJFEL, 2001). Neste sentido, diante de clima social clivado e tenso no Brasil atual, por exemplo, torna-se difícil mudar os estereótipos sobre os grupos socialmente marginalizados. O argumento de Tajfel nos permite concluir, ainda, que é a estabilidade de estereótipo que coloca esse fenômeno no âmbito da consensualidade, visto que, os elementos culturais que distinguem os grupos discriminados e agentes da discriminação são fornecidos e estabilizados pela cultura, desde a tenra idade. Portanto, é “a seletividade, a natureza auto-reforçadora dos estereótipos que o aproxima do preconceito, e, por conseguinte, as principais dificuldades nas tentativas de mudar as imagens estereotipadas por meio das técnicas educacionais” (TAJFEL, 2001, p.12 tradução nossa).

Tomamos o exemplo do estudo intitulado *“Racismo, estereótipos e emoções: «eles não são piores do que nós, mas nós somos melhores do que eles”*, de Vala, Brito e Lopes (2015) sobre a percepção de ameaça econômica-social e sobre a segurança pública, com inquiridos portugueses (endogrupo) e negros imigrantes (exogrupo). Estes estudiosos concluíram que o racismo se dá não pela expressão de traços negativos, e sim, pela negação ou não menção dos atributos positivos do negro. Assim, em face da indesejabilidade social da discriminação baseada em atributos negativos sobre exogrupo, ela passa a operar mediante atribuição de traços “positivos”, principalmente de natureza exótica, como alegres, festeiros, animados. Aos brancos foram atribuídos os traços de instrumentalidade positiva, como a inteligência, competência, criatividade, e aos negros os traços de robustez corporal e exotismo. Neste sentido, a pesquisa de Vala, Brito e Lopes (2015), traz o argumento de que a discriminação se expressa muito mais em termos das diferenciações intergrupais positivas que as negativas, contanto que os atributos “positivos” vinculados ao exogrupo sejam de cunho exótico ou de “infantilização” (brincalhões, animados). Acrescenta-se a isso o desfavorecimento do exogrupo, através da negação das emoções positivas.

Os pesquisadores ainda concluíram nos seus estudos que, quanto menores forem os atributos negativos ao negro e quanto maior for a incapacidade de a pessoa exibir as emoções positivas aos imigrantes, maior será a propensão para discriminar este grupo

(VALA; LOPES; BRITO, 2015). Os estereótipos são, portanto, importantes para o estudo das relações intergrupais de natureza étnico-racial. No caso concreto dos africanos, a construção de estereótipos e de um imaginário negativo sobre o continente africano da época medieval aos dias atuais, constitui a essência do racismo e preconceito sobre eles (Ver HALL, 2016; MBEMBE, 2018; OLIVA, 2005). Assim, com relação aos africanos, os estereótipos levam necessariamente ao preconceito, racismo e discriminação.

O preconceito, na visão de Allport (1954), provém do latim, *praejudicium*, tendo sofrido transformações como qualquer palavra. As modificações passaram por três fases, a saber: a primeira, a antiga (*praejudicium*), o preconceito é entendido como julgado ancorado nas experiências e conhecimentos prévios; a segunda, a terminologia inglesa, consiste no pré-julgamento, isto é, julgamento precipitado e sem embasamento nos fatos; e a terceira, de caráter mais emocional, tem a ver com o favorecimento ou desfavorecimento e hostilidade que acompanha qualquer julgamento feito a priori. As primeiras definições de Allport trazem a ideia de que a peça principal para pensar o preconceito é o julgamento prévio infundado e baseado nas provas insuficientes. A definição inglesa leva em consideração a existência do preconceito “positivo” e “negativo”, isto é, a ocorrência do sentimento favorável ou desfavorável anterior a qualquer experiência com o outro. Para Allport mesmo se levássemos em consideração a dimensão “positiva” do preconceito, quando se trata dos grupos étnicos, ele é essencialmente negativo. Aliás, o autor ressalta que pensar mal dos outros inclui sempre os sentimentos de desgosto, aversão, medo, desprezo e antipatia, podendo gerar discriminação ou ataques violentos.

O preconceito é,

uma atitude aversiva ou hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, em geral socialmente desvalorizado, simplesmente porque ele pertence a esse grupo e, portanto, presume-se que tenha as qualidades objetáveis atribuídas ao grupo (ALLPORT, 1954, P.7).

Por sua vez, o preconceito de caráter étnico diz respeito à hostilização de um determinado grupo étnico social desvalorizado ou subalternizado, baseada em uma generalização defeituosa e rígida, que pode ser manifesta de forma explícita ou implícita, dirigida a uma coletividade ou aos indivíduos pertencentes a este coletivo (ALLPORT, 1954).

Diferentemente da crença preconcebida, o preconceito resiste às mudanças e às informações incongruentes. Neste sentido, o preconceito quando entra em contradição

com as evidências, mantém a incorrigibilidade e ao mesmo tempo gera forte tensão emocional na pessoa preconceituosa (ALLPORT, 1954). Pode-se dizer que esta visão de Allport conecta o preconceito à dissonância cognitiva, na medida em que as pessoas buscam justificativas para sustentar as categorias preconceituosas conflitantes com as evidências que as contradigam. As pessoas evitam, portanto, as informações que perturbam as informações consonantes, costumeiras e já cristalizadas. Assim, atitudes preconceituosas se utilizam das categorias prévias, reforçando-as ou persistindo em confirmá-las. Tais atitudes sempre vêm carregadas de hostilidade e aversão aos grupos desprestigiados no âmbito social.

Para Allport (1954) existem cinco formas de expressão de preconceito, a saber: a) a *antilocução*, que consiste em um grau “moderado” do preconceito, através da evitação do contato verbal; b) a *evitação*, que consiste no esquivamento do contato de ordem física com os membros dos grupos subalternizados e hostilizados; c) a *discriminação* diz respeito às distinções e hierquizações que visam prejudicar os grupos sociais hostilizados e desfavorecidos; d) *ataque físico*, principalmente nas situações de fortes tensões emocionais e hostilização, por exemplo, situações de ameaça; e) *extermínio*, expressão mais violenta do preconceito, por meio de linchamentos, massacres ou genocídios.

Para Allport (1954), as atitudes preconceituosas só causam impacto ou reprovação social quando elas violam as normas sociais e os valores culturalmente relevantes. Neste sentido, o preconceito depende da complacência das estruturas que têm prerrogativas para mantê-lo intacto. Os estudiosos atuais, discípulos de Allport (1954), se deparam com situações embaraçosas, na medida em que mesmo nas sociedades com forte norma anti-preconceito e com ações repressivas contra tais atitudes, não conseguem evitar comportamentos preconceituosos. O que se deve ao fato de as atitudes preconceituosas acompanharem a semântica e os mecanismos da desejabilidade social da época, trazendo, portanto, a discussão em torno da relação representação racial e prática preconceituosa. Neste sentido, em alguns casos a crença preconceituosa leva à manifestação explícita do preconceito, em outros casos, ela é omitida racionalmente. Aliás, as duas formas de manifestação do preconceito proposto por Allport, que opera nestes casos, é justamente a antilocução verbal e evitação. No primeiro caso, evita-se a comunicação ou diálogo de qualquer natureza com o membro de grupo hostilizado, e no segundo caso, a evitação é no âmbito do contato físico. Apesar de não ocorrer ataque físico e dos danos não serem visíveis, atitudes assim podem causar desconfortos de natureza psicológica (ALLPORT,

1954). A relação entre os estudantes brasileiros e africanos da UNILAB é um exemplo claro deste tipo de expressão de preconceito (Ver SANCA, 2016).

O preconceito para Tajfel (2001) envolve também as atitudes hostis, porém, elas existem com propósitos bem definidos. Isto porque, as atitudes hostis guiam a nossa percepção sobre os objetos de uma determinada forma ou de outra, e ao mesmo tempo operam na seleção das informações de modo que estas apoiem, ignorem ou distorçam as informações incongruentes. Assim, Tajfel vincula o preconceito com a construção da imagem negativa do outro, na medida em que as atitudes negam tendenciamente as características positivas do outro, omitindo-as. Ou seja, “as pessoas preconceituosas aprenderam a habilidade perceptiva: selecionar e interpretar o que é relevante e ignorar é irrelevante para si” (TAJFEL, 2001, p.04, tradução nossa). Aqui, o preconceito aproxima-se dos mecanismos de focalização, conceito concebido por Moscovici (2012), no âmbito do estudo inaugural sobre a psicanálise na imprensa francesa dos anos 1950. Nos dias atuais, os estudos de Cabecinhas (2007), Vala, Brito e Lopes (2015), têm demonstrado que algumas características positivas, sobretudo aquelas ligadas à instrumentalidade positiva como trabalhador, honestidade, inteligência, criatividade, são omitidos ao se falar do negro.

Na acepção de Tajfel o estereótipo se vincula ao preconceito do ponto de vista da hostilidade e da rigidez, nomeadamente quando as atitudes hostis ao exogrupo vêm carregadas da resistência perceptiva diante das informações que contradizem os juízos e/ou avaliações sobre os membros exogrupo avaliados negativamente. Diante disso, o autor acredita que o indivíduo preconceituoso faz um investimento emocional grande de modo a preservar a diferenciação positiva do endogrupo com o exogrupo. Neste sentido, torna-se gratificante para um preconceituoso emitir juízo hostil em contextos fortemente hostis, evitando quaisquer contradições, buscando os apoios reforçadores (TAJFEL, 1981a).

Para Tajfel (2001), os estudos de preconceito devem levar em conta não apenas os elementos cognitivos e emocionais, mas também as questões ligadas aos interesses econômicos, políticos e sociais que o sustentam. Neste âmbito, o autor distingue dois tipos de preconceituosos, a saber: de um lado, aqueles que manipulam o preconceito em proveito dos interesses pessoais ou grupais. Nestes casos, basta um ambiente catalisador, competição, por exemplo, para que o preconceito irrompa. Tajfel os denomina de “desonestos”, que se aproveitam do preconceito para fins específicos. E do outro lado, os “genuinamente” ou “honestamente” preconceituosos, que são sustentados pelas teorias

racistas, compartilhadas inclusive no senso comum, não necessitando esperar momentos para que se manifestem preconceituosamente. O autor acredita ser problemático explicar o preconceito baseando-se apenas no nível psicológico, uma vez que a complexidade do fenômeno necessita de debates dos profissionais de diversas áreas, dentre os quais: economistas, sociólogos, historiados, legisladores e entre outros. Assim, acreditamos que é preciso criar um clima intelectual favorável, conjugado com questões político-econômicas para esse debate.

O modelo da "crença em um mundo justo" proposto por Lerner (1980) é uma das teorias que explicam o preconceito a nível macrossocial e microssocial. Por exemplo, do ponto de vista da ideologia religiosa, a explicação consiste na ideia da recompensa das benfeitorias no juízo final, ou seja, a vida pecaminosa é punida com o mal e o inferno. No nível político, é possível encontrar os partidários de esquerda, que defendem o mundo justo por meio do acesso igualitário ao mundo de trabalho, saúde, educação, lazer. Os neoliberais por sua vez defendem a competitividade e mérito individual, neste caso, os menos preparados fracassam e os mais preparados obtêm sucesso. Os ideais neoliberais sustentam em grande parte os discursos jornalísticos, em que os heróis são mais afortunados e dignificados e, os vilões desafortunados, fracassados e merecedores da punição ou vida precária.

A nível intergrupual, refere-se à relação endogrupo-exogrupo proposta por Tajfel (1981a), consistindo na atribuição do mérito aos semelhantes e/ou membros do endogrupo e, conseqüentemente, demérito aos membros do exogrupo. No nível intrapessoal, as pessoas sustentam as suas crenças no mundo justo com intuito de viverem cotidianamente com segurança, esperança e menos incerteza quanto ao futuro. E, no nível posicional, em que as posições sociais privilegiadas garantem o acesso "merecido" aos privilégios, enquanto isso, os desprivilegiados são tidos como merecedores da punição e fracasso por viverem vida desviante (LERNER, 1980). A crença no mundo justo refere-se, portanto, "àquelas suposições mais ou menos articuladas que fundamentam a maneira como as pessoas se orientam em relação ao ambiente. Essas suposições têm um componente funcional que está vinculado à imagem de um mundo gerenciável e previsível" (LERNER, 1980, p.9).

Esta crença pressupõe alguma controlabilidade do mundo dos acontecimentos e comportamentos cotidianos, visando explicar o agir das pessoas dentro da previsão e controle. É possível prever, por exemplo, "uma pessoa "P" merece o resultado "X" se P atender às pré-condições adequadas para obter X. O que está implícito, também, é que P

deseja X. Se P não obtém X, ou recebe algo de menor valor que X, então P não recebeu tudo o que ele ou ela merece”. (LERNER, 1980, p.11). Neste sentido, é possível prever o ganho ou merecimento de uma dada pessoa olhando para as pré-condições atendidas ou não. Assim, “um mundo justo é aquele em que as pessoas "recebem o que merecem". O julgamento de "merecimento" é baseado no resultado que alguém tem o direito de receber” (LERNER, 1980, p.11).

Na visão de Lerner, a base para o merecimento e conquista do direito precisa atender duas condições: comportamento e atributos da pessoa. Assim, quando a pessoa se comporta de uma determina forma e não outra, estaria construindo o caminho para o sucesso ou o fracasso. No dito popular “cada um colhe o que planta”. Por sua vez, a inserção social da pessoa em um grupo social privilegiado acarreta resultados desejáveis, prestígio e honradez. Esta última condição explica os privilégios da braquitude e o desprivilégio da negritude, ou seja, o pertencimento étnicorracial branco como garantia de acessos aos recursos não acessíveis aos negros (LERNER, 1980). Estes últimos, reflexo de estereótipos racistas que vinculam negritude à preguiça, irresponsabilidade, baixaza da razão (HALL, 2016; HOOKS, 2019). Lerner salienta ainda, que uma das características da crença no mundo justo é a construção da imagem do desviante, em geral atribuída aos grupos minoritários (negros, índios, gays, mulheres), tidos como “vagabundos”, indiligentes, criminosos, perigosos, inferiores e indesejáveis, justificando o merecimento da punição, receber menos e viver a vida subalterna (LERNER, 1980). Esse fato explica, por exemplo, a aversão às políticas afirmativas com relação à população negra e ao acesso aos recursos simbólicos como inserção nas universidades, também explica a vingulação dos corpos negros à devassidão, justificando a não inserção destes no mundo de trabalho e educação.

Gordon Allport (1954) levou em consideração na discussão do preconceito as questões que envolvem relações intergrupo, segundo o qual a melhor maneira de definir intragrupo tem a ver com o uso da categoria “*nós*”, que assume o mesmo significado pelos seus membros em contraposição com o eles do exogrupo. O “*nós*” nesta acepção pode ser circunstancial ou mais duradouro. Para este autor, ser membro do intragrupo gera comumente a identificação com ele, embora nem sempre. Neste sentido, a pessoa pode ser membro do intragrupo, porém, tem como referência o exogrupo, principalmente nos casos em que este é hegemônico, podendo desenvolver inclusive o auto-ódio, isto é, odiar o próprio endogrupo, uma vez que espelhar-se nele não produz autoimagem positiva (ver FANON, 2008; HOOKS, 2019; KILOMBA, 2020). Na visão de Allport (1954), os

fatores que geram a formação de atitudes preconceituosas são precisamente a identificação com os valores e ideais do endogrupo e a aversão aos ideais do exogrupo. O preconceituoso tem como parâmetro, portanto, as normas e os valores do grupo de referência. Neste sentido,

nenhum indivíduo espelharia a atitude de seu grupo, a menos que ele tivesse uma necessidade ou ganho pessoal que o levasse a fazê-lo. Da mesma forma, compreende-se que uma das fontes de influência, talvez, a fonte mais frequente do preconceito, reside nas necessidades e hábitos que refletem a influência dos vínculos com os grupos, principalmente aqueles apreciados positivamente, no desenvolvimento da personalidade individual (ALLPORT, p.1954, p.41 tradução nossa).

Allport (1954), reconhece assim, as idiosincrasias nas manifestações do preconceito, porém uma das principais fontes de influência dos indivíduos é justamente o coletivo. Assim, embora o preconceito esteja presente largamente na esfera social, ele é reflexo de consequências negativas de relações intergrupais. Razão pela qual torna-se necessário aos pesquisadores de preconceito estarem atentos à importância do tipo da relação para a ocorrência do preconceito (CROCKER; SCHWARTZ, 1985). Estes investigadores chamam a atenção para as possíveis confusões entre o preconceito e o etnocentrismo. Segundo esta aceção, o preconceito se expressa no âmbito da avaliação negativa e da hostilização do exogrupo socialmente e estruturalmente desfavorecido. Por sua vez o etnocentrismo de caráter negativo ou favoritismo intragrupal, a avaliação negativa do endogrupo ocorre por meio do processo de comparação e favorecimento do grupo de pertença (CROCKER; SCHWARTZ, 1985).

Thomas Wills (1981) é outro autor que pensou o preconceito no nível intrapessoal, propondo a Teoria da Comparação Descendente conforme já citada. Segundo esta vertente teórica, o princípio básico para comparação social entre grupos consiste no aumento de bem-estar e autoestima ao se comparar com as pessoas consideradas mais infelizes, afortunadas ou inferiores em termos de status. O preconceito nesta aceção “representa uma tentativa de aumentar o bem-estar subjetivo por meio de processos de comparação social descendente” (WILLS, 1981, p.907). Este mecanismo de escolher o outro menos afortunado para se comparar, e, por conseguinte, aprimorar o autoconceito positivo de si, pode resultar na criação de bodes expiatórios, projeção dos males neles, preconceito e até agressividade.

Ainda segundo esta teoria, uma vez que é difícil solucionar as situações de infortúnio com imediatismo, a solução passa pela comparação com outro que se encontra

na situação considerada pior, fazendo com que a pessoa sinta bem-estar, autoestima e posição melhor. O estatuto social de inferioridade encontra, assim, a oportunidade de aprimorar o eu também inferiorizado, se colocando na posição de “superioridade” com o outro “pior” que eu. Wills ressalta que em qualquer sociedade existem grupos sociais, os subalternizados, negros, por exemplo, que a classe dominante ou as estruturas sociais permitam que sejam depreciadas. É o caso do nosso estudo, por mais que os brasileiros investigados se achem em uma condição menos favorável, hipotetizamos que eles se veem como melhores que os africanos, considerados sinônimos de seres humanos precários e desafortunados. Este mecanismo pode ocorrer nas situações ameaçadoras, neste caso, o indivíduo ameaçado prefere se aliar ou se aproximar do outro também em situação de ameaça, na medida em que se comparar com o outro “infeliz” gera sensação de bem-estar (WILLS, 1987).

Neste sentido, apesar de o preconceito extrapolar o âmbito social, é possível estudá-lo no âmbito individual, através de estudos que investigam o papel da personalidade no preconceito, investigando a relação entre o tipo de autoestima, elevada ou baixa, e manifestações preconceituosas (CROCKER; SCHWARTZ, 1985). Para estes autores, numerosos estudos demonstraram o papel da autoestima baixa na elevação do preconceito, na medida em que a avaliação do outro e dos grupos sociais são acompanhadas da avaliação de si.

Crocker e Schwartz (1985) constataram que os indivíduos de alta ou baixa autoestima demonstram ambos o favorecimento endogrupal na avaliação do grupo de pertença. No entanto, os indivíduos com autoestima mais baixa avaliaram os grupos de pertença e o exogrupo de forma mais negativa quando comparados com os de autoestima mais elevada. Para estes autores, a baixa autoestima de sujeitos e a autoimagem negativa parecem estar ligadas à visão sobre si mesmo, sobre o endogrupo, quiçá, sobre as suas visões do mundo. Assim, quando a avaliação é sobre a relação endogrupo e exogrupo, e não eu e outros, a elevada autoimagem favorece a avaliação do intragrupo de forma mais positiva que o intergrupo, isto é, maior atitude etnocêntrica. Enquanto isso, os indivíduos com baixa autoimagem tendem a emitir mais a avaliação negativa sobre o exogrupo, neste caso, os mais preconceituosos. A avaliação negativa do exogrupo por parte destes não necessariamente leva à avaliação positiva do endogrupo (CROCKER; SCHWARTZ, 1985).

Entretanto, o processo de comparação de si e do outro, endogrupo e exogrupo, pode se dar de forma inversa em duas hipóteses. No primeiro caso, é possível existir um

grupo de pessoas com elevada autoestima e que acreditam serem superiores aos outros, porém, não necessariamente isso gere o reforçamento da autoimagem por meio do favorecimento endogrupal. Por sua vez, os indivíduos de baixa autoestima, podem se comparar com o outro de forma neutra ou negativamente, porém, pode ocorrer o melhoramento de autoestima na identificação com o endogrupo. O segundo caso se traduz através da frase “eu posso ser um fracasso, mas o meu grupo é um sucesso” (CROCKER; SCHWARTZ, 1985, p.381).

Thomas Wills reconhece a dificuldade de estudar o preconceito no nível intraindividual somente, devendo ao fato da sua característica multideterminada. Reconhece, portanto, “uma dificuldade para o trabalho teórico nessa área é que o preconceito é um fenômeno social complexo e multideterminado e, portanto, a literatura fornece evidências de vários processos, que não estão necessariamente relacionados” (WILLS, 1981, p.255, tradução nossa).

As temáticas do racismo e do preconceito racial no Brasil, por envolver questões ligadas às clivagens grupais, tornam-se temas férteis para serem estudados a partir da perspectiva da TRS. A TRS constitui assim um recurso teórico para apreensão e análise das dissonâncias, consensos e dissensos, forjados nas relações intergrupais entre os negros e brancos (SANTOS; SCOPINHO, 2015). As autoras salientam que os estudos de TRS são poucos explorados na tradução dos fenômenos sociais relacionados ao racismo em conceitos e noções teóricas.

Vala (2013; 2015) define o racismo como representação social acerca da natureza humana, em que atuam cinco processos psicossociais, a saber: *Categorização*, baseada na crença de que a natureza humana se organiza em grupos étnico-raciais hierarquizados e dessemelhantes; *Diferenciação*, respaldada na ideia de que os grupos humanos são altamente diferentes; *Hierarquização*, que consiste na atribuição de superioridade inalterável a determinados grupos sociais, brancos por exemplo; *Essencialização*, embasa-se na concepção biológico-determinista sobre as diferenças humanas e comportamentais e *Alteridade radical*, alicerçada na crença de que nem todos os grupos humanos são dotados das qualidades distintivas do que é humano, sendo alguns enclausurados nas qualidades essencialmente negativas (JODELET, 2002; 2005).

Vimos em Sá (1998) que o objeto de representação social se constitui enquanto tal devido a sua relevância e espessura social para os sujeitos e os grupos sociais. Assim, o debate sobre questões raciais tem relevância e é capaz de gerar uma ampla discussão na esfera pública em um país marcado pela larga difusão do mito da democracia racial. O

mito da democracia racial é, portanto, uma crença que causa polarizações entre os seus partidários e os não partidários desse mito, principalmente ativistas sociais. A temática racial atende um dos pré-requisitos das representações sociais, neste caso, a ancoragem. No caso do negro no Brasil, este processo se dá pela familiarização através da permanente estranheza e não familiarização (KALAMPALIKIS, 2009), ou através da incorporação do ideal da violência do branqueamento. A seguinte afirmação elucida melhor como se dá esse processo de ancoragem:

assim, com o intuito de “familiarizar” a não-familiaridade negra, o grupo hegemônico constrói representações sociais que, de um lado, desqualificam o negro, e de outro buscam assimilá-lo, o que pode levar os negros a representarem-se e identificarem-se como brancos para serem socialmente aceitos. Pode-se dizer que o negro brasileiro se encontra numa situação de clivagem social e simbólica: apesar desta ocorrência não ser suportada por meios oficiais explícitos, verifica-se que os negros se encontram à margem da sociedade, num processo de prejuízo social (SANTOS; SCOPINHO, 2015, 173-174).

Vala (2015) considera que a ancoragem do racismo se baseia no não reconhecimento no negro como entidade totalmente humana, o que implicitamente coloca o negro na categoria do “não humano”. Neste sentido, a representação social do negro está ancorada nas antinomias do mais humano *versus* menos humano. Vala fez ainda, a leitura da ancoragem a partir de Edward Said (1990), que em sua obra intitulada “Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente”, considera o outro não ocidental como aquele que é representado drasticamente distinto da categoria do humano ocidental, isto é, o protótipo de tudo que é inferior ao ocidente. Outro aspecto ressaltado por Vala tem a ver com o contexto da ancoragem do racismo, tendo em conta a relevância dos contextos sociais e históricos que norteiam a questão racial. Na época medieval, o racismo se ancorava na religião e na cultura, na modernidade, baseava-se na ciência, principalmente a biológica. E, por último, nos dias atuais, o racismo aparece ancorado na cultura. Importante ressaltar que o grande diferencial da modernidade é o uso científico do racismo nas instituições políticas e/ou públicas, visando segregar, dominar, excluir e provocar genocídio nos grupos sociais vítimas do racismo. Os acontecimentos como escravização negra, nazismo, colonização, apartheid na África do Sul, genocídio da população indígena e negra no Brasil, são alguns dos exemplos do uso institucional, administrativo e político do racismo (DELACAMPNE, 1983; VALA, 2015).

Ressalta-se que inicialmente, os estudiosos do racismo, como Vala (2015), empregavam preconceito racial e racismo como equivalentes. No entanto, atualmente,

este estudioso se afastou desse modo de abordar o racismo, adotando uma perspectiva que pensa o racismo institucionalmente, ideologicamente e assente no pensamento social. De acordo com esta visão, “o racismo não é uma simples avaliação negativa de um grupo social específico, ainda que possa incluir atitudes negativas contra os grupos racializados, ou seja, definidos em termos de categorias raciais” (VALA, 2015, p. 156). Este autor ressalta que o preconceito racial provém correntemente do racismo, mas não necessariamente dele, tendo proposto três desafios aos estudiosos do racismo.

Primeiro, diferenciação nítida entre o preconceito racial e racismo. Segundo a definição do racismo no campo teórico das TRS, levando em conta período histórico, memória social e/ou mentalidades coletivas e os conceitos de ancoragem e objetivação. A ancoragem consiste na incorporação de uma dada informação ou um objeto emergente a uma categoria mais familiar por meio dos sistemas prévios de classificação. Ou seja, a partir do pensamento ou categorias preexistentes, converter algo desconhecido em conhecido. Ancorar equivale nomear os objetos inqualificáveis e que concomitantemente nos perturba. A objetivação, por sua vez, consiste em tornar palpável o que está na ordem de abstração, ou seja, aglutina a concepção da não familiaridade com uma realidade concretizada, materializada, tangível e na presença dos nossos olhos (MOSCOVICI, 2013; SANTOS, 2009). Estes dois últimos processos são fundamentais na elaboração das representações sociais. E por último, pensar o preconceito racial e o racismo levando em consideração as normas sociais, nomeadamente a indesejabilidade social dos atos racistas. Assim, diante da expressão sutil do preconceito racial e do racismo, as representações sobre grupos humanos são deslocadas da biologia para a cultura, incitando assim as novas aparências de representações sociais (VALA, 2015). O último desafio proposto por Jorge Vala diz respeito às normas, aos valores e às condutas.

Os comportamentos sociais são mediados pelas normas, valores sociais e condutas sociais. As primeiras dizem respeito às expectativas que indivíduos criam sobre um determinado comportamento e os seus anseios sobre o modo com que os outros se comportam em uma dada situação. Os valores são produções ideológicas implícitas e explícitas, envolvendo aspectos sociais, políticos e religioso-morais dos diferentes subgrupos que compõem a sociedade. As situações de mudanças sociais, por exemplo, nos colocam em situações de conflito com certos valores e normas, o que nos impele a fazer rearranjos e a redefinir os valores, atendendo às normas vigentes. Por último, as condutas sociais, na visão de Tajfel, dizem respeito às concepções tidas como apropriadas em uma dada circunstancia social. Neste caso, referem-se àquilo que os sujeitos acreditam

ser apropriado socialmente. Nota-se que as condutas que se acreditam ser apropriadas são estipuladas pelas normas e valores sociais dominantes em que os indivíduos estão inseridos (TAJFEL, 1981a).

Por esta razão, a desejabilidade social torna-se elemento estruturador no agir apropriado, isto é, a máxima de se comportar de tal modo que o comportamento se torne aceitável na sociedade (TAJFEL, 1981). Estamos falando do papel que influência normativa exerce na conduta as pessoas, principalmente nas condutas de cunho preconceituoso.

Na visão de Costa-Lopes e Pereira (2012) qualquer conceito de normas sociais possui pelo menos duas características centrais, que são: descritividade e a prescritividade. A primeira, a norma descritiva, diz respeito à norma convencional, isto é, o que está inserido no âmbito do que é tido como típico na sociedade. A segunda, a norma prescritiva, tem a ver com o que está inserido no âmbito daquilo que é valorizado amplamente, constituindo o aprovado socialmente. Dito de outra maneira, o conceito da norma envolve as prescrições, tipicidades ou restrições, desejáveis ou indesejáveis. Portanto, “a definição sobre a natureza das normas reconhece, implícita e explicitamente, a distinção entre classes de eventos frequentemente observáveis e eventos socialmente valorizados” (COSTA-LOPES; PEREIRA, 2012, p.18).

O investigador Fernandez-Dols (2012) traça algumas perspectivas psicossociais das normas sociais. A primeira perspectiva pensa a questão das normas sociais do ponto de vista da sua racionalidade e funcionalidade, visando à obtenção dos benefícios e evitação de prejuízos. Esta perspectiva parte da ideia da imposição das normas no âmbito das relações sociais, devido ao benefício individual e coletivo que se acredita proporcionar. Trata-se de uma perspectiva racional que se adequa às teorias sociológicas funcionalistas e ao darwinismo social, por meio da submissão da minoria aos valores sociais dominantes. Qualquer desvio ou contraposição às normas dominantes é considerado anomia, degeneração ou disfuncionalidade.

A segunda perspectiva, vinculada aos primórdios da Psicologia Social, se afasta da visão racional e utilitarista das normas sociais, tendo focado na questão estrutural, através da sobreposição da posição coletiva sobre a pessoal. Esta perspectiva enfatiza a relação entre o indivíduo, o ambiente social e as condições sociais, históricas e conjunturais em que as normas estão inseridas. Na perspectiva de Fernandez-Dols deve-se pensar a norma do ponto de vista da sua ação na conduta social, não necessariamente a sua utilidade ou funcionalidade (FERNANDEZ-DOLS, 2012). Moscovici (1991),

também parte de perspectiva diferente da funcionalista, neste caso, a genética na medida em que pensa a questão da influência social e normativa, tendo como ponto de partida o olhar dos grupos minoritários.

Por sua vez, Costa-Lopes e Pereira (2012) se debruçaram sobre a função dos fatores normativos na expressão, formação e desenvolvimento de atitudes, preconceituosas e racistas, por exemplo. Para os autores, o estudo de normas sociais devem seguir alguns padrões, a saber: a) diacrônico, que atua no nível intraindividual, neste caso, as pessoas apresentam padrões comportamentais similares em contextos temporais diferentes, b) sincrônico, focado no nível intragrupal, através da ação das pessoas de acordo com os padrões normativos dos grupos de pertença, c) diferencial, que incide no nível intergrupalo, consistindo na diferença de padrão comportamental em função da diferença do endogrupo na relação com o exogrupo e d) funcional, no nível ideológico, focado na ação dos diversos grupos sociais, visando conferir a legitimidade no modo como as estruturas sociais e institucionais se organizam. Os autores relacionaram, portanto, a discussão das normas sociais com os níveis de análise de Doise (2002).

Para Sherif (1936) as normas sociais são decorrentes do contato dos indivíduos com o mundo social circundante, através do processo de “interiorização”. Esse mecanismo de interação entre os indivíduos e o mundo social traz como consequência o processo de “interiorização” das normas, costumes, valores, que por conseguinte, dominam e transformam a experiência e o comportamento subsequente das pessoas. O fato de ocorrer o processo de interiorização, não implica dizer que os padrões normativos não são inalteráveis ou rígidos, isto porque as mudanças estruturais na sociedade acarretam a formação de novas normas que tendem a adequar-se aos novos contextos sociais. Neste sentido, o aparecimento de novas normas não necessariamente acarreta a dissipação das antigas, e sim, a adequação delas (SHERIF, 1936).

Na visão de Sherif (1936), o ser humano não chega no universo tendo normas prontas para si, uma vez que elas passam a fazer parte da sua vida a partir da interação com o ambiente e com os outros sujeitos sociais, por exemplo, família, pares, grupos religiosos, econômicos e estrato social. Sherif demonstra, portanto, que as normas não são fenômenos biológicos, e sim, fruto de uma herança histórico-cultural, razão pela qual a evolução da sociedade gera surgimento de novas situações, que em certa medida refletem nas mudanças institucionais, e, por conseguinte, novos contextos normativos (SHERIF, 1936). É o caso das normas antirracistas e anti-preconceitos em relação aos

grupos minoritários, reflexos de conjuntura social marcada pela indesejabilidade social e criminalização de atitudes preconceituosas e racistas, gerando a adequação das pessoas ao novo contexto. Isso não significa a dissipação do preconceito, racismo e outras formas de intolerância, mas sim, a modificação nas formas de expressão, de modo a se adequar às normas vigentes.

Sherif ressalta, portanto, que as normas sociais possuem necessariamente um componente intrapessoal e cultural, isto é, a relação do indivíduo com o mundo externo. As situações normativas que influenciam os indivíduos são quatro: a) a existência do outro indivíduo; b) o grupo de pertença em que se atua passivamente ou como espectador; c) um grupo em que os indivíduos atuam ativamente, por exemplo, grupos reunidos para uma greve ou linchamento e d) produtos culturais, neste caso, situações estimuladoras que são reflexos das condições sócio-históricas das sociedades (SHERIF, 1936).

As normas dos nossos grupos de pertença podem nos influenciar negativamente ou positivamente. Dito de outra maneira se as normas grupais favorecem a expressão de preconceito, racismo e outras formas de hostilização dos grupos minoritários, elas podem fornecer elementos que vão proporcionar a criação de valores ético-morais e humanos. Assim, se “é verdade que há casos em que o indivíduo comete atos desumanos sob o domínio de uma explosão geral de fúria da turba. Por outro lado, o grupo pode trabalhar para produzir os atos mais elevados de moralidade” (SHERIF, 1936, p.71). Por este motivo, se a estrutura social e institucional, mídia, por exemplo, constrói terreno fértil para manifestações racistas, é possível também a existência de fatores institucionais ou macrosociais que trabalham em prol do respeito aos direitos fundamentais de grupos vítimas de preconceito, racismo, homofobia, sexismo. Portanto, não apenas aprendemos a hostilidade e mesquinhez com os nossos grupos de pertença como também os valores solidários e humanos. Afinal, as normas sociais “interiorizadas” podem ser modificadas e transformadas em prol da dignidade humana, por exemplo, as lutas antirracistas e/ou antidiscriminatórias (SHERIF, 1936).

A nossa discussão sobre estereótipo, racismo e preconceito contra o afro-negro demonstra que os três fenômenos possuem caracteres destrutivos semelhantes para este grupo. Nos três casos se verificam forte hostilidade com relação à identidade negra, através da construção de teorias sociais e/ou racionalizações que justificam a brutalização e a subalternização do negro. Vimos em Hall (2016) que ato de estereotipar demarca fronteiras simbólicas, hierarquizando os grupos, na medida em que delimita o aceitável e o não aceitável, o impuro e o puro, o hostilizado e o não-hostilizado. Assim, os

estereótipos com relação aos negros somente assumem potenciais devastadores por se tratar de um grupo social historicamente vulnerabilizado e colocado na condição subalterna. Portanto, eles não assumem as mesmas proporções para todos os grupos sociais. Por esse motivo, a população negra se coloca como alvo mais desprotegido na perpetuação e cristalização de atributos negativos.

Neste sentido, não é somente o racismo que gera exclusão, hierarquização e discriminação dos negros, os estereótipos e o preconceito também. Por exemplo, a imagem estereotípica dos africanos assume base racional para que ocorra discriminação e preconceito, através de comportamentos do tipo anti-locução verbal e física (ver ALLPORT, 1954; PEREIRA; TORRES; ALMEIDA, 2003; PEREIRA; SOUZA, 2016). Os três fenômenos nos parecem intercambiáveis quando se trata da população negra, isto porque o racismo só possui potencial devastador sobre a população negra porque atua concomitantemente com os estereótipos e o preconceito dirigidos a este grupo étnico.

No que se refere à problemática da diferença, percebe-se que ser tratado como diferente à luz da diferença aprisionadora só é possível aos grupos sociais marginalizados ou racializados. Aliás, para Kilomba (2020), o tido como diferente é instituído hierarquicamente, através dos grupos dominantes que estabelecem fronteiras entre “nós” superiores e “eles” inferiores. Neste sentido, a diferença é também estrutural e socialmente instituída, delimitando o diferente aceitável e o diferente não-aceitável.

4 IDENTIDADE E DIFERENÇA: CULTURALIZAÇÃO, NATURALIZAÇÃO, HIERARQUIZAÇÃO

Nós sabemos que a identidade é relacional e fixada pela diferença. O que significa dizer que a identidade depende de algo exterior a ela para existir, tendo em vista que ela não existe sem que seja legitimada e confirmada pelo outro e/ou seu oposto. Afirmar que a identidade dependa do outro semelhante ou diferente não implica necessariamente a sua aceitação, uma vez que a negação ou exclusão do “forasteiro” é comum na dialética endogrupo-exogrupo marcada pelas tensões, na medida em que se busca obter a vantagem ou superioridade (TAJFEL, 1981b; WOODWARD, 2020). Neste sentido, a “identidade não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2020, p.40). Assim, a identidade e diferença são indissociáveis, uma dependendo da outra, isto é, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2020, p.79).

Para Silva (2020), a primeira aproximação com a discussão da identidade é a autorreferência e a positividade, consistindo na definição da identidade naquilo que se é, por exemplo “sou africano”, “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou branco”. A segunda aproximação é a da diferença, isto é, aquilo que o outro é, por exemplo, “ele é brasileiro”, “ele é branco”, “ele é africano”. Neste sentido, a identidade é tanto autorreferenciada quanto heterorreferenciada. O autor ressalta que mesmo quando a identidade é autorreferenciada subtende-se a existência dos outros, ou seja, a identidade não se basta em si mesma. Por este motivo, a expressão “eu africano sou” só faz sentido porque existem seres humanos que não são africanos e vice-versa. Na visão deste pensador ao dizer “sou brasileiro”, por exemplo, está se dizendo “eu não sou africano”. A frase é simultaneamente a afirmação e negação da pertença identitária (SILVA, 2020).

Segundo Stuart Hall (2016) existem quatro abordagens da diferença. A primeira diz respeito à abordagem linguística, segundo a qual a diferença é imprescindível para o significado, uma vez que sem ela o significado não existiria. O significado nessa ótica é relacional, por exemplo, a negritude é entendida enquanto tal não pela sua dimensão essencializante, e sim, pelo seu contraste com a branquitude. A segunda abordagem se relaciona com a primeira, porém, a ênfase está no modo como a diferença é produzida dialogicamente, isto é, diálogo eu-outro. Assim, ser africano ou brasileiro se dá a partir do diálogo entre os dois falantes em um processo dialógico. A terceira diz respeito à perspectiva antropológica da diferença, segundo o qual a produção dos significados dos

objetos e fenômenos sociais depende das posições dos sujeitos dentro dos sistemas simbólicos e classificatórios socialmente hierarquizados. E por último, a perspectiva psicanalítica, que coloca ênfase no papel da diferença na formação do psiquismo. Esta última abordagem não nos interessa para o estudo que propomos nesta tese, por se distanciar de nosso prisma analítico calcado na articulação psicossociológica.

A investigadora Rosa Cabecinhas (2007) fez um recuo histórico sobre a problemática da diferença na história da humanidade a partir do culturalismo de Confúcio (551-479 apud Cabecinhas (2007) à biologia de Aristóteles (384-322 apud Cabecinhas (2007). Para ela, o pensador grego explica as desigualdades e as diferenças sociais a partir da cultura, enquanto o chinês sustenta a sua explicação na natureza. Neste sentido, a problemática da diferença, que estabelece as fronteiras binárias entre “nós” e “eles”, através da hierquização e da definição das pertenças grupais privilegiadas e subalternizadas, permanece perene ao longo da história da espécie humana. A autora salienta ainda, que o determinismo biológico não só norteou a ciência moderna como também se popularizou no senso comum, convertendo-se em um fenômeno social. Assim, o discurso científico sustentou as crenças do senso comum sobre os grupos racialmente inferiorizados; esses argumentos agiram consideravelmente nas diversas formas de discriminação contra os povos negros, indígenas, judeus e ciganos (CABECINHAS, 2007).

Entretanto, para Cheikh Anta Diop (2014), a hierarquização das diferenças, que tem como correlato xenofobia, machismo e racismo, fruto de nacionalismo e patriotismo, é uma construção atrelada ao regime patriarcal. Enquanto isso, o regime matrilinear é marcado pela xenofilia, que está pautada na solidariedade, respeito e glorificação da diferença. Aliás, para Hooks (2019), o patriarcado é uma das faces da ideologia supremacista branca que afeta negativamente as mulheres negras e os homens negros. Neste sentido, o patriarcado atrelado ao neoliberalismo “serve aos interesses da supremacia branca para separar mulheres e homens negros uns dos outros, perpetuamente em conflito, não há ganho geral para homens e mulheres negras” (HOOKS, 2019, p.163). Portanto, o regime patriarcal, atrelado ao mundo neoliberal, ao criar hierarquia entre os sexos e as raças, cria também o racismo e o machismo.

O filósofo Christian Delacampagne (1983), por sua vez, considera que a busca da explicação das diferenças e desigualdades entre os seres humanos na “natureza humana” sempre fizeram parte do pensamento ocidental. Tais ideias, influenciaram consideravelmente a busca das explicações sobre as desigualdades humanas, nos séculos

XVIII, XIX e XX a partir da Biologia, mais concretamente, a partir de características fenotípicas como cor da pele, lábios, olhos e nariz.

Stuart Hall (2016) aborda também a diferença do ponto de vista positivo ou negativo. Na perspectiva positiva, a diferença é importante para a produção das identidades sociais, na produção dos significados, na formação sociocultural e linguística e na construção de autoconceito de si. Na sua dimensão negativa, a diferença pode ser ameaçadora, na medida em que provoca hostilidades, agressividade ao outro diferente e marginalizado, divisões sociais, discriminação, preconceito e racismo. Neste último caso, a diferença e a relação dialética podem-se expressar pela exclusão do outro (KILOMBA, 2020).

A estudiosa Grada Kilomba (2020) e Frantz Fanon (2020) demonstram em seus estudos que a negação e a exclusão da identidade negra, isto é, a diferença pensada negativamente, acontece justamente na relação com o outro branco. Para a Kilomba, o racismo coloca o negro na condição de outridade negativamente, uma posição que nega a subjetividade negra. A posição de outridade na relação dialética com a branquitude enclausura o negro como permanente “outro” não-semelhante e outro não-eu do branco. Assim, “o racismo coloca o negro como outro, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranho e como incomum” (KILOMBA, 2020, p.40). Toni Morrison utiliza o termo outrimização, que consiste na colocação do outro negro na condição da negação, desprezo e inserção do âmbito do eterno estranhamento e naturalmente diferente do branco (MORRISON, 2019). Já para Fanon (2020) a construção do outro negro através da relação alteritária com o branco é precisamente o que torna a consciência e a subjetividade negra como degradante.

Para a Grada Kilomba “não se é diferente, torna-se diferente por meio do processo de discriminação” (KILOMBA, 2020, p.75). A autora traz três acepções da diferença que caracterizam o racismo. A primeira diz respeito à própria construção da diferença, visto que a pessoa é diferente devido a sua condição e origem étnicorracial. A identidade branca serve de parâmetro para a diferenciação dos outros racializados, devido ao fato dela estar inserida na condição de dominação historicamente construída. A segunda característica leva em consideração a construção social de hierarquias de valores no processo da diferenciação. Nesta ótica, a diferença não se limita apenas à percepção do outro como diferente, mas também vem acompanhada da inferiorização, subalternização, estigmatização e degradação. A autora entende o preconceito nesta perspectiva como a conjunção da diferença acrescida da hierarquização. E, por último, a diferença associada

às relações de poder em diversos níveis, dentre os quais o político, social, econômico e histórico. O racismo é compreendido, portanto, como fusão entre o preconceito e relações de poder, que, por conseguinte, constrói a supremacia branca. É justamente a conceituação do racismo como diferença associada às relações de poder historicamente e politicamente determinadas que explica a impossibilidade do racismo reverso. Assim, as diferenças de poder colocam os subalternizados fora do acesso aos recursos materiais e simbólicos culturalmente valorizados como: às estruturas políticas do poder, à representatividade midiática, à educação, à saúde, ao emprego, à habitação e ao lazer.

Para Cabecinhas (2007) a questão da diferença sempre esteve presente na história da humanidade, tendo em vista que em todas as sociedades humanas ocorre a separação entre um “nós” e “eles”. Porém, as consequências e as práticas decorrentes da diferenciação variam de uma sociedade para a outra. Em algumas sociedades, por exemplo, as racializadas como o Brasil, a diferença de cor leva à discriminação e exclusão, e, em outras sociedades, as não racializadas, a diferença de cor não gera discriminação e exclusão. Embora nas sociedades não racializadas a diferença de cor não leve à discriminação, não se pode dizer que não existem outras formas de hierarquização e diferenciação “nós” e “eles”. Assim, a polarização de um “nós” e “eles” pode levar à discriminação, principalmente quando utilizada para fazer referência aos comportamentos.

A discriminação refere-se neste caso, “às percepções, avaliações ou comportamentos que resultam em desvantagem para o grupo alvo, isto é, que prejudicam o outro” (CABECINHAS, 2007, p.22). Ao pensarmos a questão do racismo, há que se levar em conta a construção da ideia de diferenciação nos grupos sociais, neste caso, “nós” *versus* “eles”, tendo por base a raça enquanto fenômeno biológico e sociocultural. A primeira acepção sustenta a segunda, tendo em vista que a raça pensada biologicamente sustenta o pensamento do senso comum sobre as diferenças raciais. Há que se levar em consideração também as relações de poder, uma vez que o processo de diferenciação não ocorre de forma simétrica (CABECINHAS, 2007).

Por sua vez, na visão de Woodward (2020) a questão de identidade envolve processos simbólicos e sociais. Neste âmbito, o processo de demarcação simbólica da identidade reflete o modo como delimitamos e hierarquizamos as relações sociais à luz das estruturas de poder, determinando quem deve ser incluído e excluído. Esse processo ocorre através da diferenciação social, que tem como consequência as diferenças hierarquizadas vividas no tecido social. A problemática identitária incide também sobre

os sistemas classificatórios, que consistem na divisão e organização das relações sociais através das oposições “nós e eles”, os africanos e brasileiros, por exemplo. A autora ressalta que na oposição “nós” e “eles” existe sempre a sobreposição de uma identidade sobre a outra, por exemplo, a branquitude sobre a negritude, em que a primeira é vista como parâmetro normativo da classificação identitária. Para Silva (2020, p.82) “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa dizer “o que não somos”. Por sua vez, para Vala, Brito e Lopes (2015), as disputas de poder são características aos mecanismos de categorização, uma vez que as categorias sobre os grupos dominados ganham mais fixidez do que os dominantes.

Do ponto de vista da construção da identidade racial, percebe-se a vinculação da branquitude ao topo da pirâmide social da humanidade, em um processo da dominação simbólica (ver ROSENDO, 2009), consistindo no tratamento desumano infringido aos dominados. A que se deve ao fato dos grupos dominantes se acharem protótipo do ser humano ideal, e, por conseguinte, acreditarem na legitimidade de desumanizar os subjugados (CABECINHAS, 2007). Este processo é denominado por Rosendo (2009) da violência pedagógica, que diz respeito ao processo de superposição de um modelo cultural dominante, desconsiderando os demais modelos culturais. Para Jurandir Freyre Costa (1984), isso implica seleções autocráticas de significações, através da imposição de um modelo pedagógico único. A idealização da branquitude, através das invasões do tipo colonização, é um exemplo peculiar da imposição do modelo “ideal” da civilização e da “humanidade”. A mesma tese foi defendida por Fanon (2015), Said (1995) Césaire (1978). Os três autores demonstraram em vários momentos das suas obras de que a colonização africana, latina e asiática é um exemplo do modo como as invasões e razias contra os povos não europeus têm por base a imposição de um modelo “fechado” da humanidade e da civilização, e conseqüentemente, a exotização e negação das demais.

Cabecinhas (2007) chama atenção para a possibilidade de interiorização das hierarquias sociais, percebidas como legítimas. A interiorização das ideias dos dominantes pelos grupos desfavorecidos em forma da epidermização da inferiorização, termo cunhado por Fanon (2008), consiste na autodepreciação, auto-ódio, interiorização da inferiorização de si e da pertença racial, aqui pensada como fenômeno simultaneamente pessoal e coletivo. Entretanto, importa ressaltar que os grupos dominados não se mantêm na posição de inércia, uma vez que procuram contrapor ao modelo dominante ao perceberem a discriminação e arbitrariedade da imposição de

um modelo cultural e da humanidade. As disputas e resgates memoriais, entram em jogo na busca da construção de uma identidade positiva, através da vangloriação do passado ancestral (CABECINHAS, 2007; FANON, 2008; LICATA; KLEIN, 2005).

Em um contexto racializado como o Brasil, a supremacia branca e a submissão dos outros grupos raciais são uma das formas da manifestação da normalização e norma identitária. Na visão de Silva (2020), a definição de uma determinada identidade como normal estabelece uma relação com o seu antagônico, neste caso o anormal. Neste sentido, “a definição do que é aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural (SILVA, 2020, p.84). Portanto, quer admita ou não, a identidade hegemônica é constantemente “assombrada” pela identidade subalternizada, pois sem esta última não é possível existir a classe dominante. Só há dominante onde existe dominado, e este último sempre vai desestabilizar a identidade considerada como parâmetro da normalidade (SILVA, 2020).

Para Silva (2020), os pronomes “nós” e “eles” não são meras expressões gramaticais, isto porque, instituem posições do sujeito no seio das estruturas sociais marcadas pelas relações de poder com os dominantes no topo. Este mecanismo se relaciona com o processo da fixação de uma identidade como norma, a branquitude, por exemplo, a partir da qual se hierarquizam as identidades e diferenças, visando favorecer a cultura branca. Remete ainda, para o processo de normalização, que consiste na seleção arbitrária de uma identidade como base segundo a qual as demais identidades são qualificadas e hierarquizadas. O ato de normalizar “significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável e única (SILVA, 2020, p.83).

Para Silva (2020), a identidade e a diferença emergem das criações linguísticas, e, por isso, não são processos naturais e imutáveis. Neste sentido, a identidade e diferença são produções socioculturais instáveis e mutáveis. A definição da identidade africana ou da brasileira são resultantes das produções e dos atos da linguagem, isto é, das diferentes formas de nomeação. Por esse motivo, a diferença na sua relação com a identidade só faz sentido em uma teia de diferenciação linguística. Por exemplo, “ser negro” significa não ser branco, não ser indígena ou amarelo. Assim, a compreensão da diferença e da identidade só é possível dentro de um contexto sociocultural, simbólico e histórico que lhes conferem significado (SILVA, 2020).

Na mesma ótica, Stuart Hall (2019) considera que os significados são produzidos pela linguagem, por meio da instauração da diferença e da semelhança. Assim, o significado emerge nas relações de semelhança e diferença dentro de um determinado código linguístico. Por exemplo, temos a ideia do que significa ser africano por eles não serem brasileiros, ou seja, o nosso autoconceito só é possível na medida em que nós nos reconhecemos como não outro. Assim sendo, “o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está sempre escapulindo de nós” (HALL, 2019, p.26). Stuart Hall pensa, portanto, identidade como um processo historicamente situado, instável e marcado pela contradição, na medida em que os sujeitos sociais vivem as respectivas identidades sociais de forma não unificada e contrastante. Para o autor, mesmo quando se trata das identidades nacionais, elas não são isentas das contradições internas, hierarquizações e jogos de poder. Neste sentido, há diferenças dentro de uma mesma identidade, por exemplo, as hierarquias, as diferenças e as contradições internas sobre o que é ser brasileiro (HALL, 2019).

A identidade e a diferença podem ser pensadas à luz de duas perspectivas: os essencialistas e os não essencialistas. Para os primeiros existe uma certa “pureza” identitária, que coloca certas características como essências, imutáveis e não partilháveis. Já a perspectiva não essencialista entende a diferença como mutável, admitindo a partilha de determinadas características com o outro ou exogrupo (WOODWARD, 2020). Essa discussão de Woodward envolve, de um lado, a dimensão da identidade como possuindo um núcleo essencial, que permite diferenciar um grupo do outro. Em contextos de marginalização dos grupos dominados pelos dominantes, dois caminhos são possíveis na concepção da identidade como núcleo essencial: primeiro, através da negociação buscase um passado nacional mais ou menos coerente e unificado, e segundo, por meio da postura radical (ir às raízes), ou seja, apelar pela volta das raízes negadas. E do outro lado, a identidade como contingencial, devido ao fato de estar relacionada ao cruzamento de diversos fatores: políticos, sociais, culturais, históricos e econômicos (WOODWARD, 2020). Para Silva (2020), por sua vez, existe sempre a possibilidade da essencialização das diferenças e identidades, naturalizando-as, mesmo nos contextos em que se apela à diversidade.

Stuart Hall (2020) pensa a identidade como não essencialista, estratégica e posicional, o que coloca a problemática identitária como contingencial, circunstancial e em constante mutação. O autor concebe a identidade do ponto de vista histórico, através

da correspondência do passado com o presente. Neste âmbito, a identidade é concebida como vir a ser, isto é, aquilo que nos tornamos, extrapolando aquilo que achamos que somos. Assim sendo, a identidade refere-se à forma pela qual somos representados e o processo de nos tornarmos nós mesmos. A negritude é um exemplo típico de como a identidade é um vir a ser e/ou um processo de torna-se negro, reconhecer-se negro e ter consciência da identidade negra (BICUDO, 2010; FANON, 2008; HALL, 2020; KILOMBA, 2020; MBEMBE, 2018; SANTOS, 1983). Portanto, “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (SOVIK, 2002 apud HALL, 2003, p.15).

A raça nessa perspectiva é uma produção discursiva e não uma categoria essencialista ou biológica. Ela é uma forma de representação e prática social que se apropria dos elementos biológicos visíveis como cor da pele, formato do nariz, estrutura corporal, constituindo marcas simbólicas para diferenciar e classificar hierarquicamente os grupos sociais. Apesar das definições biológicas serem substituídas pelas culturais, o caráter essencializante da raça persiste, se materializando nos discursos nacionalistas e/ou extremistas que apelam para a ideia da pureza étnico-identitária (CABECINHAS, 2007; HALL, 2019).

No tocante às questões étnicorraciais, verificou-se, portanto, a deslocação da raça enquanto entidade biológica para raça sob domínio da cultura, permanecendo a ideia da essencialização. As formas de categorização da raça passaram a ser a partir da essencialização das características culturais e étnicas, porém não significa dizer que a biologização foi abandonada (CABECINHAS, 2007). Por esta razão, Guimarães (1999) e Virgínia Bicudo (2010), por exemplo, consideram a cor da pele crucial no racismo à brasileira. Para Bicudo (2010) o debate sobre a miscigenação no Brasil sempre teve como intuito a tentativa da assimilação do negro mestiço à cultura branca, neste caso, embranquecendo-o. Razão pela qual a questão central dos movimentos negros passa primeiramente pelo trabalho da consciência racial, que, por conseguinte, pode gerar o sentimento de inferioridade ou não. Por sua vez, para Guimarães (1999), o preconceito de cor, que havia sido abordado por Florestan Fernandes (2008), marca a especificidade do racismo que reprime o negro no Brasil. Neste sentido, a “discriminação em que a "cor", vista como fato objetivo e natural, e não a "raça", vista como conceito abstrato e científico, é decisiva” (GUIMARÃES, 1999, p.33). Em outro estudo, Guimarães (2004) afirma que mesmo que exista o preconceito de cor, no Brasil a ênfase não recai na ideia do preconceito como fenômeno macrossocial gerador das desigualdades sociais.

Na mesma ótica, Cabecinhas (2007) considera que é na ideia da raça biológica, como, cor da pele, onde se ancoram, as ideologias raciais. O que explica, por exemplo, a ênfase na cor na hierarquização, na inserção e na integração dos imigrantes africanos no Brasil. Por sua vez, Vala, Brito e Lopes (2015), acreditam que a suspensão da ideia da raça biológica vem carregada de ambiguidades. A que se deve ao fato de que o racismo como fenômeno sociocultural é sustentado pela concepção biologizante da raça, sobretudo a nível fenotípico. Aliás, deve-se levar em conta que o senso comum acompanha as evoluções científicas e as mudanças culturais (MOSCOVICI, 2012; VALA, 2015). Em síntese,

Num grande número de casos, as categorias sociais serão regidas por um princípio de essencialismo psicológico e estabelecidas a partir de diferenças de superfície, nomeadamente físicas (cor da pele, forma da cabeça – redonda ou alongada –, tipo e forma de cabelo, cor dos olhos e dos cabelos, estatura, forma do nariz, etc.), das quais se inferem diferenças profundas, biológicas ou de personalidade, depois utilizadas para explicar diferenças nos comportamentos individuais e nas culturas coletivas” (VALA; BRITO, LOPES, 2015, p. 141-142).

Percebe-se, portanto, que a discussão sobre a natureza e cultura norteou desde sempre o debate nas diversas áreas de saber dentre os quais a Psicologia, Biologia, Antropologia, etc. (CABECINHAS, 2007; DELACAMPAGNE, 1983). Debate que permanece mesmo que de forma implícita na discussão sobre o racismo. Assim, as categorizações raciais não podem ser desvinculadas dos elementos fenotípicos, conjugados com os aspectos socioculturais, que são produzidos e legitimados historicamente. Aliás, para Hall (2019, p.37)

raça é categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de representação e práticas (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas e corporais etc- como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro.

Na mesma ótica, Vala, Brito e Lopes (2015), consideram que as categorias sociais sobre as raças são sustentadas pelas teorias socialmente construídas sobre os grupos subjugados. Neste sentido, as diferenças físicas ganham significados a partir das teorias sociais, por meio das quais são socialmente hierarquizadas e valorizadas. Na atualidade, passamos da racialização à etnização, em que uma retroalimenta a outra. Portanto, a categorização baseada na raça se diferencia das outras formas de categorizar os seres humanos, devido ao fato de nela operar simultaneamente as categorias fenotípicas e

genotípicas, utilizadas para sustentar as explicações sobre os comportamentos ético-morais e aptidões individuais (CABECINHAS, 2007; FIRMIN, 2016; VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Nos dois capítulos a seguir vamos nos debruçar sobre a justificativa teórico-metodológica que norteia esta tese, trazendo o debate sobre a imigração africana no Brasil, principalmente a estudo. Abordamos também os antecedentes históricos e políticos que explicam a imigração africana no Brasil no contexto atual, explicitando a importância sociocultural da problemática do estudo proposto. E, por último, apresentamos a adoção de diferentes estratégias metodológicas, de modo a favorecer a expressão da parte não confessável da representação sobre a pessoa negra africana, principalmente no contexto brasileiro, em que prevalece o mito da democracia racial. A hipótese da zona muda proposta por Abric (2003), é uma das hipóteses mais viáveis para apreensão dos elementos representacionais que são contranormativos, isto é, aquelas representações que vão contra as normas dos grupos ou da sociedade. A hipótese do contato como uma das possibilidades de suavização do preconceito (ALLPORT, 1954) vai ser igualmente testada neste estudo.

Nesta tese procuramos responder as seguintes perguntas: a) a aplicação dos pesquisadores com características étnicorraciais distintas (africano, brasileiro branco e negro), influencia a evocação dos conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos? b) o grau de convivência, contato ou aproximação entre universitários africanos e brasileiros influi na evocação conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos? c) as tensões e/ou conflitos intergrupais explícitos ou implícitos entre universitários africanos e brasileiros inibem ou desinibem a evocação de conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos? São essas questões que irão nortear a discussão desta tese.

5 PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E HIPÓTESES DA INVESTIGAÇÃO

Nesta tese propomos investigar as representações identitárias recíprocas de africanos que imigram a estudo e de universitários brasileiros. Alguns estudos como de Lima e Vala (2003), subsidiaram a nossa reflexão sobre a identidade do ponto de vista das relações intergrupais. Nessa investigação, os autores estudaram a construção da identidade nas relações intergrupais de africanos e portugueses na definição da identidade social, articulando dimensões individuais e coletivas. Segundo Tajfel (1981a), a questão central para definição da identidade refere-se à autodefinição do indivíduo de acordo com o reconhecimento da sua pertença a um determinado grupo ou categoria social. De acordo com esta visão, tanto o grupo social quanto a identidade coletiva são resultados de autocategorizações e heterocategorizações, ou seja, não apenas a reflexividade pessoal e endogrupal são determinantes para a definição de um grupo social e uma identidade coletiva, mas também, os processos de influências exteriores ao grupo (LIMA; VALA, 2003; TAJFEL, 1981a).

A título de ilustração, algumas narrativas do cotidiano se podem apreender, como: “nós-brasileiros somos” *versus* “os africanos são”; “nós-africanos somos” *versus* “os-brasileiros são”. Partimos da ideia de que o outro é imprescindível na forma como nós nos percebemos e, por conseguinte, favorece a constituição da nossa identidade. Diante desses aspectos, esta tese intenta analisar como o reconhecimento de “os africanos são” contribui na formação da identidade brasileira, e como o entendimento de “os brasileiros são” contribui para pensar a identidade africana.

Defendemos a importância de estudar as representações identitárias recíprocas de africanos e brasileiros, sobretudo pelo impacto da memória coletiva ligada ao comércio dos escravizados africanos na ligação das populações destas duas regiões. O passado histórico do Brasil e do seu comércio de escravizados coloca a África como fundamental na constituição da identidade brasileira. Segundo Schwarcz e Starling (2015), em “Brasil: uma biografia”, apesar da imprecisão dos dados, calcula-se uma média de 4,9 milhões de pessoas escravizadas no território africano e trazidas ao Brasil nos navios negreiros. Foram mais de três séculos de escravização. Segundo as autoras

no Brasil, sempre foi grande a mistura de povos que aqui chegavam: vinham do Senegal, de Angola, do Congo, da Costa do Mina e do golfo de Benin, mas também desembarcaram, aos milhares, jejes, nagôs (iorubas), tapas (nupés), haussás e grupos sudaneses (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.88).

Esse processo situa e demarca historicamente a importância política, cultural e social da relação entre africanos e brasileiros. Aponta-nos ainda, para os sistemas complexos e diferenciados nascidos a partir dessas trocas e assinalam a relevância para a presente proposta de tese. Juntou-se a isso a não de integração dos negros nas sociedades de classe após abolição da escravização, o que repercute consideravelmente na educação, na economia e no acesso a bens e consumo dos negros na sociedade brasileira (FERNANDES, 2008). Fato que coloca o tráfico de escravizados como preponderante nas relações étnico-raciais nas instituições e nos espaços públicos brasileiros. Para Gomes (2012), a democratização da educação constitui uma das fortes oportunidades de ascensão social e integração dos negros na sociedade brasileira, levando em conta a conquista da cidadania, que a inclusão a nível educacional favorece.

Salientamos que historicamente o movimento negro tem colocado a educação no cerne das suas reivindicações, o que se perdeu em 1964 com o advento da ditadura, com a retirada da categoria raça nas Leis e Diretrizes Bases da Educação (LDB). No entanto, com a reabertura democrática na década 1980, que coincide com a nova feição do movimento negro, a luta pela democratização da educação voltou a colocar a raça como ênfase. Porém, a luta tinha caráter universal, não levando em conta as peculiaridades da população negra. A partir dos anos 1990 a categoria raça passa a fazer parte das políticas estatais, com destaque para o “Programa para Superação do Racismo e da Desigualdade Étnico-Racial”, em 1995, resultado da “Marcha Nacional Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, realizada no Brasil no dia 20 de novembro. A partir dos anos 2000 a luta intensificou, com a saliência da conferência de Durban (2001)⁴, que teve participação de ativistas negros, culminando com a admissão, no âmbito internacional, do racismo institucional do Estado brasileiro, e, por conseguinte, o comprometimento deste na tomada de medidas para ultrapassá-lo. Percebe-se, portanto, antecedentes de lutas que favoreceram a instauração concreta das cotas raciais, que vieram a ser promulgadas pela então presidenta Dilma Rousseff, em 12 de agosto de 2012 (GOMES, 2012).

Outro momento histórico importante a ser destacado a respeito da atuação do movimento negro, se refere ao caráter internacional das suas lutas em prol da instauração das políticas afirmativas. O que culminou com a construção da ponte Brasil-África via criação da Universidade de Integração da Lusofonia Luso-brasileira (UNILAB), através

⁴ http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf

do decreto lei Federal nº 12.289/2010, tendo iniciado as atividades acadêmicas no dia 25 de maio de 2011, data da comemoração do dia da África. Percebe-se uma vinculação e dívida histórica do Brasil com África, em decorrência do tráfico de escravizados, na escolha de Redenção, Ceará, como a primeira sede da UNILAB. Esta cidade é a primeira brasileira a abolir a escravização em 25 de março de 1883 (GOMES; VIEIRA, 2013). Para as autoras, a criação da UNILAB permite a coabitação entre os diferentes e as diferenças de um lado, e do outro lado, a interconexão das questões étnico-raciais e econômicas, imprescindíveis para a conexão Brasil-África. Ressalta-se que o primeiro grupo de estudantes africanos, num total de 14, chegaram no Brasil, mais concretamente em Salvador, no 07 de dezembro de 1961, provenientes da África Ocidental (REIS, 2010).

Percebe-se, portanto, que ao pensar raça no Brasil no âmbito educacional, não é possível desvinculá-la dos processos históricos, sociais, políticos e econômicos no sentido mais amplo. Assim, destaca-se o caráter imprescindível da ressignificação e da politização da raça no cenário da educação brasileira, ação que tem sido empreendida pelos movimentos negros nas suas lutas pelas políticas afirmativas. Ou seja, há uma relação intrínseca entre a raça e as desigualdades sociais no Brasil (GOMES, 2012). Para Quijano (2005), a ideia raça se insere na produção de identidades subalternizadas, o que significa dizer que a construção das identidades raciais vem acompanhada da instauração das hierarquias e dominações racializadas.

O estudo das representações sociais, mais concretamente na sua função identitária (ABRIC, 2001), leva em conta as assimetrias sociais, uma vez que a posição social dos indivíduos na esfera social cumpre função imprescindível na produção de identidades e nos mecanismos de estereotipação e, conseqüentemente a variação do conteúdo de estereotipia (CABECINHAS, 1998). Em um outro estudo, Cabecinhas, Lima e Chaves (2006) consideram que apesar do estudo das representações sociais relevar as nossas idiossincrasias, devemos levar em conta o contexto assimétrico na produção das representações sociais, isto porque, elas se relacionam com as organizações culturais dominantes e a dinâmica social.

A abordagem estrutural é um referencial teórico importante para a nossa proposta da tese. Trata-se de uma abordagem cunhada por Abric (2003), que conceitua as RS como um conjunto organizado e estruturado de informações, atitudes e crenças com relação a um dado fenômeno social. Um tipo de conhecimento socialmente construído e vinculado à memória e sistema sócioideológico do grupo social que o difunde e partilha. Esta abordagem teve a América do Sul, mais concretamente o Brasil, como um terreno

frutífero para o seu desenvolvimento, sobretudo nos estudos relacionados à exclusão, à integração dos grupos minoritários como imigrantes subalternizados, às crises humanas potencias como o surgimento de doenças como AIDS, capaz de gerar clivagens sociais entre os grupos (SÁ, 2002).

Para Sá, Oliveira e Prado (2003), há relações entre a memória do grupo e a organização dos elementos que constituem uma representação social. O núcleo central está vinculado à memória coletiva e história do grupo, uma vez que consolida o grupo. Por sua vez, o sistema periférico, proporciona a integração das histórias individuais e da heterogeneidade do grupo, sendo por isso mais flexível às contradições. Assim, as representações sociais cumprem importantes funções identitárias e das relações intergrupais, uma vez que permitem posicionar os indivíduos em um espaço primordial da comparação social, preservando e salvaguardando a identidade positiva do endogrupo (SÁ, 2002). A técnica de associação livre de palavras, proposta por Abric (2003), consiste na etapa de evocação espontânea das palavras ou expressões acrescidas da hierquização, construindo as estruturas representacionais, i.e., núcleo central e sistema periférico.

À semelhança da técnica de associação livre de palavras proposta por Abric (2003), Tajfel (1981a) havia trabalhado com as categorias livres através da apresentação de dez fotografias em uma tela. A investigação entrevistou dezessete jovens do sexo masculino da Universidade de Oxford e da Faculdade de Ruskin. A tarefa consistia na atribuição de frases curtas, adjetivos ou palavras sobre as fotografias recebidas. E em seguida a hierarquização de acordo com a prioridade (importância) e frequência atribuídas às evocações. Em termos metodológicos, este estudo se assemelha à associação livre de palavras, uma vez que as categorizações sobre os outros continham enunciações livres e a ordenação de acordo com a ordem da importância e/ou prioridade. Um dos resultados encontrados no estudo de Tajfel demonstram que, as categorias ordenadas em primeiro lugar e com maior frequência recebem as categorizações mais extremadas, e, por conseguinte, implicam a atribuição dos traços mais desfavoráveis aos outros. Enquanto isso, os julgamentos favoráveis aos outros vão na direção oposta, não obtendo significância estatística em termos da frequência e prioridade (TAJFEL, 1981a).

Do ponto de vista da abordagem estrutural da TRS, alguns autores têm observado que, em face de determinados objetos atravessados por preconceito, certos conteúdos são mascarados na situação da enquete, escapando à análise (ABRIC, 2003). Estamos perante o que o autor denomina de “zona muda” das representações sociais. Ela revela elementos contranormativos que, portanto, não aparecem ou não são ativados, uma vez que

marcariam o afastamento do sujeito das normas do grupo a que pertence. Contudo, a *zona muda* pode aparecer quando for reduzida a pressão normativa. Diante dos valores morais reconhecidos, os sujeitos optam por preservar tais valores ao invés de expressarem aquilo que vai contra o que é socialmente desejável. Tratam-se de medidas não obstrutivas (LIMA, 2020), na medida em que ao adotarmos a técnica de aplicação dos três pesquisadores e a técnica de substituição evitamos a obstrução de respostas preconceituosas, permitindo que os estudantes investigados respondam com menor pressão normativa.

Garcia-Marques, Ferreira e Garrido (2013) distinguem a influência informativa da influência normativa. A primeira diz respeito aos contextos em que o comportamento grupal é aceito como evidência da verdade. A segunda, influência normativa, tem a ver com a aprovação do comportamento grupal com os objetivos de evitar a rejeição ou a indesejabilidade por parte do grupo de pertença. Este último explica o processo de mascaramento da zona muda, na medida em que as pessoas optam por aderir às normas socialmente valorizadas pelos grupos de pertença, evitando evocar atributos de cunho preconceituoso ou racista. Pode-se dizer que a imagem atribuída aos africanos se insere nos dois tipos de influência, tanto informativa como normativa, na medida em que a imagem dos comportamentos preconceituosos assume característica de “verdade” quando se trata dos africanos. Ao mesmo tempo, com o avanço das normas modernas anti-preconceito e antirracistas, as pessoas tendem a evitar expressar atributos preconceituosos e racistas por serem contranormativos.

Assim, em face às novas formas de expressão do preconceito, “vírus em evolução” (VALA, 2013), os pesquisadores dos estudos sobre racismo, preconceito, discriminação são convidados a repensarem metodologicamente novas formas de estudar estas relações. A propósito, para Fanon (2021, p.70), “o racismo não pôde esclerosar. Ele precisou renovar-se, nuançar-se, mudar-se de fisionomia. E teve de cumprir o destino do conjunto cultural que lhe dava forma”. Para exemplificar temos o estudo de Piermattéo, Lo Monaco, Moreau, Girandola, e Tavani (2014) sobre as representações sociais de ciganos, em que foi utilizada a técnica da descontextualização normativa. O uso da técnica nesse estudo consistia no modo como o pesquisador se apresentava aos sujeitos: ora como cigano, ora como não cigano. Os resultados obtidos pelos pesquisadores, mostram que: a condição de maior desmascaramento, isto é, ativação de expressões preconceituosas, indesejáveis ou contranormativas, foi na condição em que o entrevistador se apresentava como não cigano. E a situação de maior mascaramento da zona muda, inibição de

conteúdos contranormativos, isto é, aqueles indesejáveis socialmente, veio na condição na qual o entrevistador se apresentou publicamente como cigano.

Ressalta-se ainda que resultados semelhantes foram obtidos em um estudo recente de Danfá, Aléssio, Santos e Morais (2017). Neste estudo, buscamos a aparição da zona muda por via do efeito do pesquisador. Esta via se assemelha à técnica de descontextualização normativa, que consiste em reduzir a pressão normativa pela redução do nível de implicação do sujeito. Assim, minimizamos a implicação do sujeito com a aplicação de um questionário sobre as representações da AIDS na África e sobre o africano por um pesquisador brasileiro e aumentamos o nível de implicação do sujeito com o objeto de pesquisa por meio da aplicação do questionário por um pesquisador de origem africana. Percebe-se o efeito de uma possível zona muda (ABRIC, 2003), influenciado pelo controle do pesquisador (origem brasileira e origem africana). Estereótipos positivos sobre o africano foram unicamente ativados na presença do pesquisador africano (*multiculturalidade; alegria; cultura; guerreiro e dança*), de modo que conteúdos negativos foram silenciados. Estes conteúdos silenciados são ativados na presença do pesquisador brasileiro, ressaltando estereótipos negativos sobre o “Africano” (*sofre; guerra; pobreza e escravidão*). Percebe-se neste estudo o mascaramento da zona diante do pesquisador africano e desmascaramento da zona muda em face ao pesquisador brasileiro. Para a testagem da hipótese da zona muda nesta tese vamos testar a aplicação dos questionários por três pesquisadores e a análise dos questionários de substituição. A primeira hipótese foi testada nos estudantes da UFPE e a condição de substituição em toda amostra, incluindo a UNILAB.

A técnica de substituição permite desmascaramento da zona muda, através da redução da implicação dos sujeitos, favorecendo emissões de respostas contranormativas, neste caso, os sujeitos respondem falando em nome da população geral ou do endogrupo na terceira pessoa. A técnica possibilita ainda, a recolha dos dados diretamente do contexto normativo da aplicação, onde a pertença identitária do pesquisador joga igualmente papel importante (ABRIC, 2003; MILLAND; FLAMENT, 2016). Assim, o uso de perguntas para testar a hipótese de substituição em um contexto de interação intergrupar entre africanos e brasileiros se mostra eficaz, uma vez que os dois grupos mantêm uma certa proximidade com o objeto da investigação. Para Milland e Flament (2016), a distância dos sujeitos com relação ao objeto de investigação é de suma importância, uma vez que as respostas padronizadas são verificadas entre aqueles que as emitem com o intuito de serem bem vistos, independentemente do grupo de referência.

Assim, se a distância entre os indivíduos e o objeto a ser classificado é fraca, o campo semântico comum ocorre entre aqueles que pretendem ser vistos desejavelmente pelos grupos de pertença que lhes são mais próximos. Neste caso, os brasileiros são “próximos” aos africanos na medida em que cotidianamente partilham o campus no qual estudam. No entanto, o universo semântico é, significativamente diferente entre aqueles sujeitos que pretendem responder de modo a serem vistos desejavelmente ou indesejavelmente pela população em geral, os africanos ou brasileiros em geral, por exemplo.

Além da zona muda, o nosso estudo se mostra atento à hipótese do contato proposta por Allport (1954), segundo a qual o contato com os grupos sociais fortemente discriminados favorece a suavização do preconceito, na medida em que proporciona afeição mútua e ressignificação dos traços estereotípicos. O que se traduz pela frase do tipo “afinal, agora que os conheço, acho que eles são diferentes do que eu pensava” (MONTEIRO, 2013, p.510). Essa hipótese foi analisada levando em conta a variável grau de convivência, assinalada nos dados sociodemográficos, entre os estudantes africanos e brasileiros na UFPE e UNILAB.

Para Tajfel (1981a), a saliência de uma dada categoria depende do contexto. Por exemplo, em contextos “uni-raciais” a categoria raça não teria a mesma saliência que em situações multirraciais, o que justifica a nossa opção pelos três pesquisadores de origens étnico-raciais diferentes. Do ponto de vista metodológico, Tajfel (1981a) considera que as pesquisas experimentais da Psicologia Social Experimental somente perdem sentido se estiverem desvinculadas dos contextos sociais. Isso se deve ao fato de que a ciência social não se pratica num vazio social, isto é, o ser humano é um sujeito biológico e sócio-psicológico, cujas experiências estão inseridas nesse contexto. Nesta tese, o método foi pensado levando em conta o contexto de normas antirracismo e anti-preconceito, e, por conseguinte, da indesejabilidade social face às atitudes intolerantes, permitindo-nos evitar possíveis efeitos de variáveis intervenientes.

A tese se justifica também pelo fato de que os estudos em Psicologia Social comumente colocam ênfase nos grupos dominantes, isto é, focam no ponto dos que discriminam e, não nas vítimas de discriminação (CABECINHAS, 2007). A nossa investigação vai, portanto, na contramão da forma tradicional de estudar os grupos minoritários em Psicologia Social, focados no olhar unilateral, isto é, a partir apenas do ponto de vista dos agentes da discriminação. Neste sentido, a nossa investigação sobre as representações recíprocas entre os estudantes africanos (grupos minoritários) e brasileiros (grupos majoritários) nos proporcionou a apreensão da ótica dos discriminados

e dos agentes da discriminação. O que nos permitiu compreender os consensos, os dissensos, os conflitos e as polarizações entre os dois grupos, característicos dos estudos em representações sociais (CABECINHAS, 2007).

De acordo com Lígia Amâncio (2007) apud Cabecinhas (2007) no prefácio do livro “Preto e Branco, a naturalização de discriminação racial”, a TRS constitui um referencial teórico pertinente para a tese que propomos, uma vez que, nos fornece uma análise mais profunda do racismo. Ela nos permite analisar as temáticas raciais, fazendo uma articulação no plano individual e cognitivo; do ponto de vista da memória social, que é sustentada pelas representações sociais acerca de determinados grupos sociais e vinculados aos processos de categorização social, produzindo as relações hierárquicas e/ou de dominação, que geram as desigualdades sociais.

Esta tese se insere no nível posicional de análise psicossocial ao se debruçar sobre as posições sociais dos sujeitos investigados no âmbito das relações intergrupais, nomeadamente no âmbito das diferenciações grupais. E no nível interindividual, na medida em que busca apreender as dinâmicas interacionais entre os estudantes africanos e brasileiros (DOISE, 2002; DOISE; VALENTIM, 2015). Trata-se de uma abordagem não consensual das representações sociais, uma vez que se debruça sobre os consensos e dissensos (BONOMO, et.al, 2020).

Doise (2002) conceituou as representações sociais como princípios organizadores de tomadas de posição no âmbito das relações simbólicas no nível interindividual e intergrupar. O autor traça três hipóteses importantes no âmbito teórico para estudo dos fenômenos representacionais, a saber: a primeira diz respeito ao campo comum, que consiste na partilha de crenças comuns em uma determinada dinâmica interacional, ou seja, as representações sociais construídas a partir da conciliação de alguns pontos de referência nas relações simbólicas. A segunda tem a ver com as divergências nas tomadas de posição nas relações interpessoais entre os indivíduos no que se refere ao campo representacional. A terceira leva em consideração o papel da ancoragem nas tomadas de posição de outros universos simbólicos no âmbito coletivo, mais precisamente, a hierarquização de valores, a percepção dos indivíduos no âmbito das relações intergrupais e o compartilhamento das experiências no cenário social (DOISE, 2002).

Objetivamos estudar a relação intergrupar entre universitários africanos e brasileiros, apreendendo as representações identitárias recíprocas entre os dois grupos. Traçamos os seguintes objetivos específicos: a) explorar a variação da expressão de conteúdos representacionais seguindo a manipulação de diferentes contextos de pesquisa

(aplicação de três pesquisadores diferentes e pergunta de substituição) e variáveis de composição, a partir de uma perspectiva plurimetodológica; e, b) explorar a estrutura das representações identitárias recíprocas entre os africanos e brasileiros participantes da pesquisa. Atentemos para Figura 1:

FIGURA 1 PERGUNTAS, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA

Perguntas	Hipóteses	Objetivos
A pertença etnicorracial do pesquisador influencia na expressão/evocação dos conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos para brasileiros e africanos?	A aplicação do instrumento de pesquisa por pesquisadores branco brasileiro, negro brasileiro e africano repercute nas formas de expressão do preconceito [hipótese geral] A expressão de preconceito ou atributos negativos entre interlocutores/as brasileiros/as é favorecida face ao pesquisador brasileiro branco e inibida face aos pesquisadores negros; a expressão de preconceitos ou atributos negativos entre interlocutores africanos/as é favorecida face ao pesquisador africano.	Testar a Hipótese da Zona Muda a partir de três pesquisadores de origem étnicorracial distintas (descontextualização normativa).
Respostas preconceituosas ou atributos negativos em relação ao exogrupo são desinibidas quando o endogrupo responde em nome da população em geral?	A expressão de conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos é influenciada pelo modo pelo qual a pergunta é feita. Se é em nome do outro, favorece a expressão de preconceito e se é em nome próprio inibe a expressão de preconceito [hipótese geral] A resposta dos questionários em nome da população geral favorece a expressão de atributos preconceituosos sobre o exogrupo.	Testar a Hipótese de Substituição a partir da pergunta de substituição (em nome da população geral).
O grau de convivência entre brasileiros e africanos favorece ou inibe a expressão de conteúdos representacionais preconceituosos ou negativos?	A convivência balcanizada entre os estudantes africanos e brasileiros no contexto da UNILAB favorece a expressão flagrante do preconceito e dos atributos negativos	Testar a Hipótese do Contato e sua influência na expressão de preconceito

Fonte: DANFÁ (2021)

Para responder as nossas perguntas e testar as nossas hipóteses recorreremos a diversas estratégias metodológicas, dentre os quais: a técnica de descontextualização normativa e de substituição, intersecção de diversas ferramentas analíticas e análise das variáveis de composição.

6 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O presente estudo seguiu uma orientação plurimetodológica, através coleta de dados por três pesquisadores, neste caso, um delineamento quase-experimental e, a técnica de substituição, através da pergunta redutora da pressão normativa. Na primeira técnica, descontextualização normativa, os estudantes da UFPE foram submetidos as três condições experimentais, que são: aplicador afro-negro (N=35), aplicador brasileiro branco (N=48) e aplicadora brasileira negra (N=38). Os interlocutores da UNILAB foram submetidos apenas a condição de aplicação dos pesquisadores negros, portanto, a hipótese zona muda não foi testada. No que diz respeito a segunda técnica, tanto os universitários brasileiros da UFPE assim como da UNILAB foram submetidos a ela. As duas técnicas visam desmascarar a zona muda, através da ativação de conteúdos representacionais contranormativos e indesejáveis socialmente. E, mascaramento da zona muda por meio da inibição de conteúdos representacionais negativos, indesejáveis ou preconceituosos (ABRIC, 2003). Analisamos, ainda, a hipótese de contato proposto por Allport (1954) por meio da análise da variável grau de convivência sob quatro condições autoavaliadas: muita, regular, pouca, nenhuma.

6.1 Participantes

Os dados foram coletados no período compreendido entre outubro de 2018 e julho de 2019. Todos/as os/as participantes são estudantes universitários/as matriculados/as na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nas cidades de Redenção-Acarape e Recife respectivamente.

Adotamos como **critérios de inclusão** estudantes universitários brasileiros e africanos das universidades UNILAB e UFPE; possuir no mínimo 18 anos de idade; sexo masculino e feminino; com uma identidade racial autodeclarada (negra, indígena, parda, amarela e branca). Como **critérios de exclusão**: os estudantes não africanos e não brasileiros das universidades a que referimos acima; possuir menos de 18 anos; identidade racial não revelada ou que não esteja declarada de acordo com os critérios do IBGE. Ressaltamos que esta autodeclaração seguiu o sistema de classificação racial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que concebe cinco raças brasileiras, de acordo com a cor de pele, a saber: preta, parda, indígena, amarela e branca (IBGE, 2013).⁵

⁵<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>

A pesquisa foi organizada em duas amostras totalizando 336 participantes que responderam a um questionário sobre representações identitárias recíprocas sendo 238 (UFPE-N=121, UNILAB-N=117) estudantes brasileiros e 98 estudantes africanos (UNILAB). Neste estudo os africanos responderam como sujeitos pertencentes à identidade supranacional (cidadão africano) e, os brasileiros como cidadãos do Brasil, identidade nacional. A idade média dos interlocutores africanos é de 24,9. A Tabela 01 apresenta a composição da amostra africana por variável:

TABELA 1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA AFRICANA

Variáveis	Modalidades	Unilab	TOTAL
Gênero	Masculino	77	77
	Feminino	21	21
Curso	Humanas	57	57
	Saúde	12	12
	Exatas	29	29
Grau de Convivência com os brasileiros	Não convive	03	03
	Muito	14	14
	Regular	50	50
	Pouco	30	30
	Outro	01	01
Nacionalidade	Guiné-Bissau	64	
	Angola	24	
	Cabo-Verde	05	
	Moçambique	04	
	São Tomé	01	

Fonte: DANFÁ (2021)

A Tabela 2 apresenta a amostra brasileira cuja média de idade é 22,6 anos:

TABELA 2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA BRASILEIRA

Variáveis	Modalidades	Unilab	UFPE	TOTAL
GÊNERO	Masculino	54	44	98
	Feminino	60	80	140
CURSO	Humanas	48	68	116
	Saúde	27	38	65
	Exatas	39	18	57
RAÇA	Negra	28	31	59
	Branca	19	38	57
	Amarela	22	16	38
	Parda	39	38	77
	Indígena	01	06	07
Orientação Política	Não tem	48	20	68
	Esquerda	42	66	108
	C. esquerda	07	23	30
	Não convive	00	41	41

Grau de convivência com estudantes africanos	Muito	46	09	55
	Regular	53	30	83
	Pouco	14	42	56
	Outro	01	02	03

Fonte: DANFÁ (2021)

6.2 Construção instrumento

A construção do instrumento sobre identidade social foi inspirada no inventário de identidade social de Zavalloni (1984), por exemplo, “*nós africanos/brasileiros somos*”, e no estudo de Valentim (2011), por exemplo, “descreva 5 adjetivos e ou frases curtas sobre ser africano” ou “*descreva 5 adjetivos ou frases curtas sobre ser brasileiro*”. Ressalta-se que os questionários foram testados primeiramente e, adaptados para que ficassem mais explícitos, o que nos levou a substituir “adjetivos” por “palavras”. O questionário aplicado foi composto por quatro partes sobre questão de associação livre de palavras que versaram sobre a identidade social, seguidas de questões abertas da justificativa da expressão mais importante hierarquizada, questões abertas de substituição e dados sociodemográficos ou variáveis de caracterização dos entrevistados.

Na primeira parte do questionário, bloco A, os discentes brasileiros responderam as evocações livres dirigindo-se primeiramente para a identidade brasileira (ser brasileiro), a nível endogrupal, intrapessoal e do pertencimento territorial, por exemplo, “*os brasileiros são*”, “*eu brasileiro sou*”, “*o que os brasileiros pensam do Brasil*”. Em seguida a identidade africana (ser africano), no âmbito intergruppal ou intercategorial, neste caso, “*os africanos são*” e africano pertencente à categoria supranacional (identidade territorial), “*o que os brasileiros pensam da África*”. As questões abertas de substituição versaram sobre o que o exogrupo (os africanos) pensam do endogrupo (os brasileiros), isto é, “*o que os africanos pensam dos brasileiros*” e, o que o endogrupo pensa sobre o exogrupo, neste caso, “*o que os brasileiros pensam dos africanos*”. E, por último, os dados sociodemográficos ou variáveis de composição. No bloco B, os estudantes brasileiros iniciaram as evocações falando do exogrupo, ser africano, do ponto de vista da identidade social e pertença territorial, isto é, “*os africanos são*” e “*o que os brasileiros pensam da África*”. Seguiu-se a isso os questionários sobre a hipótese de substituição, em que os brasileiros (endogrupo) responderam as questões abertas em nome da população geral sobre o que o exogrupo, isto é, “*os africanos pensam dos brasileiros*” e, o que o endogrupo, “*os brasileiros pensam dos africanos*” na terceira pessoa. Em seguida, foram demandadas as evocações sobre o endogrupo no nível

intrapessoal, endogrupal e do pertencimento territorial, isto é, “*os brasileiros são*”, “*eu brasileiro sou*”, “*o que os brasileiros pensam do Brasil*”. E, por último os dados sociodemográficos dos entrevistados.

No bloco C, os africanos (endogrupo) começaram as evocações falando do endogrupo a nível endogrupal, intrapessoal e pertencimento territorial, por exemplo, “*os africanos são*”, “*eu africano sou*”, “*o que os africanos pensam da África*”. Em seguida as questões abertas de substituição que discorreram o que exogrupo, neste caso, os brasileiros, “*o que os brasileiros pensam dos africanos*” e em seguida o que os africanos (endogrupo) em nome da população geral ou terceira pessoa pensam sobre o exogrupo (brasileiros), isto é, “*o que os africanos pensam dos brasileiros*”. E, por último, os dados sociodemográficos referentes às variáveis de composição. No bloco D, os africanos (endogrupo) começaram as evocações dirigindo-se ao exogrupo (brasileiros) do ponto de vista da identidade social e da pertença territorial, neste caso, “*os brasileiros são*” e “*o que os brasileiros pensam do Brasil*”. Seguiu-se a isso as questões abertas de substituição, em que o endogrupo (os africanos) responderam em nome da população geral, terceira pessoa, sobre o que o exogrupo (os brasileiros) pensam deles, isto é, “*o que os brasileiros pensam dos africanos*”, seguida da pergunta “*o que os africanos pensam dos brasileiros*”. Em seguida as questões de associação livre sobre ser africano nos níveis endogrupal, intrapessoal e da pertença territorial, por exemplo, “*os africanos são*”, “*eu africano sou*”, “*o que os africanos pensam da África*”. E, por último, os dados sociodemográficos das variáveis de composição. A Figura 2 sintetiza os principais tópicos do questionário aplicado:

FIGURA 2 INSTRUMENTO APLICADO

Intrumento Brasileiro	Instrumento Africano
Associação livre de palavras Os brasileiros são Nós brasileiros somos Eu brasileiro sou Quando pensa no Brasil Os africanos são Quando pensa na África	Associação livre de palavras Os africanos são Nós africanos somos Eu africano sou Quando na África Os brasileiros são Quando pensa no Brasil
Questionários de substituição O que os africanos pensam dos brasileiros O que os brasileiros pensam dos africanos	Questionário de substituição O que os brasileiros pensam dos africanos O que os africanos pensam dos brasileiros
Dados sóciodemográficos	Dados sóciodemográficos

Faixa etária, sexo, curso, Estado, raça, religião, orientação política, renda mensal, grau de convivência com os africanos	Faixa etária, sexo, curso, Estado, raça, religião, orientação política, renda mensal, grau de convivência com os brasileiros
--	--

Fonte: Danfá (2021)

De acordo com Abric (2003) a técnica de associação livre de palavras tem dois estágios. No primeiro, tomando um determinado termo indutor como ponto de partida (*descreva 5 adjetivos ou frases curtas sobre ser africano, por exemplo*), os sujeitos foram solicitados a descrever cinco palavras, frases curtas ou expressões que lhe vêm à mente sobre “os africanos” e “brasileiros são”. Em seguida, os mesmos sujeitos foram solicitados a hierarquizar em ordem de importância as palavras, enunciados ou frases evocadas. Esta última etapa vem seguida da justificativa do porquê uma determinada expressão é considerada a mais importante.

A solicitação das evocações espontâneas sempre antecedendo as questões abertas e/ou justificativas, se explica pelo fato do conteúdo dos questionários não se resumir unicamente na busca de informações dos entrevistados. Isto porque as perguntas abertas dirigidas aos sujeitos vêm carregadas também de informações que podem interferir na resposta dos sujeitos a serem pesquisados. Existe uma maior chance de as pessoas terem suas opiniões sobre um dado objeto favorecidas nas entrevistas quando perguntas abertas são apresentadas em primeiro lugar, que, por conseguinte, interfere nas respostas de associação livre de palavras (KRONBERGER; WAGNER, 2012). Salientamos que utilizamos as justificativas das palavras evocadas para adentrar e explorar as ambiguidades ou ainda aprofundar questões que não foram abarcadas na livre evocação (LEBAR; SALEM, 1994).

6.3 Procedimento da coleta

A coleta da amostra brasileira seguiu delineamento quase-experimental, através da técnica da descontextualização normativa e aplicação por três diferentes pesquisadores, com identidades étnico-raciais distintas. Assim, um pesquisador africano (PA), um pesquisador brasileiro branco (PBB) e uma pesquisadora brasileira negra (PBN) aplicaram os questionários para a amostra brasileira segundo a Tabela 3:

TABELA 3 AMOSTRA BRASILEIRA (N=238) SEGUNDO BLOCO DO INSTRUMENTO E CONDIÇÃO QUASE-EXPERIMENTAL

Local	Bloco	Participantes	TOTAL	Condições de aplicação
-------	-------	---------------	-------	------------------------

			PA	PBB	PBN	
UFPE	A	BR (N=60)	121	17	24	19
	B	BR (N=61)		18	24	19
	TOTAL por condição			35	48	38
UNILAB	A	BR(N=60)	117	51		9
	B	BR (N=57)		47		10
	TOTAL por condição			98		19

Fonte: Danfá (2021)

A Tabela 4 apresenta a distribuição da amostra Africana na UNILAB segundo o bloco do instrumento (balanceamento de apresentação da ordem do indutor). Não houve a aplicação de três pesquisadores para essa amostra:

TABELA 4 AMOSTRA AFRICANA SEGUINDO BLOCO DO INSTRUMENTO

Local	Bloco	Participantes	TOTAL
Unilab	C	AF (N=47)	98
	D	AF (N=51)	

Fonte: Danfá (2021)

Durante a coleta dos dados foi possível verificar no campus universitário da Unilab maior “contato” cotidiano entre estudantes africanos e brasileiros, mas de forma balcanizada (Ver ANTONIO et.al, 2004; DANFÁ; ALÉSSIO, 2020; SANCA; 2016). Por exemplo, no restaurante universitário é quase raro encontrar africanos e brasileiros brancos na mesma mesa, alguns raros casos de brasileiros negros. O mesmo pode ser verificado no ônibus (circular) que transita entre o campus Aurora e Campus Liberdade. É perceptível a antipatia e o olhar desdenhoso dos brasileiros com relação aos africanos, e, dentre estes, um olhar enfurecido e de insatisfação. O que nos levou a hipotetizar que o contato pode influenciar no conteúdo da evocação, reciprocamente evocada entre os dois grupos.

Neste sentido, presume-se que quanto maior for a convivência dos brasileiros com os africanos e vice-versa, maiores são as chances da percepção menos negativa. O pouco contato pode ser resultado das imagens depreciativas, de cunho racista e preconceituosa, socialmente vinculadas aos africanos.

Alguns dados foram coletados na sala de aula, em um contexto de flagrante aproximação física. Foi possível ver as inquietações, exclamações, desconfortos, ansiedades, expressas através das emoções de risos, espanto, estupor. Em alguns casos, verificou-se a troca de olhares de suspeita e desconfiança entre os estudantes africanos e brasileiros enquanto respondiam os questionários. Nos resultados, como estão apresentados nos capítulos 08 e 09, os brasileiros não se queixaram sobre nenhum assunto, enquanto isso, os africanos relataram a acusação de estupro generalizada. Os africanos relataram espontaneamente que os brasileiros generalizaram todos os africanos como potenciais estupradores, a partir de um caso específico. Um caso que para muitos africanos não houve o estupro. Os brasileiros não comentaram em nenhum momento este episódio. Essa questão gerou tensão entre os estudantes, muitos relataram que foi o estopim para a eclosão de polarização entre os dois grupos. Importante ressaltar que as tensões entre os dois grupos incluem mulheres e homens.

Houve relatos, em forma de queixa diante do pesquisador africano, da discriminação por parte dos moradores e inquilinos brasileiros, alguns estudantes inclusive exortaram o pesquisador a fazer uma pesquisa com os moradores da cidade de Redenção-Acarape acerca das imagens sobre africanos. Para estes estudantes, os anfitriões brasileiros da cidade são extremamente preconceituosos com relação a eles. Percebe-se, portanto, que a aplicação dos questionários não foi de forma mecânica, posto que o pesquisador dialogou bastante com os interlocutores africanos e brasileiros sobre a vida na UNILAB. Neste sentido, a ida ao campo de pesquisa para coletar os dados fez surgir algumas perguntas e problemáticas da pesquisa, o que levamos em conta na análise dos dados.

6.4 Procedimentos de Análise

Para a análise das associações livres utilizamos a análise prototípica e a análise fatorial de correspondências (AFC). A análise prototípica é uma convenção largamente difundida no campo de estudo das estruturas representacionais, consistindo em duas fases: na primeira, calcula-se a frequência das evocações de palavras ou expressões e em seguida abarca-se as evocações com as respectivas frequências, composições ou co-

ocorrências (WACHELKE; WOLTER, 2011). Através da análise prototípica temos acesso à provável estrutura das representações sociais, e, por conseguinte a hipótese do núcleo central e sistema periférico. A análise prototípica nos permite também ter acesso, de um lado, aos elementos representacionais consensualmente compartilhados, principalmente aqueles que não são contranormativos, e do outro lado, os elementos não partilhados consensualmente, circunscrevendo a dimensão coletiva da representação que é contranormativa (WACHELKE; WOLTER, 2011). Ainda para os autores, não se trata de uma análise dos padrões estatísticos, e sim, um procedimento convencional de apresentação e organização dos dados de forma concisa.

Baseado na fórmula a seguir, realizamos o cálculo da queda de frequência, iniciando com a frequência geral.

$$\text{Queda de frequência (QF)} = \frac{\sum f_t - \sum f_p}{\sum f_t} \times 100$$

$\sum f_t$ diz respeito a soma total das evocações livres e $\sum f_p$ consiste na soma das frequências parciais, neste caso, as três evocações hierarquizadas como as mais importantes.

Em seguida, calcula-se as frequências específicas para cada palavra ou expressão evocada. Neste caso, $\sum f_t$ corresponde à soma total da frequência de cada evocação e $\sum f_p$ corresponde à soma da frequência parcial por evocação, isto é, as expressões hierarquizadas com ordem de importância= 1, 2 e 3. Assim, nos casos em que a frequência específica da palavra igual ou superior ao índice geral, a mesma é retirada na zona do núcleo central. (ANDRADE, 2014; MORAIS, 2018).

A Análise Fatorial de Correspondências é comum nos estudos psicossociais, proporcionando a fusão entre as características individuais, a resposta aos questionários ou crenças. Trata-se de uma análise estatística de dados categoriais e independentes como: nacionalidade, africana ou brasileira, sexo masculino ou feminino. Tais dados categoriais podem ser ordenados em termos da intensidade, por exemplo, muita ou pouca convivência entre os africanos e brasileiros (WACHELKE, et.al., 2019). Na AFC cada fator, dimensão ou eixo representa contrastes específicos entre os indivíduos ou entre as variáveis, o que gera variações que são denominadas de inércias, leia-se variâncias nas outras modalidades de análise estatística.

Se tomarmos como referência o eixo X (horizontal) e Y (vertical) as variáveis que obtiveram maior contribuição para um dado fator ficam situadas nos extremos deste polo

(positivo ou negativo). Trata-se de variáveis que apresentam desvios importantes em relação à amostra e mantêm relação entre si. Neste sentido, quanto mais se afastam de origem, direita ou esquerda, zona inferior ou superior, escores positivos ou negativos, maior importância exerce para o fator, e, por conseguinte, representam a maior variação. As variáveis que se situam em lados opostos se repelem, isto porque, ao selecionar a modalidade de um determinado polo existe a propensão de selecionar a do lado oposto na proporção inferior (WACHELKE, et.al., 2019).

Para os autores deve-se evitar confusões interpretativas que colocam a proximidade das variáveis em um determinado fator ou polo como indicativo de que ocorrerão predominantemente juntas. Assim, entende-se por atração das variáveis do eixo próximo, a maior probabilidade que as pessoas têm de selecionar uma modalidade associada com maior proporção na amostra geral. Por sua vez, a seleção das variáveis no eixo oposto implica dizer que as pessoas que selecionarem uma dada modalidade têm a menor probabilidade de seleção da outra modalidade associada do que a proporção da amostra geral (WACHELKE, et.al., 2019).

No campo de estudo das representações sociais a AFC auxilia na identificação de variações de composição e organização dos campos léxicos a partir da análise das associações entre palavras e variáveis (DESCHAMPS, 2003). Para este estudo as variáveis analisadas são: sexo, raça (autodeclarada), orientação política, grau de convivência entre os africanos e brasileiros e situação experimental (pesquisador brasileiro e pesquisador africano) e o contexto da coleta (UNILAB e UFPE).

Para o tratamento estatístico de dados dos questionários da associação livre foi utilizada a ferramenta estatística R. TeMiS, um software livre da estatística lexical que se apoia no código estatístico R. Através dessa ferramenta, pudemos realizar análises para explorar a composição do campo léxico em função de variáveis previamente escolhidas. As análises realizadas evidenciaram diferentes formas de produção de vocabulário associadas a pertencas sociais, contribuindo para o estudo das divergências em relação às representações identitárias recíprocas.

A ferramenta estatística R foi pensada inicialmente para estudo midiático da personagem Julian Assange, na França, no período compreendido entre janeiro de 2010 e dezembro de 2011. No entanto, tem sido bastante útil nas ciências humanas para pesquisas não midiáticas também. Assim, para além da análise textual, o programa permite também cruzamento de tabelas e dados, através da análise correspondência e, na organização e gestão de dados de grandes volumes, como nos estudos sociológicos dos

conteúdos midiáticos (BASTIN; BOUCHET-VALAT, 2014). Através do Rtemis realizamos a análise de especificidade, que expressa a sobre-representação ou sub-representação das expressões em uma amostra tendo como parâmetro o valor de T-value, se positivo indica a sobre-representação e se negativo a sub-representação. Adotamos como significativo as expressões cujas probabilidades se aproximam de 0,000, neste caso, 0,05 (MINGUILLÓN-CAMPOS; PINO-DÍAZ, 2016; PINO-DIAZ, 2016).

Para a análise das respostas abertas da associação livre de palavras utilizamos a análise estatística de dados textuais, um procedimento estatístico que usa como critério a co-ocorrências entre as palavras e/ou contextos linguísticos e o cálculo de frequências das palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013; NASCIMENTO; MENANDRO, 2006; REINERT, 1990). As ferramentas estatísticas utilizadas por este método podem ser análise computadorizada ou automática, que consiste na identificação de frases ou enunciados que se apresentam juntas e ao mesmo tempo expressas por um número significativo de respondentes (KRONBERGER; WAGNER, 2012). Neste estudo, preparamos os corpora da maneira temática, de modo a aferir o que cada tema, por exemplo, “*os brasileiros são*” tem de específico bem como a relação que um determinado tema mantém com os outros (CAMARGO; JUSTO, 2018).

Apesar de Camargo e Justo (2018) acreditarem que a análise monotemática permite um aprofundamento maior dos dados, no nosso estudo os resultados ficaram ininteligíveis quando analisamos “monotematicamente” e, mais compreensíveis quando analisadas tematicamente. Isto porque, ao juntarmos todos os temas em único corpus não conseguimos acessar as particularidades de cada tema, o que dificultou a contextualização das evocações livres sistematizadas na análise prototípica. Por este motivo recorreremos à análise temática.

A análise estatística textual nos permitiu elucidar algumas expressões, através do processo de auto e heterorrepresentação do mundo léxico “os africanos são”. Permitiu-nos encontrar o agrupamento de mundos léxicos significantivamente associados entre si em função de co-associação de formas léxicais das enunciações. O procedimento nos proporciona a classificação consistente no modo como os segmentos dos textos estão distribuídos. O teste qui-quadro é o critério de cálculo da associação entre as diversas formas linguísticas que compõem o corpus textual, resultando na representação gráfica dos mundos léxicos por meio de dendrograma (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006; SOUSA et.al, 2020).

A estatística textual automática do nosso estudo se apoiou na *segmentação*, *identificação* e *lematização*. A primeira consiste na decomposição dos materiais textuais em unidades mínimas, através de segmentos típicos de textos, que pode ser fornecida pelo Iramuteq, por exemplo. A segunda se refere à *identificação de unidades textuais*, que se traduz na organização dos dados textuais em unidades diferentes de um lado, e, em unidades semelhantes do outro. E, por último, a *lematização*, que é a forma mais avançada e aperfeiçoada da identificação, consistindo em agrupar as distintas formas linguísticas de uma mesma unidade (LEBAR; SALEM, 1994). Esse último procedimento é o primeiro passo do método Reinert que a seguir vamos explorar. A nossa análise focou no método Reinert, nomeadamente Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que tem como extensão a análise fatorial de correspondência. Os resultados desse método são fornecidos pelo Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Este procedimento possui quatro etapas, a saber:

A *lematização*, que consiste na padronização das formas linguísticas, em que os verbos, por exemplo, são convertidos em infinitivo. Esta etapa torna-se possível devido à existência de um dicionário conectado ao software; a *Classificação Hierárquica Descendente (CHD)*, em que as unidades de contexto elementar, que são estabelecidas tendo como critério o tamanho de texto com respectivas pontuações, são reunidas em classes. Feita a classificação, o Iramuteq calcula os qui-quadrados de modo a constatar a ligação entre as diferentes formas linguísticas achadas com as respectivas classes; em seguida *Análise Fatorial de Correspondência (AFC)*, resultante da CHD, é a representação espacial e/ou gráfica de acordo as relações de proximidades estabelecidas entre as classes (KRONBERGER; WAGNER, 2012). A AFC permite, ainda, a constatação e interpretação de aglomerado dos polos semânticos opostos. Assim, quanto mais afastados os elementos no plano fatorial menos eles expressam os mesmos sentidos e quanto mais próximo mais eles expressam os sentidos idênticos; c) por fim, a constatação de segmentos típicos do texto, permitindo a extração de trechos capazes de serem utilizadas para a apresentação dos resultados e discussão (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006; REINERT, 1990; SOUSA, 2017).

6.5 Aspectos éticos

A pesquisa que realizamos se compromete com a resolução 510/2016 do Conselho Nacional da Saúde (CNS)⁶, cumprindo todos os preceitos éticos, zelando para a preservação das informações sigilosas, intimidade dos entrevistados e consentimento livre e esclarecido. Ressaltamos que os procedimentos metodológicos que adotamos, combinando vários pesquisadores, atende os requisitos de especificidades e múltiplas possibilidades metodológicas, comum nas ciências humanas e que a resolução do Conselho Nacional da Saúde acima citada reconhece (CNS, 2016). Os dados foram coletados após o parecer substanciado favorável do Comitê da Ética de Pesquisa, cujo número de parecer é: 3.014.653 e do CAAE: 98435618.5.1001.5208.

⁶ <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>

7 VARIAÇÃO DA EXPRESSÃO DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS EM FUNÇÃO DO (DES) MASCARAMENTO DA ZONA MUDA E DO GRAU DE CONVIVÊNCIA ENTRE AFRICANOS E BRASILEIROS

Neste capítulo testamos a aparição da zona muda por meio da aplicação dos questionários por três pesquisadores (afro-negro, branco e afro-brasileira) e da pergunta baseada na técnica de substituição. Em geral, na técnica de descontextualização normativa utiliza-se duas condições, mas, no nosso caso, utilizamos três condições, levando em conta a composição étnicorracial da sociedade brasileira e a condição da aplicação do pesquisador africano (Ver DANFÁ; ALÉSSIO; SANTOS; MORAIS, 2017). Na técnica de substituição, os dois grupos responderam os questionários em nome do grupo de pertença, concebido como população geral, sobre a representação do exogrupo. E, por último, os nossos achados neste capítulo nos permitem explorar a hipótese do contato, através da análise do grau de convivência entre os estudantes africanos e brasileiros. Os resultados foram apresentados e discutidos em dois eixos articulados: (1) análise da redução da pressão normativa e expressão de conteúdos representacionais e (2) exploração da hipótese de contato por via do grau de convivência entre africanos e brasileiros. Entretanto, segundo Monteiro (2013) apoiado no estudo de Allport (1954), para que o contato suavize o preconceito é preciso que haja paridade social, neste caso, o estatuto socioeconômico que favorece a apreciação favorável do outro, através da percepção de semelhança de status entre os indivíduos.

7.1 Variação dos conteúdos representacionais em função do mascaramento e do desmascaramento da zona muda sobre africano e África – amostra brasileira

Observamos na amostra brasileira o mascaramento e o desmascaramento da zona muda (Abric, 2003) e/ou expressões de cunho preconceituoso, de acordo com contexto de aplicação. Em face aos pesquisadores negros, observou-se a inibição de atributos negativos e de cunho preconceituoso e, diante do pesquisador branco, a desinibição de expressões de caráter preconceituoso. Foi possível observar também as mudanças de expressão de conteúdos representacionais em função de grau de convivência entre africanos e brasileiros. Assim, quanto maior for o escore da convivência entre os informantes brasileiros ou africanos maior será a saliência dos atributos positivos, e, por conseguinte, a expressão de atributos negativos diminui.

7.1.1 Preconceito e desejabilidade social na representação social do africano

Os resultados da amostra brasileira nos permitem acessar o desmascaramento da zona muda em face ao pesquisador branco, na medida em que prevalecem os atributos preconceituosos e negativos em relação aos africanos e diante dos pesquisadores negros, o mascaramento da zona muda, tendo em vista o prevalecimento dos atributos positivos, e, por conseguinte, a diminuição de atributos negativos. Trata-se de processos normativos presentes no fenômeno da desejabilidade social, neste caso, influência normativa, através da evitação de condutas que vão contra as normas dos grupos de pertença. A desejabilidade social gera, ainda, a omissão de atributos positivos aos grupos discriminados na “impossibilidade” da expressão de atributos negativos, que são contranormativos (ver COSTA-LOPES; PEREIRA, 2012; GARCIA-MARQUES; FERREIRA; GARRIDO, 2013; VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Os resultados foram analisados com base na análise de especificidade. Os termos específicos da modalidade das variáveis são selecionados de acordo com o seguinte parâmetro: projeta-se os termos com probabilidade abaixo de 10%, retem-se a ocorrência de termos acima de 2 e, 25 como o máximo de termos mostrados por nível (PINO-DIAZ, 2016). Os resultados são descritos da seguinte maneira:

Level refere-se ao número de ocorrência do termo de uma determinada modalidade na variável selecionada.

Global diz respeito ao número total de ocorrência de termos em todo o corpus.

T-value é o parâmetro do valor de teste, o valor positivo significa que o termo é sobre-representado e se negativo o termo é sub-representado.

P é a probabilidade de obter o termo em um conjunto do corpus. Atentemos para Tabela 5 a seguir:

TABELA 5 ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS SOBRE O AFRICANO SEGUNDO DELINEAMENTO QUASE-EXPERIMENTAL - AMOSTRA BRASILEIRA (N=238)

Tipo aplicador	de	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Negro africano N= 35		<i>Sobrerrepresentadas</i>				
		Esforçados	11	11	3.0	0.0014
		Educados	6	6	1.9	0.0279
		Unidos	6	6	1.9	0.0279
		Amigáveis	16	21	1.8	0.0389
		Engraçados	5	5	1.6	0.050
		<i>Subrepresentadas</i>				
		Carentes	0	4	-1.7	0.0403
		Esquecidos	1	7	-1.7	0.0403

	Marginalizados	1	7	-1.8	0.0348
	Excluídos	0	5	-1.8	0.0348
	Negros	17	47	-2.1	0.0180
	Lindos	3	15	-2.5	0.0061
	Escravizados	0	7	-2.5	0.0059
	Explorados	0	8	-2.7	0.0036
	Pobres	8	34	-2.9	0.0016
Brasileiro branco N= 48	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Escravizados	6	7	1.9	0.0302
	Pobres	16	34	3.3	0.0005
	Negros	19	47	3.0	0.015
	Marginalizados	5	7	3.5	0.0055
	Injustiçados	6	11	2.2	0.0139
	Carentes	3	4	1.9	0.0302
	Escravos	3	4	1.9	0.0378
	Magros	2	4	1.7	0.0432
	Roubados	2	2	1.7	0.0432
	<i>Subrepresentadas</i>				
	Amigáveis	1	21	-1.7	0.0475
	Alegres	3	41	-2.1	0.0172
	Inteligentes	0	32	-3.3	0.0005
Brasileira negra N=38	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Excluídos	5	5	3.2	0.0008
	Lutadores	4	5	2.2	0.0134
	Ancestralidade	3	3	2.2	0.0138
	Calorosos	3	3	2.2	0.0138
	Espirituosos	3	3	2.2	0.0138
	Explorados	5	8	2.2	0.0229
	Humanos	3	4	1.7	0.0454
	Alegres	15	41	1.7	0.0472
	Charmosos	2	2	1.6	0.050
	Inteligentes	12	32	1.5	0.006
	<i>Subrepresentadas</i>				
	Esforçados	0	11	-1.7	0.0479

Fonte: DANFÁ (2021)

Quanto aos termos específicos sobrerrepresentados em face ao pesquisador africano foram: *esforçados*, *educados*, *unidos*, *amigáveis*, *engraçados*. Percebe-se, portanto, a sobrerrepresentação de expressões predominantemente positivas, qualidades humanas valorizadas e desejáveis. O termo *educados*, *unidos* e *engraçados* tiveram ocorrência de 100% entre frequência total destes termos em todo o corpus diante do pesquisador africano. E por sua vez, a expressão *amigáveis* teve a ocorrência de 76% em um total do termo no corpus, o que corresponde a 16 evocações em um total de 21.

A expressão *esforçados* aparece 11 vezes, 100% da frequência total do termo em todo o corpus em face ao pesquisador africano. A palavra *esforçados* pode remeter a um traço controverso e discutível, pois pode-se referir, de um lado, por exemplo, à frase como

“apesar de pouca capacidade ou as dificuldades, o esforço lhes permite atingir os seus objetivos”. Pode remeter, por outro lado, a aspectos positivos como estudioso e aplicado. Elucidamos os possíveis sentidos da palavra *esforçados* através da análise de co-ocorrência de termos, na qual a expressão *esforçados* aparece co-associada com as palavras *família* (p.< 0.0028), *estudiosos* (p.< 0.0371) e *irmãos* (p.< 0.0501). O que nos permitiu concluir que a expressão *esforçados* foi colocada em um contexto positivo. A expressão *engraçado* pode-se referir aos traços de sociabilidade de natureza “pueril”, o que é diferente de traços de instrumentalidade positiva ou os atributos ligados à simpatia.

Nota-se diante do pesquisador africano, a subrepresentação de atributos como *carentes*, *excluídos*, *escravizados*, *explorados* tiveram a ocorrência de 0% em todo o corpus. Estes termos tiveram a ocorrência de 3 a 7 em todo o corpus. A expressão *resistentes*, *negros* e *pobres*, tiveram a frequência mais elevada no corpus e baixa em face ao pesquisador afro-negro. Por exemplo, a expressão *pobres* teve ocorrência total de 34, mas apenas 8 vezes, 24%, foi evocada em face ao pesquisador afro-negro. Ressalta-se que a expressão *Lindos*, que remete o realce estético foi evocada 3 vezes, correspondente a 20%, em um total de 15 evocações do termo na amostra. ParaVala, Brito e Lopes (2015) a preconceito com relação as minorias étnicas e culturais não consiste apenas na atribuição de traços estereotípicos negativos, mas também pela ausência de atributos positivos. O que explica a subrepresentação da expressão *lindos* A palavra *negro* aparece 17 vezes, 36%, em um total de 47 evocações em todo o corpus, e a expressão *resistentes*, frequência 9, 39%, em um total de 23. As duas expressões comumente são vinculadas ao africano, uma vez que a negritude e resistência do domínio físico são características fortemente vinculados aos africanos (HALL, 2016).

No caso da aplicação do pesquisador branco, as expressões específicas sobrerrepresentadas foram os seguintes traços: *escravizados*, *pobres*, *negros*, *marginalizados*, *injustiçados*, *carentes*, *magros*, *roubados*. As expressões acima tiveram a frequência maior sobre o total em todo o corpus. Por exemplo, a palavra *pobres* obteve 47.1%, um totalizando 16 evocações em um total de 34 no corpus, a expressão *negro* teve frequência de 19 evocações, 40.4% de 47 menções e, *escravizados* 85.7%, isto é, frequência de 6 em 7 aparições.

No que se refere a subrepresentação destacamos as expressões *inteligentes*, *alegres*, *amigáveis*. A expressão *inteligência* obteve 0% de ocorrência em um total de 32 evocações, a palavra *amigáveis* 4,8%, apenas uma evocação de 21 no corpus geral, *alegres* 7.3%, 3 de 41 palavras evocadas. Esta última expressão vai ser analisado através

da análise estatística textual (Capítulo 9), de modo a contextualizá-lo, isto porque ela pode remeter aos traços de caráter pueril, vinculado a irresponsabilidade do negro (HALL, 2016; HOOKS, 2019). A ausência da expressão inteligentes em face ao pesquisador branco coaduna com o argumento de Vala, Brito e Lopes (2015), segundo o qual a imagem sobre grupos subalternizados nem sempre consiste na evocação de atributos negativos, mas também, pela ausência dos traços positivos. A desvinculação da negritude à inteligência e a vinculação com o corpo tem sido discutido por diversos autores, entre os quais Fanon (2008), Mbembe (2018), Gonzalez (2020), Andrade (2017), Hall (2016).

Os atributos acima citados, em sua maioria, foram mais negativos quando comparados com aqueles expressos em face ao pesquisador africano. Tais atributos vinculam aos africanos as expressões *penúria*, *privação*, *necessitados*, *malnutridos*, características amplamente associadas ao africano, compondo universo do imaginário negativo construído sobre a África mítica (Ver DANFÁ, et.al, 2017; HUGON, 2009; MOORE, 2010; OLIVA, 2005; RODRIGUES, 2013). O historiador Alain Pascal Kaly (2016), considera que a focalização na historiografia do século XV fez com que prevaleça a vinculação do africano à escravização, e, por conseguinte, a universalização do homem branco como modelo de sujeito ideal.

Admite-se em face ao pesquisador brasileiro, a injustiça histórica da população negra, mas não necessariamente se refere à ética de reparação (Ver MBEMBE, 2018). Dito de outra forma, embora admitam a subjugação, os discentes brasileiros não frisaram a necessidade de indenização dos danos causados aos negros. Neste sentido, a população negra não é vista como merecedora de ressarcimento. Por exemplo, a aversão às políticas de cotas com relação à população negra é uma forma racista de negar a violência e atrocidade historicamente acometida contra os negros. No estudo de Camino et.al. (2014), 84% dos estudantes investigados na Universidade Federal da Paraíba se mostram contrários à política de cotas raciais, mesmo entre os 16% dos estudantes favoráveis às políticas afirmativas. Neste sentido, a aversão às cotas vem embutida do racismo, uma vez que aqueles que se mostram contra só são porque os beneficiados são negros. Por sua vez estudo de Lemes e Torres (2013) aponta o reconhecimento dos valores democráticos das cotas para os deficientes físicos, enquanto aos negros e mulheres estes valores foram amenizados, incluindo o não reconhecimento das desigualdades estruturais e institucionais que colocam a população negra e feminina na condição de subalternidade.

Segundo Camino et.al. (2014), as vozes contrárias às cotas se apoiam no falso mito da democracia, segundo o qual as três principais raças (negros, índios e brancos)

convivem harmoniosamente, e, por isso, não se pode dizer que o Brasil é um país racista. O que Danfá (2020) denomina de narcisismo de pequenas diferenças às avessas. Isto porque no narcisismo de pequenas diferenças reserva-se uma dose de amor aos semelhantes, brancos, por exemplo e, aos outros não brancos restam-lhes a agressividade e violência (FREUD, 2006). No caso do narcisismo de pequenas diferenças às avessas (DANFÁ, 2020), ele acontece pela via da “falsa” simpatia e fraternidade entre as diferentes raças, isto é, entre os semelhantes e dessemelhantes, tendo por base a crença no mito da democracia racial, que consiste na convivência amorosa e sadia entre os brancos e negros na sociedade brasileira (Ver FREYRE, 2003). A crença na democracia racial cumpre a função de reservar aos negros o lugar no baixo escalão da sociedade.

O atributo *negros* por sua vez remete à diferenciação categorial, tendo como base as categorias intrínsecas, “imutáveis” e perceptíveis (STAERKLÉ, 2016). Um atributo que no olhar de Mbembe (2018) é inseparável da construção da africanidade. Para Cabecinhas (1998; 2007) é comum a associação do africano à cor da pele e cultura, um processo de deslocamento da essencialização biológica da raça para essencialização cultural. Na visão de Hall (2019), embora raça seja uma categoria discursiva, ela se apoia nos elementos biológicos, visando diferenciar socialmente um grupo sobre outro, na medida em que coloca os brancos na condição privilegiada e os negros na condição desprivilegiada.

Por sua vez, o estudo de Camino et.al. (2001) entre os universitários brasileiros de Paraíba, demonstra que 69% dos entrevistados associaram os negros às habilidades físicas como força, dança e atividades esportivas. Por sua vez, 69,5% dos investigados associaram os brancos às atividades que envolvem qualificação especial e ligadas ao exercício do poder.

Perante o pesquisador branco, percebe-se a heterorepresentação dos africanos como submissos diante dos acontecimentos, senão, incapazes de resistirem à dominação. O que se explica pela prevalência da história de escravização como a pretensa submissão, a letargia e a falta da resistência dos africanos. Aliás, para James (2010), o negro sempre foi passividade e docilidade “tola”. E se ele se revoltar é-lhe imputado atributos violentos, muitas vezes animalescos. Verificamos, portanto, não somente a ausência da evocação de traços positivos e de instrumentalidade positiva, mas também, a ausência das expressões que vinculam os africanos à resistência em face à dominação e marginalização.

E por último, as expressões sobrerrepresentadas em face à aplicada da pesquisadora negra brasileira, foram *inteligentes, excluídos, lutador, ancestral,*

calorosos, espirituosos, explorados, humanos, alegres, charmosos. Desta-se a expressão *inteligentes*, com 37.5% de evocação, 12 evocações de um total de 32 e, *alegres* 36.6%, totalizando, 15 da frequência geral de 41 no corpus e, *explorados*, 5 de 8, isto é, 62,5% da aparição na amostra. Diante desta pesquisa os traços de instrumentalidade positiva e de expressividade (CABECINHAS, 1998, 2007) foram amalgamados. Acrescenta-se a esses traços o reconhecimento das vivências de exploração com que os africanos foram submetidos historicamente. Apenas a expressão *esforçados* foi subrepresentada, com 0% de ocorrência em um total de 11 no corpus. Esta palavra foi elucidada através da análise de co-ocorrência de termos nas especificidades em face ao pesquisador africano (página 100).

Semelhante às expressões evocadas diante do pesquisador africano, atributos que exaltam o valor humano da negritude foram também expressos, neste caso, *humanos*. A expressão *humanos* pode remeter o reconhecimento da humanidade dos africanos assim como a ideia de igualdade, isto é, os afro-negros são humanamente iguais aos outros. A ideia de humanos nesta acepção tem a ver com o credo liberal em uma subjetividade universalizante, segundo qual somos todos *gentes*, pessoas e humanos iguais (HOOKS, 2019), uma crença que visa mascarar as desigualdades estruturais e históricas criadas na modernidade, através de diversas formas de marginalização e subjugação de diferentes grupos sociais.

Os atributos vinculados à expressividade como *calorosos, alegres, e, charmosos*, neste caso, se refere à estética do encanto e exibição. O que traz algumas semelhanças da negritude africana e brasileira, ambos os grupos vinculados à expressividade, isto é, dança, alegria, calor humano. Este último, é largamente atribuído aos brasileiros, o que para Jessé de Souza (2018), consiste no racismo culturalista introduzido por Gilberto Freyre, através da exaltação do corpo e das diversas expressões culturais a ele vinculado. Tal como verificamos diante do pesquisador branco, a ideia de que os africanos foram marginalizados assim como traços de vigor físico, neste caso, povo *lutador*, foi evocada também. A ligação dos africanos à brasilidade, i.e., a *ancestralidade e espiritualidade* são específicas na aplicação da pesquisadora negra, o que pode ser explicado pela influência da negritude da investigadora na vinculação da África como ancestral na construção da identidade brasileira. Diante da pesquisadora negra brasileira, aparece, portanto, a caracterização dos africanos à luz dos traços de expressividade, identidade histórica e resistência negra (*lutador*).

Diferentemente do pesquisador branco, diante da pesquisadora negra o africano é vinculado à resistência e não meros sujeitos passivos. Aliás, a expressão *lutadores* co-ocorre com as palavras *coletivos* ($p.< 0.037$), *persistentes* ($p.< 0.037$), *calorosos* ($p.< 0.055$), *companheiros* ($p.< 0.055$), *espirituosos* ($p.< 0.055$) e *solidários* ($p.< 0.0371$). Houve realce da luta dos africanos diante da pesquisadora negra brasileira, trazendo as questões de irmandade, coletivismo, companheirismo e solidariedade que as lutas negras exigem. O que aponta o protagonismo e a capacidade da mobilização coletiva dos negros para o enfrentamento das subjugações.

Verificamos o mascaramento da zona muda na medida em que diante do pesquisador africano e da pesquisadora negra os traços positivos e de instrumentalidade positiva, que vinculam a africanidade ao ser humano desejável. A expressão, *educados*, por exemplo, foram sobre-representados. Acreditamos que os nossos interlocutores se sentiram menor pressão normativa em atribuir espontaneamente aos africanos os traços negativos diante do pesquisador branco. Parece-nos que em contextos multirraciais como o Brasil, quanto mais variadas são as origens étnico-raciais dos aplicadores maiores serão as chances da variabilidade nas evocações e no mascaramento e desmascaramento da zona muda. A análise desta variável nos permitiu observar o desmascaramento da zona muda, principalmente diante do pesquisador branco, e, o mascaramento diante do pesquisador africano e da pesquisadora negra-brasileira. Assim, diante do pesquisador africano foram atribuídos predominante traços positivos aos africanos, que remetem ao sujeito idealizado, agradável e sociável. E diante da pesquisadora negra, aparecem os atributos que remetem ao protagonismo africano na identidade brasileira e na sua própria história.

Gordon Allport (1954) havia apontado a possibilidade da suavização do preconceito através do contato. Em nosso estudo, quanto maior for o contato entre os africanos e brasileiros ou vice-versa mais os atributos negativos declinam. Para Allport deve-se levar em consideração os processos de estratificação social, uma vez que este pode intensificar ou suavizar o preconceito. Neste sentido, as simetrias e assimetrias sociais devem ser levadas em consideração (ALLPORT, 1954; VALA, BRITO & LOPES, 2015). Além da questão de estratificação social, acreditamos que a Teoria de Comparação Descendente Descendente pode ser um importante preditor, consistindo na satisfação obtida pelos indivíduos quando se comparam as pessoas de status “inferior”, o que não remete necessariamente às questões econômicas ou monetárias. É o caso de estudantes africanos no Brasil, que vivem em um contexto em que os africanos são vistos com estatuto da inferioridade.

Nesta tese, os entrevistados com o menor contato, analisada através da variável *grau da convivência*, de nenhuma à muita, atribuíram os conteúdos representacionais de caráter mais preconceituoso e negativo aos africanos. Já os estudantes com maior contato evocaram atributos de cunho mais positivo. Assim, quanto maior for o grau da convivência, contato, mais os atributos apreciáveis aparecem, e, por conseguinte, o declínio de atributos depreciativos ou preconceituosos. Atentemos para a Tabela 6, a seguir.

TABELA 6 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS

Grau de convivência	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Nenhuma N= 41	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Pobres	15	34	3.0	0.0012
	Pessoas distantes	8	15	2.6	0.0043
	Trabalhadores	4	7	1.8	0.0342
	Naturais de África	2	2	1.7	0.0407
	Fome	2	2	1.7	0.0407
	Roubados	2	2	1.7	0.0407
	Subestimados	2	2	1.7	0.0407
	Ricos	6	14	1.7	0.0452
	<i>Subrrepresentadas</i>	0	21	-2.4	
	Amigáveis	1	32	-2.5	0.0084
Inteligentes				0.0062	
Muita N= 55	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Educados	5	6	2.7	0.0035
	Amigáveis	11	21	2.7	0.0037
	Arrogantes	3	3	2.2	0.0054
	Agressivos	2	2	1.6	0.0555
	Gaiatos	2	2	1.6	0.0055
	Lutadores	2	2	1.6	0.0055
	Espontâneos	2	2	1.6	0.0055
	Diversos	4	7	1.6	0.055
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Discriminados	0	11	-1.6	0.0512
	Fortes	4	36	-1.7	0.0488
	Negros	6	47	-1.7	0.0483
Diferentes	0	14	-2.0	0.0227	
Regular N=83	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Estrangeiros	3	3	1.8	0.0396
	Lutadores	4	5	1.7	0.0490
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Diversos	0	7	-1.6	0.0534

	Injustiçados	0	11	-2.3	0.0099
Pouca N=56	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Resistentes	11	23	2.7	0.0040
	Necessitados	4	5	2.4	0.0085
	Fortes	14	36	2.3	0.0116
	Acolhedores	4	6	2.0	0.0212
	Ancestralidade	2	2	1.7	0.0454
	Sufrimento	2	2	1.7	0.0454

Fonte: Danfá (2021).

Assim, quando o grau de convivência é zero, isto é, não convive, verificamos a sobrerrepresentação de atributos negativos como *pobres*, *fomes*, *peessoas distantes*. A expressão *pobres* teve ocorrência de de 44,1% entre discentes brasileiros que afirmam não conviver com estudantes africanos, totalizando 15 ocorrências da frequência total de 34 evocações. A frase *peessoas distantes* teve a ocorrência de 53,3% entre a frequência total do termo em todo o corpus, correspondente a 8 evocações em um total de 15 na amostra geral. Destaque-se as expressões positivas como *trabalhadores* com 57,1%, 4 evocações da frequência total de 7 na amostra geral e, a palavra *ricos*, com 42,9%, correspondente as 6 evocações da frequência total de 14. As expressões *fome* e *subestimados* tiveram ocorrência de 100%, com frequência total de 2 evocações.

A expressão *peessoas distantes* pode se referir o distanciamento com a realidade brasileira e situação de miserabilidade e subalimentação, que são imaginários negativos comumente vinculados. Conclusão que chegamos ao averiguarmos as expressões que co-ocorrem com *distantes*, que são: *desfavorecidos* (p.< 0.0420), *imigrantes* (p.< 0.0420), *importantes* (p.< 0.0420), *magros* (p.< 0.020), *origem* (p.< 0.0420). Assim, quando colocados como distantes negativamente dos brasileiros, os africanos são tidos como pobres, famintos, miseráveis e estrangeiro imigrante. Por outro lado, quando distantes positivamente, são tidos como povo importante para a origem e identidade brasileira, ou seja, um distante que é próximo pelos laços histórico-identitários, a expressão *origem*, por exemplo. Aparece também traços de características pessoais do pertencimento territorial, neste caso, *peessoas naturais da África*, atributos de instrumentalidade positiva, i.e., *trabalhadores* e, características positivas como *ricos*. E, por último, uma crítica no que se refere à subestimação, *subestimados*, *pilhagem*, *roubados*, que aconteceu com os africanos na era escravocrata, colonial e neocolonial.

Por sua vez, a subrepresentação das expressões *amigáveis* com a ocorrência de 0% em um total da amostra, demonstra a possível relação entre a não convivência e a percepção não amistosa entre universitários africanos e brasileiros. Apesar da menção de trabalhadores, uma expressão que se configura como traço de instrumentalidade positiva (Ver CABECINHAS, 1998; 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015), as expressões subrepresentadas contêm a palavra *inteligentes*, que também foi subrepresentada em face ao pesquisador branco. Aliás a inteligência é comumente ausente na caracterização do negro, conforme argumentado pelos estudiosos como Frantz Fanon (2008), bell hooks (2019), Stuart Hall (2016) e Jessé Souza (2017, 2018). Este último atrela aos cidadãos pertencentes ao eixo sul do globo às atividades ligados ao corpo e suas expressões, reservando aos euroamericanos brancos as atividades ligadas à razão. Por sua vez Andrade (2017), ao debater racismo e filosofia, considera que os não europeus, principalmente os negros historicamente foram atribuídos as características ligadas à menoridade da razão.

A subrepresentação da expressão *inteligente* diante do pesquisador branco e entre universitários brasileiros que afirmam não conviver com os discentes africanos demonstra a possível relação entre desmascaramento da zona muda (ABRIC, 2003) e o tipo contato (ALLPORT, 1954) nas evocações de conteúdos representacionais negativos ou preconceituosos.

Quando o grau da convivência é muito, verifica-se a sobrerepresentação dos traços positivos como *educados*, *amigáveis*. A palavra *amigáveis* constitui 52,4% do total da amostra, corresponde a frequência de evocação 11 de 21 (frequência geral do termo). A expressão *educados* teve a ocorrência de 83,3%, correspondendo a frequência 5 de 6. Aparecem também os traços negativos com tom de crítica, hostilidade e tensão intergrupar, neste caso, *arrogantes* e *agressivos*. A propósito dos dois últimos traços, Stuart Hall traz a seguinte reflexão, que achamos pertinente.

quando os negros agem feito "machos", eles parecem desafiar o estereótipo (de que eles são crianças), - mas, no processo, confirmam a fantasia que está por trás, a "estrutura profunda" do estereótipo (que são agressivos, ninfomaníacos e excessivamente bem dotados)" (HALL, 2016, p.200).

Surgem, ainda, os atributos que remetem à *diversão*, como *gaiatos* e *espontâneos*, ambas com frequência baixa.

Entre os discentes que afirmam conviver muito as expressões subrepresentadas foram as expressões que atrelam os africanos ao vigor físico, as características biológicas imutáveis e associação com a discriminação. A expressão *fortes* obteve a ocorrência de 11,1%, totalizando 4 de 36 do termo na amostra global. As palavras *discriminados* e *diferentes*, tiveram a ocorrência de 0%, respectivamente, neste caso, nenhuma evocação entre aqueles que convivem muito. Por último, a expressão *negros*, com 12,5% da evocação, correspondente a 6 de 47 na amostra geral.

A questão que se coloca é a seguinte: por que a subrepresentação da negritude entre aqueles que convivem muito com os africanos? Isso pode remeter à conotação negativa da expressão negro no Brasil, muitas vezes substituída pelo termo “moreno”. Para Schwarcz (2017) a cor negra no Brasil vem sempre carregada de significados simbólicos, em geral, de caráter preconceituoso. Para a autora, perde-se a cor por embranquecimento através da ascensão social e ganha-se com a queda social. Por sua vez, Ramos (1955) explica esse processo através daquilo que ele chama de patologia social do branco, que se refere à exaltação da branquitude pelos brancos e a tentativa constante do mestiço querer se embranquecer. Dito de outra maneira, a busca dos brancos pela “arianização”, através do protesto racial e, a tentativa de embranquecimento por parte dos negros em decorrência da degradação da negritude. Isso pode explicar a não associação dos africanos à negritude, mesmo sendo sujeitos provenientes de um continente negro.

Já o grau da convivência regular, remete à condição de ser cidadão e/ou *estrangeiros*, com 100% da ocorrência no corpus total, correspondente a 3 evocações. Em um estudo de revisão de Danfá e Aléssio (2020), discutimos a questão de estrangeiridade, a partir de Mallard, Cremasco e Metraux (2015). Segundo os autores, a percepção de ser estrangeiro não é equânime para todos os grupos sociais, isto porque, para que isso aconteça o estrangeiro precisa estar na condição de vulnerabilidade e desamparo. Neste sentido, a estrangeiridade dos africanos fica saliente, tendo em vista a sua inserção no âmbito discriminatório, racista e de exclusão (VARGEM; MALOMALO, 2015). Os interlocutores brasileiros que afirmam conviver regularmente com os estudantes africanos trazem, ainda, o traço *lutador*, 80% de ocorrência, que corresponde a 4 evocações do total de 5. Esta expressão pode assumir a conotação de resistência às adversidades. As expressões subrepresentadas entre os alunos que convivem regularmente refere-se à injustiça histórica sobre os africanos e a diversidade. A expressão *injustiçados* e *diversos* obtiveram ambos 0% de evocação no corpus.

Por sua vez, os atributos sobrerrepresentados dos nossos interlocutores com pouco grau de convivência, remetem a elementos similares do ponto de vista qualitativo ao grau de convivência 0, ou nenhuma. Assim, verificamos, o traço *sofrimentos*, com duas ocorrências de 2 (2/2), correspondendo a 100% do total do termo na amostra e, o atributo *necessitados* 80% da amostra geral, neste caso, 4 de 5. O *sofrimento* e *necessitados* referem-se ao imaginário estruturante vinculado à africanidade (Ver DANFÁ; ALÉSSIO; TORRES, 2021; HUGON, 2009; MBEMBE, 2009; MOORE, 2010; OLIVA, 2005; RODRIGUES, 2012), isto é, um povo sofredor. O sofrimento do povo africano é muitas vezes atrelado à capacidade de resiliência às adversidades, através das expressões *resistentes* e *fortes*. A primeira palavra teve ocorrência de 47,5%, correspondente a 11 evocações do total geral de 23 e a segunda 38,9%, totalizando 14 de 36 menções. A resistência e força pode remeter à superação, neste caso, mazelas sociais, características do continente africano. Quanto aos traços positivos, aparece expressão como *acolhedor*, com 66,7%, 4 de 6, remete à hospitalidade africana. Aparecem, por último, atributos que vinculam África à *ancestralidade*, isto é, a importância da África no surgimento do *homo sapiens sapiens* e na construção da identidade nacional brasileira, através da herança afrodescendente no Brasil. O traço *fortes* igualmente aparece, reforçando a indissociabilidade da identidade africana com a solidez de ordem física. Não verificamos nenhuma expressão subrepresentada entre os estudantes brasileiros que convivem pouco com os africanos.

Verificamos que quanto maior for o grau de convivência, maior é a sobrerrepresentação de atributos positivos, sobrepondo sobre os negativos, o que reforça a possibilidade do contato na “*suavização*” do preconceito, discriminação e racismo. Portanto, o contato pode mascarar o preconceito e o racismo, gerar tensões intergrupais e ao mesmo tempo favorecer a aparição de uma imagem mais favorável ao exogrupo (Ver ALLPORT, 1954; VALA; BRITO; LOPES, 2015).

A convivência entre os dois grupos se diferencia, na medida em que na UNILAB o contato institucional é maior, em decorrência da quantidade maior dos estudantes africanos em “*interação com os brasileiros*”. Por este motivo, a vamos mostrar a seguir o campo léxico dos dois grupos. Observemos a tabela 7.

TABELA 7 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO ESTADO – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS

Local da coleta	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade	
UFPE N=121	<i>Sobrerrepresentadas</i>					
	Negros	37	47	3.4	0.0003	
	Explorados	8	8	2.5	0.0071	
	Escravizados	7	7	2.2	0.0131	
	Resistentes	18	23	2.2	0.0139	
	Pobres	24	34	1.8	0.0347	
	Sofridos	15	20	1.7	0.0445	
	Necessitados	5	5	1.7	0.0454	
	<i>Subrrepresentadas</i>					
	Barulhentos	0	4	-1.7	0.0448	
	Cheios de si	0	4	-1.7	0.0448	
	Sociáveis	0	4	-1.7	0.0448	
	Comunicativos	1	7	-1.7	0.0401	
	Festeiros	2	10	-1.9	0.0315	
	Corajosos	2	11	-2.1	0.0173	
	Esforçados	2	11	-2.1	0.0173	
	Educados	0	6	-2.3	0.0094	
	Legais	0	6	-2.3	0.0094	
	Machistas	0	6	-2.3	0.0094	
	Simpáticos	3	17	-2.8	0.0023	
	Estilosos	0	8	-2.9	0.0020	
	Amigáveis	3	21	-3.6	0.0002	
	Inteligentes	5	32	-4.3	0.0000	
	UNILAB N=117	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
		Inteligentes	27	32	4.3	0.0000
		Amigáveis	18	21	3.6	0.0002
Estilosos		8	8	2.9	0.0020	
Simpáticos		14	17	2.8	0.0023	
Educados		6	6	2.3	0.0094	
Legais		6	6	2.3	0.0094	
Machistas		6	6	2.3	0.0094	
Corajosos		9	11	2.1	0.0173	
Esforçados		9	11	2.1	0.0173	
Festeiros		8	10	1.9	0.0315	
Comunicativos		6	7	1.7	0.0401	
Barulhentos		4	4	1.7	0.0448	
Cheios de si		4	4	1.7	0.0448	
Sociáveis		4	4	1.7	0.0448	
<i>Subrrepresentadas</i>						
Necessitados		0	5	-1.7	0.0454	
Sofridos		5	20	-1.7	0.0445	
Pobres		10	34	-1.8	0.0347	
Resistentes		5	23	-2.2	0.0139	
Escravizados		0	7	-2.2	0.0131	
Explorados	0	8	-2.5	0.0071		

	Negros	10	47	-3.4	0.003
--	--------	----	----	------	-------

Fonte: Danfá (2021).

Os estudantes da UFPE foram os estudantes que relatam não conviver com os africanos, compondo 100% (N=41) da convivência nenhuma, o que se explica pela menor quantidade dos estudantes africanos neste campus quando comparado com os estudantes da UNILAB. Assim, os traços sobrerrepresentados entre estudantes da UFPE sobre os africanos referem-se às palavras *pobres*, 71% de evocação, totalizando 24 evocações do total de 34, a expressão *sofridos* teve a ocorrência de 75%, correspondente a 15 de 20 evocações totais. Por sua vez, as expressões *escravizados*, *necessitados* e *explorados* com 100% de evocação entre os estudantes da UFPE na amostra global. Estas expressões remetem a africanidade ao ser humano precário (MBEMBE, 2018) e eternos escravizados (MOORE, 2010). Verificamos também a vinculação dos africanos a robustez físico, através de atributo *resistentes*, correspondente a 78%, neste caso, 18 de 23 evocações na amostra geral. A vinculação dos africanos a resistência física se insere no âmbito daquilo que é socialmente vinculado ao negro, conforme aponta os estudiosos como Camino et.al. (2001), Hall (2016), Moore (2010). E, por último a expressão *negro*, 79% da amostra geral, correspondente a 37 de 47 evocações totais. Esta expressão assume diversas conotações, principalmente na sociedade brasileira, onde simbolicamente negro é visto como degeneração (Ver RAMOS, 1955; SCHWARZCZ, 2017).

No que se refere as expressões subrepresentadas destacamos a expressão *inteligentes*, com a ocorrência de 16%, 5 de total de 32 evocações totais. Esta expressão remete ao traço de instrumentalidade positiva, referente ao modelo do sujeito desejável, isto é, adulto e responsável (CABECINHAS, 1998, 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015). Uma expressão desvinculada da negritude, comumente atrelada à negatividade da razão (ANDRADE, 2007), incapacidade mental para grandes realizações (GONZALEZ, 2020; LE BON, 1907). Os traços de sociabilidade foram igualmente subrepresentadas, neste caso, *comunicativos*, com 14% do total das evocações na amostra, *educados* e *legais* 0% *simpáticos*, 18%, 3 de 17. E, por último, as expressões que demonstram tensões intergrupais, acusações e realce estético como *machistas*, *cheios de si* e *estilosos* 0% ambos.

Por sua vez os estudantes da UNILAB sobrerrepresentaram as expressões que remetem aos traços de instrumentalidade positiva e de sociabilidade como: *inteligentes*, 84%, 27 de 32 da amostra global; *amigáveis* 86%, 18 de 21, *simpáticos* 82%, 14 de 17 do total das evocações. Verificamos também a sobrerrepresentação de expressões que remetem

as possíveis tensões intergrupais, por exemplo, as palavras *machistas*, *barulhentos*, *cheiros de si*, ambas 100% das evocações do total geral. E, por último expressão que remete aos traços de expressividade, capaz de vincular os africanos as atitudes irresponsáveis e pueris, neste caso, *festeiros*, com 80% do total evocada, correspondente a 8 de 10. Quanto as expressões subrepresentadas destacamos a expressão *pobres*, com 29% da evocação total, 10 de 34; *sofridos* 25%, 5 de 20; *necessitados* 0%, 5 de 5. Essas expressões vinculam os africanos à carência e precariedade, correspondendo a forma mítica de caracterizar os africanos (MBEMBE, 2018; MOORE, 2010). Foram igualmente subrepresentadas as expressões que atrelam os afro-negros ao vigor corporal, isto é, *resistentes*, com total de evocação de 22%, correspondente a 5 de 23. Os atributos que apontam para as mazelas históricas subrepresentados foram *escravizados* e *explorados*, 0% cada. E, por último, a negritude, que para Mbembe (2018) e HALL (2003) é indissociável da africanidade foi subrepresentada, neste caso, a expressão *negro* teve a ocorrência de 21%, 10 de 47% da amostra global. A proximidade institucional parece contribuir para dissociação da África e africanidade à negritude.

A hipóte do contato foi reforçada após a análise do léxico das duas universidades. Entre os estudantes da UNILAB, com 83% que relataram conviver muito com os africanos. Foi possível verificar os conteúdos representacionais mais positivos na evocação dos universitários da UNILAB sobre o povo africano quando comparados com os estudantes da UFPE. A convivência institucional na UNILAB parece contribuir para apreciação mais favorável, de um lado, e, do outro, os conteúdos representacionais que apontam tensões intergrupais com os discentes africanos. Na UFPE, os conteúdos representacionais negativos prevalecem, o que pode se explicar pela menor contato institucional com os africanos, em decorrência da menor quantidade dos estudantes africanos nesta universidade, quando comparada com a UNILAB. Neste sentido, prevalece a imagem do africano mítico, vinculado ao ser humano precário na UFPE e a africanidade mais complexa, com atributos que valorizam a capacidade intelectual, sociabilidade dos africanos e tensões intergrupais na UNILAB. O que reforça a nossa tese, sustentado na hipótese de contato de Allport (1954), segundo qual o contato entre os grupos, principalmente quando o estatuto social os aproxima, favorece a suavização do preconceito.

A seguir vamos debruçar sobre as especificidades de acordo com a variável raça, conforme a tabela:

TABELA 8 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DA RAÇA – CORPUS OS AFRICANOS SÃO: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS

Raça	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade	
Negra N= 59	<i>Sobrerrepresentadas</i>					
	Ancestralidade	3	3	2.3	0.0113	
	Feios	3	3	2.3	0.0113	
	Famintos	3	4	1.8	0.0375	
	Danças	4	7	1.7	0.0491	
	Festeiros	5	10	1.6	0.0514	
	<i>Subrrepresentadas</i>					
	Cultura	6	60	-2.3	0.0095	
Branca N= 57	<i>Sobrerrepresentadas</i>					
	Batalhadores	4	6	1.9	0.029	
	Animados	6	12	1.8	0.039	
	Sociáveis	3	4	1.7	0.041	
	Sorridentes	2	2	1.6	0.054	
	Tribos	2	2	1.6	0.054	
		<i>Subrrepresentadas</i>				
	Inteligentes	3	32	-1.8	0.041	
Amarela N=38	<i>Sobrerrepresentadas</i>					
	Guerreiros	9	31	1.7	0.046	
	Acolhedores	3	6	1.6	0.055	
		<i>Subrrepresentadas</i>				
	Pobres	1	34	-2.1	0.020	
Parda N=77	<i>Sobrerrepresentadas</i>					
	Diversos	5	7	1.6	0.0534	
	Altos	3	3	1.7	0.0417	
		<i>Subrrepresentadas</i>				
	Resistentes	4	23	-1.6	0.0568	

Os estudantes que se autodeclararam negros sobrerrepresentaram as expressões que remetem para a influência histórica, estética, expressividade cultural e marginalização dos africanos. A expressão *ancestralidade* teve a ocorrência de 100% no corpus nesta variável, a palavra *feios* 100% e *famintos*, 75%, 3 da frequência total de 4, as *danças* 57%, 4 de 7, *festeiros*, 50%, 5 de 10. Embora as frequências sejam baixas, as expressões

famintos e feios podem remeter a introjeção e reprodução de estereótipos negativos sobre os africanos, que vinculam este povo à fealdade e fome. Pode existir tensão entre os afro-negros e negro-brasileiros, capaz de gerar a produção de imagens depreciativas sobre os africanos, e, por conseguinte, a caracterização depreciativa da negritude. Dito de outra maneira, a epidermização da inferiorização debatido por Fanon (2008) ou auto-ódio discutido por bell hooks (2019), Neusa Santos Souza (1983), Grada Kilomba (2020) podem ser explorados a partir de estudos intergrupais entre os afro-negros e brasileiros afrodescendentes. No que se refere a subrepresentação, a expressão *cultura*, com apenas 10% de ocorrência, totalizando 6 da frequência total de 60 do termo no corpus.

Os estudantes que se autodeclararam brancos sobrerepresentaram as expressões que caracterizam os africanos no âmbito da sociabilidade, expressividade e aguerridos. A expressão *batalhadores* teve a ocorrência de 66,7%, que corresponde a 4 da frequência total de 6, *animados* 50%, 6 de 12, *sociáveis* 75%, 3 de 4 e *sorridentes e tribos*, 100% da evocação total. A expressão *inteligentes* é a única subrepresentada, com 9,4%, apenas 3 ocorrências de 32 no corpus. Esta expressão está no centro da inferiorização e depreciação dos negros, o que demonstra a relevância da sua subrepresentação entre os interlocutores brancos. Aliás, prevalece na representação deste grupo, os atributos vinculados a expressividade e sociabilidade.

Por sua vez, os estudantes que se autodeclararam amarelos sobrerepresentaram as expressões que caracterizam os africanos como um povo aguerrido e acolhedor, características de robustez físicos e cortesia como amalgamados. A palavra *guerreiros* teve a ocorrência de 29%, que corresponde 9 da frequência total de 31 no corpus, *acolhedores* 50%, 3 de 6 ocorrências na amostra. A expressão *pobres*, comum na representação dos africanos, foi a única subrepresentada, com 2,9%, totalizando 1 da frequência global de 34 do termo no corpus.

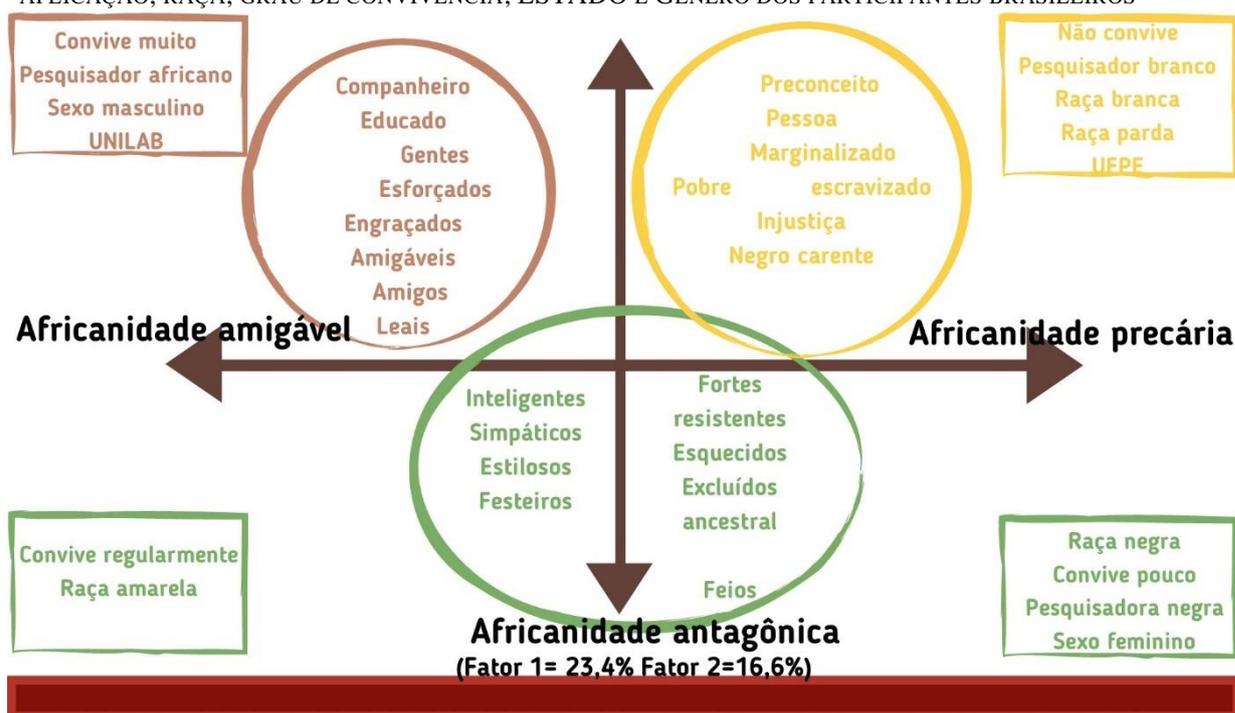
E, por último, os estudantes pardos sobrerepresentaram as expressões que remetem a diversidade cultural e características físicas dos africanos. A expressão *diversos* teve a ocorrência de 71%, correspondente a 5 de um total de 7 ocorrências do termo no corpus, *altos* 100%, 3 de 3 no corpus. A expressão subrepresentada está ligada à capacidade corporal, que atrela os afro-negros às habilidades físicas (Ver HALL, 2016; CAMINO et.al., 2001). Neste caso, estamos falando da expressão *resistentes*, com 17%, 4 de 23.

Vamos atentarmos agora para figura resultante da Análise Fatorial de Correspondências (AFC). Inspiramo-nos no estudo de Morais (2018), que considerou a

soma da inércia acima de 14% para atribuir significância à explicação de fenômenos psicológicos. No nosso caso, a soma da inércia acumulada dos eixos é 40%.

Os resultados da AFC nos permitiram concluir que os atributos negativos e de cunho preconceituoso atribuídos aos africanos diante do pesquisador branco, polo positivo horizontal (X), estão associados ao grau de convivência zero (não convive), estudantes da UFPE e aos entrevistados da raça parda e branca. Por sua vez no polo negativo horizontal, os atributos positivos sobre africanos foram expressos nos contextos da aplicação do pesquisador africano, associados aos estudantes da UNILAB, os sujeitos do sexo masculino e grau de convivência muita. E, por último, no polo vertical (Y) negativo, verificamos diante da pesquisadora negra brasileira e entre os estudantes do sexo feminino, os atributos que caracterizam os africanos de forma mais complexa, com prevalência dos traços positivos. Observemos a Figura 3:

FIGURA 3 PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO “OS AFRICANOS SÃO” EM FUNÇÃO DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS



Fonte: DANFÁ (2021)

No polo horizontal negativo, intitulado *africanidade amigável*, os nossos interlocutores do sexo masculino foram os que mais relataram conviver com os africanos, compartilhando os atributos positivos com os estudantes da UNILAB e em face ao pesquisador africano. Por exemplo, as palavras *educado*, *gente*, *amigo*. Assim, pode-se dizer que existe uma atração entre os estudantes da UNILAB, do sexo masculino, em face ao pesquisador africano e entre aqueles que convivem muito com os africanos. Neste

sentido, existe maior propensão destes grupos evocarem os atributos positivos com maior proporção do que a média geral.

No sentido oposto do polo horizontal positivo, intitulado *africanidade precária*, encontramos a maior proximidade do vocabulário entre os interlocutores da UFPE, raça parda e branca, nenhuma convivência com os africanos e em face ao aplicador branco. Os atributos mais negativos, por exemplo, *carentes, pobres, escravizados, injustiçados* foram os mais consensuais, e a expressão *preconceito* como aquela que contribui bastante para o fator no sentido da demonstração da diferença em relação à dimensão consensual. Existe maior proporção de atributos negativos entre os interlocutores brancos, pardos, nenhuma convivência com os africanos e no contexto da aplicação do pesquisador branco do que a média geral.

No polo vertical, na parte inferior, intitulado, *africanidade antagônica*, observa-se a atração do vocabulário dos interlocutores brasileiros com pouca convivência com os africanos, sexo feminino, raça negra e amarela e contexto de aplicação da pesquisadora negra. Verificamos a atribuição consensual dos atributos positivos como *inteligentes*, atributos de expressividade (*festeiros*) e de resistência (*resistentes e fortes*). Os dois últimos remetem a essencialização do negro, através da vinculação com os atributos de ordem física. Neste polo é possível encontrar as expressões *feios* e *excluídos*, atribuídas aos africanos, mais afastados da origem do gráfico de projeção, constituindo as expressões com importância para o polo, na medida em que revelam elementos divergentes dos consensuais. Os conteúdos deste polo trazem atributos diametralmente opostos e antagônicos na caracterização dos africanos, por exemplo, *inteligentes* e *feios* amalgamados (Ver HALL, 2016). A seguir vamos debruçar sobre a questão do mascaramento e desmascaramento da zona muda na categorização da África enquanto identidade territorial.

7.1.2 *Preconceito e desejabilidade social na representação social da África*

África e africano aparecem como indissociáveis conforme Mbembe (2018) tem apontado, porém os brasileiros investigados parecem diferenciá-los. Neste sentido, parece que os sujeitos se sentiram menos pressionados a falar da África como lugar, e, por conseguinte, a pressão normativa tem mais efeito na representação dos africanos enquanto seres humanos do que em relação aos objetos de caráter espaço-geográfico. Observemos a Tabela 9:

TABELA 9 ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS SOBRE A ÁFRICA SEGUNDO DELINEAMENTO QUASE-EXPERIMENTAL- AMOSTRA BRASILEIRA (N=238)

Tipo de aplicador	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Negro africano N=35	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Cultura	56	93	1.16	0.050
	Desenvolvimento	6	6	2.0	0.024
	Humildade	6	6	2.0	0.024
	Pobreza	6	6	2.0	0.024
	Berço da humanidade	12	16	1.5	0.0071
	<i>Subrrepresentadas</i>	5			
	Exploração	4	16	-1.6	0.058
	Guerra	0	14	-1.6	0.050
	Leão	7	4	-1.7	0.045
Negro		23	-2.1	0.019	
Brasileiro branco N=48	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Leão	4	4	2.9	0.0019
	Savana	11	28	2.0	0.0206
	Carentes	2	2	1.7	0.0475
	Grande	9	24	1.7	0.0139
	Injustiça	5	11	1.5	0.0060
	Copa	3	5	1.5	0.0061
	<i>Subrrepresentadas</i>				0.0509
	Cultura	13	93	-1.6	0.0369
	Humano	1	22	-1.8	0.0264
Riqueza	3	38	-1.9	0.0223	
Berço da humanidade	0	16	-2.1		
Brasileira negra N=38	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Sofrimento	3	3	2.2	0.016
	Guerras	7	14	1.8	0.038
	Diversificados	3	4	1.6	0.05
	Racismo	3	4	1.5	0.05
	Desigualdade	2	2	1.5	0.006
	Exclusão	2	2	1.5	0.006
	Riqueza	14	38	1.5	0.006
	Lugar	4	7	1.5	0.0071
	Danças	8	19	1.4	0.0078
<i>Subrrepresentadas</i>					
Grande	2	24	-1.8	0.038	
Povo	0	13	-2.0	0.023	

Fonte: DANFÁ (2021)

No que se refere às especificidades, observaram-se diferenças nos conteúdos das evocações diante dos três pesquisadores. Em face ao pesquisador africano foram sobrerrepresentadas as características positivas e negativas, com prevalência das primeiras, tendo sido expressas as seguintes palavras: *humildade*, *pobreza*, *desenvolvimento*, ambos com 100% de evocações em um total de 6 em toda amostra. A

África enquanto *berço da humanidade* aparece com 75% de ocorrência, totalizando 12 evocações em um total de 16 ocorrências na amostra geral. A expressão *cultura* teve ocorrência de 60%, correspondente a 56 evocações de 93 no corpus. Coexistem os valores culturais enraizados na África e histórico-civilizatórios, perspectivas futuras para o desenvolvimento e a pobreza diante do pesquisador africano. Apesar de obstáculos, a África é vista diante deste pesquisador com olhar mais promissor.

Em face ao pesquisador africano os conteúdos subrepresentados foram aqueles que se referem a África mítica, vinculados as *guerras* e *leão*. A expressão *leão* teve a ocorrência de 0% no total da amostra. A palavra *guerra* teve a ocorrência de 29%, totalizando 4 evocações de um total geral de 14 evocações. Foram subrepresentadas também a imagem da África atreladas as *injustiças* históricas e violência *colonial* (Ver DANFÁ, 2020). A expressão *injustiça* teve 27% de ocorrência, correspondente a 3 evocações de um total de 11. A subrepresentação da expressão *negro* nos chamou atenção na medida em que a África é considerada como indissociável da negritude, tendo dado corpo e forma à identidade negra (HALL, 2003; MBEMBE, 2018). A palavra *negros* aparece obteve 27%, um total de 7 em 23 evocações obtidas na amostra geral.

Já perante o pesquisador branco aparecem sobrerrepresentados os atributos como *savana*, *leão* e *carentes*. A expressão *savana* teve a ocorrência de 39,3%, correspondente a 11 evocações de 28 na amostra geral e, a palavra *leão* e *carentes* com 100% de evocação. Diante deste pesquisador, a África foi categorizada com mais atributos negativos e que remetem a dimensão territorial. Assemelha-se com o pesquisador africano apenas na expressão pobreza. Na presença do pesquisador branco o continente africano foi vinculado às carências e ambiente silvestre, neste caso, associando o belo ao selvagem. Os atributos elogiosos da África são aqueles vinculados ao ambiente animalesco. Diante deste pesquisador as expressões subrepresentadas remete aqueles que realçam o valor cultural da África. Podemos destacar a expressão *berço da humanidade*, com 0% de ocorrência, *riqueza* com 7,9%, 3 de 38 evocações no corpus, *humano* com 4,5%, 1 evocação de 22 e *cultura* 14%, 13 de 93 ocorrências. A África promissor e a perspectiva afrofuturista (MBEMBE, 2020), aparece subrepresentada.

E, por último, diante da pesquisadora negra os termos sobrerrepresentados ligam a África ao *sofrimento*, *desigualdade* e *exclusão*, com 100% de ocorrência de ambos no corpus. A palavra *guerras* obteve a ocorrência de 50% no corpus, com 7 de 14 evocações. A África aparece como um lugar de *riqueza* com 36,8% de evocações, 14 de 38 evocações, e, *diversificada*, neste caso, a diversidade cultural ou dos recursos naturais,

com 75%. A expressão *danças*, neste caso, a dimensão cultural de natureza expressiva e tangível teve ocorrência 42% de ocorrência, 8 de 19. E, por último, o que podemos denominar as consequências históricas dos acontecimentos em África, neste caso, *racismo*, com 75% de evocação, totalizando 3 de 4 no corpus. Por sua vez, as expressões subrepresentadas caracterizam a África em termos da dimensão territorial, isto é, *grande*, com 8,3% de evocação, totalizando 2 de 24 do total no corpus.

As evocações diante da pesquisadora negra parecem aglutinar as representações expressas diante do pesquisador africano e branco, isto é, a África carente e com qualidades elogiáveis. Percebe-se, portanto, uma África mais complexa, multifacetada e profunda, isto é, um lugar marcado pela diversidade étnico-cultural e as consequências da subjugação a que foi submetida, neste caso, sofrimento, racismo e conflitos, e, uma África também rica.

Através da análise de especificidades podemos notar o efeito da pertença étnico-racial do pesquisador, uma vez que diante do aplicador africano foram sobrerepresentados os atributos mais positivos que negativos. Estes últimos foram sobrerepresentados em face aos pesquisadores brasileiros (branco e pesquisadora negra). Entretanto, em face a pesquisadora negra apareceram as questões reivindicatórias e de denúncias dos acontecimentos históricos que afetaram o continente africano, tendo consequências graves nos dias atuais.

A representação da África enquanto espaço-geográfico foi influenciado pelo tipo de conhecimento, que é favorecido pelo grau de convivência, isto é, tipo de contato com os africanos. Assim, os sujeitos mais distantes dos africanos caracterizaram a África de forma mítica, por exemplo, um lugar de savana, remetendo ao ambiente primitivo, desigual e rica, representando a África imagetivamente como nos filmes. Os entrevistados mais próximos dos africanos caracterizaram a África como lugar de riquezas culturais, com influência na identidade brasileira. Observemos a Tabela 10:

TABELA 10 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA –
CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS BRASILEIROS

Grau de convivência	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Nenhuma N= 41	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Leão	4	4	3.1	0.0011
	Savana	11	28	2.5	0.0066
	Desigualdade	2	2	1.8	0.0328
	Diamante	2	2	1.8	0.0328
	Copa	3	5	1.7	0.0443
	<i>Subrrepresentadas</i>			-1.7	
	Alegria	0	15	-1.7	0.0490
	Rico	0	15	-1.7	0.0490
	Ancestralidade	0	16	-2.6	0.0401
Riqueza	1	38		0.0044	
Muita N= 55	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Ancestralidade	9	16	2.9	0.0019
	Luta	5	8	2.3	0.0084
	Humildade	4	6	2.1	0.0122
	Pobre	4	6	2.1	0.0194
	Sufrimento	4	6	2.1	0.0194
	História	6	12	2.0	0.0230
	Direitos	2	2	1.7	0.0432
	Mãe	3	5	1.5	0.006
	Cultura	25	93	1.3	0.0093
<i>Subrrepresentadas</i>					
Negros	1	23	-1.5	0.0320	
Regular N=83	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Conflito	3	3	1.7	0.047
	Independência	3	3	1.7	0.047
	Morte	3	3	1.7	0.047
<i>Subrrepresentadas</i>					
História	1	12	-1.8	0.035	
Pouca N=56	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Gigante	3	2.3	1.6	0.012
	Importante	2	1.6	2.3	0.05
	Maior	2	1.6	1.6	0.05
	Ouro	2	1.6	1.6	0.05
	Exploração	7	1.6	1.6	0.05

Fonte: DANFÁ (2021)

Entre os entrevistados que não convivem as expressões sobrerrepresentadas remetem à imagem da África mítica, caracterizada pelo ambiente animalesco e estrutura precária, através das expressões *leão*, *savana*, *desigualdade*, *copa*, *diamante*. A palavra *savana* obteve a ocorrência 39,3%, totalizando 11 de 28 evocações e, *leão*, *desigualdade social* e *diamante* com 100% de ocorrência. Foram subrepresentadas as expressões que realçam o valor histórico, cultural e civilizacional da África, isto é, as palavras *ancestralidade*, *povo* e *alegria* com 100% de ocorrência no corpus. Ressalta-se que a expressão *alegria* pode remeter o traço de expressividade, que liga negritude à irresponsabilidade e criancice (Ver GONZALEZ, 2020; HALL, 2016; HOOKS, 2019; CABECINHAS, 2007, 1998), o que vamos elucidar na análise estatística textual no capítulo 9. E, por último, a expressão *riqueza*, com 2,6%, correspondente a 1 de 38 de evocações no corpus. Esta expressão remete a uma África como possível fármaco da humanidade assim como um continente promissor (Ver MBEMBE, 2020). Nota-se, que nem todo o continente possui savanas, mas a associação da África com savana parece ser símbolo único da “beleza” africana, sem o qual não há nada de belo. As palavras evocadas referem-se à África imaginada e midiaticizada, isto é, aquela apresentada nos filmes, por exemplo, “diamante negro”.

Já os estudantes que convivem muito trouxeram uma África com influência histórico-identitária no Brasil e, marcada pela trajetória de luta pelos direitos, com ênfase nos atributos que exaltam a qualidade cultural do continente africano, por meio das palavras *ancestralidade*, *cultura*, *luta*, *humildade*, *história*, *comida* e *direitos tirados*. A *ancestralidade* e *cultura* trazem a imagem da África como um continente com potencialidades culturais e com influência da identidade brasileira. A palavra *ancestralidade* obteve a ocorrência de 56,2%, correspondente a 9 de 16 evocações na amostra, e, *cultura* com 26,9%, totalizando 25 de 93 ocorrências e expressão *história* com 50%, um total de 6 de 12. Aparece também as expressões menos desfavoráveis na caracterização da África, neste caso, *pobres* e *sofrimento*, com 66,7%, um total de 4 de 6 evocações no corpus. A expressão *negro* aparece como único subrepresentada, com 4,1%, correspondente a 1 de 23 no total de corpus. Os estudantes que convivem muito tanto na categorização dos africanos assim como da África se assemelham na subrepresentação da palavra *negros*, o que explica o simbolismo negativo desta expressão na sociedade brasileira.

As expressões sobrerrepresentadas entre os interlocutores que convivem regularmente com os africanos caracterizaram a África como ambiente de *conflitos*, *independência* e *morte*, ambos com 100% de evocação no corpus. Na evocação deste grupo há uma confluência do histórico de exclusão, conflitos e liberdade. A palavra *história*, com 8,3%, correspondente a 1 de 12 menções na amostra, foi a única subrepresentada. Assim, os discentes que convivem regularmente trouxeram a imagem de uma África com problemas sociopolíticos.

Por último, os estudantes que pouco convivem com os africanos atribuem à África características como *gigante*, *importante*, *maior*, *ouro*, com 100% de evocações e *exploração* com 44%, totalizado 7 de 16 no corpus e *governos* com 33%, 18 de 54. As especificidades da variável pouca convivência trazem aspectos estruturais e políticos; a exploração dos recursos naturais, através do processo colonial e neocolonial. Este grupo de estudantes exaltou, portanto, a grandiosidade da África em termos da biodiversidade e riqueza cultural, e os processos históricos da exploração. Não verificamos as expressões subrepresentadas. A seguir vamos analisar as especificidades das duas instituições universitárias investigadas, começando com a UFPE.

TABELA 11 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO ESTADO – CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS

Local da coleta	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
UFPE N=121	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Injustiçados	11	11	3.2	0.0006
	Explorados	13	16	2.2	0.0131
	Guerras	11	14	1.8	0.0342
	Desigualdade social	14	19	1.8	0.0388
	Savana	19	28	1.6	0.054
	Negros	16	23	1.5	0.05
	Crianças	4	4	1.5	0.006
	Leão	4	4	1.5	0.006
	<i>Subrepresentadas</i>				
	Diversificados	0	4	-1.6	0.0567
	Ricos	4	15	-1.7	0.0486
	Ancestralidade	4	16	-1.9	0.0306
	Cultura	37	93	-2.2	0.0155
	Pobreza	0	6	-2.2	0.0134

UNILAB N= 117	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Pobreza	6	6	2.2	0.0134
	Cultura	56	93	2.2	0.0155
	Ancestralidade	12	16	1.9	0.0306
	Ricos	11	15	1.7	0.0486
	Diversificados	4	4	1.6	0.05
	Danças	13	19	1.5	0.006
	Berço da humanidade	11	16	1.4	0.008
	<i>Subrepresentadas</i>				
	Negros	7	23	-1.6	0.0572
	Savana	9	28	-1.6	0.0546
	Desigualdade social	5	19	-1.8	0.0388
	Guerras	3	14	-1.8	0.0342
	Explorados	3	16	-2.2	0.0131
	Injustiçados	0	11	-2.3	0.0006

Fonte: DANFÁ (2021)

Os conteúdos representacionais sobrerrepresentados entre os estudantes brasileiros da UFPE trouxeram a imagem da África mítica e subalternizada, marcada pela precariedade e marginalizações. A expressão *guerras* obteve 79% de ocorrência, correspondendo a 11 de 14 no corpus; a palavra *savana* com 68%, 19 de 28 na amostra; *guerras* 79%, totalizando 11 de 14; *desigualdade social* com 74%, 14 de 19, *leão* 100% na amostra; *injustiçados* 100%, 11 de 11, *explorados* com 81%, 13 de 16 do total. Assim, tanto na categorização dos africanos enquanto sujeitos assim como da África como lugar, que para Mbembe (2018) são indissociáveis, os estudantes da UFPE evocaram a imagem arquetípica da África, mítica e precária do continente africano (HUGON. 2009; MBEMBE; 2018; MOORE, 2010). No que se refere aos termos subrepresentados aparecem as expressões *ancestralidade* 25%, 4 de 16 na amostra, *cultura* 40%, totalizando 37 de 93 no corpus. Assim, os atributos que realçam o valor histórico, cultural e progresso civilizacional foram subrepresentados quando os estudantes da UFPE falam da África. E, por último, a palavra *pobreza* ficou subrepresentado com 0%, uma expressão que está no epicentro na caracterização da África.

Entre os estudantes da UNILAB as expressões sobrerrepresentadas remetem a capacidade cultural, histórico e civilizacional da África, através das expressões *ancestralidade*, com 75%, 12 de 16 no corpus, *cultura* 60%, 56 de 93 na amostra, *berço da humanidade* 69%, 11 do total de 16, *ricos* 73%, 11 de 15 no corpus geral. Com exceção da palavra *pobreza*, 100%, todas as expressões sobrerrepresentadas trazem a perspectiva afrofuturista da África (MBEMBE, 2020). Neste sentido o contato institucional entre os universitários da UNILAB favoreceu a apreciação mais positiva da África em comparação com os discentes da UFPE. Por outro lado, as expressões subrepresentadas

são aquelas que vinculam África à precariedade e marginalização, por exemplo, *savana* com 32% da evocação na amostra e explorados 19%, *desigualdade social* com 5 menções de 19 no corpus. A expressão *negros* aparece com 30%, 7 de 23 no corpus, um termo que é ligada a construção da identidade africana.

A seguir vamos analisar as especificidades de acordo com a identidade racial dos participantes.

TABELA 12 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DA RAÇA – CORPUS: “QUANDO PENSA NA ÁFRICA”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES BRASILEIROS

Raça	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Negra N= 59	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Ancestralidade	11	16	3.7	0.0001
	Mãe	4	5	2.3	0.0103
	Danças	8	19	1.7	0.0434
	Riqueza	13	38	1.5	0.006
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Diversidade	1	40	-3.3	0.0642
Branca N= 38	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Escravidão	21	54	2.0	0.0245
	Beleza	6	12	1.5	0.006
	Colonização	7	16	1.3	0.009
		<i>Subrrepresentadas</i>			
	Ancestralidade	1	16	-1.6	0.0521
	Negros	1	23	-2.4	0.0084
Amarela N=77	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Continente	11	41	1.8	0.033
	Fauna	3	6	1.7	0.047
	Pobreza	3	6	1.7	0.047
	Flora	3	3	1.6	0.006
	Deserto	4	11	1.5	0.006
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Desigualdade social	0	19	-1.7	0.045
Parda N=56	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Diversidade	23	40	3.0	0.0015
	Belezas naturais	8	11	2.4	0.0093
	Desigualdade social	10	19	1.5	0.0068
	Grande	12	24	1.5	0.007
	Rico	8	15	1.3	0.009
		<i>Subrrepresentadas</i>			
	Fome	11	49	-1.6	0.0587

--	--	--	--	--	--

Fonte: DANFÁ (2021)

Os estudantes negros evocaram de forma sobrerrepresentada as expressões que vinculam África à ancestralidade, progresso e expressividade cultural. Assim, a expressão *ancestralidade* teve ocorrência de 68, 8%, correspondente a 11 de 16 no corpus, a *riqueza* com 34,2%, 13 de 38 evocações totais e danças 42,1%, totalizando 8 de 19 na amostra geral. A *diversidade* constitui a única expressão subrepresentada, compondo 2,5% do total de 40 na amostra. Por sua vez, os sujeitos brancos sobrerrepresentaram as expressões *escravidão*, com 38,9%, 21 de 54 na amostra, a *colonização*, com 43,8%, compondo 7 de 16 do total no corpus. As duas expressões remetem a África historicamente brutalizada, gerando problemas estruturais sérios. A expressão *beleza* aparece com 50% de evocação, totalizando 6 de 12 no corpus. O belo pode remeter a biodiversidade africana, o que vai ser elucidada no capítulo 9, através da análise estatística textual. A palavra *ancestralidade*, com 6,2% da ocorrência e, *negros*, 4,3%, formam as expressões subrepresentadas.

Os estudantes autodeclarados da raça amarela evocaram as expressões sobrerrepresentadas que apontam as potencialidades e fragilidades africanas no âmbito da biodiversidade e dimensão geográfica. A expressão *fauna* com 50% de evocação, 3 de 6, *deserto* com 36%, 4 de 11, *pobreza*, 50% no corpus, 3 de 6 e África como *continente* com 27%, 11 de 41 da frequência total na amostra. A *desigualdade social* aparece com a única expressão subrepresentada, com 0 ocorrência do total de 19 no corpus. E, por último, os pardos evocaram as expressões sobrerrepresentadas que vinculam África à riqueza em termos das biodiversidades, territorialmente grande e com belezas naturais. A palavra *diversidade* obteve 57,5% de evocação, totalizando 23 de 40, as *belezas naturais* com 72%, compondo 8 de 11 na amostra geral, *rico* 53,3%, constituindo 8 de 15 da frequência total no corpus. A *desigualdade social*, foi único termo negativo sobrerrepresentada, constituindo 52,6% do termo na amostra. A expressão subrepresentada remete à África mítica, neste caso, lugar de mazelas sociais, por exemplo, *fome* com 22,4%, de ocorrência, 11 de 49 da frequência na amostra geral.

Os estudantes que convivem muito, negros e da UNILAB trouxeram uma África emancipada e com protagonismo na história da humanidade. Este grupo de estudantes trouxeram uma África insubmissa, que protagonizou lutas e resistências para a emancipação cultural e étnica (ver JAMES, 2010). O maior contato favoreceu a aparição

de imagem predominantemente positiva da África, neste caso, como agente da sua história (Ver ASANTE, 2009). O que confirma a tese defendida por Allport (1954) e estudiosos do preconceito como Monteiro (2013), Vala (2015), Lima (2013), em que o contato é tido como uma das possibilidades da redução do preconceito e/ou imagem depreciativa do exogrupo.

Ressalta-se que os estudantes brancos, que convivem pouco com os africanos, a maioria na UFPE, trouxeram imagem mais positiva que aqueles que convivem regularmente. Estes resultados reforçam também a tese de Mbembe (2018), segundo o qual o contato com África ou os africanos não influi na capacidade de falar dela. Assim, falar da África não precisa de ter vivência ou convivência nenhuma, isto porque a a imagem construída em torno dela foi arbitrária e externa, todos acham que “podem” falar alguma coisa sobre o continente africano.

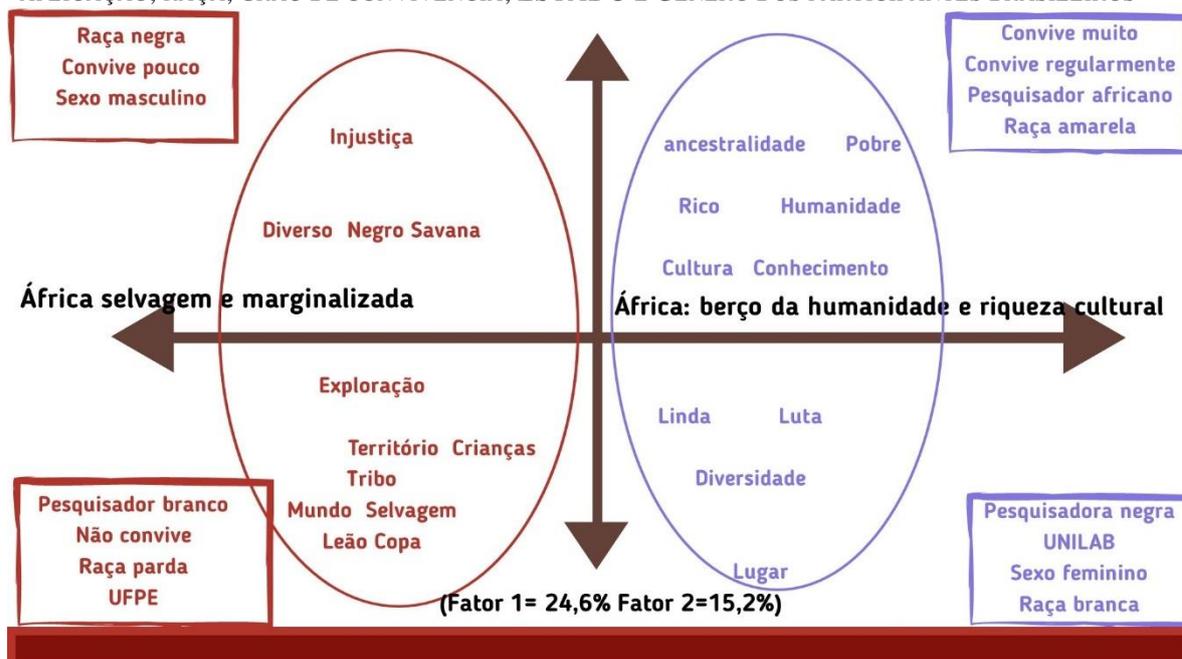
O grau elevado da convivência favorece a imagem da África como um lugar capaz de progredir, por exemplo, a expressão *desenvolvimento*, não reduzindo, portanto, o continente africano ao subdesenvolvimento. E o grau de convivência baixa liga África a um ambiente animalesco e caótico. A África parece circunscrita a lugar de eternos escravos (Ver MOORE, 2010). Acreditamos que o contato com a África por meio do ensino e educação ou através da convivência com os africanos reflete no tipo atributo vinculado os africanos. Anderson Oliva em um debate sobre a história da África e lei 10.639/2003⁷ traça três medidas para combate ao racismo, e, por conseguinte, a imagem da África. Eis: a) *ações repressivas*, que são punitivas circunscritas no âmbito jurídico, b) as *ações afirmativas*, inseridas na ética de reparação, termo cunhado por Mbembe (2018), permitindo os negros o acesso aos valores simbólicos da educação e c) *ações valorizativas*, que insere nas ações que buscam valorizar e ressignificar a imagem da África, em geral, deturpada e depreciativa. Este último é fundamental para a construção da imagem mais favorável da África.

Os achados da tese nos permitiram constatar que o desmascaramento da zona muda em face ao pesquisador branco vem acompanhado do grau de convivência zero (não convive). Neste sentido, o desmascaramento é reforçado pela inexistência ou pouco grau de convivência (contato e proximidade) entre os universitários brasileiros e africanos. Assim, a hipótese da zona muda proposta por Abric (2003) e hipótese do contato proposta por Allport (1954) demonstram um diálogo possível. Portanto, a diminuição ou aumento

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=GwEI_5sMhHY

da pressão normativa e o grau de proximidade ou afastamento entre os dois grupos juntos predizem mais as evocações de conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos. O nosso argumento fica explícito na distribuição espacial na Análise Fatorial de Correspondências, em que constatamos a relação de proximidade e afastamento, elementos consensuais e não consensuais na relação entre variáveis e os mundos léxicos. Observemos a Figura 4.

FIGURA 4 PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO EM FUNÇÃO QUANDO PENSA NA ÁFRICA DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS



Fonte: DANFÁ (2021)

No polo negativo, denominado *África selvagem e marginalizada*, verificamos a atração entre as variáveis sexo masculino, raça negra e grau de convivência pouca na atribuição de elementos consensuais como *injustiça*, *negro* e *savana*. No polo positivo, intitulado *África: berço da humanidade e da riqueza cultural* verificamos os atributos que realçam o valor cultural da África, através das expressões *cultura*, *conhecimento*, *rico*, *berço civilizacional*. No polo positivo é possível verificar a atração entre as variáveis grau convivência muito e regular, raça amarela e aplicador africano. Apenas a expressão *pobres* possui a conotação negativa no polo, remetendo aos elementos representacionais consensuais, ou seja, há um consenso entre os atributos que são majoritariamente positivos, e, a palavra pobreza na caracterização da África. Pode-se dizer que existe a representação social da África, tendo pobreza se destacado como elemento consensual, independentemente do grupo social e a origem étnica dos participantes.

No polo negativo, vimos de um lado, a consensualidade dos atributos que remetem à África mítica e fabulosa (MOORE, 2010; MBEMBE, 2018). E do outro lado, os atributos que reconhecem as injustiças históricas e marginalização perpetradas contra os africanos, que na ótica de Mbembe (2018) dizem respeito à ética de reparação, consistindo no olhar humanístico que reconhece a restituição dos danos humanos causados aos africanos. Para Césaire (2010), este tipo de reconhecimento se configura como uma das faces da negritude, isto é, a reflexão que reconhece na identidade negra como aquela que foi uma das mais massacradas na história civilizacional, o que não nega as atrocidades cometidas aos outros povos como indígenas, ciganos etc.

No polo vertical negativo, os nossos interlocutores sem nenhuma convivência, da UFPE, raça parda, atribuíram em face ao pesquisador branco os atributos que caracterizam a África de forma primitiva, por exemplo, *tribo*, *selvagem*, mas também, evocaram os atributos que remetem ao reconhecimento de injustiça histórica, por exemplo, a *exploração* que o continente africano sofreu. E, por último, diante da pesquisadora negra, cita também no polo vertical negativo, aparecem os atributos menos consensuais como *luta* e *diversidade*, remetendo à uma África que enfrentou lutas e é diversa étnica e culturalmente.

No tópico a seguir vamos explorar o fenômeno do mascaramento e desmascaramento da zona através da pergunta substituição. Assim, os universitários africanos e brasileiros foram solicitados a falar em nome da população geral sobre a imagem construída sobre o exogrupo. Esse mecanismo diminui a pressão normativa, e, por conseguinte, desinibe os nossos interlocutores, favorecendo a expressão de conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos.

7.1.3 *Preconceito e desejabilidade social na representação dos africanos: interlocutores brasileiros “o que a população brasileira pensa dos africanos?”*

O universo léxico dos brasileiros sobre o que a população brasileira em geral pensa do africano é composto por quatro classes de produção de sentidos, conforme a figura a seguir. O corpus teve 76,65 % de retenção na análise e se dividiu em quatro classes lexicais organizadas em dois eixos de sentido: o primeiro concentra as classes 1, 2 e 3 o segundo, a classe 4, conforme Figura 5:

FIGURA 5 DENDROGRAMA DO CORPUS O QUE BRASILEIROS PENSAM DOS AFRICANOS (76,65% DE RETENÇÃO)

Classe 3		Classe 2		Classe 1		Classe 4	
Dimensão macrosocial e ideológica da africanidade							
Reparo histórico e ensino precário da história		Variabilidade do discurso sobre ser africano		Influência da educação e estrutura racista no imaginário sobre África		Africanidade precária e mítica	
29,3%		20,1%		15,5%		35,1%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
África	29.67	Brasileiro	13.25	preconceituoso	28.06	Viver	16.09
País	22.77	Religião	12.12	UNILAB	22.29	Enfrentar	11.51
Continente	15.63	Africano	9.70	População	16.33	Alegre	11.51
Acreditar	15.35	História	9.38	Rico	9.64	Guerreiro	10.13
Conhecimento	13.70	Forte	8.38	Sociedade	6.09	Lutar	7.58
Gente	12.42	Racista	7.42	Miserável	6.09	Fome	7.56
Histórico	9.87	Estereótipo	5.1	Racismo	3.71	Sofrer	7.32
Escravidão	4.12	Mídia	4.12	Africano	5.09	Guerra	5.56
Relação	4.12	Estrangeiro	4.12	Brasileiro	4.93	Pobreza	4.33
		Curso de humanas	4.98	UNILAB	10.28		

Fonte: DANFÁ (2021)

A primeira classe que denominamos de “*influência da educação e estrutura racista no imaginário sobre África*”, reforça a imagem negativa construída pelos brasileiros sobre os africanos. Para os interlocutores brasileiros, o desconhecimento da África e sua cultura, a estrutura e educação racista, favoreceram a vinculação dos africanos às mazelas sociais como fome, guerra, pobreza, vida selvagem (sem cultura). Os universitários brasileiros parecem concordar com a existência do preconceito e racismo com relação aos africanos presentes na sociedade brasileira. Alguns em tom de crítica alegaram sentir-se envergonhados com o olhar preconceituoso e racista dos brasileiros sobre os africanos e, outros acreditaram que o contato com a UNILAB suavizou o preconceito.

O discurso da meritocracia foi assinalado, tendo em vista que alguns brasileiros acreditaram que os africanos vieram roubar a vaga deles e, outros acharam que vieram passear. O discurso meritocrático se agrega ao simbólico e ao da infantilização e irresponsabilidade dos africanos (negros). Os psicólogos sociais como Ana Raquel Torres (Ver PEREIRA; TORRES; ALMEIDA, 2003), Jorge Vala (Ver VALA, 2013; LIMA; VALA, 2004), Cícero Pereira (PEREIRA; SOUZA, 2017) e entre outros discutem a sensação da ameaça dos negros provocam nos brancos, principalmente a de cunho realista, tomar vaga dos brancos, por exemplo e, simbólico, com discurso de que os negros

quebram as regras da sociedade neoliberal, assenta no individualismo, oportunidades iguais ou no humanismo neoliberal, com discurso do tipo somos todos iguais (HOOKS, 2019; PEREIRA; SOUZA, 2016; LIMA; VALA, 2004). Acredita-se, portanto, que os negros violam os valores culturais euro-americanos como seriedade, responsabilidade, labor. O que explica a vinculação dos universitários africanos a passeio, uma forma de infantilização dos africanos. A infantilização do negro é uma outra categoria que pode se juntar ao discurso meritocrático e ameaça simbólica. Aliás, Hall (2016), afirma que a estereotipagem do negro perambula entre a sua infantilização, principalmente quando se trata da sua inserção no mundo neoliberal, e, do outro lado, agressividade e hipersexualização. Este último discurso se faz presente no universo léxico dos entrevistados brasileiros, segundo o qual os africanos são vistos na UNILAB como *estupradores, feios, e fedorentos*. A seguir os exemplos significativos da classe:

Que todos sabem dançar, que todos em algum momento da vida passou fome e que pessoas africanas fedem e são objetos sexuais, uma vez que o sistema racista educou a população dessa forma, criando os estereótipos racistas para os africanos e seus descendentes, os afrobrasileiros. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Que fedem, são feios, passam fome, que esses são negros de verdade, que os homens africanos são estupradores e que não deveriam estar no Brasil. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Pensam que estão aqui somente para curtir, ocupar os lugares, que deveriam ser de estudantes brasileiros, mas, não é bem isso, pois, a unilab tem um intuito de integralizar os estudantes que falam a língua portuguesa. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Eu como brasileira me sinto envergonhada pela falta de humanidade que meu povo fez com eles, mas como brasileiros, em maioria, são racistas, não devem olhar bem para eles. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Como falei anteriormente a forma de como a nossa sociedade foi se construindo reflete em nós de maneira racista preconceituosa e também intolerantes, pois para muitas pessoas os africanos representam fome, pobreza etc. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

As variáveis Estado 2, estudantes da UNILAB, foram sobrerrepresentadas nesta classe, o que explica a convergência com o discurso dos africanos. Ou seja, a proximidade entre os dois grupos sociais favoreceu o compartilhamento do campo semântico comum.

A classe 2, denominada de “*variabilidade do discurso sobre ser africano*”, traz a diversidade do campo semântico sobre ser africano. Existe a posição daqueles que

acreditam que a interação entre os brasileiros e os africanos é profundamente influenciada pelas características positivas, culturais e da personalidade africana como: comunicativos, acolhedores, tímidos, metidos etc. Algumas ideias atrelam os africanos ao atraso cultural e intelectual. Outros admitem que os brasileiros têm visão preconceituosa dos africanos, reflexo de uma sociedade racista e que vinculam sempre africanidade à precariedade e carência. Estes últimos acreditam que o Brasil é uma sociedade estruturalmente racista e preconceituosa e, não unicamente acolhedora, como internacionalmente tem se propagado. Para os nossos interlocutores brasileiros, a relação africano-brasileiro é condicionada pelos estereótipos amplamente difundidos na sociedade brasileira.

Para Hall (2016) o estereótipo racista assume caráter simplista, reducionista e essencializador. No caso da estereotipagem africana, ela é feita de maneira ambígua. Ora ligada ao mítico, isto é, a uma África pobre, cultura baixa etc., ora de maneira positiva, a um continente culturalmente rico. O que se aproxima da forma medieval de estereotipar o africano. Hall considera ainda, que as representações estereotipadas nem sempre assumem características degradantes, podendo assumir caráter sentimentalizado. Podemos constatar esses fatos se olharmos o fascínio (“oh que bonito”) pelas culturas materiais africanas, roupas coloridas, danças exóticas, por exemplo, reforçando a exotização dos africanos. Essencializa-se a cultura africana no grau mais baixo da cultura, e não uma África culturalmente rica a nível intelectual, artístico ou erudita. A seguir os trechos exemplificativos:

Pensam que os africanos são acolhedores e orgulhosos. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

São pessoas muito tímidas, que se fecham em seu lugar difícil acesso. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Que temos muito que aprender com a sua maneira de ver o todo a cultura, seu contato com a terra, a religião sua história. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Os brasileiros deveriam pensar nos africanos como parte do seu povo e deveria ter orgulho do negro africano, por ter sido fundamental na formação do povo brasileiro, da contribuição dos africanos na constituição da nossa cultura, na forte influência das religiões africanas na fundamentação da fé cristã. Enfim, em tudo que o povo africano contribui e possibilitou para que o Brasil se tornasse independente e uma nação em constante desenvolvimento. Porém, infelizmente ainda vemos muitos brasileiros preconceituosos racistas e com pensamentos e atitudes desumanas com os africanos e os afrodescendentes. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Como já mencionei anteriormente nós somos um povo racista que tenta a todo o custo esconder essa condição, então acho que enxergamos e pensamos os africanos de maneira racista, tentando diminuí-los. Criamos um estereótipo de que são todos fedorentos e que são desrespeitadores com as mulheres de um modo geral. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

A classe 2, traz o olhar plural do africano, não abdicando das individualidades no processo da construção de identidade africana. Apesar de a classe relevar a individualidade e características pessoais dos africanos, em muitos casos, nota-se a indissociabilidade da África como espaço geográfico e o africano como sujeito, isto é, ambos fixados na precariedade. A caracterização da África como lugar fascinante funde-se com a exotividade. Acreditamos que o brasileiro como povo preconceituoso, fruto de uma sociedade racista, antecede o encontro com os africanos, embora, alguns estudantes acreditem que o contato melhorou o olhar degradante. No entanto, o universo semântico demonstra o contrário, ou seja, de grosso modo o contato entre os dois grupos sociais não suavizou o preconceito e racismo, e, sim, agravou a sua percepção. A hipersexualização se vincula à generalização dos africanos ao estupro, debilidade do continente, baixa intelectual e cultural, racismo, etc. persiste no olhar dos brasileiros com relação aos africanos.

Denominamos a classe 3 “*reparo histórico e ensino precário da história da África*”. O campo semântico desta classe, tal como na classe 1, revela a imagem preconceituosa e racista que os brasileiros têm sobre os africanos, reflexo do tipo da educação fornecida pelas instituições públicas brasileiras sobre a África. Para os interlocutores brasileiros, a diversidade do continente é desconhecida, reduzindo-a à miserabilidade. Isto apesar da existência de uma parcela ínfima que conhece pouco a história da África e que possuem alguma imagem “positiva” dos africanos. O universo semântico de alguns interlocutores aponta a influência dos africanos na construção da identidade nacional brasileira. Parece também no vocabulário de alguns interlocutores a questão da dívida e reparo histórico, tendo em vista a deterioração do continente em decorrência dos processos coloniais, escravocratas e neocolonizadores.

O reparo histórico diz respeito à justiça universal na acepção de Mbembe (2018), tendo em conta a responsabilidade que temos com este outro domesticado e reduzido à barbárie, quer queiramos ou não. Isto porque “o processo histórico deixou lesões profundas... foi para grande parte da nossa humanidade, um processo de habituação à morte do outro- morte lenta, morte por asfixia, morte súbita, morte delegada” (MBEMBE,

2018, p.314). Acontecimentos que deixaram heranças desastrosas, trazendo consequências no nível cultural, educacional, econômica, política e nas relações de poder, marcadas pela dominação e subordinação ou através de instauração de modelos universais, que deterioram as identidades negras. A ideia do africano como sujeito resistente, fixado no corpo e nas emoções rudimentares como agressividade, aparece também nesta classe. A propósito para Stuart Hall (2016), o corpo tem servido de sustentáculo da produção e difusão do conhecimento racializado. Atentemos para os exemplos a seguir:

Há muitos pontos de vista para quem tem conhecimento do continente africano sabem que ali há muita diversidade, luta, resistência, alegria, mas, outros pensam que na África só há pobreza fome desigualdade coisas ruins, porém, não fazem ideia da riqueza que há nos diversos países. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

A maioria dos brasileiros têm a ideia errada de que todos os africanos passam fome, isso é resultado de uma construção. A maioria de dos brasileiros não tem ideia da quantidade de riquezas do continente africano. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Ainda sendo impossível definir a visão de todos, dado o contexto histórico e que a população brasileira vem de um ambiente nos quais as pessoas oriundas da África não eram consideradas humanos na escravidão. Acho que pode-se afirmar que em média os brasileiros veem africanos com maus olhos. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Acredito que boa parcela entende a dívida histórica que nunca será paga, mas, a outra parcela acredita que não tem muita importância. (estudante brasileira UFPE, feminina).

Acredito que muitos assumem a riqueza cultural, porém, sentem muito estranhamento quando veem alguém além disso. Acho que a maioria dos brasileiros sentem pena da situação comunitária na África. (estudante brasileira UFPE, masculina).

O discurso desta classe traz uma África multifacetada, porém conectada com a identidade brasileira em tom crítico, neste caso, o Brasil em dívida e responsabilidade para com o continente africano. O que pode ser corrigido através da construção de uma nova história e/ou uma nova educação da africanidade, segundo o tempo da história na acepção de Mbembe (2018). Alguns falam do sentimento de pena e condescendência com os problemas africanos, como se fossem seres humanos frágeis e inábeis a serem protegidos, não aqueles com os quais temos responsabilidades. O olhar de piedade coloca o africano na condição de subalternidade e/ou do dominado, e, portanto, trata-se de uma visão racista (Ver HUGON, 2009; VALA, 2013).

E por último, a classe 4, intitulada “*africanidade precária e mítica*” traz o olhar do africano mítico, isto é, pobre, exótico, irresponsável, pueril, doente, sofrido, sexualidade exagerada (bons de cama), comidas altamente temperadas, pessoas que são resistentes às adversidades, feios, fedorentos, sujos, espiritualidade duvidosa etc. Ou seja, a classe quatro condensa todas as imagens negativas dos africanos, representando a África imaginária, marcada pela catástrofe precariedade, selvageria, doenças etc. Mesmo quando o africano é representado de forma positiva vem acompanhado sempre de estereótipos extremamente negativos. Reforçando a tese de Hall (2016), segundo o qual representação do negro é sempre de forma ambígua, mesmo nas situações que requerem apenas atributos elogiosos. Podemos constatar a ambiguidade no terceiro trecho, por exemplo, “são estudiosos, mas bebem bastante”. A seguir os segmentos significativos:

Que só gostam de festas e bebidas, que estão no Brasil somente para curtir (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Que são pobres e que passam necessidade, que vivem de festa, que são mal educados, que são bons de cama, sexualidade exagerada. (estudante brasileira UNILAB, feminina).

Que são estudiosos, mas, bebem bastante, que gostam de ter um relacionamento sério, que buscam se formar e ficar no Brasil, porque eles parecem gostar do país. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Que são em sua maioria pobres e sofrem com fome e as más condições de vida, mas que enfrentam suas dificuldades com muita alegria. Foi um povo que sofreu perdas imensas com o colonialismo, mas que conseguiu se reerguer e luta como verdadeiros guerreiros a cada dia pelos seus direitos. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Povo que foi escravizado no Brasil e no mundo, porque sobre muito ouvi a fome, doenças e guerras. Pessoas que enfrentam problemas como pobreza, fome e guerras, mas que ainda assim com sua felicidade com o povo que tem. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

O campo semântico dos interlocutores brasileiros revelou o olhar devastador da africanidade no Brasil, trazendo múltiplas facetas do africano, sempre de forma precária deteriorada. Os entrevistados acreditam e assumem que a sociedade brasileira é extremamente racista e preconceituosa com os africanos, fixando-se a identidade africana na deterioração. Os discursos de alguns estudantes banalizam as condições estruturais do continente, na medida em que veem os africanos como aqueles que mantêm o “sorriso no rosto”, apesar de todo o sofrimento. Isso reforça a tese do racismo científico (Ver SCHWARCZ, 1993), segundo o qual o negro tem características biológicas essencializantes que lhe permitem suportar a dor. Este tipo de discurso da banalização das

condições socioeconômicas precarizadas da África, que tem impacto na vida dos africanos não difere do olhar racista da imprensa. No caso da imprensa, Folha de São Paulo, a ridicularização das condições africanas pode ser constatada no seguinte trecho, discutido por Danfá, Aléssio e Torres (2021):

Se a mídia não olha para os doentes negros é porque eles não existem nas estatísticas dos seus próprios países ou melhor dizendo eles só existem porque há jornalistas ocidentais dispostos a viajar ao inferno para contar e claro porque existem também médicos e enfermeiros ocidentais que arriscam a vida e encontram a morte para salvar esses fantasmas ironia. O fardo do homem branco é carregar hoje às costas o fardo do homem negro (DANFÁ; ALÉSSIO; TORRES, 2021, p.18).

Este argumento reforça o nosso argumento de que o racismo do ponto de vista ideológico ou estrutural não coloca as pessoas como meros reprodutores passivos, e sim, como sujeitos ativos na reprodução e veiculação do racismo. A mídia não “carrega” a responsabilidade solitariamente, uma vez que as pessoas têm as suas idiossincrasias.

Estes resultados corroboram com os estudos de Danfá, Aléssio e Torres (2021); Danfá, Aléssio, Santos e Morais (2017), Oliva (2005), Rodrigues (2013). Todos esses estudos reforçam que o imaginário negativo construído sobre a África, fruto das relações históricas e atuais e, sustentado pelos estereótipos negativos fortemente difundidos sobre a africanidade, estimula o racismo em relação ao africano. Aliás, a estereotipagem tem o poder de excluir, enclausurar o outro na diferença negativa e fixar as barreiras, trançando os limites simbólicos, em que tudo o que é degradante atribui-se ao forasteiro, principalmente o mais frágil do ponto de vista de relações de dominação, historicamente e hierarquicamente estabelecidos (HALL, 2016).

7.2 Variação da expressão dos conteúdos representacionais sobre o brasileiro e sobre o Brasil: zona muda (amostra africana)

A apreensão da zona muda neste tópico se deu por meio da hipótese de substituição, através da pergunta redutora da pressão normativa. Neste caso, não utilizamos os três contextos da aplicação de pesquisadores de origens étnico-raciais diferentes, isto é, a técnica de descontextualização normativa. A proximidade entre os interlocutores africanos e o pesquisador africano reduziu duplamente a pressão normativa, visto que o contexto da aplicação colocou lado a lado as pessoas da mesma origem étnicorracial. Assim, juntou-se a hipótese de substituição e o pesquisador próximo

aos interlocutores africanos, favorecendo a expressão de conteúdos representacionais de cunho preconceituoso de forma desinibida (Ver ABRIC, 2003; BOURDIEU, 1997).

7.2.1 Afinal, quem são os brasileiros para os africanos? Hipótese de zona muda a partir da técnica de substituição

Perguntamos à amostra africana, quem são os brasileiros na ótica dos africanos. O corpus analisado teve 87,61 % de retenção na análise e se dividiu em sete classes, divididas em dois eixos da produção dos sentidos, compostos por sete classes. O primeiro eixo, que denominamos “*Brasilidade hostil, soberba e midiática*” agrupa cinco classes 3, 4, 5, 6 e 7, e o segundo eixo, a “*brasilidade devassa, racista, violento e hipersexualidade*”, composto pelas classes 1 e 2. Ressaltamos que a variação do número de palavras deve a percentagem Unidades de Contexto Elementar (UCE). Observemos o dendrograma da Figura 6:

FIGURA 6 DEDROGRAMA QUEM SÃO OS BRASILEIROS PARA AFRICANOS (87,61% DE RETENÇÃO)

Classe 2		Classe 1		Classe 7		Classe 6		Classe 5		Classe 4		Classe 3	
Brasilidade devassa, racista, violento e hipersexualidade"				Brasilidade hostil, soberba e midiática									
14.1%		12.1%		17.2%		11.1%		19.2%		14.1%		12.1	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Racista	39.97	Futebol	38.3	Pensamento	26.8	Negro	29.8	Povo	20.9	Opinião	34.17	Racismo	8.6
Ignorante	25.31	Mulher	38.18	África	14.6	Mídia	17.39	Sofrer	4.5	Africano	22.26	Nunca	8.64
Falso	25.18	Gostar	11.72	Brasil	12.5	Bonito	11.67	Prostituto	4.5	pensar	12.58	Cultura	5.61
preconceituoso	9.99	Festa	3.84	Vida	9.8	preconceituoso	8.3	Divertido	4.5	brasileiro	8.35	Brasileiro	4.86
								Diferente	4.5	Sociedade	3.9		
								Carnaval	4.5				

Fonte: DANFÁ (2021)

A classe três do primeiro eixo caracteriza a brasilidade como um povo racista, xenófobo e hipócrita, porém com imagem midiática de um povo cordial e simpático. Os africanos caracterizaram os brasileiros como um povo não confiável do ponto de vista das relações interpessoais, uma vez que oscilam entre preconceito, racismo e atitudes *cínicas*. A atitude cínica se atrelada às atitudes racistas e preconceituosas. Presume-se que os brasileiros se comportam de maneira cordial e polida, visando camuflar os sentimentos e as atitudes intolerantes. Observemos os trechos significativos a seguir:

Os africanos sempre pensam que a sociedade brasileira é menos discreta em termos de relacionamento íntimo e que os brasileiros não tem jeito na cozinha” (estudante da Guiné-Bissau, masculino)

Os brasileiros são muito cínicos, os brasileiros são exploradores, os brasileiros são pouco sentimentais. (estudante de Angola, masculino).

O que o africano pensa do brasileiro é muito subjetivo, mas a base é sem sombra de dúvidas o racismo e preconceito. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Para mim os africanos pensam que os brasileiros são falsos, são pessoas que não se devem confiar, que só estão atrás dos africanos por algum interesse. (estudante de Angola, sexo masculino).

A hipótese de substituição reforça a imagem que os africanos têm dos brasileiros, neste caso, considerados um povo extremamente racistas, falsos e cínicos. Percebe-se que falar em nome da população (o que os africanos acham dos brasileiros) não anulou as crenças individuais, atentemos para a frase a seguir: *“na visão dos africanos, pelo menos os que estão aqui no Brasil veem que os brasileiros são racistas, apesar de que os brasileiros negam que não são, mas eu e muitos africanos achamos que os brasileiros são racistas”* (estudante da Guiné-Bissau, masculino). A presença do pesquisador africano permitiu que os universitários assumam os discursos emitidos em nome da população geral, o que talvez não aconteceria se o pesquisador fosse brasileiro branco.

Na classe 4, do primeiro eixo, vimos a associação do brasileiro à inteligência e soberba. Ou seja, os africanos enaltecem a qualidade dos brasileiros e ao mesmo tempo demonstram um certo incômodo por acreditarem que os brasileiros se acham superiores a eles a nível do intelecto e da cultura, o que se traduz nos comportamentos racistas. Observemos os trechos a seguir:

Os africanos pensam que os brasileiros, por acharem que são mais inteligentes, são menos inteligentes e engraçados (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Alguns africanos pensam que os brasileiros são os detentores dos saberes das ciências exatas e ciências sociais, que são legais, mas isso é uma opinião subjetiva. (estudante de Angola, masculino)

Na minha opinião acho que os africanos pensam que os brasileiros são brancos. (estudante de Angola, feminina).

Além do engrandecimento, verificamos nesta classe o processo de comparação entre os brasileiros e africanos. Aliás, a construção de imagem de si ocorre em um processo de comparação social, neste caso, o mecanismo de categorização social em que

se contrasta “nós” e “eles”, por meio da relação dialética entre os valores endogrúpicos e exogrúpicos. Este mecanismo está no cerne dos processos comuns da socialização. (TAJFEL, 1981b). Para Deschamps e Moliner (2014), a comparação constitui um dos processos egocentrados da identidade social, na medida em que nos permite lidar com as incertezas que temos sobre nós. Assim, ao recorrermos aos outros, procuramos ver nestes as semelhanças e dessemelhanças, processos cruciais para a construção de identidade pessoal, que por inerência é também social. Além do processo de comparação, verificamos também o mecanismo denominado por Fanon (2008) de epidermização da inferioridade, que consiste em uma das características da interiorização do complexo de inferioridade. O que constatamos nos trechos em que alguns africanos acreditam que os brasileiros possuem maiores capacidades intelectuais do que eles, conforme o trecho seguir: *“para mim os africanos pensam que os brasileiros sabem tudo e que eles podem fazer”* (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

As classes 5, 6 e 7, do primeiro eixo, trazem no seu universo léxico as divergências na categorização dos brasileiros. Alguns estudantes caracterizaram a brasilidade do ponto de vista da abertura do brasileiro com relação à diversidade étnico-cultural, outros categorizam os brasileiros negativamente, associando-os ao racismo, preconceito, criminalidade, desonestidade e prostituição. Verificamos, a imagem não uníssona da brasilidade, o que pode se explicar pelas experiências particulares de cada um, embora compartilhem algumas imagens que sejam consensuais. Observemos alguns trechos:

Os africanos pensam que os brasileiros não são honestos, raramente um africano confia, tanto num brasileiro como as vezes um brasileiro confia nele, pois existe aquele discurso que os brasileiros são interesseiros, mas na verdade não podemos pensar assim” (estudante Guiné-Bissau, masculino).

Acredito que também varia bastante de pessoas a pessoas de vida, a referências de cada um, o tempo de convivência e a forma de convivência, mas em média acredito que os africanos conhecem a parte ruim dos brasileiros, que os inquieta, a exemplo do preconceito e racismo. (estudante de Angola, masculino).

O pensamento que os africanos têm dos brasileiros através das imagens das tvs que chegam a eles é de prostituição. (estudante da Guiné-Bissau, masculino)

Os africanos pensam que o Brasil é tudo de bom, que é uma maravilha e que é um mar de rosas, sem esquecer daquilo que a mídia tem mostrado muito a bandidagem. (estudante de Angola, masculino).

Os africanos vêm os brasileiros como um objeto sexual, já ouvi gente falar que vieram para transar. (estudante de Cabo-Verde, masculino).

Um povo muito acolhedor, povo que dá o seu abrigo sem te conhecer, em contrapartida também são um povo muito confucionista. Alguns aproveitadores, muito bons de mídia e publicidade. (estudante de Angola, masculino).

Percebe-se uma imagem bastante depreciativa dos africanos sobre os brasileiros. Acreditamos que ao falar em nome da população geral e também diante do pesquisador africano, os discentes africanos sentiram menos a pressão normativa, e, por conseguinte, evocaram expressões preconceituosas sem receios de serem mal-vistos. Houve a conjução da técnica de substituição e a descontextualização normativa, o que favoreceu duplamente a evocação de atributos negativos e depreciativos aos brasileiros. Verificou-se a coexistência de imagens acusatórias, incômodo dos africanos com o racismo à brasileira, com aquelas de caráter depreciativa sobre o povo brasileiro, associando-o à criminalidade, prostituição, desonestidade. Esta última imagem, constitui discurso hegemônico endossado pela classe média brasileira, que atrela a brasilidade à corrupção cotidiana, manifesta nas relações interpessoais e institucionais (Ver SOUZA, 2017; 2018). Percebe-se ainda, que os africanos olham os brasileiros antes da chegada no Brasil com status superior, porém, após a convivência esta imagem é transformada pela imagem depreciativa.

Por último, as classes 1 e 2, do segundo eixo, intitulado “*brasilidade devassa, racista, violento e hipersexualidade*”, traz a imagem basicamente pejorativa da brasilidade, segundo o qual os homens são potenciais assassinos e as mulheres prostitutas. Embora alguns categorizassem os brasileiros de forma positiva, coexistem imagens opostas em relação aos brasileiros. Observemos os trechos a seguir.

De todos os homens assassinos e todas as mulheres prostitutas” (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Para mim os brasileiros todos gostam de futebol, gostam de muita bebida alcoólica, também são criminosos. As mulheres são fáceis, gostam de sexo, todas são lindas, por outro desconfiadas, não confiam até nas suas mães ao lado dos seus parceiros. (estudante Guiné-Bissau, masculino)

Na minha modesta opinião é que a maioria pensa que as mulheres brasileiras são oferecidas”. (estudante Guiné-Bissau, masculino).

Para os africanos os brasileiros são imaginários delinquentes e revolucionários e que na sua maioria gay. Para os africanos não passam

de um povo racistas e preconceituosos que ao longo do tempo negam as suas origens. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Os brasileiros são racistas preconceituosos sentem que eles são melhores que todo o mundo” (estudante de Cabo-Verde, masculino).

Apesar do eixo anterior trazer alguns atributos negativos como a vinculação da brasilidade com a violência, o segundo apresenta discursos majoritariamente hipersexualizadores das mulheres brasileiras, associando-as a “facilidade” do ponto de vista sexual. A criminalidade, delinquência, prostituição e homossexualidade foram vinculadas aos brasileiros. Este último atributo, revela o discurso homofóbico presente na fala dos interlocutores africanos. Nota-se, que o processo de estereotipia dos africanos com relação aos brasileiros exacerbou-se após a convivência na UNILAB, uma vez que as imagens que antecederam a vinda destes discentes ao Brasil foram predominantes apreciativas.

Assim, o contato com a cultura brasileira mudou a percepção dos africanos no que tange à imagem do brasileiro cordial e reforçou o olhar depreciativo que atrela o povo brasileiro a promiscuidade, violência e devassidão. Acrescenta-se a isso, a idealização do Brasil como um país “civilizado” nos moldes eurocêntricos, isto é, a imagem da Europa como centro do mundo e da civilização. Observemos os trechos a seguir:

Posso dividir isso em duas: um pensamento de africano que vive na África e um pensamento africano que vive no Brasil, por exemplo, antes de vir estudar no Brasil pensa que todo brasileiro é feliz carinhoso e esperto etc. (estudante de Angola, masculino).

O pensamento que os africanos têm dos brasileiros, através das imagens das tvs que chegam a eles é de prostituição. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Idealizamos o povo brasileiro como sendo um povo civilizado que possuem bem-estar social econômico superior a nós, mas na verdade já quando chegamos aqui vimos que a realidade da vida é outra. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Até imaginava namorar uma brasileira, tudo mudou quando cheguei aqui, o meu pensamento sobre o brasileiro agora é outro, quer dizer o preconceito que eles têm sobre a África é eterno. (estudante, masculino Angola).

Acredito que também varia bastante de pessoas, a de vida, a referências de cada um, o tempo de convivência e a forma de convivência, mas em média acredito que os africanos conhecem a parte ruim dos brasileiros, que os inquieta, a exemplo do preconceito e racismo (estudante de Angola, masculino)

Violentos, assassinos, bandidos, esses pontos citados são pensamentos dos africanos em relação aos brasileiros devido as informações midiáticas e legado colonial. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Percebe-se a divisão da imagem do Brasil e brasilidade em duas: a primeira, a priori, transmitida pela TV, coloca o povo brasileiro como harmônico, país de futebol e de prostituição e, a segunda imagem, a posteriori ao contato com a sociedade brasileira. Esta última revela a face preconceituosa e racista dos brasileiros. Dito de outra maneira, os discentes africanos abandonaram a imagem do brasileiro cordial e reforçaram o olhar da brasilidade como um povo violento, promíscuo e com vários males sociais. Foram reforçados, portanto, os estereótipos negativos sobre o povo brasileiro após a vivência no Brasil. Esse fato foi constatado também no estudo de Tcham (2016). O resultado deste estudo aponta para o desconhecimento do racismo por parte dos estudantes africanos nas universidades, no período que antecede à imigração no Brasil (DANFÁ; ALÉSSIO, 2020).

Em alguns casos, mistura-se o discurso em nome da população geral com o nome próprio, conforme o trecho a seguir: “*na minha modesta opinião é que a maioria pensa que as mulheres brasileiras são oferecidas*”. (estudante Guiné-Bissau, masculino). Nesta frase o discente parece falar em nome próprio ao invés de em nome da população. Pode-se dizer que a pergunta substituição não anula as idiossincrasias, isto porque ao falar em nome do coletivo, fala-se em nome próprio. Aliás, a identidade pessoal e a identidade coletiva são amalgamadas (TAJFEL, 1981b). O contato parece ter gerado o efeito contrário nos africanos, isto porque, ao invés de suavizar o preconceito com relação aos brasileiros, potencializou-o.

As imagens atribuídas aos africanos variam em função do contexto da aplicação e do tipo de pesquisa. Neste sentido em face ao pesquisador africano, tanto na caracterização dos sujeitos africanos assim como a África enquanto lugar aparecem os atributos predominantemente positivos. Os africanos enquanto indivíduos são categorizados com os atributos no âmbito da instrumentalidade positiva e de sociabilidade, por exemplo as expressões *educados*, *simpáticos*. Já na categorização da África enquanto lugar aparece atributos que admitem a capacidade africana no que tange ao progresso civilizacional, através a expressão *desenvolvimento*. A pobreza aparece como vinculada à África, tanto na caracterização dos africanos enquanto sujeitos assim como o continente africano.

Em face ao pesquisador branco aparece a imagem da África mítica e a caracterização dos africanos como sujeitos precários, famintos, escravizados. A África

enquanto a identidade territorial foi caracterizada do ponto de vista da miséria e do ambiente selvagem, através de atributos *savana* e *carente*. O universo simbólico dos brasileiros em face ao pesquisador branco reforça a imagem mítica da África e do africano. Por sua vez, a pesquisadora negra, traz a imagem de uma África mais complexa e problemática. Na categorização dos sujeitos africanos diante desta pesquisadora aparece expressões que apontam o papel da África na ancestralidade e ao mesmo tempo realçam os valores estéticos e humanos dos africanos, através das palavras *charmosos*, *humano* e *ancestral*. Já a África enquanto lugar foi caracterizada com atributos referentes as injustiças, exploração e as suas respectivas consequências, neste caso, racismo, sofrimento, guerras. Em face a esta pesquisadora aparece a imagem da África como lugar promissor e capaz de se desenvolver, compartilhando o campo semântico comum dos interlocutores que responderam em face ao pesquisador africano.

Os discentes brasileiros atribuem às instituições brasileiras, mídia e sistema do ensino como responsáveis pela imagem construída sobre África, que reforça as imagens da precariedade, caos generalizado, escravizados e sem contribuição para o progresso da civilização. Estes estudantes reconhecem a África enquanto berço civilizatório, mas que não é percebida enquanto tal, em decorrência do sistema de educação que reforça o preconceito e racismo. Por sua vez os estudantes africanos categorizaram os brasileiros como povo racistas, preconceituosos, bandidos, povo devasso, hipersexualização das mulheres. Estes estudantes atribuem também à mídia e às suas vivências no Brasil como sustentáculo da imagem atribuída aos brasileiros.

Acreditamos que a vivência dos africanos com os brasileiros, principalmente na UNILAB, influenciou de forma considerável a percepção dos africanos sobre o povo brasileiro. Por este motivo, no tópico a seguir vamos debruçar sobre a influência do grau de convivência entre os africanos e os brasileiros na construção da imagem sobre o brasileiro.

7.2.2 *Representação da brasilidade de acordo o grau de convivência do indutor “os brasileiros são”: perspectiva dos interlocutores africanos*

No que diz respeito à análise de especificidades de acordo com o grau da convivência entre os africanos e brasileiros apenas três universitários admitiram a não convivência com os estudantes brasileiros, e, por isso não foram analisados. Observemos a Tabela 13.

TABELA 13 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS: “OS BRASILEIROS SÃO”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES AFRICANOS

Grau de convivência	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Muita N= 14	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Mestiços	2	2	2.1	0.018
	Curiosos	2	3	1.7	0.049
	Ignorantes	2	4	1.3	0.0089
	Machistas	2	4	1.3	0.0089
Regular N=	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Bandidos	5	5	1.7	0.043
Pouca N=56	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Futebol	4	6	1.5	0.0062
	Cultura	2	2	1.5	0.0084

Fonte: DANFÁ (2021)

O grupo de africanos que convivem muito com os brasileiros atribuíram a estes os traços *curiosos*, com 67% de evocação, um total de 2 de 3 no corpus, *mestiços*, com 100% de evocação de 2. Ao analisarmos a co-ocorrência de termos, a expressão *curiosos* está significativamente associada a palavra *abertos* ($p.<0.029$), o que nos leva a presumir que foi evocada em tom positivo. No tocante à expressão *mestiços* (miscigenação) quando pensada de forma negativa pelos darwinistas sociais, acredita-se que vai deteriorar a “pureza” racial brasileira, e quando realçada positivamente, conforme fez Gilberto Freyre, mascara as tensões raciais existentes entre os brasileiros, criando a ilusão da harmonia racial (SCHWARCZ, 1993). As expressões *sobrerrepresentadas* que remetem as tensões intergrupais diz respeito ao *machismo* e *ignorantes*, com 50% de evocação, 2 de 4 na amostra. Quanto aos estudantes que convivem regularmente, estes consideram os brasileiros *bandidos*, demonstrando uma visão depreciativa sobre os brasileiros. E, os estudantes que convivem pouco evocaram *futebol*, 67%, 4 de 6 e *cultura*, 100%, frequência de 2, como as mais *sobrerrepresentadas*. Nota-se, portanto, que a imagem atrelada ao brasileiro difere em função do grau de convivência, uma vez que, quanto menor for a convivência mais atributos indesejáveis foram evocados na categorização dos

brasileiros. Este resultado se assemelha a dos brasileiros, que quanto maior for a convivência com o exogrupo africano, mais atributos positivos atribuíram a estes.

Conclui-se, portanto, que a convivência dos brasileiros com os africanos traz ganhos para estes na medida em que favorece a modificação da imagem mítica da África. Favorece também a empatia e solidariedade com relação ao racismo, discriminação e preconceito racial que os africanos são vítimas na sociedade brasileira. Para os africanos, a convivência permitiu-lhes perceber as qualidades brasileiras como curiosidade e miscigenação, mas também a face violenta dos brasileiros.

Acreditamos que a vida no Brasil ensinou os africanos a face hostil e preconceituosa dos brasileiros. Dito de outra maneira, antes da vinda ao Brasil, a imagem do Brasil era de um país sem racismo, o que muda com a chegada no território brasileiro. (DANFÁ; ALÉSSIO, 2020; LIMA; FEITOSA, 2017). É precisamente a percepção do Brasil pelos africanos, após a vivência no solo brasileiro, que vamos discutir no tópico a seguir.

7.2.3 Representação da brasilidade de acordo o grau de convivência do indutor “quando pensa no Brasil”: perspectiva dos interlocutores africanos

Os africanos que não convivem com os brasileiros associaram o Brasil à corrupção e à negritude. Os estudantes que convivem muito com os brasileiros associaram o Brasil à ausência da segurança. E, por último os estudantes com pouca convivência caracterizaram o Brasil como um país preconceituoso e marcado pela criminalidade, isto é, um país inseguro e intolerante. Observamos a Tabela 14

TABELA 14 ESPECIFICIDADES DOS TERMOS EM FUNÇÃO DO GRAU DA CONVIVÊNCIA – CORPUS: “QUANDO PENSA NO BRASIL”: PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES AFRICANOS

Grau de convivência	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Muita N= 14	<i>Sobrerrepresentadas</i> Diversidade	4	9	2.0	0.0249
	Carnaval	3	8	1.4	0.0082
Regular N=	<i>Sobrerrepresentadas</i> Desenvolvimento	4	4	1.5	0.0073
	Mortalidade	4	4	1.5	0.0073
	<i>Subrrepresentadas</i> Preconceito	1	23	-1.7	0.049
	Diversidade	1	9	-2.2	0.014
Pouca N=56	<i>Sobrerrepresentadas</i> Preconceito	5	7	1.9	0.030
	Muita criminalidade	23	23	1.5	0.0062
	<i>Subrrepresentadas</i> Carnaval	0	8	1.6	0.054

Fonte: DANFÁ (2021).

Os estudantes que convivem muito sobrerrepresentaram as expressões diversidade, com 44%, 4 de 9 no corpus e carnaval, 38%, 3 de 8 na amostra geral. Os estudantes que convivem regularmente caracterizaram o Brasil com as expressões *desenvolvimento* e *mortalidade*, ambos compondo 100% da evocação total. O *preconceito*, com 14% de evocação, 1 da frequência total de 23 e diversidade, 11%, 1 da frequência 9 no corpus, são as expressões subrrepresentadas. E, por último, os estudantes que convivem pouco sobrerrepresentaram a expressão *preconceito*, 71% 5 da frequência total de 7 e muita *criminalidade* 100%. E *carnaval* foi a única expressão subrrepresentada, com 0%.

Diferentemente dos interlocutores brasileiros, o grau da convivência não melhorou tanto a apreciação dos africanos sobre os brasileiros, principalmente no que concerne a categorização do Brasil enquanto identidade territorial. Estes discentes categorizaram o Brasil e a brasilidade como lugar de criminalidade, bandidagem e preconceito. Apesar de que caracterização do Brasil com um país desenvolvido e de diversidade, a maior convivência não fez diferença na imagem construída pelos africanos sobre os brasileiros.

Será que o efeito pesquisador, aliado ao grau de convivência, exerceu influência sobre desejabilidade social na autorrepresentação dos brasileiros? Pode-se se falar da zona muda na representação intragrupal? Essa é a questão que visamos responder na sessão a seguir.

7.3 Efeito do contexto da aplicação e grau de convivência na autorrepresentação dos brasileiros através do indutor os brasileiros são

A desejabilidade social parece explicar o reconhecimento e a vinculação da brasilidade às atitudes preconceituosas, racistas e homofóbicas diante do pesquisador africano. Os entrevistados brasileiros assumem a face hostil e/ou intolerante do brasileiro, reconhecendo, portanto, a marginalização e discriminação dos povos africanos e afrodescendentes no Brasil diante do pesquisador africano. Observemos a Tabela 15:

TABELA 15 ESPECIFICIDADES DA AUTORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (N=238)

Tipo de aplicador	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Negro africano N=	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Preconceituosos	26	35	2.4	0.0078
	Racistas	19	25	2.2	0.0155
	Burros	9	10	2.1	0.0171
	Homofóbicos	6	6	2.0	0.0221
	Lutadores	5	5	1.7	0.0418
	Preguiçosos	11	14	1.7	0.0465
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Inteligentes	4	14	-1.6	0.0569
	Conservadores	0	4	-1.7	0.0483
	Esperançosos	1	7	-1.7	0.0443
Calorosos	5	18	-1.9	0.0264	
Brasileiro branco N=	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Corruptos	15	39	2.0	0.021
	Calorosos	8	18	1.8	0.036
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Racistas	2	25	-1.7	0.049
Trabalhadores	0	14	-2.0	0.025	
Brasileira negra N=	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Inteligentes	9	14	3.0	0.0014
	Explorados	3	3	2.2	0.0135
	Resilientes	6	11	1.9	0.0270
	Trabalhadores	7	14	1.9	0.0293
	Conservadores	3	4	1.7	0.0443
	Esperançosos	4	7	1.6	0.054
	Guerreiros	4	7	1.6	0.054
	Comunicativos	5	10	1.5	0.006
Resistentes	3	5	1.3	0.009	

	<i>Subrepresentadas</i> Corruptos	4	39	-1.9	0.0266
--	--------------------------------------	---	----	------	--------

Fonte: DANFÁ, 2021.

Diante do pesquisador africano as expressões sobrerepresentadas evocadas foram: *preconceituosos*, com 74% da ocorrência do termo no corpus, *racistas* 76%, *burros* 90%, *homofóbicos* 100%, *lutadores* 100% e *preguiçosos* 79%. A presença do pesquisador africano exerceu influência na desejabilidade social, uma vez que, os universitários brasileiros assumiram a brasilidade intolerante e discriminadora das minorias. A crença da brasilidade como um povo lutador e burro foi igualmente destacada diante deste investigador. Os discentes atribuíram ainda aos brasileiros, o traço de instrumentalidade negativa (CABECINHAS, 2006), expressa através da palavra *preguiçosos*, isto é, indolência. Aliás, na visão de hooks (2019) a ociosidade é algo demonizado no ocidente, o que explica o despreço com a preguiça e qualquer forma de inutilidade social. Quanto aos termos subrepresentados, destaca-se as expressões que remetem a brasilidade mítica, *calorosos*, com 28%, 5 de 18 no corpus total; os traços de instrumentalidade positiva, *inteligentes*, com 29%, 4 de 14 na amostra global. E, por último a subrepresentação de expressões que remetem um futuro auspicioso, neste caso, *esperançosos*, com 14%, 1 da frequência total de 14 no corpus.

Ao nosso ver, apareceu algo “incomum”, pois em geral o brasileiro se apresenta ao estrangeiro como um povo acolhedor, cordial e feliz, e, jamais racista e preconceituoso. Parece que o agravamento das tensões e polarizações entre as classes sociais, resultando no impeachment e eleição de um governo intolerante com as minorias expôs o racismo e preconceito. Em um estudo recente Techio, Torres e Sousa (2020), afirmam que desde 2013 as manifestações vêm se exacerbando, através de diversas reivindicações dos movimentos sociais brasileiros. Nessas manifestações são perceptíveis as violências policiais, reprimindo e, às vezes, causando morte dos participantes, principalmente os negros, devido a seletividade das forças policiais. De acordo com os autores, as manifestações de 2013 começaram inicialmente com os protestos contra o aumento das passagens de transportes públicos em diversas cidades, em seguida as manifestações contra a organização da Copa do mundo (TECHIO; TORRES; SOUSA, 2020).

Em 2015 os protestos foram organizados pelas pessoas da ideologia de direita, contra o governo da presidenta Dilma Rousseff e defesa da operação Lava Jato. Esses protestos colocam em lados opostos a direita, em defesa da “corrupção” e esquerda em apoio ao governo da Dilma Rousseff e dos valores democráticos. Essa última

manifestação trouxe com uma das consequências a ascensão da extrema direita e o bolsonarismo, tendo como consequência a exacerbação das diversas formas de intolerância, homofobia, machismo, xenofobia e racismo (TECHIO; TORRES; SOUSA, 2020).

No tocante ao racismo, acreditamos que ele foi historicamente negligenciado, e não porque seja sutil, uma vez, no Brasil é tão escancarado, não precisando de poderes extranaturais para perceber a forma como se estrutura. Podemos constatar esses fatos na cotidianidade mazelada dos negros no Brasil, exposta nas favelas e periferias. Assumir racismo no Brasil é um ganho para as comunidades negras e brancas comprometidas com a luta antirracista, já que a escravização “desvirtuou” uma parte da branquitude euroamericana e os seus descendentes, conforme Frederick Douglass (2012) salientou. Neste sentido, o comprometimento dos brancos na luta é forma de corrigir essa parcela da branquitude “manchada”, que se caracteriza pela ruína, pilhagem, domesticação e subjugação dos povos africanos, latino-americanos e asiáticos.

Por sua vez, diante do pesquisador branco, os atributos especificamente sobre-representados foram *corruptos*, com 38%, 15 da frequência total de 39 no corpus e *calorosos*, com 44%, 8 de 18 na amostra geral. Essas expressões remetem à brasilidade o aspecto histórico-geográfico, isto é, Brasil cordial e pertencente ao continente americano. Os brancos trouxeram, portanto, a brasilidade pensada nos moldes freyrianos e de Sérgio Buarque de Holanda, que atrelam o brasileiro a traços culturais no domínio da expressividade e corrupção dissimulada pelo jeitinho brasileiro e pela imagem do “homem” cordial. A corrupção aparece novamente como traço característico da brasilidade, no âmbito estatal e nas relações interpessoais, que são expressas pela ideia do jeitinho brasileiro. As expressões sub-representadas em face ao pesquisador branco remetem ao reconhecimento do *racismo* 8%, 2 de 25 do termo na amostra geral. E, por último, a expressão *trabalhadores*, 0% do total no corpus. Percebe-se, portanto, em face a aplicação do pesquisador branco a sub-representação da face racista do brasileiro.

E por último, diante da pesquisadora negra, apareceram especificamente os atributos da instrumentalidade positiva como *inteligentes*, com 64%, 9 da frequência total de 14 no corpus, *trabalhadores* com 50%, 7 de 14 da frequência do termo na amostra. Aparecem também, os traços de vigor físico, isto é, um povo guerreiro, 57%, 4 da frequência do termo na amostra. Esta expressão se refere a ideia do brasileiro esperançosamente lutar para confrontar a *exploração*, 100% de da frequência de 3, as adversidades e as desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira, através de

expressões como: *resilientes*, 60% do termo e *resistentes* 55%. Aparece ainda diante da pesquisadora negra a imagem do brasileiro como povo *conservador*, 75%, principalmente a nível moral. A *corrupção* foi o único termo subrepresentado e remete a moralidade do ponto de vista da relação com os recursos públicos.

Apreendemos nesta tese a outra dimensão da brasilidade, neste caso, a não consensual, quando comparada com a imagem do brasileiro cordial, simpático, hospitaleiro, feliz, animado. Assim, a brasilidade coesa e harmônica, largamente difundida, começou a ser colocada em xeque, uma vez que a imagem do brasileiro intolerante, racista, preconceituoso e conservador começa a ganhar força. Acreditamos que as lutas políticas que começaram em 2013, gerando polarizações político-identitárias, fizeram eclodir a brasilidade controversa e de luta de classes. Por exemplo, os estudos de Camino et. al. (2014) e Lemes e Torres (2013) apontaram que a aversão às políticas sociais e afirmativas é atrelada à hostilidade e ao racismo com relação à população negra. Emerge, portanto, uma nova brasilidade, neste caso, o brasileiro problemático e com tensões intergrupais. Afinal, identidade sempre está em constante mutação e sempre é reinventada, através de novas conexões, o que explica a aparição de uma brasilidade que contrapõe a hegemônica. Aliás, para Stuart Hall (2003), a identidade é também uma problemática histórica, que se deve ao fato de que as nossas histórias muitas vezes são marcadas pelas rupturas violentas ou abruptas.

Nota-se, portanto, que diante da pesquisadora brasileira negra, os brasileiros procuraram mostrar a face brasileira mais positiva, o que nos leva a pensar que a hipótese da zona muda, mais concretamente à ideia da desejabilidade social, não funciona apenas na atribuição de características ao exogrupo, mas também na caracterização do próprio endogrupo. O que pode explicar o fato de que diante da brasileira negra os respondentes brasileiros evocaram imagens da brasilidade bem vista internacionalmente, satisfazendo a autoimagem, através da vangloriação da imagem positiva da identidade coletiva, o que corrobora com a tese de Tajfel (1981b). A presença de uma pessoa negra parece estimular os entrevistados a apresentarem a brasilidade mais positiva, uma vez que uma das faces negativas de ser brasileiro se expressa no racismo estruturante desta sociedade, que por conseguinte, afeta consideravelmente a população negra.

Os nossos achados nos permitem averiguar um possível diálogo entre a descontextualização normativa e hipótese contato a nível endogrupal. Neste sentido, o mascaramento ou desmascaramento da zona muda pode ser estudado no âmbito da

categorização endogrupal, nomeadamente nos estudos sobre as relações intergrupais, conjugando as hipóteses da zona muda e do contato. Observemos a Tabela 16 a seguir.

TABELA 16 ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DO GRAU DE CONVIVÊNCIA

Grau de convivência	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Nenhuma N= 41	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Latinos	3	4	2.0	0.0220
	Educados	4	10	1.3	0.009
	Calorosos	6	18	1.3	0.009
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Trabalhadores	0	14	-1.6	0.0552
Muita N= 55	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Racistas	11	25	2.5	0.0071
	Carismáticos	4	6	2.1	0.0194
	Homofóbicos	4	6	2.1	0.0194
	Humildes	3	4	1.9	0.0302
	Inteligentes	6	14	1.6	0.051
	Lutadores	3	5	1.5	0.006
	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Resilientes	0	11	-1.4	0.0432
Regular N=83	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Preconceituosos	19	35	2.3	0.0396
	Fortes	6	8	2.0	0.0490
	Acolhedores	25	57	1.4	0.0213
	Machistas	5	8	1.3	0.019
Pouca N=56	<i>Subrrepresentadas</i>				
	Simpáticos	4	35	-1.7	0.041

Fonte: DANFÁ (2021)

Verificamos que os brasileiros que não convivem com os africanos caracterizaram a brasilidade do ponto de vista do pertencimento territorial ou continental, neste caso, a pertença supranacional, através do realce da latinidade. As expressões *latinos* com 75% de ocorrência, correspondente a 3 evocações da frequência de 4 na amostra, a expressão *educados* com 40% da evocação do termo na amostra nesta variável e *calorosos* 33%. A

palavra *trabalhadores*, que remete ao traço de instrumentalidade positiva foi a única subrepresentada, com 0% de ocorrência (CABECINHAS, 1998, 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Já as pessoas que convivem muito com os africanos caracterizaram a brasilidade trazendo a questão de intolerância, nomeadamente o *racismo*, com 44% da ocorrência do termo na amostra nesta variável, *homofobia*, 67%. A expressão *inteligentes*, 43% e, *carismático*, foram duas expressões com conotações explicitamente positivas entre universitários brasileiros discentes que afirma conviver muito com os africanos. Percebe-se a atribuição coletiva das características hostis, uma forma de direcionar ao coletivo a parte indesejável da brasilidade. Este grupo de estudantes caracterizaram o brasileiro positivamente como um povo *carismático* e *caloroso*, aproximando do discurso que caracteriza a brasilidade de forma mítica e/ou lusotropicalista, neste caso, uma sociedade acolhedora (FREYRE, 2003; VALENTIM, 2011). A expressão *resilientes*, com 0% de ocorrência do termo na amostra nesta variável, foi a única subrepresentada.

As pessoas que convivem regularmente caracterizaram o brasileiro como povo *preconceituosos*, com 54% da ocorrência do termo desta variável na amostra, correspondente a 19 de 35 ocorrências totais, e *fortes*, 75%, 6 de 8 e *machistas*, 62%, 5 de 8. A palavra *fortes* é único com conotação não explicitamente negativa, remetendo a capacidade da resistência do brasileiro. E, por último os estudantes que convivem pouco apenas evocaram a expressão subrepresentada, neste caso, *simpáticos*, com 4 de 35 evocadas no corpus. A seguir vamos analisar as especificidades por Estado, de modo a atestar a relação entre a convivência institucional na UNILAB e conteúdos representacionais positivos. Observemos a Tabela 17.

TABELA 17 ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DO ESTADO

Local da coleta	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
UFPE N=121	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Criativos	9	11	1.6	0.006
	Resilientes	9	11	1.6	0.006
	Corruptos	26	39	1.4	0.008
	Conservadores	4	4	1.4	0.008
	Latinos	4	4	1.4	0.008
	Misturados	4	4	1.4	0.008
	Educados	8	10	1.3	0.009
	Calorosos	13	18	1.3	0.009
	<i>Subrepresentadas</i>				
Preconceituosos	14	35	-1.5	0.0590	

	Inteligentes	4	14	-1.6	0.0458
	Humildes	0	4	-1.7	0.0429
	Lutadores	0	5	-2.1	0.0195
	Machistas	1	8	-2.1	0.0193
	Homofóbicos	0	6	-2.4	0.0088
UNILAB N=117	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Homofóbicos	6	6	2.4	0.0088
	Machistas	7	8	2.4	0.0193
	Lutadores	5	5	2.1	0.0195
	Humildes	4	4	1.7	0.0429
	Inteligentes	10	14	1.7	0.0429
	Preconceituosos	21	35	1.6	0.0458
	Carismáticos	5	6	1.5	0.07
	Preguiçosos	13	21	1.3	0.009

Os estudantes brasileiros da UFPE investigaram sobrerepresentaram as expressões que remetem a uma brasilidade menos problemática quando comparada com os discentes da UNILAB. A expressão *corruptos*, 67%, correspondente a 26 evocações da frequência 39 no corpus. Estes estudantes evocaram a brasilidade mais desejável, neste caso, *educados*, 80% de ocorrência, totalizando 8 da frequência total de 10 na amostra, *criativos* 82%, 9 de 11 no corpus. A *latinidade*, *miscigenação* e *resiliência*, ambas com 100% da ocorrência total nesta variável, foram outras expressões sobrerepresentadas, que apontam para as características étnicas e composição da nação brasileira. Com do termo *inteligentes*, 19%, 4 da frequência total de 14 no corpus, *humildes* e *lutadores*, ambas 0% de ocorrência, as palavras subrepresentadas se referem a parte mais problemática da brasilidade. Estamos nos referindo a subrepresentação das palavras *preconceituosos*, 40%, 14 da ocorrência total de 35 no corpus, *machistas* 12%, 1 de 8 e *homofóbicos*, 0%.

Por sua vez, estudantes da UNILAB sobrerepresentaram as expressões que remetem a parte mais problemática da brasilidade, neste caso, a assunção do *preconceito*, 60%, 21 da frequência total de 35, *homofóbicos*, 100%, 6 de 6, *machistas* 88%, 7 de 8. A *preguiça*, 62%, 13 da frequência total de 21 na amostra, uma expressão que remete ao traço de instrumentalidade negativa. A inteligência aparece com 71%, 10 da frequência

de 14 na amostra (Ver CABECINHAS; 1998; 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015). A expressão *carismático*, 83%, remete ao lado hospitaleiro do brasileiro. Entre os estudantes da UNILAB mistura a caracterização do brasileiro de forma hostil e harmônica, com predominância da primeira.

Assim, quanto maior for a convivência com os africanos mais os interlocutores brasileiros demonstram a desejabilidade social, através do reconhecimento da face hostil da brasilidade e, quanto menos convivem mais caracterizam a brasilidade do ponto de vista da pertença supranacional e afabilidade. Os discursos dos que convivem muito e regularmente se aproxima mais dos estudantes da UNILAB e aqueles que afirmam não conviver mais ligado ao discurso dos discentes da UFPE. Isso reforça o nosso argumento de que o maior contato institucional entre os africanos e brasileiros na UNILAB favoreceu o reconhecimento da face hostil do brasileiro, apesar da admissão da imagem também.

Na sessão a seguir vamos debruçar sobre as especificidades quanto a variável raça, conforme a tabela a seguir:

TABELA 18 ESPECIFICIDADES DOS CONTEÚDOS AUTORREPRESENTACIONAIS DOS BRASILEIROS EM FUNÇÃO DA RAÇA

Raça	Termos específicos	Level	Global	T-value	Probabilidade
Negra N= 59	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Samba	3	3	2.2	0.015
	Burros	6	10	2.1	0.018
	Racistas	11	25	2.0	0.025
	Intolerantes	5	9	1.7	0.045
	Misturados	3	4	1.7	0.048
	Receptivos	11	28	1.6	0.05
	<i>Subrepresentadas</i>				
	Ignorantes	0	10	-1.6	0.05
Animados	0	12	-1.8	0.034	
Branca N= 57	<i>Sobrerrepresentadas</i>				
	Egoístas	6	9	2.4	0.0086
	Calorosos	9	18	2.1	0.0159
	Animados	6	12	1.7	0.0481
	<i>Subrepresentadas</i>				
Festeiros	3	31	-1.8	0.0347	
Amarela N=38	<i>Sobrerrepresentadas</i> Espertos	3	6	1.5	0.007

	Alegres	18	73	1.4	0.007
	Ignorantes	4	10	1.4	0.008
	Desorganizados	2	3	1.4	0.008
	Simpáticos	6	19	1.3	0.009
	Subrrepresentadas				
	Miscigenação	0	16	-1.7	0.0446
	Receptivos	1	28	-1.9	0.0300
Parda N=77	Sobrerrepresentadas				
	Miscigenação	10	16	2.4	0.0089
	Acolhedor	23	57	1.4	0.0213
	Criativo	6	11	1.3	0.009
	Conservadores	3	4	1.3	0.009
	Latinos	3	4	1.3	0.009
	Subrrepresentadas				
	Preconceituosos	6	35	-1.7	0.0485
	Egoístas	0	9	-1.8	0.0350

Fonte: DANFÁ (2021)

Os estudantes que se autodeclararam negros sobrerepresentaram as expressões que remetem a face *racista*, 11 da frequência total de 25, *intolerante*, 56%, 5 de 9, *burra*, 60%, 6 de 10 na amostra geral e o lado miscigenado, *misturados*, com 75%, 3 de 4, *receptivos*, 39%, 11 de 28 e *samba*, 100%. Assim, estes estudantes, maiores vítimas da face hostil do brasileiro, sobrerepresentaram nos seus léxicos a parte desarmônica e antidemocrática da brasilidade, assim como a face harmônica e da riqueza cultural. Estes estudantes subrepresentaram as expressões *ignorantes* e *animados*, ambas as expressões com 0%. Esta última expressão foi sobrerepresentada pelos estudantes brancos, que atrelam o povo brasileiro ao *egoísmo*, 66,7%, 6 da frequência total de 9 no corpus, *calorosos*, 50%, 9 de 18 e *animados*, 6 de 12. Estes estudantes trazem nos seus léxicos a face egocêntrica, harmônica e expressiva da brasilidade. A palavra *festeiros*, que remete a expressividade, é subrepresentada com 9,7%, correspondente a 3 de 31 da ocorrência total no corpus.

Os estudantes que se autodeclararam ser a raça amarela sobrerepresentaram a face do jeitinho brasileiro, *esperto*, com 50%, 3 da frequência geral de 6 no corpus. O lado caloroso e expressivo, *simpáticos*, 31,6%, 6 de 19, *alegres*, 24,7%, 18 da frequência total de 73 no corpus. A face desordeira, *desorganizados*, 67%, 2 de 3. Estes estudantes subrepresentaram a questão da *miscigenação* brasileira, 0%, e a face hospitaleira, *receptivos*, com 3,6%, totalizando 1 da frequência geral de 28 no corpus.

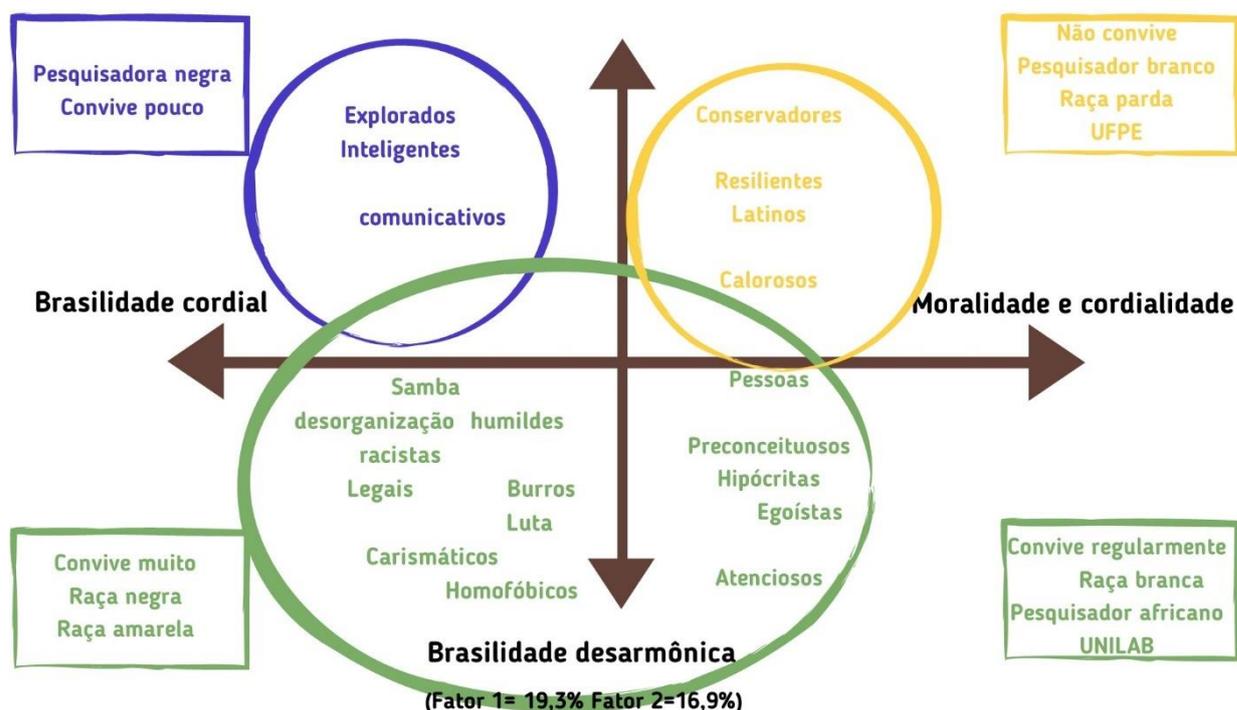
E, por último, os estudantes pardos sobrerepresentaram as expressões que remetem o lado imaginativo, cordial, moral e do pertencimento territorial do brasileiro. A

miscigenação obteve a ocorrência de 62%, 10 da frequência geral de 16, *acolhedor* 40%, 23 de 57, *criativo* 55%, 6 de 11, *conservadores* e *latinos*, ambas 75%, 3 de 4. A face hostil e egocêntrica ficou subrepresentada, neste caso, *preconceituosos*, 17%, 6 da frequência de 35 no corpus e, *egoístas* 0% de 9 evocações totais.

No léxico dos estudantes negros a face hostil ficou sobrerepresentada, a raça branca a questão egocêntrica e harmônica, os discentes que se autodeclaram amarelos sobrerepresentaram a cordialidade, expressividade e grosseira dos brasileiros e, os estudantes pardos, o lado afável, imaginativo, moral e de pertencimento.

Se atentarmos para AFC, é possível verificar que a associação do contexto da pesquisa e o grau da convivência entre os entrevistados brasileiros e africanos influi na autorrepresentação dos brasileiros e na questão da desejabilidade social, através da identificação com as lutas antirracistas e/ou reconhecimento das questões que envolvem a discriminação racial. Observemos a Figura 7:

FIGURA 7 PROJEÇÃO DO CAMPO LÉXICO EM FUNÇÃO “OS BRASILEIROS SÃO” DO CONTEXTO DE APLICAÇÃO, RAÇA, GRAU DE CONVIVÊNCIA, ESTADO E GÊNERO DOS PARTICIPANTES BRASILEIROS



Fonte: DANFÁ (2021).

No eixo horizontal (X) no polo negativo, *brasilidade cordial*, os elementos representacionais mais consensuais foram: *comunicativos*, *inteligentes* e *resilientes*. Essas expressões foram atribuídas diante da pesquisadora negra e grau de convivência

pouca. Verificamos a relação de proximidade nos elementos representacionais atribuídos em face à pesquisadora negra e dos discentes brasileiros que convivem pouco com os africanos. No polo positivo do eixo X, *moralidade e cordialidade*, as expressões *conservadores* e *explorados* estão mais afastados dos elementos consensuais do polo negativo. Neste eixo as variáveis grau de convivência 0 (nenhuma), pesquisador branco, raça parda e os alunos da UFPE se atraem. Neste polo, existe maior propensão de estudantes brasileiros sem nenhuma convivência com os africanos e que responderam os questionários em face ao pesquisador branco categorizarem o brasileiro como povo caloroso. Neste sentido, a face harmônica da brasilidade constitui o elemento consensual no polo. E, por último, no polo negativo do eixo Y, *a brasilidade desarmônica*, verificamos a associação grau de convivência 1 (convive muito), estudantes da raça negra e amarela, em face ao pesquisador afro-negro e UNILAB. Estes estudantes partilham elementos consensuais como *racismo, homofobia, preconceito, burrice, carismáticos*. E os elementos não consensuais, a expressão *atenciosos*.

O grau elevado de convivência associado à aplicação de três pesquisadores revelou o fenômeno da desejabilidade social. Os estudantes brasileiros demonstraram empatia com os africanos no que tange à denúncia do preconceito e do racismo no seio da sociedade brasileira, que afeta consideravelmente a população negra. A aceitação da existência de racismo e de diferentes tipos de preconceito (homofobia, machismo), isto é, o reconhecimento da face intolerante e hostil da brasilidade, se insere no âmbito do debate da desejabilidade social. No mito da democracia racial, o desejável socialmente é precisamente o enaltecimento do brasileiro harmônico, acolhedor e caloroso, em que as raças mantêm uma convivência pacificamente. No contexto atual, marcado pelas leis antirracismo, antipreconceito e antidiscriminação, a desejabilidade social é exatamente o reconhecimento da brasilidade desarmônica (racista, homofóbico, sexista, intolerante).

Acreditamos que o reconhecimento do racismo como mecanismo da desejabilidade social pode gerar a trivialização do debate, na medida em que admitir o racismo passa a ser assunto da “moda”, reduzindo o debate à futilidade. Pode fazer eclodir também a adesão de muitos indivíduos na luta antirracista, principalmente os brancos. Existe uma terceira possibilidade, neste caso, aquilo que Stuart Hall (2003) denomina de multiculturalismo comercial, que consiste no reconhecimento da diversidade cultural através do consumo no nível individual ou privado, mantendo intacta a distribuição desigual de poder e de recursos. Por exemplo, para admitir o racismo na sociedade brasileira basta empregar poucos negros, sem mexer nas estruturas sociais e

institucionais que reforçam o racismo. Pode-se criar jargões como “a representatividade importa”, criando uma falsa consciência, já que se trata de uma forma de inclusão que visa servir ao sistema neoliberal. Neste último caso, abre-se espaço para multiculturalismo corporativo (HALL, 2003), que visa gerir as diferenças culturais, atendendo o interesse do centro.

A seguir vamos abordar a estrutura das representacionais identitárias recíprocas entre os africanos e os brasileiros. As representações sociais e a identidade se influenciam mutuamente, principalmente no que se refere aos processos de atribuição aos grupos distintos (BRASIL; CABECINHAS, 2014). Entendendo a identidade social como um processo relacional, comparativo e dialético (HALL, 2016; TAJFEL, 1981b; TAJFEL; TURNER, 1986), buscamos apreender neste tópico o ponto de vista dos dois grupos, isto é, relação endogrupo e exogrupo. Assim, vamos abordar a autorrepresentação do endogrupo e a heterorrepresentação do exogrupo.

Do ponto de vista da abordagem estrutural de Abric (2003) vamos discutir os conteúdos representacionais em função das evocações. Assim, os elementos mais centrais, neste caso, aqueles que resistem às mudanças vão compor a hipótese do núcleo central. E os elementos periféricos as zonas periféricas, isto é, o conteúdo representacional menos resistente às mudanças, sendo, portanto, mais maleável.

Adotamos também a perspectiva psicossocial de Doise (BONOMO, et.al., 2020; BRASIL, et.al., 2018; DOISE; 2002, DOISE; VALENTIM, 2015) que coloca ênfase na questão do consenso e dissenso na relação intergrupar. O consenso e dissenso são amalgamados na medida em que a consensualidade não implica a eliminação de dissensos e vice-versa. Assim a ocorrência de consenso implica a formação de compromissos, comprometendo-se com determinadas ideias ou crenças, o que não anula as idiosincrasias e os posicionamentos individuais. Neste sentido, o consenso não é algo imposto, sem o qual não se pode protestar, mas sim fruto de compromissos e adesões, visando suavizar as oposições (MOSCOVICI; DOISE, 1992).

Para os autores, a resolução das divergências acontece nas três instâncias. A primeira diz respeito à busca da solução das divergências na tradição, neste caso, nas normas, valores e crenças passadas de geração a geração e enraizadas na sociedade. A segunda diz respeito à ciência, através do julgamento baseado na observação rigorosa, buscando solução mais adequada para os objetivos propostos por meio do convencimento de uma determinada comunidade científica. A terceira tem a ver exatamente com o consenso, que é capaz de explorar as divergências, disputas e conflitos, buscando acordo

e compromisso entre as partes. O consenso se mostra eficaz na modernidade pela sua capacidade de favorecer a convivência nas sociedades modernas, marcadas pelas relações tensas e pela diversidade de pontos de referências. Aliás, as transformações sociais na modernidade suscitam novos problemas, gerando rompimento de relações e dissensos, o que torna o consenso importante para a coexistência de contrastes (MOSCOVICI; DOISE, 1992).

Assim, no tópico a seguir vamos abordar a convergência, tendo por base o campo comum, e as divergências no que se referem às tomadas de posição diferentes nas representações identitárias recíprocas entre os africanos e brasileiros, no âmbito das relações intergrupais e interindividuais. Os pontos comuns na representação da africanidade ou brasilidade denominados de convergências e pontos divergentes chamamos de divergências nas representações recíprocas entre os africanos e brasileiros.

8 ESTRUTURA REPRESENTACIONAL DA AFRICANIDADE E DA BRASILIDADE

Neste capítulo, vamos discutir os resultados das evocações a nível intergrupais, isto é, os termos indutores respondidos igualmente pelos africanos e brasileiros sobre ser africano e ser brasileiro, através da análise dos indutores: “*os africanos são*”, “*quando pensa na África*”, “*os brasileiros são*”, “*quando pensa no Brasil*”.

Utilizamos a abordagem estrutural na discussão dos nossos achados. Segundo esta abordagem, os elementos da zona do núcleo central são considerados os mais importantes, mais estáveis e definem a identidade de uma representação. Já o sistema periférico é mais singular e, por isso, mais flexível e menos resistente às mudanças. Este mantém a conexão direta com o núcleo central, pois que a sua função e sua presença é estabelecida pelo núcleo (ABRIC, 2003; POLLI, WACHELKE, 2013). Os elementos centrais não são elementos solitários, pois que eles mantêm ligação com uma gama de ideias sobre o objeto ou fenômeno em estudo. Os elementos centrais podem se conectar com os outros elementos centrais, ou seja, os chamados elementos cognitivos básicos centrais (cognemas). Os elementos periféricos, por sua vez, são maleáveis, negociáveis e menos consensuais, e, por conseguinte, menos associados aos outros elementos (WOLTER; WOLTER; WACHELKE; NAIFF, 2016; WOLTER, 2018). Os resultados serão discutidos também do ponto da abordagem não consensual das RS, que traz elementos consensuais (convergências) e elementos não consensuais (divergências) nas representações intergrupais entre os africanos e brasileiros (BONOMO et.al., 2020; MOSCOVICI; DOISE, 1992).

8.1 Estrutura das representações identitárias sobre os africanos: autorrepresentação e heterorepresentação

Importante falar das concepções da África e africanidade, miticamente construídas, neste caso, a imagem do africano e da África vinculada a eternos escravizados, incivilizados e sujeitos precários (MOORE, 2010; MBEMBE, 2018). Na visão de Hugon (2009), existem sete arquétipos que definem a relação geopolítica com a África, a saber: o primeiro, é eminentemente *racista*, que através de uma postura evolucionista, coloca os africanos como sujeitos inferiores que precisam ser civilizados; o segundo diz respeito à dimensão *paternalista*, neste caso, como se fosse uma criança que deve ser tutelada e educada, tendo em vista a imagem preconceituosa que a vincula ao atraso do ponto de vista das evoluções humanas; o terceiro, o *exótico*, isto é, sujeitos que precisamos

preservar, por se tratar de um “bom selvagem” e que possui as tradições espetaculares que podem ser assistidas na plateia e se divertir; o quarto, a *visão humanista*, isto é, “irmão” com o qual podemos até cooperar, imagem que é raramente atribuída a este continente; o quinto, *o de estrangeiro* com diferenças incompreensíveis, o que explica a indiferença com os problemas africanos; o sexto, o *conscientizado*, neste caso, o escravo que precisa ser emancipado pelo seu “proprietário”, já que ele em si não pode se emancipar; e, sétimo, o *compassivo ou “solidário”*, isto é, o mísero que precisa compassivamente de ajuda para que possa se desenvolver. Em todos os cenários é perceptível a visão demonizadora e inferiorizadora da África e dos seus cidadãos.

Nas evocações livres é comum a queda de frequência para a terceira, quarta e quinta posições, o que nos levou a calcular o percentual das quedas, de modo a aferir a zona do núcleo central com maior precisão (ver WACHELKE; WOLTER, 2011). Observemos a Tabela 19 a seguir.

TABELA 19 ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR: OS AFRICANOS SÃO

	Brasileiros (N=238)	Africanos (N=98)
Núcleo Central	<i>Culturais</i> (F=57 I=2.4), <i>pobres</i> (F=34 I=2.4), <i>fortes</i> (F=29 I=2.4), <i>inteligentes</i> (F=28 I=2.6), <i>guerreiros</i> (F=28 I=2.1), <i>resistentes</i> (F=23 I=2.4), <i>corajosos</i> (F=11 I=2), <i>esforçados</i> (F=10 I=2.2), <i>injustiçados</i> (F=10 I=2)	<i>Pobres</i> ((F=23 I=1.6), <i>humildes</i> (F=6 I=2.3, <i>miseráveis</i> (F=6 I=1.7) e <i>feios</i> (F=7 I=2.6)
Primeira Periferia	<i>Negros</i> (F=42 I=3.1), <i>alegres</i> (F=39 I=2.8), <i>simpáticos</i> (F=17 I=3.4), <i>discriminados</i> (F=10 I=2.6), <i>sofridos</i> (F=15 I=3.2), <i>lindos</i> (F=15 I=3.4), <i>amigos</i> (F=11 I=2.8), <i>festeiros</i> (F=10	<i>Negros</i> (F=14 I=2.6), <i>fedorentos</i> (F=8 I=3.9)

	<i>I=3.6), felizes (F=17 I=2.8).</i>	
Zona de Contraste	<i>Amigáveis (F=9 I=2.3), animados (F=7 I=2.3), comunicativos (F=7 I=2.3), acolhedores (F=6 I=2.7), machistas (F=6 I=2.4), esquecidos (F=6 I=2.5), unidos (F=6 I=2.7), estudiosos (F=6 I=2), marginalizados (F=6 I=2.5), legais (F=5 I=5 I=2.4), diversos (F=4 I=2.5), famintos (F=4 I=2.5), ricos (F=4 I=2.2), história (F=4 I=1.8), lutadores (F=3 I=2.3), educados (F=3 I=1.3), oprimidos (F=3 I=3.7), preguiçosos (F=3 I=3.7) e arrogantes (F=3 I=2.7).</i>	<i>Inteligentes (F=5 I=2.4), estupradores (F=5 I=2), atrasados (F=5 I=1,8), incapazes (F=4 I=2.2), educados (F=4 I=2.5), burros (F=4 I=2), batalhadores (F=3 I=2), respeitosos (F=3 I=2), lutadores (F=3 I=2), dúvida (F=2 I=2), paz (F=2 II), compaixão (F=2 I=2,5)</i>
Periferia Distante	<i>Diferentes (F=9 I=3.2), receptivos (F=8 I=3.6), estilosos (F=8 I=3), irmãos (F=6 I=3.6) amostrados (F=3 I=3.7) batalhador (F=5 I=2.8), criativos (F=5 I=3.6), extrovertidos (F=5 I=3), necessitados (F=5 I=4.2), barulhentos (F=3 I=3.3), carentes (F=3 I=3.3),</i>	<i>Corruptos (F=5 I=3.8), preguiçosos (F=5 I=2.8), machistas (F=5 I=2.8), trabalhadores (F=4 I=3), animais (F=4 I=3.2), unidos (F=4 I=4.2) selvagens (F=3 I=3.7)</i>

	<i>desorganizados</i> (F=3 I=3.3)	
--	--------------------------------------	--

Fonte: Danfá (2021)

Foram evocadas 420 palavras no campo léxico africano, sendo 265 palavras diferentes. Observa-se a ausência dos traços de instrumentalidade positiva, por exemplo, inteligentes (BRASIL; CABECINHAS, 2019; VALA; BRITO; LOPES, 2015) na autorrepresentação dos africanos na zona central (*pobres, miseráveis e feios*), na zona periférica (*fedorentos*) e na zona de contraste: *estupradores, atrasados, incapazes e burros*. Assim, os africanos se autorrepresentam na zona de núcleo central e na primeira periferia com atributos majoritariamente negativos, exceto a expressão *humildes*. Na zona de contraste, apareceram os traços de instrumentalidade positiva com expressões *inteligentes, educados*, traços espirituosos como *paz e compaixão* e, os atributos do âmbito do físico, através das expressões *resistentes, lutadores e balhadores*. Estes últimos consolidam a imagem da negritude no vigor físico em oposição à branquitude, atrelada à racionalidade e qualidades espirituais.

Para Obenga (2004), no ocidente, mesmo com a dita “superação” do cartesianismo, a oposição entre a substância física, espiritual e intelectual permanece, principalmente quando se trata da hierarquização das raças. Enquanto isso, na filosofia egípcia, o mental ou espiritual e corporal sempre foram complementares, isto é, a matéria e o espírito sempre foram indestrinçáveis. O racismo com relação aos negros mantém essa oposição, conectando a negritude inextricavelmente ao corpo em oposição à branquitude, atrelada à racionalidade. O campo léxico africano apresenta traços estereotípicos mais negativos para os africanos quando comparado com o campo léxico brasileiro. As análises subsequentes nos permitirão elucidar as conotações e denotações que os sentidos dessas expressões carregam.

Por sua vez, os brasileiros evocaram 1089 palavras no campo léxico, sendo 459 palavras diferentes. Através da heterorrepresentação na zona central, caracterizam os africanos com os atributos do âmbito físico e de bravura como guerreiros, *resistentes, esforçados, fortes, corajosos e fortes*; as qualidades que realçam a cultura africana, neste, cultura no âmbito popular, por exemplo, diversidade étnica, linguística (“dialetos”) e, por último, as qualidades que reivindicam a inequidade, resultado de injustiças cometidas contra os africanos, com a expressão *injustiçados*. Na zona da primeira periferia, a heterorrepresentação dos brasileiros vincula os africanos à diferenciação categorial, neste caso, identidade fenotípica (*negros*); aos traços de expressividade *alegres, festeiros,*

felizes; os atributos desejáveis, agradáveis e gentis no âmbito das interações sociais, neste caso, as expressões *amigos*, *simpáticos*; e, adjetivos que remetem ao belo, isto é, *lindos*. A vinculação do negro ao belo vai na contramão do habitual e daquilo que os africanos acreditam serem adjetivados, isto é, feios. Para os interlocutores brasileiros, a zona periférica traz os atributos estéticos com conotações mais positivas do que entre os africanos pesquisados.

Para Farley (1997), por exemplo, o corpo negro sempre foi apreciado de forma humilhante. O que segundo este autor se deve ao fato de que a supremacia branca e a consequente opressão não se manifestar apenas no âmbito econômico, social ou político, mas também nos corpos enxergados como bonitos. A zona da primeira periferia traz também a africanidade precária, isto é, uma subjetividade mazelada, através de expressão *sofridos*. Da mesma forma que na zona central, os brasileiros admitem a *discriminação* sofrida pelos africanos no Brasil.

Na zona de contraste do campo léxico dos brasileiros misturam-se atributos do africano precário, *famintos*; os traços de instrumentalidade negativa, isto é, *preguiçosos*. Para Bell Hooks (2019) a representação do negro como preguiçoso, que nasceu no século XIX e do começo do século XX, contribuiu para a caracterização dos negros como preguiçosos e vagabundos, interessados apenas em se divertir e embriagar. Os brasileiros caracterizaram os africanos também como *injustiçados*, *esquecidos* e *marginalizados*, isto é, um povo cujos direitos foram violados e não reconhecidos. Os africanos foram adjetivados de forma positiva, através de atributos como *comunicativos*, *acolhedores*, *amigáveis*, *legais*, *ricos*, *unidos*, *estudiosos*, *educados*. Aparecem, por último, atributos que remetem às tensões intergrupais e/ou acusações, neste caso, *machistas* e *arrogantes*.

Na periferia distante observamos de forma enfática conteúdos representacionais diametralmente opostos. Os interlocutores brasileiros caracterizam os africanos de forma ambivalente, por exemplo, *estiloso* e *amostrado*, *criativo* e *desorganizados*, *irmãos* e *diferentes*. Ou seja, o campo semântico na heterocategorização dos africanos aglutina atributos prestigiosos e ao mesmo tempo os traços de cunho preconceituoso e pejorativo. Por sua vez, os discentes africanos se autorrepresentam com traços igualmente opostos, fazendo coexistir as características como *preguiçosos* e *trabalhadores*. A representação do africano está de acordo com a forma como a negritude é representada, comumente com atributos antagônicos (Ver HALL, 2016).

Os brasileiros aglutinam os traços físicos, de expressividade, espirituais e racionais na categorização dos africanos, abdicando do binarismo negro-corpo e branco-

razão. Em todos os quadrantes admite-se as *injustiças* históricas, *marginalizações*, *esquecimentos* e discriminações, no âmbito racial, principalmente. Ou seja, aparecem no campo léxico brasileiro expressões que assumem dimensão reivindicatória como *injustiçados* (zona central), *discriminados* (zona periférica) e *marginalizados* (zona de contraste). O que nos remete a um reconhecimento do processo de subordinação e dominação a que os africanos foram submetidos historicamente. Tais injustiças acabam afetando a construção de autoimagem positiva do negro, uma vez que as velhas relações de dominação (branca) e subordinação (negra) impelem os negros a internalizarem os atributos negativos e ao mesmo tempo se auto-odiarem (HOOKS, 2019).

Para autores como Mbembe (2018), Delacampagne (2013), Hall (2003) houve a indiferença, a supressão da humanidade dos africanos, desonra, a não responsabilização e a negação dos danos causados aos africanos. O norteamericano Farley (1997) fez analogia com abuso sexual para fazer referência à indiferença sobre os corpos negros. Segundo o autor, o mais traumático para a vítima é ter consciência de que o violentador aprecia a dor e horror a ela causada, não admitindo a responsabilidade. Neste sentido, a violência sexual e os danos causados aos negros via escravidão e colonização, assumem um caráter cada vez mais doloroso para o alvo, porque o violentador nega, zomba e atribui a culpa à vítima. Ou seja, a negação da humilhação e violência causa auto-punição, auto-ódio, auto-humilhação na vítima. Os brasileiros caracterizaram ainda a africanidade às qualidades estéticas positivas, isto é, *lindos* e qualidades humanas e idealizadas nas relações amistosas com expressões *comunicativos*, *legais*, *amigáveis*, por exemplo.

O traço da instrumentalidade positiva aparece na zona central do campo léxico brasileiro, apesar da aparição de outros traços, por exemplo, aqueles que atrelam a africanidade à expressividade e ao vigor corporal. Podemos constatar atributos como *inteligentes* na zona central, remetendo aos atributos de instrumentalidade positiva, modelo do sujeito desejável e responsável. Surgem os traços negativos como *sofridos* (zona periférica) e *machistas* (zona de contraste) e atributos vinculados à excentricidade como *alegres*, *festeiros* (zona periférica) e *animados* (zona de contraste). O que corrobora com a tese levantada por Jessé Souza (2018) no livro intitulado “Subcidadania brasileira”, segundo o qual os sujeitos pertencentes às periferias do capital são vinculados ao corpo e suas expressividades, inferiorizando-os, e, por conseguinte, justificando a tutela destes pelos países do centro. Na mesma ótica, Mbembe (2018) afirma que o hemisfério norte se considera como centro de universo, berço natal da razão, da vida universal e do que é verdade do universo, criando a ilusão de que são eles que ditam os direitos de ser “gente”

e ao mesmo tempo edificar as nações e civilizações. Para Andrade (2017), a razão é a qualidade que está no ápice do iluminismo e, por muito tempo o pensamento iluminista destituiu a razão dos povos africanos e negros, atrelando a negritude ao ínfimo da razão.

Na visão de Mbembe (2018), ao se tratar do africano, inseparável da negritude, é comum vinculá-lo à ruína e esvaziamento da razão, desvinculando-o, portanto, das funções elementares superiores, como capacidade lógica e racional. O corpo passa a ser salientado principalmente pela negação dos ideais da beleza negra. Vimos também em Césaire (2010) e Fanon (2008), que a negritude foi definida pelos não negros pelo maniqueísmo e essencialização, que têm o corpo como seu sustento. Neste sentido, negro passa a ser vinculado ao corpo, não no sentido positivo, em que o corpo é fundamental na construção identitária, e sim, o corpo negro-fealdade, negro-sujeira, negro-coisa, negro-negação, negro-animal, negro-espetáculo, negro-exótico, negro-matéria. Para Mbembe (2018), ao ser taxado negro implica dizer uma espécie, um sujeito e um corpo pré-determinado biologicamente e culturalmente, enclausurado, principalmente na diferença, ou seja, corpo esvaziado da “humanidade”.

Em síntese, observamos que o léxico africano (autorrepresentação) e o léxico brasileiro (heterorepresentação) apresentam convergências na zona central, ambos admitindo a africanidade como precária. No entanto, os africanos caracterizaram mais a africanidade do ponto de vista negativo, isto é, mísero, com precariedade e esteticamente feio. A nossa hipótese é de que estes atributos foram evocados em tom de acusação, o que vamos elucidar e contextualizar na análise estatística textual. Os brasileiros trazem ainda, os atributos mais diversificados, atribuindo aos africanos os traços de instrumentalidade positiva, *inteligentes*; os traços de vigor corporal e suas manifestações e, as denúncias contra as injustiças que os africanos sofreram.

Na primeira periferia ambos caracterizam a africanidade como negra, isto é, indissociável à negritude. Dito de outra forma, a África como lugar que torna a negritude pronunciável (HALL, 2003). Os brasileiros categorizaram mais positivamente os africanos, através dos atributos *lindos*, *simpáticos* e *alegres*. Este último, pode remeter aos traços de expressividade de natureza pueril ou “ingenuidade” ou ridicularização do africano tido como sorridente mesmo sofrendo. (VER DANFÁ, et.al, 2017; HALL, 2016). A expressão *alegres* vai ser contextualizada na análise estatística textual de modo a aferir a sua conotação. Na periferia distante verificamos a convergência na representação do africano. Assim, tanto os discentes brasileiros assim como os africanos categorizaram a africanidade com expressões contraditórias e opostas (ver HALL, 2016).

Há uma convergência da expressão *negro* na zona periféria em ambos os grupos. Essa caracterização do negro pode ser uma ligação inexorável da negritude à rejeição ou a ressignificação do termo negritude positivamente. Este último pode gerar a construção da autoimagem positiva, o que segundo Tajfel (1981b), ocorre por meio da criatividade social de duas maneiras. A primeira, diz respeito à reavaliação e ressignificação dos traços característicos do grupo, que assumem conotações negativas, por exemplo, os traços negroides. Razão pela qual surgem movimentos como “black is beautiful” (negro é belo), ressignificando positivamente a corporeidade negra. E a segunda forma tem a ver com o resgate do passado ancestral positivo e a vangloriação do pertencimento coletivo.

Os autores como Cheick Anta Diop (1974), através da egiptologia e Aimé Césaire (2010), com a criação do movimento da negritude, corroboram com a tese levantada por Tajfel. O filósofo Achille Mbembe (2018) vai denominar de terceiro tempo da história, reafrikanizar a África. Dito de outra forma, re-enraizamento da negritude em face ao desenraizamento ontológico, desapropriação da “essência” racial, despersonalização e desaculturação (BIRD-POLLAN, 2015; CÉSAIRE, 2010). Ressalta-se, que a desaculturação não foi “irreversível” devido à capacidade da resistência cultural dos africanos, conforme aponta Amílcar Cabral (1980). Neste sentido, ressignificar a negritude histórica, voltando às raízes históricas da africanidade.

Acreditamos, portanto, que a construção da negritude positiva passa necessariamente pela produção da autoestima coletiva (CROCKER; LUHTANEN, 1990). Assim, uma das possíveis saídas para uma africanidade não mítica, pode se sustentar pela edificação da autoestima coletiva, isto porque, na medida em que a identidade coletiva africana permanece indissociável da precariedade, a imagem do africano como indivíduo permanecerá precarizada.

Os africanos atribuem a si mesmos o traço de descuido estético, neste caso, *fedorentos*, a nossa hipótese é que essa expressão possui um tom de acusação, o que elucidamos na análise estatística textual que apresentamos a seguir. Quanto à zona de contraste houve majoritariamente características divergentes no léxico dos dois grupos. Os brasileiros evocaram mais atributos positivos aos africanos, através de traços de gentileza, *simpáticos*, *legais e comunicativos*, de responsabilidade, *estudiosos*, hospitalidade, *acolhedores*, atributos esperáveis nas interações e no modelo de adulto responsável. Acrescenta-se a isso, os atributos de denúncia às opressões sofridas pelos africanos, os traços que remetem às tensões intergrupais, como *arrogantes e machistas*, e, expressões que vinculam o africano à África mítica, isto é, *famintos*. Enquanto isso, os

africanos se autocategorizam como *estupradores*, *atrasados*, *incapazes*, *burros*. A convergência se dá nos traços de vigor físico como *lutadores* e *batalhadores*. Os africanos parecem internalizar a imagem do homem indissociável à força física. Convergiram também nos traços desejáveis nas relações interpessoais, *educados*. E por último, os africanos se autorrepresentam com traços de instrumentalidade positiva na zona de contraste, neste caso, a intelectualidade, *inteligentes* e *respeitosos*.

Para a elucidação de alguns atributos, atestando se as expressões evocadas foram ou não interiorizadas recorreremos à análise estatística textual. Para Stuart Hall (2016) os sentidos e os significados não são fixados como essências, e, por isso, precisam ser clarificados levando em conta as relações dialógicas que eles mantêm com outros assim como os contextos da enunciação. Assim, a análise estatística textual nos permitirá atestar se a atribuição dos traços negativos na autorrepresentação dos africanos no indutor “os africanos são” deve-se ao racismo incorporado ou epidermização da inferiorização, nos termos fanonianos (FANON, 2008). Segundo a educadora Cristina Roldão⁸, o racismo incorporado diz respeito ao tipo de racismo em que a vítima interioriza os atributos racistas que a inferiorizam.

8.1.1 *Acusação dos universitários brasileiros pelos conteúdos representacionais negativos na autorrepresentação dos africanos*

Identificamos dois eixos da produção dos sentidos resultados da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O eixo um, “*imagem preconceituosa, acusatória e discriminatória vivenciada na relação com os brasileiros*”, é composto pelas classes um, quatro e seis. E o eixo dois, “*visão crítica da inferiorização*”, composto pelas classes dois, três e cinco. Observemos o dendrograma na Figura 8 a seguir:

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=0AOvAdY11Yg>

FIGURA 8 AUTORREPRESENTAÇÃO DOS AFRICANOS (RETENÇÃO 82,98%)

Classe 5		Classe 3		Classe 2		Classe 1		Classe 4		Classe 6	
Visão crítica da inferiorização						Acusação do exogrupo sobre atribuição das imagens preconceituosas e discriminatórias sobre os africanos					
15.4%		12.8%		19.2%		20.5%		14.1%		17.9%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Bom	17.13	Pobre	16.62	Continente	19.03	Porque	21.82	Falar	25.68	Melhor	24.42
Achar	15.2	Fato	8.09	Povo	13.96	Imagem	5.11	Aprender	25.68	Europeu	19.27
Pais	8.89	Negro	8.04	Palavra	13.96	Estupradores	4.08	Mente	19.15	Contar	18.87
Estrangeiro	8.17	Brasileiro	8.0	Característica	12.17	Começar	4.08	Escolher	10.39		
Discriminação	6.3	África	6.99	Mundo	7.12			Importante	7.64		
Capacidade	6.3	Pobres	6.35	Escolha	3.96						

Fonte: DANFÁ (2021)

No primeiro eixo, que denominamos “*acusação do exogrupo sobre atribuição das imagens preconceituosas e discriminatórias sobre os africanos*”, os universitários africanos entrevistados demonstraram insatisfação e incômodo com as imagens que escutam dos seus congêneres brasileiros na UNILAB. Verifica-se a personificação da África e dos africanos nas imagens pejorativas, às vezes, cristalizadas a partir de um único comportamento, por exemplo, a partir de um caso problemático, associar todos os africanos a *estupradores*. Acreditamos que, quando um grupo é fortemente discriminado, um único comportamento é suficiente para a ocorrência da generalização rápida. Observamos nos seguintes relatos e/ou justificativas:

Estupradores- porque é a imagem que o povo brasileiro vê num africano. (estudante de Angola, masculino.).

Estupradores_ escolhi a palavra estupradores, tendo em conta sucessivos e falsas acusações que os estudantes africanos sofrem na universidade e nas ruas. Já houve acusações sem fundamentos que causaram conflitos fora e dentro do ambiente acadêmico. Então isso está enraizado na mente de todos os brasileiros aqui, estudantes ou não, de que os africanos são estupradores. Por isso, alguns meninos as vezes acusam os africanos mesmo não sendo vítima. (estudante de Angola, masculino).

Fedorentos- eu escolhi a número um porque, eles acabam generalizando todos e todas. (estudante de Angola, masculino).

Os estudantes entrevistados reivindicaram por outro lado, a generalização e a simplificação da realidade africana, associando África e os africanos à *pobreza, miséria,*

marcada basicamente pelas mazelas sociais e inexistência da realidade contrária. Há uma culpabilização da mídia na difusão, propagação e manutenção destas imagens. A responsabilização da mídia por parte dos africanos cumpre a função avessa, uma vez que isenta os seus congêneres brasileiros da responsabilidade pelos próprios preconceitos, colocando-os como passivos ou meros reprodutores de mensagens midiáticas. Uma estratégia que tem sido utilizada pelos brasileiros investigados, na medida em que se abdicam das suas responsabilidades e idiossincrasias no tocante à reprodução dos preconceitos e estereótipos dirigidos aos africanos. Apesar da natureza multideterminada e macrossocial do preconceito, os estudiosos como Allport (1954), Crocker; Schwartz (1985), Wills (1987) reconhecem as idiossincrasias e singularidades nas atitudes preconceituosas. Observemos os segmentos textuais a seguir.

Miseráveis- porque as imagens que são passadas para os brasileiros são de pobreza. (estudante de Angola, masculino).

Pobres- porque essa é a imagem que a mídia vende sobre o que é a África. (estudante de Angola, masculino).

Selvagens- porque é um nome que os africanos foram impostos a fim de serem inferiorizados nas sociedades europeias. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Aliada às imagens pejorativas, nota-se também, a reivindicação de traços positivos não associados aos africanos, neste caso, *talentosos*, *solidários* e *inteligentes*, conforme vimos nas seguintes justificativas:

Talentosos- escolhi talentosos como primeiro, tendo em conta a capacidade de criativa e a inteligência que os africanos possuem. Em seguida *solidários* porque os africanos têm espírito de partilha compreensíveis de modo que são povos calmos engraçados porque alegram as pessoas, emotivos porque, as vezes, a emoção causam as decisões precipitadas. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Amigáveis- conclui que a mais importante dentre as várias expressões quem me veem a mente é que os africanos são amigáveis, porque reflete muito a forma como foram estruturadas as nossas famílias e a sociedade. os valores aprendidos enquanto um cidadão que representa uma família e uma nação e porque é uma forma muito natural com que vivemos. (estudante de Angola, masculino).

Percebe-se, portanto, a exaltação de valores que os africanos acreditam serem valores comunitários e/ou comunalistas, característicos do continente africano (Ver ADELOWO, 2015) assim como os atributos de instrumentalidade positiva e desejáveis. Aliás, Dubois (1998) acredita que África preserva valores culturais que podem ser

estendidos à humanidade como um todo, permitindo uma nova reflexão sobre seus princípios basilares. Valores igualmente exaltados por Adelowo (2015), que atribui aos africanos o vínculo indissociável com a comunidade, através da relação de interdependência, solidariedade e comunalismo. Princípios que estão na contramão do sujeito solipsista exaltado no ocidente europeu, principalmente.

O eixo 2, constituído pelas classes 3, 2 e 5, foi denominado de “*visão crítica da inferiorização*”. Neste eixo, os africanos se autocategorizam de forma positiva (*simples, capazes, solidários, berço da humanidade*) e, ao mesmo tempo com os estereótipos e traços negativos (*pobres, miseráveis*) de forma crítica. Os trechos a seguir sustentam a nossa afirmação:

Solidário- os africanos são solidários pois uma das características mais notório desse povo é a solidariedade entre eles. Isto se vê principalmente quando se encontram nos países estrangeiros, mesmo não sendo do mesmo país percebe um ato de solidariedade quase em todos os aspectos. Também pode-se constatar a solidariedade do povo africano quando um nativo do outro continente visita a África, a forma como é recebido e tratado é diferenciado. São inúmeros motivos pelo quais escolhi a solidariedade como a palavra mais importante. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Capazes- entre as quatro palavras evocadas por mim, coloco como a mais importante capazes, no sentido de que ao longo houve discriminação por parte da historiografia ocidental de que os africanos são povos sem cultura, sem civilização e negros no sentido de ruim. Isso para mim representa a pura falsidade, logo afirmo, pois, sinto que os africanos são capazes. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

História_ os africanos são história porque é com eles começou toda a história da humanidade o berço da humanidade, a ciência, é onde surgiu o primeiro homem no mundo. A escolha da história como a primeira mais importante porque é ponto de partida para tudo. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Nota-se a exaltação de características positivas da africanidade, através da atribuição de elementos como: *origem da humanidade, estilo de vida solidário* e a *capacidade intelectual*. A postura crítica dos africanos em relação aos colegas brasileiros assume caráter reivindicatório da autoimagem positiva, através da vangloriação dos atributos coletivos e/ou comunitários que acreditam estar no cerne da africanidade. Da mesma forma que o eixo anterior, aparecem também o incômodo e indisposição com os traços atribuídos a eles, por exemplo, *miseráveis, pobres*. Estes traços foram problematizados pelos interlocutores africanos, conforme vimos nos trechos a seguir.

Miseráveis- escolhi essa palavra, razão pelo qual os brasileiros desconhecem um pouco a história, dessa forma acabam relacionando os africanos como mendigos, pobres que nunca tem uma vida confortável na África. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Pobres- acham que todo o africano é pobre, não passa na cabeça deles que pode, ou seja, ter africanos ricos. Quer dizer quando o nome é África, os africanos, imediatamente os associam à pobreza. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Pobres- essas expressões são ouvindo das ideologias coloniais que diminuíram África como inferior. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Negros- a maioria dos brasileiros pensam que todos os africanos são negros, pobres, animais e ainda, por cima não tem noção de que a África é um continente e não país. (estudante de Angola, feminina).

Os atributos negativos da ordem macrossocial, como *pobreza* e *miséria*, aparecem na autorrepresentação dos africanos, em forma acusatória e, às vezes, em tons de revolta e indignação, devido às experiências da discriminação e preconceito. Estes discentes relataram as experiências hostis e diversas formas de discriminação fortemente vivenciadas no Brasil, tendo como consequência a integração defeituosa, e, por conseguinte, a cogitação do abandono da vida universitária no solo brasileiro. Observemos os segmentos textuais:

Burros- destaquei esse ponto como número 1 pois meche muito conosco de um modo geral como os africanos. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Discriminação- achei a primeira palavra porque, a discriminação que existe entre os brasileiros para com África, isso incomoda africano a sua permanência no Brasil. A vida de estudante na diáspora não é nada fácil, de deixar o teu país de origem para fazer nova amizade e adquirir novo modo de convivência num país tão preconceituoso. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Forte- o africano como estrangeiro deve ser forte mais do que era no seu país de origem, pois ser africano no estrangeiro é muito difícil, você depara com preconceito, discriminação, bullying, assédio moral e físico. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Neste eixo, nos deparamos também com um olhar crítico dos africanos, que acusam os seus colegas brasileiros de não acreditarem na capacidade intelectual deles. Observemos:

Intelectuais- acho que os africanos são intelectuais sim, somos povos que não têm condições de estudar muito, mas quando estamos estudando no país estrangeiro mostramos que somos capazes de

desenvolver a nossa capacidade. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Incapazes- o não reconhecimento do outro, é o não aprendido, é a exclusão dos nossos saberes e valores culturais. (estudante Guiné-Bissau, feminina).

A análise por temas nos permitiu concluir que as expressões negativas presentes no núcleo central assumem caráter acusatório, reivindicatório e incomodativo. Assim, apesar de comumente as pesquisas se limitarem à análise de quadrantes fornecidos pela análise prototípica, as questões abertas fornecidas pelas justificativas das palavras mais importantes evocadas favorecem a elucidação e contextualização das expressões evocadas na análise prototípica, principalmente aquelas com conotações ambíguas. No estudo da identidade social, que envolve grupos sociais em interação, com possíveis conflitos, faz-se necessário analisar os conteúdos das enunciações justificadas, o que enriquece o conteúdo.

Este resultado nos permite concluir ainda, que as tensões intergrupais explícitas entre os estudantes africanos da Unilab Redenção-Acarape ficaram elucidadas na análise estatística textual. Constatamos a vinculação dos africanos à sujeira, ao estupro, ao machismo, à agressividade entre outros atributos que demonstram relações de tensão. O estudo, trabalho de conclusão de curso, do Wilson Sanca (2016), intitulado “*Preconceito, discriminação racial no seio dos estudantes da Unilab*”, demonstra as relações polarizadas ou balcanizadas entre os brasileiros e africanos na Unilab, em que ambos os grupos não se aproximam no pátio da universidade, na divisão para os trabalhos de grupo, nas filas e nas mesas no restaurante universitário. Um tipo de expressão do racismo denominado por Antonio et. al (2004) de balcanização racial.

Para a análise das justificativas da evocação dos universitários brasileiros procuramos responder à seguinte questão: as justificativas das evocações hierarquizadas pelos interlocutores brasileiros como a mais importante no campo léxico “os africanos são” confirmam a acusação dos africanos? Se confirmarem, reforçam a acusação dos africanos e, em caso negativo, refutarão a acusação dirigida aos universitários brasileiros pelos conteúdos representacionais preconceituosos na autorrepresentação dos africanos.

8.1.2 Confirmação e imputação da culpa no “outro” pelos conteúdos representacionais preconceituosos ou atributos negativos difundidos sobre os africanos

Encontramos dois eixos da produção dos sentidos, divididos em quatro classes, expostos no dendograma. O uso dessa ferramenta para a análise das justificativas tem por objetivo de contextualizar e elucidar a conotação das palavras evocadas que compõem análise prototípica, conforme a Figura 9:

FIGURA 9 HERETORREPRESENTAÇÃO DOS AFRICANOS (RETENÇÃO 67,41%)



Classe 1		Classe 3		Classe 4		Classe 2	
História, resistência, roubo, injustiça e marginalização		Confluência de discursos preconceituosos e não preconceituosos sobre os africanos					
30.5%		31.1%		16.6%		21.9%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Colonização	16.75	Pensar	30.06	Alegre	25.41	Cultura	28.96
Sofrer	14.77	Pobres	18.69	Estudo	20.71	Brasil	17.53
Histórico	12.41	Mídia	11.44	Brasileiro	10.54	Diferente	17.53
Resistir	12.41	Imagem	11.44	Feliz	5.56	Africano	14.25
Enfrentar	11.8	Preconceito	10.2	Difícil	5.56	Rico	10.94
Forte	10.58	Racial	9.09	Animado	5.56	Racismo	8.17
História	10.3	Igual	9.09	Grande	5.06	Sociedade	7.35
Exploração	9.38	Humano	9.09	Viver	5.06	País	7.16
Diverso	8.24	Negros	6.77			Discriminados	6.8
Dificuldade	8.24	Pobreza	6.77				
Luta	8.24	Continente	6.59				
Resistente	6.99	Importante	6.14				
Opressão	6.99	Pessoa	5.14				
Antepassado	6.99						
Povo	5.53						
Força	3.85						
Injustiçados	3.85						

Fonte: DANFÁ (2021)

O primeiro eixo, com apenas a classe um, denominamos de *História, resistência, roubo, injustiça e marginalização*. O eixo está associado à representação do africano evocada diante da pesquisadora negra brasileira e dos estudantes de ciências humanas. A discussão está centrada no processo histórico da África, marcado pelo sofrimento, injustiça e escravização, tendo como consequência o racismo, pobreza, preconceito, discriminação. Assim, a identidade africana se conecta com a memória histórica, marcada por um passado de brutalização, subjugação e exploração que os africanos enfrentaram com resistência. Nota-se que a expressão *resistentes*, traz duas conotações, de um lado, um povo que resiste e enfrenta todas as formas de marginalização ontem e hoje, e, portanto, não é um povo passivo. E do outro lado, um povo tido como aquele que apesar de sofrimento e mazelas sociais continua sendo guerreiro, resistindo às adversidades da vida. Neste sentido, um povo que apesar das “pancadas” consegue se manter resiliente e

firme, o que implicitamente quer dizer que os africanos são povos que aguentam as dores e mesmo assim com sorriso no rosto. Uma forma de banalização e romantização das brutalidades que este povo sofreu (Ver DANFÁ; ALÉSSIO; TORRES, 2021). A ligação dos africanos à resistência e que aguenta dor se trata do racismo científico, que remete à animalização e objetificação do corpo negro e/ou afro-negros.

Os africanos, ainda, foram ligados à história ancestral de espécie humana e da ancestralidade brasileira, decorrente da grande quantidade da população afrodescendente, frutos de uma história da brutalização. Dito de outra forma, uma identidade construída a partir do desenraizamento ontológico, cultural e histórico (BIRD-POLLAN, 2015; CÉSAIRE, 2010). Observemos os trechos dos segmentos típicos:

Resistência- mesmo com todas as dificuldades que enfrentaram sempre resistiram. (estudante brasileiro, UNILAB, feminina).

Resistentes ao domínio eurocristã, pois quando estudamos no ensino médio sobre a África temos em vista como um povo bobo, que aceitou de boa o domínio europeu e na verdade não foi assim eles resistiram aos colonizadores com uma força magnífica. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Com relação à história e cultura, os entrevistados consideram que a África teve sua história e seu valor cultural negados, através da exclusão, do projeto colonial e escravocrata. Porém, a África sempre demonstrou a capacidade da resistência cultural e histórica, o que coaduna com o argumento Amílcar Cabral (1980). Atentemos para os trechos a seguir:

Culturalmente ricos- escolhi pois apesar de qualquer problema histórico que tenha acontecido, as culturas resistiram, ainda que não todas. Além disso para mim é o aspecto mais importante de qualquer civilização. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Povo com história- é um continente que tem uma história uma trajetória que, embora, seja apagada dos mais da história é uma história de luta e de reconhecimento do seu povo. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

A capacidade da resistência cultural, protagonismo histórico e a desumanização foram fortemente atrelados ao continente africano, compondo essencialmente o universo semântico do eixo.

O segundo eixo (classes 2, 3 e 4), que denominamos “*Confluência de discursos preconceituosos e não preconceituosos sobre os africanos*”, encontramos discursos que exaltam a qualidade dos africanos, discursos com tons de criticidade e discursos

preconceituosos, racistas e estereotipados. Na classe 2, por exemplo, constatamos discursos que exaltam a riqueza cultural e a importância histórica da cultura africana na construção da identidade brasileira. Podemos constatar esse argumento nos trechos a seguir:

Culturais- a cultura africana é linda e diversa, compreendendo vários dialetos religiões vestimentas etc. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Raiz da história- o Brasil é o que é graças a população negra africana, que é hoje a maioria e sustenta o país, no caso do Brasil. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Cultura diversificada- fui apresentada a uma cultura africana muito rica e diversificada. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Apesar da valorização cultural e étnica dos africanos, verificamos neste eixo a acusação, denúncia e/ou reconhecimento de que a sociedade é preconceituosa, discriminatória e excludente com os africanos, conforme os enunciados a seguir.

Discriminados- porque atualmente ainda vimos o racismo e a discriminação presentes. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Discriminados- os africanos são muito discriminados acho que pelo fato de serem negros e por fatores históricos. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Estigmatizados- apesar de terem uma raiz cultural, infelizmente eles não são vistos assim geralmente associados a criminosos, marginalizados. Os africanos ou seus descendentes são muito marginalizados, tanto pelo estado quanto a sociedade, como por exemplo, políticas que os julgam de forma incorreta e também pelas políticas de migração muito observada na Europa. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

A par destas denúncias, aparecem atribuição de traços de cunho preconceituoso e racista aos africanos, relacionando-os à falta de cuidado estético, isto é, um povo que fede. O que confirma acusação feita pelos africanos aos brasileiros no tópico anterior. Vejamos os trechos a seguir:

Fedem- devido o racismo no Brasil foi-se construída a falsa e racista história de os africanos fedem, país racista. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Mal cheirosos- o termo mal-cheiroso é muito usado, mas, depois de algumas conversas com amigos africanos, alguns me disseram que costume em alguns países da África o não uso de desodorante, coisa

que é bem diferente no Brasil. Por isso, o motivo de gerar tantos comentários. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Verificou-se a atribuição dos traços a partir de experiências isoladas, o que reforça o nosso argumento da rápida generalização de atributos negativos aos africanos a partir de um caso específico. Aliás, para Allport (1954) a generalização étnica da natureza preconceituosa é inflexível e defeituosa, uma vez que ela resiste às mudanças e contradições. É precisamente a capacidade de resistir ao contraditório que diferencia o preconceito do prejulgamento ou a concepção filosófica do (pré)-conceito. Assim, a generalização por si só não é suficiente para gerar preconceito, uma vez que a hostilidade, antagonismo ou sentimentos negativos projetados no exogrupo são componentes importantes e necessários para que haja uma atitude preconceituosa. Neste sentido, acreditamos que a facilidade da consolidação das imagens negativas nos africanos deve-se à hostilidade e aversão que se tem deste povo, colocando-os como vulneráveis às atitudes preconceituosas e discriminatórias. Nota-se, ainda, a atribuição de traços que evidenciam os conflitos subjacentes entre os estudantes brasileiros e africanos da UNILAB, uma vez que estes “convivem” ou partilham o campus universitário, com possíveis tensões intergrupais, o que explica a vinculação dos africanos às *brigas*, *machismo* e *mulherengos*, conforme exemplos que se seguem:

Machistas- pela convivência que eu tive os africanos mostraram total machismo e soberania sobre as mulheres. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Mulherengos- há uma ideia muito clara que os africanos são em sua maioria mulherengos, que não respeitam as mulheres e que as tratam de forma depreciativa. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Gostam de brigar- vejo com frequência africanos querendo brigar sem motivos. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Neste sentido, estamos diante de traços atribuídos pela convivência dos brasileiros com os africanos (exogrupo) e entre si (endogrupo). Verificamos a sobre-representação dos estudantes de Redenção e pesquisadores negros deste eixo.

Na classe 3 deste eixo, predominam estereótipos e o imaginário negativamente vinculado ao continente ligado à *pobreza*, *carência*, *guerra*, *fome*. Nota-se a atribuição da culpa na mídia e nos “outros” a produção e à veiculação da África mítica. Aliás, o preconceito e racismo sempre foram atrelados ao “outro”, isto é, “eu não”, “eles sim”, o que explica a ligação da imagem preconceituosa e racista construída sobre os africanos à mídia e aos outros. Para Lilia Schwarz (2019), remeter ao outro ou ao passado tudo o que

nos incomoda é uma estratégia errada, na medida nos faz abdicar da responsabilidade de sermos todos (brancos e negros) antirracistas. Nota-se uma certa dificuldade de pensar uma imagem positiva dos africanos, isto é, contrária ao que é largamente difundido e compartilhado. Ao nosso ver não se trata de falta de informação que possa ajudar na elaboração de uma nova visão sobre a África, e sim, a dificuldade de abandonar as velhas e cristalizadas imagens e a inflexibilidade de atitudes preconceituosas (Ver ALLPORT, 1954).

A obstinação mesmo diante das incongruências é uma das características fundamentais do preconceito (ALLPORT, 1954). Esses fatos levam as pessoas a abdicarem-se de qualquer responsabilidade pessoal, enquanto participante e co-produtor do pensamento coletivo, neste caso, na construção da imagem mítica e depreciativa atrelada ao continente negro. Neste sentido, acreditamos ser intencional a persistência de atitudes hostis e preconceituosas com relação aos africanos, tendo vista a busca incessante de argumentos justificadores do preconceito que culpabiliza a mídia. Nos referimos aqui à função justificadora da discriminação e racismo (PEREIRA; SOUZA, 2016), observemos os exemplos:

Pobres- eu destaquei essa palavra por ser algo que eu penso, mas por ser algo que foi plantado no imaginário das pessoas em relação aos povos africanos, fruto de uma sociedade racista e preconceituosa. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Famintos- infelizmente a imagem que é propagado da África é de um país onde só existe fome e miséria. Então, inclusive fiquei chocada de não conseguir pensar em mais de duas palavras. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Pobres- só pode ser a primeira palavra coisa que pensamos de africano porque é a única coisa que circula nos nossos grandes veículos da mídia. A necessidade de propagar o continente africano como um lugar terrível. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Pobres- a maioria das notícias são negativas relacionadas à tragédia fome etc. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Vale ressaltar que além das imagens pejorativas vinculadas ao africano nesta classe, verificamos o reconhecimento de valores humanos dos africanos. Ao mesmo tempo admite-se, a violação, desvalorização e negação dos preceitos humanos dos africanos. A exaltação dos valores humanísticos serviu como denúncia da existência da despersonalização e infra-humanização dos africanos (ver DEMOULIN et.al., 2005). A ideia de humanos nesta acepção tem a ver com o credo liberal em uma subjetividade

universalizante, segundo qual somos todos “gentes”, pessoas ou humanos iguais (HOOKS, 2019). Esta crença pode tanto reinvidicar a igualdade no sentido positivo, buscando equidade, assim como mascarar as desigualdades estruturais e históricas criadas na modernidade, através de diversas formas de marginalização e subjugação de diferentes grupos sociais. Neste sentido, a crença da igualdade humana deve levar em conta que apesar das diferenças física-biológicas somos iguais em inteligência e pensamento se quisermos suavizar o racismo e preconceito, uma vez que a ideia superioridade intelectual sempre sustentou a mente dos preconceituosos (FIRMIN, 2016). Observemos o trecho a seguir:

Seres humanos- em meio ao país como o nosso, com ampla diversidade cultural e racial, temos que ver que os africanos não são vistos por uma maioria, que seja a dificuldade, os africanos são seres humanos como qualquer outra de outra raça. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

A negritude, os valores culturais e diversidade linguística foram igualmente associadas aos africanos enquanto valores que permitem a resistência africana do ponto de vista cultural, étnico e da reivindicação dos valores humanos. Há um reconhecimento implícito da desvalorização racial e cultural dos africanos, observemos o trecho a seguir:

Importantes- penso que tanto quanto outras nacionalidades, os africanos são extremamente importantes quando pensamos em história ciência, religião, tecnologia e tantas outras coisas. Pouco se é falado nas mídias acerca de problemas crises guerras e conflitos no continente, africano me fazendo questionar qual o nível de importância que é dado e qual motivo para tamanha negligência. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Pretos- o uso da palavra preto dependendo do falante considerando seu meio e sua realidade pode soar preconceito racial, étnico ou resistência, a luta dos negros para serem reconhecidos como tal, sem a minimização da sua cor através da palavra moreno. (estudante brasileiro, UFPE, feminina).

Na classe 4, deste eixo, prevalecem os atributos de expressividade como *alegres* e *animados*, com conotação mais positiva, uma vez que ser alegre está vinculado a algo cativante, amigável, extrovertido, comunicativo, etc. A alegria se relaciona à qualidade desejável do que se espera nas relações interpessoais, e não, no sentido de excentricidade, exotismo ou no sentido “apesar de sofrimento têm sorriso no rosto”. Aparecem, ainda, os traços positivos como *amigáveis*, *felizes*, *comunicativos*, *legais*, *culturalmente ricos*. Os trechos que seguem elucidam melhor a conotação da expressão alegres:

Alegres- a maioria dos africanos que já vi tem essa característica cativante. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Amigáveis- porque são pessoas muito sociáveis e verdadeiras. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Muitas culturas- são pessoas com bastante cultura e tem uma contribuição muito grande com a cultura brasileira. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Gentis- acho bastante gentis pois conseguem nos colocar numa posição confortável. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Importante destacar que estereótipos positivos sobre os africanos, principalmente em Redenção, podem ter relação com a aplicação majoritária dos questionários pelo pesquisador africano, justificando atribuição de traços desejáveis socialmente em face a este aplicador. Aparecem significativamente os traços negativos como *barulhentos*, *machistas*, que resultam das tensões e conflitos em ambientes universitários, marcados pelas relações intergrupais polarizadas, e, atributos como *pobres* e *famintos*, relacionados à África mítica.

A seguir apresentamos o campo léxico quando pensam na África, iniciando com a autorrepresentação da identidade supranacional dos africanos e a heterorrepresentação dos brasileiros. Inicialmente vamos discutir a estrutura representacional, através da análise prototípica e em seguida a contextualização da mesma. É precisamente na contextualização dos conteúdos da análise prototípica que vai nos permitir elucidar se a autorrepresentação da África traz a perspectiva afrofuturista e se a heterorrepresentação do continente africano se insere em uma perspectiva afropessimista (MBEMBE, 2020).

8.1.3 Estrutura representacional na caracterização da África

Neste tópico a nossa discussão vai centrar-se na caracterização da África, neste caso, a evocação livre sobre o continente africano, caracterizado como um lugar de pertencimento étnico-territorial, isto é, identidade atrelada à pertença espaço-geográfica. Para Hall (2003, p.40) “a Africa de hoje, que é pelo menos quatro ou cinco "continentes" diferentes embrulhados num só, suas formas de subsistencia destruídas, seus povos estruturalmente ajustados a uma pobreza moderna devastadora” (HALL, 2003, p.40). É precisamente o cataclismo que está no centro da caracterização da África. A questão que se coloca é: como os estudantes africanos e brasileiros representaram a África? Um continente promissor, perspectiva afrofuturismo, ou um lugar de devastação, perspectiva afropessimista? Essas são as questões que vão nortear a discussão na seção a seguir.

No léxico dos universitários africanos foram evocadas um total 390 palavras, sendo 281 distintas. Já no campo léxico dos universitários brasileiros foram evocadas 1101 palavras ou expressões, dentre os quais 436 termos diferentes. Atentemos para tabela 20:

TABELA 20 CAMPO SEMÂNTICO NA AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO DA ÁFRICA

	Brasileiros (N=238)	Africanos (N=94)
Núcleo Central	<i>Cultura</i> (F=78 I=2.3), <i>pobreza</i> (F=52 I=2.6), <i>Fome</i> (F=48 I=2.7), <i>diversidade</i> (F=28 I=2.8), <i>desigualdade</i> (F=17 I=2), <i>berço da humanidade</i> (F=16 I=2.5), <i>ancestralidade</i> (F=16 I=1.9), <i>grande</i> (F=14 I=2.7), <i>savana</i> (F=28 I=3.1).	<i>Berço da humanidade</i> (F=10 I=1.6), <i>desenvolvimento</i> (F=7 I=2.4), <i>riqueza</i> (F=6 I=2), <i>família</i> (F=6 I=1.2), <i>corrupção</i> (F=7 I=2.6), <i>humildade</i> (F=7 I=2.7).
Primeira Periferia	<i>Riqueza</i> (F=36 I=3.1), <i>negros</i> (F=19 I=3.2), <i>religião</i> (F=17 I=3.4), <i>escravidão</i> (F=16 I=3.2), <i>dança</i> (F=15 I=3.2), <i>guerras</i> (F=14 I=3.5), <i>colonização</i> (F=14 I=2.9), <i>alegria</i> (F=13 I=3.2), <i>continente</i> (F=30 I=2.7).	<i>Cultura</i> (F=11 I=3), <i>pobreza</i> (F=10 I=2.9).
Zona de Contraste	<i>Exploração</i> (F=11 I=2.3), <i>injustiçados</i> (F=9 I=2), <i>história</i> (F=7 I=2.7), <i>miséria</i> (F=5 I=2.7), <i>biodiversidade</i> (F=5 I=1.8), <i>apartheid</i> (F=4	<i>Miséria</i> (F=4 I=1.8), <i>paz</i> (F=3 I=2.3).

	<i>I=2.2), Mandela (F=4 I=1.2), povo (F=4 I=2.5), luta (F=4 I=2.8), racismo (F=4 I=1.8), crianças (F=4 I=2.8), selvagem (F=4 I=2.8), Força (F=3 I=2), morte (F=3 I=2.7), sofrimento (F=3 I=2.7), desenvolvimento (F=3 I=2.7), segregação (F=3 I=2.3) e doenças (F=3 I=2.3)</i>	
Periferia Distante	<i>Beleza (F=9 I=3.3), safari (F=8 I=3.1), animais (F=8 I=4), música (F=7 I=3.6), natureza (F=7 I=3.9), deserto (F=6 I=4.2), humildade (F=6 I=3.8), corrupção (F=5 I=4.2), comida (F=4 I=2.8), leão (F=3 I=3.7).</i>	<i>Educação (F=5 I=3.6), fome (F=5 I=2.8), união (F=5 I=2.6), saudade (F=4 I=3), natureza (F=3 I=2.7), diversidade (F=3 I=2.7).</i>

Fonte: DANFÁ (2021)

No campo léxico dos africanos predominam atributos positivos na zona do núcleo central, neste caso, as expressões como: *berço da humanidade, desenvolvimento, riqueza, família e humildade*. A expressão *corrupção* aparece como a única negativa na zona do núcleo central. E na zona periférica, atributos como *cultura* e *pobreza*, na zona do contraste as expressões como *miséria e paz*. Na zona central aparece apenas uma expressão com conotação negativa e voltada para crítica social e política, neste caso, a *corrupção* estatal. Já na primeira periferia aparece a expressão *cultura*, em referência à diversidade dos valores culturais africanos e o reconhecimento da existência da pobreza no continente africano. Assim, os africanos atribuíram ao continente africano os atributos majoritariamente positivos, consistindo na construção de uma autoimagem positiva através da vangloriação do lugar de pertença, o que é esperável no processo da construção de identidade pessoal, que é necessariamente social. Verifica-se, portanto, o aparecimento

da autoestima pessoal, através do realce da autoestima coletiva (CROCKER; LUHTANEN, 1990; DESCHAMPS; MOLINER, 2014; TAJFEL, 1981b).

Trata-se de uma África em busca do progresso, ou seja, os discentes africanos apresentam uma imagem mais otimista do continente. Acreditamos que o realce do pertencimento e/ou da identidade territorial, favorece a autoimagem positiva ou autoestima coletiva, na medida em que a identidade é simultaneamente, histórica, territorial, pessoal e coletiva (CASTELS, 2018; CROCKER; LUHTANEN, 1990; HALL, 2016; TAJFEL, 1981b; TAJFEL; TURNER, 1986).

No que se refere à evocação dos brasileiros sobre o que pensam da África, as expressões da zona do núcleo central foram: *cultura, pobreza, fome e berço da humanidade*. Na zona periférica a *riqueza, negros, religião, escravidão, dança, guerras, colonização, alegria e continente*. Os atributos que vinculam o continente africano à *pobreza e fome* foram os únicos traços negativamente evocados no núcleo central. Atributos esses que são comumente difundidos quando se trata da imagem mítica da África, em geral, ligada ao infortúnio e à lástima.

A par destas frases aparece, ainda, na zona central, o realce da cultura africana, biodiversidade, diversidade cultural e papel ancestral da África na história da humanidade. O reconhecimento da riqueza na África para além das mazelas relatadas, aparece na zona periférica assim como os acontecimentos violentos do passado e presente africano, neste caso, *escravidão, colonização, apartheid e guerras*. Enquanto isso, para os africanos a escravização e a colonização não são tratadas como indispensáveis para pensar a africanidade. Assim, os africanos conseguem pensar uma África para além da escravização e da colonização. Neste sentido, os africanos entrevistados não estiveram presos à narrativa histórica do século XV (KALY, 2017), e, sim, na África atual, em busca do desenvolvimento “perdido” ou comprometido por um passado sombrio.

O universo discursivo dos brasileiros na zona periférica traz os traços de ordem das categorias raciais, isto é, a negritude, a religiosidade como marcantes na concepção da identidade africana e os atributos de expressividade, *alegria e dança*. Na zona de contraste, os entrevistados brasileiros trazem atributos como miséria e ao mesmo tempo assumindo que a África passou por *injustiças, exploração, apartheid*, com respectivas consequências na discriminação, *racismo, sofrimento e mortalidade*. Os brasileiros trouxeram a ideia da África mãe, isto é, o continente que contribuiu grandemente na construção da identidade brasileira e na geração do *homo sapiens sapiens*. O resultado da análise prototípica traz a convergência de alguns traços entre os africanos e brasileiros,

neste caso, o *berço da humanidade, pobreza, riqueza, cultura, miséria*, porém em diferentes posições nos quadrantes. Na periferia distante, os brasileiros caracterizam a África de forma folclórica e animalesca (*safari, leão*), um continente marcado pelos problemas estruturais de natureza político, social e cultural. Por sua vez os interlocutores africanos partilham a imagem da África folclórica e precarizada, as expressões *natureza e fome*, por exemplo. Evocaram também as questões educacionais, união e saudosismo com relação à vida na África.

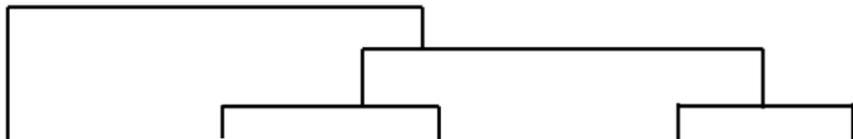
Os brasileiros trouxeram uma África mais complexa, porém em termos qualitativos os africanos apresentaram um continente mais promissor. Os discentes brasileiros reconhecem tal qual os africanos que a África é berço da humanidade, com culturas potencialmente ricas, influenciando a construção da identidade nacional brasileira, por exemplo, mas, com problemas sociais enormes, dentre os quais a pobreza, fome, guerras, etc. Os africanos apontaram os problemas causados pela corrupção, precariedade da educação e autonomia, enquanto os brasileiros apresentaram as problemáticas africanas, buscando causas na exploração do continente, nomeadamente a colonização.

As seguintes questões são necessárias para a proposta desta tese: a autorrepresentação da África reflete a imagem promissora do continente africano, perspectiva afrofuturista? A heterorrepresentação da África reforça a imagem mítica e precarizada, perspectiva afropessimista? É precisamente estas perguntas que procuramos responder no tópico a seguir.

8.1.4 *Afrofuturismo na representação da África: ponto de vista dos interlocutores africanos*

Neste tópico vamos analisar o conteúdo das justificativas daquilo que o endogrupo pensa sobre o seu lugar de pertença supranacional. Vamos discutir se o tipo de imagem projetada sobre a África diz respeito à perspectiva afropessimista ou afrofuturista (MBEMBE, 2020), buscando a conexão entre identidade como lugar de pertencimento, identidade pessoal e coletiva. Os resultados se organizam em cinco classes ou três eixos, cujos campos semânticos se entrecruzam. Atentemos para a figura a seguir:

FIGURA 10 O QUE OS AFRICANOS PENSAM DA ÁFRICA (RETENÇÃO 73,56%)



Classe 2		Classe 5		Classe 4		Classe 1		Classe 3	
África: um continente promissor e em busca do desenvolvimento		África solidária, culturalmente rica e problemática				África promissora com seus obstáculos			
23.4%		20.3%		14.1%		18.8%		23.4%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Recursos naturais	29.87	Pais	18.08	Cultura	33.39	Desenvolver	13.36	História	13.24
Riqueza	21.63	África	7.29	Cultural	7.21	Continente	12.81	Conhecer	10.28
Melhor	13.94	Pensar	4.98	Povo	5.39	Querer	4.74	Escolher	9.67
Europeu	13.94	Alto	4.18			Cabeça	4.74	Porque	7.81
Exploração	13.94					Acreditar	4.74		
Explorar	9.67					Importante	4.24		
		Estudantes de exatas	3.88	Estudantes de humanas	4.94				

Fonte: DANFÁ (2021)

A classe 2, que denominados de “África: um continente promissor em busca do desenvolvimento perdido, desconhecido e negado”, traz no seu universo semântico uma África com potencialidades humanas e em termos de recursos naturais, porém quase nunca é percebida enquanto tal. A esse respeito apresentamos vários argumentos nessa perspectiva, principalmente aquelas narrativas míticas, que resumem a África e os seus homens à precariedade, desonra e menoridade da razão (ANDRADE, 2017; HALL, 2016; HUGON, 2009; MBEMBE, 2018; MOORE, 2010). Os africanos se vangloriam da África, colocando este lugar como potencialmente forte e rico, capaz de antigir patamar civilizatório mais elevado, envolvendo arte, academia, indústria etc. Diferente da visão de Le Bon (1907), que apesar de reconhecer o valor artístico do Egito, acredita que África só pode se desenvolver do ponto de vista da civilização rudimentar e não sublime. Apesar de Le Bon pensar isso no seu tempo, século XVIII, nos dias atuais esta imagem da África não parece sofrer grandes transformações, o que leva os africanos a reivindicarem o valor civilizacional e a capacidade do progresso no continente. Vejamos alguns segmentos de textos:

Desenvolver com próprio recurso- porque nos dias atuais o continente africano é único que tem ainda quase tudo que um continente precisa para se desenvolver, desde matérias primas até os menos necessários, é só questão de acreditar nas potencialidades locais e botar as cabeças e as mãos a funcionar. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Beleza natural- eu nego tudo de mal que passa na mídia e não passa as coisas boas, por isso alguns estrangeiros ficam espantados do que lá na

África tem e tudo porque não é passado por eles. (estudante de Angola, feminina).

É um continente maravilhoso, porque a visão da África que o mundo fora tem não tem nada a ver com o continente africano. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Os estudantes investigados apresentaram uma visão da África semelhante com aquilo que Mbembe (2020) denomina de “fármaco” da humanidade. Trata-se de um continente com riquezas insondáveis (matérias primas e minérios), fazendo deste continente o farmacêutico da Terra. A África parece como uma das soluções, numa era em que vivemos a brutalidade a nível mundial, com grandes crises da biosfera, destruição de ecossistemas, com consequências graves na poluição dos mares, rios, águas etc, causando toxicidade nos seres humanos. A humanidade parece brutalizar os subalternizados duplamente: através do empobrecimento dos mais pobres e poluições que afetam a nossa saúde. (MBEMBE, 2020). No entanto, não se percebe a África como possível fármaco mundial, pois se trata de um lugar em que as potencialidades são negadas, resumindo-a a um lugar caótico e mazelado. Pode ser paradoxal, pois que a África é um lugar ferido, projetado de forma sempre caótica e hostil, como é que poderia ser um fármaco? Mbembe adverte “é no continente africano, a pátria da humanidade, que a questão da Terra passará a surgir da maneira mais inesperada, mais complexa e o mais paradoxal” (MBEMBE, 2020, p.17).

Os estudantes também falam do empecilho para o desenvolvimento da África, nomeadamente no que tange à injustiça, corrupção, colonização e/ou neocolonialismo, resultando nas misérias e problemas estruturais. Diferentemente dos brasileiros que além de atribuírem a corrupção ao Estado, vinculam fortemente aos cidadãos no dia a dia, através da expressão “jeitinho brasileiro”, os africanos pensam a corrupção no nível governamental e não individual. Os estudantes africanos reivindicaram também a autonomia para que a África possa se desenvolver com os próprios recursos naturais e humanos, uma vez que reconhecem no continente o valor cultural e humano capaz. Observemos os segmentos:

Corrupção- é o maior problema do continente africano, porque os dirigentes não querem largar o poder e usam todos meios ilícitos para se manter aonde estão e, a corrupção se torna o caminho mais viável. (estudante de Angola, masculino).

Somos capazes foi selecionada com mais importante por simples razão, nós africanos passamos um bom tempo a reproduzir todos os ensinamentos eurocêntricos e suas epistemologias, de que são

superiores a nós, são mais inteligentes mais conhecedores da ciência que nós. O que faz com que não estamos ter a nossa autonomia, até de pensar com próprias cabeças, escrever a nossa própria história. Nós entregamos toda essa dimensão a eles. Isso deve ser combatido, é um desafio nosso de cada, de acreditar que somos capazes inteligentes e preparados para desenvolver nosso continente. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Colonização- unidade e descolonização, porque tendo em conta a insistência dos velhos e novos colonizadores em tentar explorar, cada vez mais os africanos devem unir e juntos desconstruir e reconstruir suas histórias e destinos. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Os africanos reconhecem as suas potencialidades culturais e em termos de recursos para se desenvolver, apelando, portanto, para a necessidade de um clima de paz, harmonia e união para se contrapor aos ideais neocolonizadores. A melhora da educação, através dos investimentos tem sido apontada como solução para o progresso do continente. A educação é pensada tanto na perspectiva formal como informal, fazendo coexistir lado a lado o pensamento das tradicionais ancestrais, do senso comum e científico. Estes discentes pensam positivamente o continente africano, vangloriando a cultura, as potencialidades e a capacidade para a evolução.

Ao analisarmos as classes 4 e 5, eixo que intitulamos de “*África solidária, culturalmente rica e problemática*”, observamos a apresentação do continente de forma ambivalente e com contradições, isto é, ora como patrimônio mundial ou como lugar pobre e precário. As duas classes trouxeram uma África com valores humanos e culturais como a união familiar e vida comunitária, capaz de proporcionar a convivência solidária. Assim, apesar da desvalorização do continente, estes acreditam que é um lugar com grandes qualidades humanas, capaz de favorecer o enfrentamento das conjunturas menos favoráveis do continente, nomeadamente pobreza, corrupção e desigualdade social. Estes discentes apelam também para a solidariedade planetária, com vista a construir a imagem de uma nova África. Vejamos alguns segmentos típicos:

Subdesenvolvimento- as pessoas não querem pensar no ótimo dos outros, é o preconceito dos considerados superiores em civilização, que discrimina nosso esforço de querer nosso lugar no mundo e lhe cortemos a água e luz para seus adornos. A culpa de tais superiores que nem conseguem apetrechar a educação acadêmica e cultura ou até geográfica para saberem de antemão que somos desenvolvidos e acompanhando o mundo, porém em nosso ritmo que é o que é porque somos e fomos prejudicados suavemente pela maioria. (estudante de Angola, masculino).

Acho a democracia social em África muito fundamental para o contexto que a maioria dos povos vivem na base da impunidade social e corrupção. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Solidariedade- entre povos uso a frase na África para mostrar a união entra povos muitas vezes para mostrar a realidade dos nossos países. (estudante de Angola, masculino).

Corrupção- a corrupção é grave problema que assola o mundo todo, porém os países africanos têm como um dos seus graves a alta taxa de corrupção, que provoca disfuncionalidades das instituições e não só. (estudante de Angola, masculino).

A cultura muito rica incomparável única não há igual nem comparação. (estudante de Angola, feminina).

Estes estudantes centram na classe política e no imperialismo todo o problema do continente, o que se deve ao fato dos políticos optarem por modelos da burguesia sem capital (Ver FANON, 2015), que através da rapinagem, busca a riqueza nas instituições estatais para sustentar os seus ideais de “serviçal” dos imperialistas europeus. Para Fanon, a transição da colonização para “descolonização” exige escolha de caminhos a seguir: estar ao lado do povo, cumprindo os ideais nacionalistas, neste caso, nacionalismo de igualdade (STANLEY, 2019) ou criar a elite burguesa pós-colonial. Para Amílcar Cabral (1980), em “**A arma da teoria**”, a pequena burguesia revolucionária deve ser capaz de suicidar-se, para ressuscitar a condição do trabalhador revolucionário, aproximando, portanto, do povo e não dos imperialistas. O que não se sucedeu, uma vez que o neocolonismo se aproveitou do enfraquecimento dos estados para se impor no continente. O eixo apresenta África de forma ambivalente, reconhecendo de um lado as potencialidades e do outro lado as fraquezas no tocante às condições sociais, políticas e estruturais problemáticas.

O último eixo, composto pelas classes 1 e 3, denominamos da “*África promissora com seus obstáculos*”, traz a imagem de África através de atributos diametralmente opostos, em que de um lado aparece a imagem de um lugar com potencialidades para o futuro e, do outro lado, um continente mísero e precário. Estes estudantes traçaram metas e caminhos a serem percorridos para que a África encontre o desenvolvimento “perdido” ou “roubado”. Um dos caminhos é a mudança de mentalidades, uma vez que o processo colonial e subjugação africana contou com a colonização mental. Aliás, um dos maiores traumas coloniais é justamente a nível mental (FANON; 2008, 2015; KILOMBA,2020). O outro caminho a ser percorrido é a erradicação da corrupção, e conseqüentemente, a eliminação da burguesia pós-colonial e suas rapinagens das riquezas africanas ou suicídio

de classe, de modo evitar a elitização. (CABRAL, 1980; FANON, 2015). Observemos as falas a seguir:

Corrupção- é o maior problema do continente africano, porque os dirigentes não querem largar o poder e usam todos meios ilícitos para se manter aonde estão e a corrupção se torna o caminho mais viável. (estudante de Angola, masculino).

Um continente promissor porque é o que observo enquanto um indivíduo com os olhos virados a contribuir para o avanço do continente. Temos enormes problemas básicos, mas que acredito veemente que são situações que serão ultrapassadas. Hoje o mundo olha a África como um ponto para contribuir em algumas necessidades para a sustentação da vida nas sociedades. (estudante de Angola, masculino).

Nesta classe os estudantes trouxeram a visão africana mais promissora, isto é, a imagem afrofuturista, que pensa o continente como lugar de grandes potencialidades, relevante para a reinvenção de uma nova humanidade. Nessa acepção, a África aparece como a reserva da humanidade em termos de recursos naturais e minerais, transformando-se em um continente não só berço da humanidade, mas também como “berço” do futuro da redenção de cosmos. Portanto, o futuro da humanidade passará também pela África (MBEMBE, 2020). Os estudantes africanos veem a África em uma perspectiva mais otimista que pessimista, embora reconheçam as mazelas do continente, reflexos predominantemente de um passado de subjugação e brutalização.

Será que os interlocutores brasileiros vêm a África como fármaco da humanidade ou como um lugar mítico e retrógrado? Essa é a pergunta que vamos procurar responder no tópico a seguir.

8.1.5 *Afropessimismo e África como berço histórico: perspectiva dos interlocutores brasileiros*

Na análise do léxico da evocação dos brasileiros fez emergir dois eixos de produção de sentidos. Após a leitura atenta de todos os segmentos de texto, levando em conta a associação significativa dos mundos léxicos, denominamos o primeiro eixo de “*caracterização histórico-geográfico-ambiental, político e macrossocial da África,*” composta pelas classes 1 e 3, e, o segundo eixo de “*África mítica, ensinada e conhecida*”, composta pelas classes 2 e 4. Observemos a Figura 11 a seguir.

FIGURA 11 COMO OS BRASILEIROS PENSAM A ÁFRICA (76,58% DE RETENÇÃO)

Classe 4		Classe 2		Classe 3		Classe 1	
África mítica, ensinada e conhecida				Caracterização histórico-geográfico-ambiental, político e macrossocial da África			
24.7%		27.6%		22.9%		24.7%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Conhecer	22.25	Pais	19.17	Cultura	34.5	Grande	16.09
Viver	18.95	Explorar	10.72	Vida	23.38	Continente	11.51
Condição	18.95	Europeu	10.72	Diversidade	13.96	Ancestralidade	11.51
Pobreza	17.8	África	9.71	Dificuldade	13.76	Representar	10.13
Cultural	15.7	Desenvolvido	7.99	Mundo	13.31	Histórico	7.58
Região	15.7	Imagem	7.23	Importante	10.28	Planeta	7.56
Pobre	14.61	Realidade	7.06	Diversificado	10.26	Negro	7.32
Situação	4.61	Visão	4.59	Guerra	6.28	Forte	5.56
Social	4.61	Savana	4.59			povo	4.33
Rico	8.97					Luta	
Governo	8.47			Estudantes Unilab	6.03	Convivência 0	7.81
Brasil	6.45					Ciências Humanas	6.26
Fome	4.86						

A classe 1 traz uma África paradoxal, tendo em conta a caracterização da África contrastante. De um lado, a imagem de um continente negro, mãe e fundamental na construção da humanidade, por se tratar do berço civilizatório. Uma África que influenciou profundamente a identidade brasileira e a diáspora negra das Américas, Europa, Ásia etc. Trata-se de um continente com diversidade étnico-cultural, rica em biodiversidade e ecologia, fundamental na história mundial, a partir do surgimento do que hoje podemos chamar cientificamente do *homo sapiens sapiens*. E do outro lado, a classe trouxe a discussão de uma África caracterizada pelas suas disfunções e precariedades, neste caso, pobreza, fome, guerras e desigualdade social. Esta classe trouxe ainda, uma África subjugada e marcada pela exclusão social, tendo em conta o domínio do imperialismo, que resultou na escravização, na colonização e no apartheid, que, por conseguinte, geraram preconceito, discriminação e racismo contra os negro-africanos e diaspóricos. Tais acontecimentos colocaram a África como um dos continentes, senão, o que mais sofreu com os danos da subjugação e consequências que dela resultam. Observemos alguns trechos que melhor sintetizam o argumento desta classe:

Berço da humanidade- o continente africano tem grande importância histórica e científica, mas essa importância está também no fato da humanidade, comprovadamente, ter início no continente africano. (estudante brasileira, UPFE, feminina).

Biodiversidade- apesar de muitas pessoas passarem necessidade, a fome e pobreza ser grande a África, é um continente com uma biodiversidade maravilhosa. As grandes migrações os grandes felinos e animais da savana são de grande importância no equilíbrio da biodiversidade do nosso planeta. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Riqueza e pobreza- eu escolho a expressão um e dois porque torna-se, de forma contraditória, as duas expressões. Uma é o que todo o mundo vê e a outra prefere não enxergar, mas estudando sobre esse continente podemos observar sua riqueza impor. (estudante brasileira, UFPE, masculino).

Escravidão- ao meu ver foi um dos continentes que mais sofreu com este fato que deixa marcas históricas até hoje visíveis. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Percebe-se um continente pensado do ponto de vista das suas contradições, trazendo as potencialidades e as fragilidades. A classe 3 traz características semelhantes à classe 1, no entanto, enquanto a primeira classe tem enfatizado a questão da ancestralidade, a classe três realçou mais a questão cultural e educacional. As mazelas sociais foram apresentadas igualmente, com maior ênfase na fome, pobreza, desigualdade social e falta de instrução. Vejamos alguns trechos significativos:

Cultura- a cultura africana é muito rica e merece mais reconhecimento. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Ancestralidade- com a minha entrada na academia pude perceber a beleza da cultura africana e o quanto é rica. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Injustiçado- acredito em um tipo de justiça social que luta contra pobreza e más condições de vida e apesar de ações hiper relevantes lá realizados com esse objetivo muitas coisas são necessárias ainda. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

A visão que se tem no ocidente da África é que o povo de lá passa por extremas, dificuldades socioeconômicas. (estudante brasileira, UNILAB, masculino).

Guerras- na África o que passa muito nos noticiários é a guerra existente lá. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Além da questão paradoxal que discutimos neste eixo, verificamos a não responsabilização dos sujeitos sobre a imagem que se têm da África, atribuindo à mídia toda a culpa, como se os indivíduos não tivessem as suas idiossincrasias. Os brasileiros entrevistados parecem escolher a mídia como fonte de desculpas “prontas”, servindo de protetor e meio de justificar o preconceito com relação à África. A imputação da culpa

no exterior diz respeito à tendência de buscar justificativas, por exemplo, culpar a mídia, como forma de justificar os preconceitos, e, por conseguinte, reduzir os conflitos e tensões internas (PEREIRA; VALA, 2010).

A classe 2 e 4, do segundo eixo, “*a África mítica, ensinada e conhecida*”, traz a ideia de uma África midiaticizada e ensinada nas escolas de forma homogênea, como se fosse um país só, pobre, com savana e safari. Aparece neste polo também, a África construída no imaginário ocidental, neste caso, um lugar desértico, com fome, crianças desnutridas, desigualdade social, subdesenvolvimento, pobreza extrema. Em resumo, uma África apresentada de forma racista, preconceituosa e fabulosa. A mídia aparece, tal qual eixo anterior, como responsável máximo pela imagem negativa do continente africano, e, com isso as pessoas parecem abster-se das responsabilidades de serem antirracistas. Com isso não queremos dizer que a mídia brasileira não é racista, pelo contrário. No entanto, não acreditamos que ela carrega culpa sozinha, pois ela não está desconectada da história e estrutura social brasileira (DANFÁ; ALÉSSIO, 2017). Observemos os segmentos desta classe:

Índice de pobreza elevado- a mídia transmite uma imagem de pobreza muito elevado do país africano. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Leão- aprendemos na escola que a África possui savana talvez esteja aí motivo de tanta ignorância por parte dos brasileiros. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Safari- sempre pensei que todos os países que compõem o continente africano remetesse a uma África selvagem. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Fome- a imagem criada e defendida sobre a África é uma imagem de um povo sofrido, que não tem alimentos disponíveis e por isso entre outros fatores influenciam na realidade do povo. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Pobreza- sabemos que a África é um continente rico em todos os aspectos, mas desde pequeno fomos educados de forma incorreta, os professores sempre traziam o continente africano como sinônimo de pobreza dessa forma sempre irei lembrar desse ponto. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Constatamos o discurso crítico de alguns entrevistados, porém de forma ambígua, uma vez que eles não se opõem totalmente aos discursos preconceituosos. Realçaram a visão eurocêntrica e pejorativa sobre o continente africano, mas não descartaram a ideia

que está na base dessa imagem, isto é, a visão do “subdesenvolvimento”, leia-se, impossibilidade do progresso civilizacional. Observemos o segmento a seguir:

Subdesenvolvimento- é uma palavra criada por países desenvolvidos, os mesmos que colonizaram a África, também é um termo negativo que muitos usam para denegri-la, mas, *ela não é só* subdesenvolvimento ela possui sua própria natureza diferente dos europeus assim como uma riqueza. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Outros críticos foram mais contundentes, se opondo à construção da ideia de uma África caótica e inferiorizada, originada no ocidente, tendo por base as ideias iluministas, que vinculam tudo aquilo que não é europeu à inferioridade, ao baixo desenvolvimento e a negatividade da razão (ANDRADE, 2017). Aliás, Le Bon em seu estudo, intitulado “Lois psychologiques de l'évolution des peuples”, coloca os europeus no ápice na civilização e desenvolvimento intelectual, relegando os povos africanos à condição da raça primitiva. Este grupo social é tido como vizinho dos animais, incapazes de atingir a elevada condição civilizatória, tendo em conta a deficiência da capacidade racional. O trecho a seguir elucida o nosso argumento:

Sempre usado para as grandes potências- a África vem sendo explorada desde o começo da civilização e isso não recebe a atenção que merece, nem a ajuda que deveria receber. São problemas que atrasaram o crescimento desse país e debilitaram questões socioeconômicas, fazendo com que os outros países tivessem uma visão deturpada da sociedade africana e de todo o país. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Desenvolvimento- apesar de termos uma imagem de pobreza da África, é sabível que essa condição não predomina em todo o continente apenas, em algumas regiões como ocorre em qualquer outro país e continente subdesenvolvido em suas condições climáticas culturais etc. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

As classes 2 e 4, trazem ainda, a visão multicultural e histórica da África, neste caso, o berço da humanidade e da história humana, com grandes influências na formação social brasileira, através da escravidão. O eixo dois traz, portanto, o reconhecimento do valor cultural da África, conforme o trecho a seguir:

Multiculturalismo- a África é um continente enorme, então, obviamente haverá diferentes culturas nos diversos países. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

O eixo dois, apresenta assim, uma África diversa, acompanhada sempre das mazelas sociais, isto é, África sob duas extremidades, a pobreza extrema versus recursos

naturais a serem exploradas. O eixo traz ainda uma África aprendida nas escolas e veiculadas na mídia, em que as pessoas se veem como não responsáveis para a desconstrução e conseqüentemente a produção de novas imagens sobre a África.

Apesar do eixo 2 caracterizar a África como um lugar mais caótico que o eixo 1, em ambos os eixos, é notável a imagem de uma África midiaticizada e ensinada. Os inquiridos brasileiros parecem se colocar na posição de inércia ou “incapacitados”, incapazes de procurarem uma visão diferente sobre o continente africano. A ideia que sobre a África parece bem consolidada, a ponto de “inflexibilizar” as pessoas, tornando difícil os olhares que não sejam congruentes com a África mítica.

Houve a saliência da identidade africana nos atributos físicos, expressividade, sociabilidade, coadunando com os achados de Cabecinhas (1998, 2007). A ênfase na cor da pele e cultura se destacam igualmente nos traços atribuídos aos africanos, o que explica o deslocamento do racismo da racialização, no âmbito do biológico, para a etnização, através da essencialização da cultura e exacerbação das diferenças (CABECINHAS, 2007; VALA; BRITO; LOPES, 2015).

Para Mbembe (2018), a negritude, emerge na cisão, perda e extermínio. Neste sentido, ao associar África à negritude, se faz necessária a refundação da africanidade, através do re-enraizamento e reconexão com o passado da ancestralidade africana. Aliás, afirma Mbembe “se a África tem um corpo e se é um corpo, um isto, é o negro que confere a ela- pouco importa onde ele se encontra no mundo. Se negro é alcunha, se ele é aquilo, é por causa da África” (MBEMBE, 2018, p.79). Razão pela qual apoiamos a posição da refundação e a construção simultânea da negritude e africanidade, tendo em vista a inseparabilidade dos dois termos.

Mbembe (2018) discute, ainda, de forma precisa, o termo África, que consiste no elemento físico-geográfico, associado à uma condição racial, isto é, a negritude. Acrescenta-se aos fatos descritos, as imagens, palavras, enunciados, preconceitos, estigmatização, indissociabilidade do continente africano com a pobreza etc. Tais conteúdos dão sentido à África como espaço-geográfico concomitantemente com os sujeitos que nela habitam. Em resumo, a África e ser africano consiste na redução de um sujeito e/ou lugar à absoluta precariedade e de forma arbitrária. O que explica o fato de todos poderem falar da África, não importando o conhecimento que se tem sobre ela, pois a arbitrariedade permite que todos fabriquem as lendas, fábulas, imagens em torno dela. (MBEMBE, 2018).

O conhecimento sobre a África pode se dar por duas maneiras, através do conhecimento periférico e do conhecimento de dentro. No primeiro tipo, a África é vista como um objeto a ser estudado, muitas vezes de forma exótica, resultando na construção da África mítica, vista da maneira desprezível. É nesse encontro com o exterior que ocorreu a falsificação da África. É este tipo de conhecimento que prevalece no olhar de muitos brasileiros. A segunda forma é a visão originária, neste caso, a África como sujeito e pouco conhecida, porém com valores e identidades elevadas a serem conhecidas com estudos endógenos e profundos (LEITE, 2003 apud Bâ, 2003; MBEMBE, 2018). A África interna ou de dentro é possível ser apreendida principalmente por meio de conhecimento endógeno, produzido no solo africano, através de estudos rigorosos. É neste cruzamento que nasce a imagem da África, aquilo que é e aquilo que se acredita ser.

É importante falar da diferença, uma vez que é ela que confere significado à existência. Implica dizer que o significado de ser africano ou brasileiro se dá numa perspectiva relacional e dialógica, isto é, ambos se desenrolam pela diferenciação com seu “antagônico” ou semelhante (HALL, 2016). Neste sentido, a brasilidade ou a africanidade não acontecem apenas por conta das características nacionais, mas também pela diferenciação com os outros não brasileiros ou não africanos. Portanto, na perspectiva de Hall não é possível fixar nem a africanidade nem a brasilidade sem a negociação com as outras identidades nacionais. Razão pela qual através da diferenciação relacional entre os africanos e brasileiros, este estudo procurou apreender a identidade brasileira e africana do ponto de vista das relações intergrupais.

8.2 Estrutura representacional da caracterização da brasilidade

Entendemos a brasilidade a partir de três correntes. A primeira diz respeito à brasilidade nos moldes freyrianos (FREYRE, 2003), isto é, um povo harmônico do ponto de vista étnico-racial e marcado pela paz social. A segunda tem a ver com a brasilidade de Sérgio Buarque de Holanda (1995), que se refere ao homem com aparências de polidez e cordialidade, mascarando as verdadeiras emoções e sentimentos. Trata-se de uma verdadeira máscara que serve de resguardo no convívio social, mantendo a paz social e imagem do cidadão cordial (HOLANDA, 1995). E, por último, a terceira corrente da brasilidade defendida, por exemplo, pelos pensadores do projeto Unesco como Florestan Fernandes e Virgínia Bicudo e entre outros, pelo Abdias do Nascimento (2016), Kabengele Munanga (2017), Lilia Schwarcz (1993; 2019), Jessé Souza (2017; 2018). Estes pensadores defendem a ideia de um país não cordial e nem harmônico racialmente,

e sim, um país com diversas formas de discriminação racial, o que gera empecilho da entrada no negro na sociedade de classe, permitindo que acesse aos bens e serviços de consumo.

A nossa discussão vai se centrar inicialmente nas estruturas representacionais da brasilidade do ponto de vista dos brasileiros e dos africanos, apreendendo as possíveis convergências e divergências nas imagens atribuídas a ser brasileiro do ponto de vista da identidade pessoal, coletiva e a nível do pertencimento territorial.

No léxico “os brasileiros são” respondido pelos interlocutores brasileiros, foram evocadas 1.094 palavras ou expressões, tendo 421 termos diferentes. No caso da amostra africana foram encontradas 416 evocações, sendo 269 termos distintos. Observemos a Tabela 21 a seguir, dividida em quatro quadrantes.

TABELA 21 ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR “OS BRASILEIROS SÃO”: A AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO

	Brasileiros (N=235)	Africanos (N=97)
Núcleo Central	<i>alegres</i> (F=70 I=2.7), <i>acolhedores</i> (F=56 I=2.5), <i>corruptos</i> (F=38 I=2.5), <i>preconceituosos</i> (F=34 I=2.2), <i>receptivos</i> (F=28 I=2.7), <i>racistas</i> (F=25 I=2.6), <i>culturais</i> (F=20 I=2.5), <i>felizes</i> (F= 20 I=2.8), <i>miscigenação</i> (F=16 I=2.3).	<i>Racistas</i> (F=34 I=2.2), <i>preconceituosos</i> (F=22 I=2.2), <i>acolhedores</i> (F=8 I=2), <i>inteligentes</i> (F=14 I=2.8)
Primeira Periferia	<i>Festeiro</i> (F=30 I=3.5), <i>simpáticos</i> (F=19 I=3.4), <i>trabalhadores</i> (F=14 I=3), <i>diversos</i> (F=13 I=3.8), <i>inteligentes</i> (F=13 I=3.2), <i>preguiçosos</i> (F=13 I=3.5), <i>animados</i> (F=11 I=3.1), <i>calorosos</i> (F=17 I=2.7),	<i>Falsos</i> (F=11 I=2.6)

	<i>jeitinho brasileiro</i> (F=12 I=2.6).	
Zona de Contraste	<i>Resilientes</i> (F=10 I=2.6), <i>comunicativos</i> (F=10 I=2.6), <i>ignorantes</i> (F=10 I=2.2), <i>criativos</i> (F=10 I=2.5), <i>burros</i> (F=10 I=2.1), <i>Intolerantes</i> (F=9 I=2.1), <i>divertidos</i> (F=8 I=2.6), <i>esperançosos</i> (F=7 I=2.7), <i>guerreiros</i> (F=7 I=2.3), <i>diversidade</i> (F=6 I=2.2), <i>homofóbicos</i> (F=6 I=2.7), <i>espertos</i> (F=6 I=2.6), <i>sofridos</i> (F=5 I=2.2), <i>desonestos</i> (F=5 I=2.8), <i>humildes</i> (F=4 I=2.8), <i>resistentes</i> (F=4 I=2.2), <i>cordiais</i> (F=4 I=2.2), <i>aproveitadores</i> (F=4 I=2.5), <i>violentos</i> (F=4 I=2.2), <i>extrovertidos</i> (F=4 I=2.5), <i>bagunceiros</i> (F=3 I=2.7), <i>sociáveis</i> (F=3 I=2.3), <i>sensuais</i> (F=3 I=2.7), <i>samba</i> (F=3 I=2.3)	<i>Criativos</i> (F=5 I=2.2), <i>violentos</i> (F=5 I=2), <i>brancos</i> (F=4 I=2.5), <i>alegres</i> (F=4 I=2.2), <i>futebol</i> (F=3 I=2.3), <i>curiosos</i> (F=3 I=2), <i>hipócritas</i> (F=3 I=2.7), <i>amigáveis</i> (F=3 I=2.7), <i>ricos</i> (F=3 I=2.3), <i>amáveis</i> (F=3 I=2.7), <i>felizes</i> (F=3 I=2.3)
Periferia Distante	<i>Futebol</i> (F=10 I=3.5), <i>engraçados</i> (F=10 I=2.9), <i>egoístas</i> (F=9 I=3), <i>carnaval</i> (F=8 I=3.2), <i>mal educados</i> (F=8 I=2.9), <i>hipócritas</i> (F=5 I=3.2),	<i>Simpáticos</i> (F=6 I=2.8), <i>trabalhadores</i> (F=5 I=3.4), <i>bandidos</i> (F=5 I=3.8), <i>bonitos</i> (F=4 I=4), <i>machistas</i> (F=4 I=3.8), <i>malandros</i> (F=4 I=3.2),

	<i>amorosos</i> (F=5 I=3.4), <i>pobres</i> (F=3 I=3.7), <i>conservadores</i> (F=4 I=3.5).	<i>solidários</i> (F=3 I=3.3), <i>criminosos</i> (F=3 I=3), <i>fofoqueiros</i> (F=4 I=5), <i>cínicos</i> (F=3 I=3.7), <i>pobres</i> (F=3 I=4.3).
--	--	--

Fonte: DANFÁ (2021)

O universo léxico “*os brasileiros são*” respondido pelos africanos e pelos brasileiros apresenta mais convergências quando comparado com o campo léxico “*os africanos são*”. Na zona do núcleo central, por exemplo, os brasileiros e africanos consensualmente partilham a crença de que os brasileiros são *preconceituosos*, *racistas* e *acolhedores*. A crença na democracia racial internacionalmente propagada cai por terra, uma vez que, os dois grupos investigados acreditam que o Brasil é um país racista e preconceituoso. Entretanto, apesar da assunção do preconceito na sociedade brasileira, a imagem do brasileiro cordial persiste na representação da brasilidade. Assim, o mito da democracia racial, coesão étnico-racial, parece competir com a brasilidade segregacionista, isto é, racialmente desarmônica. Isto porque os brasileiros se consideram um povo acolhedor e receptivo, ao mesmo tempo em que admitem ser racistas e preconceituosos.

Os traços divergentes na zona central foram *inteligentes* para os africanos, isto é, estes atribuíram aos brasileiros os traços de instrumentalidade positiva, modelo de ser humano desejável e responsável, em geral atribuído aos adultos. O traço de instrumentalidade positiva é em geral atribuído aos brancos na sociedade capitalista e patriarcal, uma vez que para este regime os negros são os fracassados, psicologicamente frágeis e inaptos a levar adiante o destino do falo, isto é, ser responsável e prover (CABECINHAS, 2006; HOOKS, 2019). Recordar-se que os brasileiros atribuíram inteligência aos africanos.

O universo lexical dos brasileiros na zona central diverge daquele dos africanos e ao mesmo tempo comporta mais expressões, o que se explica pelo maior número de amostra dos brasileiros. Assim, os atributos *corruptos*, *culturais*, *felizes* e *miscigenação* são termos que só apareceram no campo léxico respondido pelos brasileiros. Os brasileiros realçam a miscigenação brasileira, neste caso, a multiracialidade, multiculturalidade, ao passo que os africanos não citaram esta expressão. O que, talvez, se explica pela indiferença dos africanos com esta questão ou pelo domínio supremacista branco na sociedade brasileira, movendo a negritude para o baixo escalão da sociedade,

tornando a miscigenação insignificante. A expressão *felizes* foi atribuída pelos brasileiros tanto para si como aos africanos. Assim, para os entrevistados brasileiros, tanto os brasileiros como os africanos são felizes. Os africanos, por sua vez, atribuíram a expressão *felizes* apenas para os brasileiros no campo léxico “os brasileiros são”, não atribuindo, portanto, para o endogrupo no mundo léxico “os africanos são”. A expressão *alegres* foi atribuída aos brasileiros pelos africanos na zona de contraste.

A ideia de vincular o brasileiro ao calor humano, emotividade e hospitalidade, isto é, um povo *acolhedor* (zona central), *festeiro*, *animados* e *calorosos* (primeira periferia), foi denominado por Jessé Souza (2018) de culturalismo de vira-lata, que liga o brasileiro ao corpo e não o espírito, conectando a brasilidade à moralidade baixa. É esta lógica faz com que a classe média hegemônica, liberal conservadora e supremacista branca relaciona os problemas sociais brasileiros à imoralidade baixa do povo, por exemplo, a corrupção ou “jeitinho” brasileiro. Esta passa a ser o problema central na explicação do problema social no Brasil, um lugar em que a desigualdade social, fruto de escravidão, e, a luta de classes são extirpadas na explicação dos problemas que afligem a sociedade, resumindo tudo à corrupção e/ou *jeitinho brasileiro* (SOUZA, 2017). Esta última expressão se encontra na primeira periferia, fazendo referência a corrupção cotidiana do brasileiro.

Alguns intelectuais na atualidade como Leandro Karnal⁹, reforçam este argumento, de que “a corrupção é um mal social”. Em “Fraud and Corruption”, Kratcoski e Edelbacher (2018), consideram que a oportunidade de praticar a corrupção é somente possível para aqueles detêm o poder de alocar recursos e tomar decisões. Em geral, pode-se encontrar a corrupção em muitos ambientes organizacionais ou grupais como organizações comerciais, serviços públicos, instituições religiosas e educacionais, capazes de exercer estruturas do poder de alguma forma. A corrupção, nesta acepção, se diferencia da fraude, isto porque o ato fraudulento assume amplitude maior, conceituado como qualquer forma de obtenção de ganho ilegal, podendo se manifestar em variedade de formas, pessoa para pessoa, através dos meios de comunicação de massa, que inclui televisão, telefone e internet. Em resumo, a corrupção acontece quando alguém poderoso tem potência de executar uma ação ilegal, podendo ser financeira, política, suborno por exemplo, ou ainda, pessoal, no caso da obtenção de benefício sexual do parceiro (KRATCOSKI, 2018). Para este autor, a motivação de cometer corrupção não é

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=Jv6F1tJ-8C4>

suficiente, pois que é preciso ter oportunidade e poder de praticá-la. Portanto, achar que o Brasil é um país corrupto porque o povo é corrupto é um argumento falacioso.

Nota-se que na primeira periferia o universo semântico dos brasileiros e africanos é totalmente divergente. No vocabulário dos africanos, os brasileiros foram considerados *falsos*. E, para os brasileiros, misturam-se os traços de instrumentalidade positiva como *trabalhadores*, *inteligentes* com os traços de instrumentalidade negativa, *preguiçosos*, isto é, modelo de sujeito indesejável e irresponsável e, atributos de expressividade como *animados* e *festeiros*. (Ver CABECINHAS, 2006; VALA; BRITO; LOPES, 2015). Na zona de contraste do léxico “os brasileiros são”, amostra africana e brasileira convergem no termo *criativos*, traço de instrumentalidade positiva e, no traço *violentos*, remetendo à violência estrutural, que vitima majoritariamente a população negra e/ou afrodescendente. O termo *burros* converge na autoatribuição dos africanos no léxico “os africanos são” com a autoatribuição dos brasileiros no mundo léxico “os brasileiros são”.

As divergências no vocabulário dos africanos com relação ao dos brasileiros, no campo léxico africano, na zona de contraste, dizem respeito às seguintes expressões: *brancos*, *alegres*, *futebol*, *curiosos*, *hipócritas*, *amigáveis*, *ricos*, *amáveis*, *felizes*. Os africanos parecem enfatizar o brasileiro mundialmente popularizado, isto é, um povo amante de futebol e caloroso (alegre, amáveis, ricos, felizes). Acrescentam-se a esses traços, os novos, neste caso, *hipócritas* e *curiosos*. E para os brasileiros, a zona de contraste traz as seguintes expressões divergentes: *resilientes*, *comunicativos*, *ignorantes*, *intolerantes*, *divertidos*, *esperançosos*, *guerreiros*, *diversidade*, *homofóbicos*, *espertos*, *sofridos*, *desonestos*, *humildes*, *cordiais*, *proveitadores*, *extrovertidos*, *bagunceiros*, *sociáveis*, *sensuais*, *samba*.

Os interlocutores brasileiros admitem ser um povo com tensões interpessoais e intergrupais, manifestas através de comportamentos *intolerantes*, *homofóbicos*, *ignorantes*. Um povo sofrido, resiliente, esperançoso e guerreiro, isto é, que resiste às adversidades da sociedade com esperança. Aqui o vocabulário dos brasileiros atribuído a si mesmos se aproxima daquele atribuído aos africanos, tidos como povos sofridos, porém resistentes. Recorde que os termos *resistentes* e *sofridos* podem ser encontrados respectivamente na zona central e periférica no léxico “os africanos são” respondidos pelos brasileiros. A ideia dos brasileiros como corruptos, traduzida na crença do jeitinho brasileiro, através das expressões *desonestos*, *proveitadores*, *espertos* foi evocada na zona de contraste. Divergem ainda dos vocabulários dos africanos nas expressões *cordiais*, *extrovertidos*, *bagunceiros*, *sensuais*, *samba*, *divertidos*, atributos largamente

difundidos sobre a brasilidade, isto é, povo hospitaleiro, caloroso, sensual e que gosta de samba. O que reforça a tese de Jessé (2017; 2018) da subcidadania brasileira, atrelando a brasilidade à expressividade corporal e ao exibicionismo, “nádegas” exibidas, por exemplo.

Os resultados nos permitem ver as grandes narrativas da brasilidade, a “mítica”, pautada na ideia da brasilidade calorosa, hospitaleira, gentil e acolhedora, isto é, a imagem do brasileiro cordial. A outra narrativa diz respeito ao brasileiro corrupto, expressão que intermedeia a brasilidade alegre e acolhedora. A corrupção aparece lado a lado com o brasileiro encantador, sensual, “malandro” e com futebol no “sangue”. As duas formas da brasilidade se configuram naquilo que Jessé Souza (2018) denomina da sociologia do vira-lata, conforme já sinalizamos, que resume o ser brasileiro na expressividade corporal e desprovido de espírito, que, por conseguinte, os desmoraliza. A outra brasilidade, que aparece ao lado do “homem” cordial é brasileiro *racista, preconceituoso, ignorante e burro*. Neste sentido, contraponto ao ser brasileiro pensado por Gilberto Freyre, isto é, harmônico visto do ponto de vista do racismo culturalista. A brasilidade não admitida, neste caso, um povo não pacífico socialmente, começa a ganhar força na narrativa sobre a brasilidade.

Além das convergências, aparecem expressões que demonstram as tensões intergrupais, por exemplo, os africanos consideram brasileiros *falsos, hipócritas e violentos*. Os brasileiros no universo léxico “os africanos são” consideram os africanos *arrogantes e machistas* na zona de contraste. O que demonstra a existência de tensões exacerbadas, diminuindo a desejabilidade social entre os estudantes em contato frequente, principalmente na UNILAB. No nível intragrupal, as tensões são expressas pelos brasileiros, através de palavras como *intolerantes, homofóbicos, preconceituosos*, no léxico “os brasileiros são”. As mesmas tensões não foram encontradas entre os africanos no léxico “os africanos são”. Os africanos parecem atribuir a si mesmos as expressões mais positivas que os brasileiros, isto porque, as negativas são acusatórias.

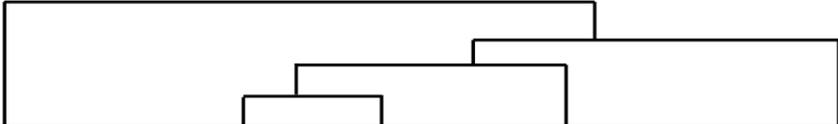
Na zona da periferia distante o campo léxico brasileiro expressa a imagem do brasileiro harmônico (*amorosos*), folclórico (*carnaval*) e com problemas referentes ao acesso aos recursos (*fome*). Por sua vez o campo semântico dos interlocutores africanos traz os traços de instrumentalidade positiva, mas também com atributos depreciativos como *criminosos, bandidos, cínicos, fofoqueiros, malandros*. Ambos os grupos convergem na atribuição de traços de instrumentalidade positiva, *educados e trabalhadores*, na ligação da brasilidade com as carências, expressão *pobres*, por

exemplo. Os interlocutores africanos categorizaram os brasileiros de forma predominantemente depreciativa, através da atribuição de conteúdos representacionais negativos. Presume-se uma relação conflituosa e de tensão explícita na relação entre os dois grupos. Para a contextualização dos resultados da análise prototípica recorreremos à análise estatística textual, o que vai nos permitir elucidar as possíveis expressões ambíguas. Faz-se necessária a seguinte pergunta: de que maneira as justificativas das expressões hierarquizadas como as mais importantes pelos interlocutores brasileiros revelam a face da brasilidade sombria ou mítica? É precisamente esta pergunta que vai nortear a discussão da sessão a seguir.

8.2.1 *Em defesa da brasilidade: mítica ou intolerante*

Iniciemos com a autorrepresentação e em seguida a heterorrepresentação, o que nos permitirá elucidar, principalmente as expressões com conotações ambíguas. Os resultados obtidos por meio da análise temática favorecida pelo *software* Iramuteq apresentam cinco classes. Com exceção da classe 5, as demais são justapostas. Atentamos para a Figura a seguir:

FIGURA 12 AUTORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (77,88% DE RETENÇÃO)



Classe 5		Classe 4		Classe 2		Classe 1		Classe 3	
Brasileiro: um povo lutador e amável		As contradições da brasilidade							
26.6 %		26 %		13 %		14.2 %		20.1 %	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Conseguir	29.29	Corruptos	25.71	Preconceito	26.25	Pensar	24.75	Acolhedor	27.98
Dificuldade	27.97	Falta	14.64	Brasil	21.82	Indígena	24.75	Diverso	15.03
Alegres	21.09	Praticar	11.64	Grande	10.58	Negro	18.45	Cultural	12.13
Lutar	14.2	Atitude	11.64	Relação	7.76	Social	12.43	Diversificado	11.5
Direito	11.29	Político	10.61	Classe	4.95	Pais	11.51	Calorosos	7.68
Governo	11.29	Receptivos	10.61	Alegre	4.95	Acreditar	11.05	Miscigenação	4.12
Não desiste	8.42	Impossível	8.68	Mundo	4.95	Africano	8.83	Diversidade	4.12
Acontecer	8.42	Corrupção	8.15	Rico	4.95	Povo	8.75		
Vida	7.51	Racistas	5.33			Ignorantes	6.9		
Sempre	4.27					Futebol	6.9		
						Europeu	6.9		
Pesquisadora negra	11.69	Pesquisador branco	4.36	Convivência regular	7.78			Pesquisador africano	
Convivência pouca	7.47								

Fonte: DANFÁ (2021)

As classes 1, 2, 3 e 4 formaram um eixo que intitulamos “*As contradições da brasilidade*”, trazendo uma brasilidade para além daquilo que é internacionalmente difundido. O eixo traz como variáveis significativas o pesquisador um, africano, e o dois,

o brasileiro. Assim, diante do pesquisador africano, cujo efeito é notável na classe três, os brasileiros se autocategorizam como um povo amável, marcado pela diversidade étnico-cultural e miscigenado. Por sua vez diante do pesquisador branco, cujos discursos são sobrerepresentados na classe 4, aparece a brasilidade fortemente veiculada pela classe média (VER SOUZA, 2017; 2018), neste caso um povo corrupto, do ponto de vista institucional, estrutural e individual. A corrupção aparece como algo generalizado, e, portanto, não do ponto de vistas das estruturas do poder. Diante deste investigador aparece também a brasilidade racista, neste caso, um país marcado pelo racismo estrutural, assente nas estruturas sociais, institucionais, capaz de exercer influências, e, por conseguinte, gerar sistemas de exclusão, dominação e segregação. Ainda, diante deste pesquisador aparecem atributos da brasilidade mítica. Ou seja, perante este pesquisador, apesar das dificuldades e corrupção estatal, o brasileiro matém a receptividade. Observemos os exemplos das duas classes:

Acolhedor- devido aos grandes números de imigrantes chegados em nosso país, considero-nos uma nação bem acolhedora e que se importa com o bem-estar das nações vizinhas, apesar de ter alguns casos do racismo e xenofobia registrados os considero casos importantes e possíveis de ser resolvido. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Trapaceiros- julgo mais importante por ser uma característica muito ruim, que deve ser evidenciada com o objetivo de que haja extinção através da educação. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Racistas- os brasileiros são racistas no dia a dia e podemos comprovar com ações cotidianas. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Corruptos- nos níveis mais diferentes da sociedade todos cometem praticam algum tipo de corrupção. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Mulher disponível- este termo mulher disponível ou mulher fácil é muito escutado no sentido sexual, onde já presenciei de estrangeiros como dos próprios brasileiros. A coloquei como mais importante pelo fato da objetificação da mulher, a generalização, e acima de tudo a falta de respeito, nos fazendo ter sentimentos constantes de medo receio e cautela. Para além de nos precaver sempre algo deveria ser trabalhado no geral conscientizando a todos sobre esse tipo de situação, claro sabendo que é algo construído historicamente, mas, que não seria uma tarefa impossível. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Aparece o discurso feitichização da mulher brasileira, através da acusação direcionada a todos os estrangeiros, que acham as mulheres brasileiras “disponíveis” ou “fáceis”. Nota-se que esta feitichização é, em geral, direcionada às mulheres negras “mulatas”, que se traduz na famosa imagem da “globeleza”. A expressão “mulata” atrela

as mulheres negras a prostituição e preta doméstica (Ver GONZALEZ, 2020). A grande questão que se coloca é: será que os africanos têm noção de que a objetificação, apesar de ser direcionada às mulheres brasileiras como um todo, é majoritariamente dirigida às mulheres negras? Acreditamos que os estudos futuros com os estrangeiros sobre a hipersexualização das brasileiras devem levar em conta a origem étnico racial dos imigrantes. Tanto africanos “nativos” assim como os africanos “diaspóricos” são objetificados, podendo ocorrer a objetificação mútua entre as próprias vítimas da feiticização.

Por sua vez as classes 1 e 2, trazem a brasilidade mítica, i.e., acolhedor, amante de futebol, e, um povo trabalhador, mas com campo semântico mais negativo, uma vez que, além da imagem preconceituosa e racista atrelada à identidade brasileira, acrescentaram as características como hipocrisia, ignorância, preguiça, abestalhados, resistentes. Os discursos dos estudantes brasileiros nas duas classes, apesar de reconhecerem o valor cultural, laboral, de resistência e criatividade do povo brasileiro, trouxeram também outros atributos negativos que não foram abordados de forma sobrerrepresentada nas justificativas das duas classes anteriores. Os brasileiros parecem compartilhar com os africanos outras características da brasilidade, menos difundidas, por exemplo, a hipocrisia e a intolerância. Atentemos para exemplos a seguir:

Extremamente preconceituosos- acredito que seria a número pensando que a nossa sociedade foi construída sob o jugo da opressão, inicialmente dos povos indígenas que habitavam o território que hoje é Brasil, mas também, a escravização da população negra trazida para executarem trabalhos forçados. Desta forma herdamos as opressões do passado como fruto de uma sociedade que foi construída de forma desigual, que marginalizou historicamente diversos grupos sociais, que ainda hoje são impactados pelo preconceito e discriminação. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Povo resistente- escolhi resistente por acreditar que nosso povo durante a construção do nosso país teve que resistir de diferentes formas. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Intolerantes- após o período eleitoral de 2018 os vários tipos de preconceito têm se acentuado no Brasil. Além de serem legitimados e repercutidos por piadas e outras ironias inofensivas. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Hipócritas- no cenário atual a hipocrisia reina, muitos que trazem o discurso de cidadão do bem, são na verdade elitistas preconceituosos conservadores e bastante fechados para o diálogo e para outras formas de existir no mundo. (estudante brasileiro, UFPE, feminina).

Emerge, portanto, uma nova forma de conceber a brasilidade, sobretudo, pós eleição de 2018, resultando na eclosão do bolsonarismo. Dito de outra maneira, a parte “obscura” do brasileiro apareceu com vigor, gerando questionamentos da brasilidade mítica.

Por último, a classe 5, segundo eixo, intitulado “*brasileiro: um povo lutador e amável*”, tem a sobrerepresentação da variável pesquisadora brasileira negra. Da mesma forma que diante dos outros pesquisadores, a imagem do brasileiro harmônico, cordial, amável e culturalmente diversa aparece. No entanto, diante desta pesquisadora apareceram a imagem do brasileiro como um povo aguerrido e que não desiste nunca, resistentes às adversidades da vida e resilientes. Não foi uma mera casualidade a vinculação da brasilidade ao povo guerreiro, uma vez que o povo negro é tido como aquele que sofre dor e mesmo assim resiste e não desiste. A frase de Dunga, ex-técnico de seleção retrata bem essa imagem do negro brasileiro, o ex-técnico após constantes críticas à frente da seleção brasileira afirma o seguinte: “acho que sou afrodescendente, de tanto que apanhei”.¹⁰ A frase ironiza e romantiza o sofrimento do negro, mas ao mesmo tempo retrata a despersonalização e infra-humanização do negro, que se expressa na violência corporal e na psíquica. Nota-se, portanto, que é diante da pesquisadora negra que a face da brasilidade sofrida, dolorida, mazelada e desarmônica se revela com vigor. Observemos os trechos a seguir:

Sofridos, existe uma frase do Darci Ribeiro que diz algo como” os brasileiros são a mão que nos suplicou e ao mesmo tempo aqueles que sofreram”. Isso explica a parte de nossas ações boas e ruins e juntos nos encontramos na dificuldade que é ser brasileiro. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Alegres- porque em meio as dificuldades estão sempre com sorrisos no rosto. A alegria que os brasileiros tem principalmente, os cearenses, são vistos por muitos como palhaças que na verdade não é. São apenas pessoas que encontra no sorriso uma forma de enfrentar as dificuldades que a vida lhes impõe. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Resistência- levo em consideração a história da região nordeste e para mim a resistência foi um fator importante na formulação do nosso povo. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Força- são fortes em mesmo as explorações e ataques as suas terras as suas escolhas sexuais aos seus direitos e conseguem de forma muito étnica resistir de forma criativa. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

¹⁰ <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/acho-que-sou-afrodescendente-de-tanto-que-apanhei-diz-dunga.html>

A imagem do brasileiro, principalmente, dos nordestinos, como aqueles que “sofrem, mas, permanecem com sorriso no rosto”, se assemelha com a forma como os próprios interlocutores brasileiros categorizaram os africanos, tidos como povo vigorosos e fortes no enfrentamento da precariedade e das mazelas do continente, mantendo “sorriso no rosto” intacto.

A brasilidade internacionalmente propagada permanece hegemônica, apesar da aparição da outra face do brasileiro, que eclodiu principalmente nas últimas eleições, permitindo a aparição da imagem não hegemônica do Brasil, neste caso, o brasileiro preconceituoso, intolerante e racista. Dito de outra maneira, um país marcado pela intolerância e racismo estrutural. Para Costa e Diniz (2001), convivemos com o intolerante cotidianamente, tratando-se dos assassinos da sociabilidade, uma vez que desdenham os grupos marginalizados como idosos, gays, negros, “deficientes” etc. Por sua vez, intoleráveis são práticas como aquelas perpetradas no contexto das pesquisas nazistas, muitas vezes impossíveis de intervenção mesmo por meios violentos. As atitudes intoleráveis são práticas ou crenças individuais a serem banidas, por comprometer a convivência solidária e saudável entre os diferentes. De acordo com esta visão, o extermínio dos grupos “indesejáveis” ou socialmente desprestigiados não necessita de campos de concentração, mas sim, de meios que muitas vezes se apoiam nas democracias liberais ou “pseudo-democracias”, por exemplo, o uso da liberdade para fins de atitudes intolerantes.

Por sua vez, o racismo como teoria social, de acordo com autores como Jorge Vala (2013), em Psicologia, Sílvia Almeida (2019), no campo de Direito, é necessariamente como estrutural. Para Vala, racismo como institucional e estrutural envolve: os processos de influência social, alicerçados nas influências parentais, mídia, políticas educacionais e organizações laborais; nas relações intergrupais, que são marcadas pelas relações de tensão e subordinação e dominação, reflexo das leis, normas de segregação, por exemplo. Já Para Sílvia Almeida (2019), o racismo é estrutural por inerência ao envolver as estruturas econômicas, políticas e assente no pensamento social.

A seguir a análise textual do campo léxico dos africanos sobre a brasilidade, de modo a contextualizar as expressões da análise prototípica. A questão que se coloca é: as justificativas das expressões hierarquizadas como as mais importantes pelos africanos reforçam a imagem da brasilidade harmônica ou desarmônica? Observemos a discussão na sessão a seguir.

8.2.2 Defesa da primazia da brasilidade desarmônica sobre a harmônica: perspectiva dos interlocutores africanos

Encontramos dois eixos de produção de sentidos ao analisarmos as justificativas para o campo léxico dos africanos. O primeiro eixo contém três classes, 1, 2 e 3, que intitulamos “a brasilidade intolerante, ignorante e hipócrita” e o segundo eixo, que contém apenas uma classe, a 4, intitulada “brasilidade e as contradições”. Observemos a Figura 14 a seguir:

FIGURA 13 HERETORREPRESENTAÇÃO DOS BRASILEIROS (RETENÇÃO 73,56%)

Classe 4		Classe 3		Classe 2		Classe 2	
Brasildade intolerante, ignorante e hipócrita				Brasildade e as suas contradições			
23.9%		31.3%		23.9%		20.9%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Branco	21.01	Racista	13.31	Africano	17.15	Porque	16.65
Índio	10.01	Sociedade	13.31	Saber	16.09	Muito	14.72
Raça	10.01	Racismo	11.84	Preconceito	11.42	Matar	10.01
Grande	10.01	Negro	4.95	Brasil	6.21	Falsos	6.12
Diversidade	10.01			Escutar	3.98		
Capacidade	10.01			Cor	3.98		
Alegre	10.01						
Pais	6.81						
Diferente	6.12						
Poder	9.72						
Convivência regular	6.75						

Fonte: DANFÁ (2021)

No primeiro eixo os africanos caracterizaram os brasileiros negativamente, atribuindo-lhes características de um povo hostil e aversivo com relação aos “Outros”, principalmente quando se trata do outro negro e/ou proveniente de nações desprestigiadas como as africanas. Os estudantes categorizaram também os brasileiros como intolerantes, dissimulados e hipócritas, trazendo uma dimensão da brasilidade até então não admitida, já que a identidade brasileira pensada por Gilberto Freyre (1970/2003), neste caso, brasileiro harmônico e cordial, predomina. Houve a predominância da caracterização depreciativa e preconceituosa dos brasileiros, ou seja, raríssimas vezes os africanos atribuíram traços positivos aos brasileiros, admitindo que se trata de um povo miscigenado, afável e inteligente. Atentemos para os trechos a seguir:

Falsos- a palavra diz tudo o que os africanos passam, desde quando pisamos o solo brasileiro, diz porque os africanos são acusados de vários males até de crimes. (estudante de Guiné-Bissau, masculino).

Preconceituosos- eu tive a oportunidade infeliz de saber o que significa preconceito quando cheguei no Brasil, passei por momentos constrangedores que não pretendo voltar a viver. Por esse motivo realço o preconceito com a palavra que clama minha atenção quando escuto os brasileiros são. (estudante de Angola, masculino).

Racista- porque eles odeiam a nossa cor, não aceitam que a gente frequenta mesmo lugar que eles sabendo que o brasil tem traços africanos. (estudante de Cabo-Verde, masculino).

Ignorantes- ignorantes porque eles se fazem de despercebidos e idiotas eles têm todos os meios de informação para se fazerem de despercebidos. (estudante de Angola, masculino).

Violentos- são violentos porque de acordo com o que é dito e eu vejo nas mídias, tipo de coragem que têm de matar uns aos outros, também um povo que maioria das pessoas têm arma na mão. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Percebe-se uma nítida relação de tensão, conflito e rixa muito grande entre os dois grupos, tensão esperável em uma relação marcada por preconceito, racismo e discriminação social. Isso explica a caracterização depreciativa, desfavorável e preconceituosa dos universitários africanos para com os brasileiros.

Por último, o eixo 2, que intitulamos “*as contradições da brasilidade*”, pensa a identidade brasileira de forma controversa, neste caso, um povo que apesar de alegre, criativo, é também racista e preconceituoso. Este eixo caracteriza a brasilidade de forma mais equilibrada, admitindo ao mesmo tempo a intolerância, diversidade e afabilidade. Vejamos os exemplos a seguir:

Racistas- porque são, pois, a exclusão dos negros nessa sociedade é grande, os negros são associados à pobreza, porque a visão que se tem ainda é aquela colonial, que considera negro como um sub-humano, ou seja, inferior ao branco. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Miscigenado- povo misto devido o contexto histórico da situação colonial, forja a miscigenação deste povo, que por fim, briga constantemente discriminando uns aos outros e lutando para uma vida plural e intercultural. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Alegres- são alegres porque vivem como se fosse último dia. (estudante de Angola, masculino).

Criativos- por saber tirar vantagens em todas as situações, por piores que sejam admira sua capacidade em rir da própria desgraça e fazer piadas com isso. (estudante de São Tomé, feminina).

O status do grupo não fez diferença na categorização do exogrupo, uma vez que os africanos caracterizaram os brasileiros de forma mais pejorativa do que estes com relação a eles. Importante ressaltar que essa caracterização pode-se explicar pela aplicação dos questionários pelo pesquisador africano, o que diminui a pressão normativa, permitindo que os estudantes africanos expressem livremente e sem inibição o que pensam sobre os brasileiros, baseados nas suas experiências. Constatamos isso, como mostramos no Capítulo 8, ao testarmos a hipótese da zona muda pela descontextualização normativa, ao diminuirmos a pressão normativa dos brasileiros, através da aplicação dos questionários pelos pesquisadores brasileiro branco e os negros, um africano e uma brasileira. Diante do africano, principalmente, predominam os atributos positivos em relação aos africanos, e, em face ao pesquisador brasileiro branco houve predominância de traços negativos. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Danfá et.al. (2017). Verificamos a convergência entre os africanos e brasileiros no que diz respeito a uma outra brasilidade, colocando em xeque a imagem mítica do brasileiro, embora não negando a existência dela. Ou seja, tanto os africanos assim como os brasileiros admitem que os brasileiros são racistas, preconceituosos, intolerantes e hipócritas.

A seguir vamos discutir o último indutor respondido a nível intergrupar, neste caso, o que ambos os grupos pensam do Brasil, visto do ponto de vista do pertencimento territorial. Iniciamos com a autorrepresentação do Brasil e em seguida a heterorrepresentação.

8.2.3 Estrutura representacional na caracterização do Brasil

Nesta sessão vamos nos debruçar sobre a representação identitária da brasilidade do ponto de vista da identidade territorial, apreendendo a convergência e a divergência das evocações dos africanos e brasileiros, conforme a Tabela 22 a seguir:

TABELA 22 ANÁLISE PROTOTÍPICA DAS EVOCAÇÕES DO TERMO INDUTOR “QUANDO PENSA NO BRASIL”: A AUTORREPRESENTAÇÃO E HETERORREPRESENTAÇÃO

	Brasileiros (N=235)	Africanos (N=98)
Núcleo Central	<i>Corrupção</i> (F=66 I=2.5), <i>Desigualdade social, futebol</i> (F=37 I=2.8), (F=34 I=2.4),	<i>Criminalidade</i> (F=13 I=1.8), <i>racismo</i> (F=11 I=2.2), <i>carnaval</i> (F=8 I=1.8), <i>grande</i> (F=7

	<i>diversidade</i> (F=30 I=2.2), <i>carnaval</i> (F=29 I=2.6), <i>Amazônia</i> (F=23 I=2.7), <i>cultura</i> (F=23 I=2.4), <i>natureza</i> (F=12 I=2.7), <i>preconceito</i> (F=12 I=2.2), <i>violência</i> (F=12 I=2.8).	<i>I=2.4), novela</i> (F=9 I=2.7), <i>desigualdade social</i> (F=7 I=2.9)
Primeira Periferia	<i>Riquezas</i> (F=42 I=3), <i>praias</i> (F=25 I=3.5), <i>belezas</i> (F=19 I=3.1), <i>samba</i> (F=18 I=3.3), <i>pobreza</i> (F=14 I=2.9), <i>racismo</i> (F=14 I=2.8).	<i>Futebol</i> (F=12 I=2.8), <i>violência</i> (F=9 I=2.8), <i>praia</i> (F=9 I=3.2)
Zona de Contraste	<i>Biodiversidade</i> (F=10 I=1.7), <i>grande</i> (F=10 I=2.3), <i>bonito</i> (F=9 I=2.6), <i>diverso</i> (F=7 I=2.1), <i>Bolsonaro</i> (F=7 I=2.3), <i>história</i> (F=4 I=1.8), <i>luta</i> (F=4 I=2), <i>multicultural</i> (F=4 I=2), <i>esperança</i> (F=3 I=1.7), <i>pluralidade</i> (F=3 I=2.7), <i>feminicídio</i> (F=3 I=2), <i>colonizado</i> (F=3 I=2.7).	<i>Rico</i> (F=4 I=2.5), <i>país lindo</i> (F=4 I=1.5), <i>diversidade</i> (F=4 I=2.2), <i>favela</i> (F=4 I=2.5), <i>feira</i> (F=3 I=2).
Periferia Distante	<i>Música</i> (F=11 I=3.8), <i>alegria</i> (F=11 I=3.9), <i>tropical</i> (F=8 I=3.1), <i>dividido</i> (F=4 I=2.8), <i>crise</i> (F=4 I=3), <i>amor</i> (F=4 I=3.2), <i>mal administrado</i> , <i>intolerância</i> (F=3 I=3),	<i>Corrupção</i> (F=6 I=2.8), <i>preconceito</i> (F=5 I=3.4), <i>oportunidade</i> (F=5 I=3), <i>prostituição</i> (F=4 I=3), <i>beleza</i> (F=3 I=3), <i>política</i> (F=3 I=2.7).

	<i>conservadorismo</i> (F=3 I=3.33).	
--	---	--

Na amostra brasileira, foram evocadas 1089 palavras ou expressões, tendo 533 termos distintos. A autorrepresentação do universo léxico “quando pensa no Brasil” caracteriza o Brasil apresentando as suas potencialidades no domínio da natureza, a cultura com as respectivas manifestações e os problemas sócio-estruturais presentes na sociedade. Na zona do núcleo central, o Brasil foi caracterizado do ponto de vista da sua virtualidade, nomeadamente no que tange as suas riquezas naturais e culturais, através de expressões *diversidade, carnaval, Amazônia, cultura, natureza*. Em termos das desvirtualidades, os estudantes brasileiros caracterizam o Brasil como um país marcado pelas *desigualdades sociais, preconceito e violência*. Na zona periférica aparece igualmente o Brasil virtuoso e vicioso, caracterizando-o com as expressões *riquezas, praias, belezas, samba, pobreza e racismo*.

Na zona de contraste aparece o Brasil com virtudes e defeitos, porém, acrescentam-se a essas características as conjunturas histórico-políticas, marcadas pela luta e resistência. Aparecem as expressões como *biodiversidade, grande, bonito, diverso, Bolsonaro, história e luta*. Neste sentido, o Brasil um país de trópicos, que proporciona a convivência com a diversidade natural e cultural, apesar de problemas sociais mal resolvidos. Para Castells (2018), a identidade e a territorialidade são o que ancora a ideia de pertencimento, que dificilmente se perde, mesmo nos contextos de novas formas de urbanização na contemporaneidade. Assim, a brasilidade ou africanidade são indissociáveis do pertencimento nacional, pois que os laços comunais extrapolam os territórios, sendo transportados para o além dos seus espaços geográficos.

Na periferia distante, o campo semântico de interlocutores brasileiros evocou a imagem de um país de alegria e tropicalidade, mas com crises políticas profundas, que fizeram eclodir a face conservadora feroz. Estes discentes trouxeram a imagem de um país marcado pelas intolerâncias e divisões no seio da sociedade, gerando fortes clivagens sociais. Por sua vez, o universo semântico dos estudantes africanos representou o Brasil do ponto de vista moral, isto é, um país da *corrupção e prostituição*, mas também um país de oportunidades, neste caso, acesso à universidade no âmbito da cooperação bilateral ou internacionalização das ações afirmativas.

Com relação à heterorrepresentação dos brasileiros do ponto de vista do pertencimento territorial, foram evocadas um total de 390 palavras, sendo 281 diferentes.

Na zona central, os africanos partilham a crença da brasilidade em termos territoriais e nas manifestações culturais, com qualidades e defeitos, através das expressões *carnaval*, *grande*, *novela*, *racismo* e *desigualdade*. Na zona periférica, aparecem características como *futebol*, *praia* e *violência*. E, por último, na zona de contraste, as palavras evocadas foram: *rico*, *lindo*, *diversidade*, *favela*. A mundialização das favelas é um problema estrutural e urbanístico moderno, resultante de colapso do neoliberalismo e das heranças histórico, coloniais e escravocratas, apesar de predominar a visão moral que atrela à favela a baixa moral e turbulência (Ver DAVIS, 2006). Os africanos e brasileiros convergem na zona de núcleo central nas expressões *desigualdade social* e *carnaval*, e, na zona periférica na expressão *praia*. Os dois grupos convergiram nas expressões *violência*, *racismo*, *lindo/bonito*, *diversidade*, *grande*, porém, em diferentes quadrantes. Em ambos os casos, percebe-se a evocação de qualidades que remetem ao exibicionismo, expressividade e dimensão territorial.

Percebe-se, portanto, a imagem de um novo país, coexistindo o Brasil do racismo culturalista, do jeitinho brasileiro, da intolerância e/ou da não empatia e lusotropicalista. O Lusotropicalismo é defendido pelo Gilberto Freyre (2003), segundo o qual os portugueses, diferentemente das outras nações colonizadoras como franceses e ingleses, se mostram hábeis na vida tropical e na convivência com os cidadãos dos trópicos. O autor acredita que a relação entre negros e brancos no século XVI foi condicionada pelo sistema econômico da monocultura latifundiária e a escassez das mulheres brancas entre os colonizadores. O que explica o cruzamento inter-racial, diminuindo o que ele chama distância social. Assim “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa grande e a mata tropical; entre casa grande e a senzala” (FREYRE, 2003, p.33). O antropólogo Gilberto Freyre acredita, portanto, que o concubinato, através do cruzamento inter-racial entre os senhores e as escravizadas atuou no sentido de favorecer democratização social na sociedade brasileira.

De acordo com Valentim (2011), o senso comum incorporou tais ideias, o que torna a representação social um conceito útil para o estudo que propomos. A ideia de miscigenação e democracia sócio-racial no Brasil foi largamente propagada, tendo sido o lusotropicalismo a sua base de sustentação. Ou seja,

a crença na singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de um povo indefinido entre a

Europa e África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas (FREYRE, 2003, p.67).

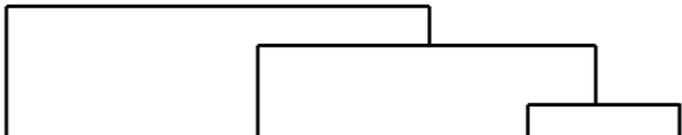
Este conceito enfatiza o Brasil coeso e harmônico, que as intolerâncias, discriminações e hostilidades colocaram em xeque. Recorde-se, embora houvesse várias críticas às ideias do Gilberto Freyre, a crença na democracia racial e em um país lusotropicalista permeia no senso comum do povo brasileiro. O que talvez explique o estranhamento da onda de ódio e intolerância explícita.

A visão lusotropicalista e/ou da democracia racial prevalece na categorização do Brasil? São essas questões que vão nortear a discussão da sessão a seguir.

8.2.4 Defesa da identidade brasileira do ponto de vista do pertencimento territorial: perspectiva dos interlocutores brasileiros

A análise temática do léxico dos brasileiros quando pensa o Brasil, em uma perspectiva da identidade territorial, traz quatro classes de produção de sentido, distribuídas em dois eixos. O primeiro eixo é composto pelas classes 1, 2 e 3, e o segundo eixo por apenas uma classe, a 4. Observemos o dendrograma a seguir.

FIGURA 14 QUANDO OS BRASILEIROS PENSAM O BRASIL (RETENÇÃO 76,50%)



Classe 4		Classe 1		Classe 2		Classe 3	
Brasil: um país continental e da biodiversidade”		Brasil: um país com potencialidades obstaculizadas pelas crises sociopolíticas e relações sociais animosas					
16.3%		29.5%		31.9%		22.3%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Riqueza	43.27	Corrupção	20.58	Diversidade	15.58	Futebol	25.48
Possuir	43.27	Problema	14.86	Povo	15.31	Conhecido	25.48
Natural	37.62	Corrupto	13.58	Cultura	15.11	Bom	17.97
Flora	26.54	Político	12.31	Rico	10.98	Melhor	13.48
Fauna	26.54	Infelizmente	11.09	Região	8.74	Sempre	13.49
Biodiversidade	21.1	Atualmente	9.79	País	7.27	Dinheiro	10.65
Território	20.56	Preconceito	9.79	Diverso	7.1	Carnaval	9.91
Grande	11.77	Hoje	8.67	Mistura	6.51		
Beleza	10.38	Sofrer	7.3				
		Sociedade	7.3	Pesquisadora negra	4.14		
		Sistema	7.3				
		Governo	7.3				
		Amazônia	6.31				

Fonte: DANFÁ (2021)

O eixo 1, que intitulamos “Brasil: um país com potencialidades obstaculizadas pelas crises sociopolíticas e relações sociais animosas”, traz a imagem de um país

reconhecido pelas suas potencialidades culturais, econômicas, em termos da biodiversidade, povo amável, porém com grande onda de intolerância, nomeadamente do cunho político-ideológico, religioso, moral. A percepção de um país coeso se dissipa cada vez mais na medida em que os brasileiros estão admitindo as consequências da escravização, que traz como correlato desigualdades sociais, violências, racismo, discriminação. A escravização e a colonização trazem consigo outros problemas sociais, uma vez que a elaboração de um dado problema social se dá em um contexto que envolve vários outros problemas sociais (SANTOS, 2000), neste caso, escravização-pobreza-favelização-violência.

Para Schwarcz e Sterling (2015) a naturalização da violência no cotidiano brasileiro é reflexo da herança escravocrata. Acrescenta-se a esse fato, a exclusão social, e, por conseguinte, a desigualdade de renda, salário, acesso à saúde, taxas de nascimento e violência policial presente no cotidiano, afetando mais a população negra. Ainda para estas autoras, a mistura racial coesa, fortemente compartilhada no senso comum, não procede, tendo em conta o arbítrio e a violência que acompanharam a entrada dos africanos no Brasil. Na visão de Hall (2003), há uma extensão da marginalização da diáspora negra nas Américas, Europa e Ásia, resultado do tráfico transatlântico. Observemos alguns trechos:

Desigualdade- o Brasil é um país muito rico, porém a desigualdade atrapalha o nosso desenvolvimento. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Violência- a violência o que assusta, mas acaba sendo mascarado nas ações públicas. Assim acaba sendo espaço para que as pessoas passariam agir pelo fato de ficar impune. Além disso com racismo, feminicídio e vários outros tipos de preconceitos, a sociedade necessita de redução nesse status. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

O Brasil é um país com uma taxa muito alta de crimes causados por preconceito. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Corrupção- o jeitinho brasileiro, ainda, o considero como uma cultura que desenvolveu além do prazer instantâneo e momentâneo gera sérios problemas. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

A corrupção foi considerada como um dos problemas sociais do Brasil, discurso típico da classe média, é também um problema social define hegemonicamente, servindo os interesses da classe supremacista branca. Para Souza (2017;2018), o discurso da corrupção tem como intuito mascarar os “reais” problemas brasileiros, que envolvem as lutas de classe e as desigualdades socioraciais e regionais. O complexo do “vira-lata”, que

consiste no rebaixamento moral da imagem do Brasil, colocado-o como uma nação corrupta, a nível institucional e nas relações cotidianas, de modo a justificar a centralização das riquezas nos poucos, e, por conseguinte, marcar as desigualdades estruturais, que são frutos da herança escravocrata. Para este autor, o racismo culturalista freyriano pensa a virtude da brasilidade no corpo e não no espírito, o que coloca o brasileiro como um povo singular a nível nacional e internacional, caracterizado pela expressividade cultural (carnaval, samba), sexualidade, emotividade, calor humano e hospitaleiro. O espírito é compreendido no âmbito da virtualidade, e o corpo caracterizado como animalizado. Assim, o racismo culturalista faz com o que o brasileiro seja relegado à desonestidade, sustentado pela tese de que os americanos como protestantes ascetas são honestos e espirituosos, e os outros considerados corruptos e antidemocráticos.

Para Schwarcz e Sterling (2015) o Brasil sempre foi caracterizado com o olhar exterior assim como os outros países definidos pelos europeus. O país é então delineado como um lugar sem lei, pelo excesso de sexualidade, ociosidade e festividade. Ou seja,

uma periferia do mundo civilizado, habitada por uma brasilidade gauche- desajeitada, mas muito alegre, pacífica e feliz. Na propaganda, nos discursos que vêm do exterior, o país é entendido como local hospitaleiro, de valores exóticos [...] (Schwarcz; Sterling, 2015, p.18).

Averiguemos os trechos a seguir:

A corrupção está em todos os âmbitos desse país, é a casa do Brasil infelizmente, principalmente, nos pequenos hábitos cotidianos como furar fila ou vender seu voto e isso são práticas comuns de se ver. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Carnaval- pensar no Brasil e não pensar em carnaval é impossível, o país todo pára nessa época para comemorar esta grande festa, talvez, o ano comece apenas após o carnaval. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Diversidade- tem uma ampla diversidade cultural pois, aqui reside pessoas de diversos continentes. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Futebol- nosso futebol é conhecido mundialmente, temos grandes jogadores, consagrados técnico e muitas taças. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Pessoas de bom espírito, ressalto o melhor do meu país mesmo as outras coisas lendo algo muito forte e Brasil tem por experiência própria o sentido de acolher e amar qualquer um com o sentimento de pessoas boas. (estudante brasileira, UNILAB, masculino).

Acrescenta-se ao Brasil definido internamente e externamente de forma coesa, multicultural, violenta, alegre e calor humano uma outra imagem do país, neste caso um país cheio de discórdias. Tais imagens foram potencializadas nas últimas eleições, que culminaram com o nascimento do bolsonarismo e o seu correlato, por exemplo, os ataques às políticas a favor das minorias, ansiedade sexual (homofobia), machismo, sexismo, racismo, incentivo às ações odiosas e intolerantes (Ver STANLEY, 2019).

Fala-se de um Brasil com crescente onda de intolerância, o que entra em conflito com a imagem internacional de harmonia sócio-racial, com cidadãos calorosos e generosos. O feminicídio e as políticas genocidas contra as minorias étnicas constituem uma das táticas dos governos intolerantes e com ideias neofascistas. Trata-se de “uma política que desumaniza segmentos da população, os grupos minoritários, principalmente. Ao excluir esses grupos, limita a capacidade de empatia entre outros cidadãos, levando à justificação do tratamento desumano [...]” (Stanley, 2019, p.14). Incentiva-se a polarização odiosa, divisão de classes sociais e grupos étnicos, através de discursos supremacistas brancos e masculinos. Observemos os trechos a seguir:

Intolerantes- se justifica pelo cenário político atual. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Corrupção- porque hoje no Brasil as coisas estão sendo cada vez pior, atualmente esse governo que está agora está tirando sonhos de muitas pessoas humildes, cidadãos lutadores, pobres. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Não levam política a sério o pivô dos grandes problemas no Brasil, nasce o descuido da população com a democracia, de certa forma, ninguém quer ver ignorantes morrerem, mas, falta compreender as causas de todos os crimes pois, ela está relacionada com a responsabilidade pessoal. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

Feminicídio- por ser o país que mais mata mulheres. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Racista- um país que insiste em mascarar seu racismo estrutural. (estudante brasileiro, UFPE, masculino).

O eixo 1, portanto, caracteriza o Brasil de forma ambivalente, ora um país vangloriado, com grandes potencialidades culturais, pluralidade étnica e rica em biodiversidade, mas também um país com grandes problemas sociais, que obstaculizam o desenvolvimento sustentável do país.

O eixo 2, composto pela classe 4 apenas, intitulado “*Brasil: um país continental e da biodiversidade*”, traz a imagem de uma nação com grandes recursos naturais e

ecossistema, porém com crises sociais que dificultam a ascensão do país no rol de países desenvolvidos. A corrupção e as más gestões, nomeadamente no âmbito do meio ambiente constituem os principais obstáculos para o progresso do país. Observemos os trechos a seguir:

Amazônia- possuímos muitas riquezas e belezas naturais em nossa fauna e flora amazônica. (estudante brasileira, UFPE, feminina).

Abundância de recursos- pois, o Brasil possui recursos naturais econômicos energéticos que podem fazê-lo crescer muito. (estudante brasileira, UNILAB, feminina).

Corrupção- pois apesar das nossas riquezas e belezas naturais, somos um país muito prejudicados, devido as desigualdades sociais ocasionadas pela corrupção. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Grande- um país com um grande território e diversidade e com isso uma problemática com a sua gestão. (estudante brasileiro, UNILAB, masculino).

Verificamos o orgulho e a vangloriação do Brasil, neste caso, a glorificação da identidade territorial, o lugar pertencimento (ver Castells, 2018) como forma de criar autoimagem positiva. Neste sentido, a construção de imagem de si desenrola-se no âmbito de pertencimento coletivo, geográfico, histórico e político. A seguir a imagem que os africanos têm da identidade brasileira do ponto de vista do pertencimento territorial.

Será que a visão que os africanos têm da sociedade brasileira difere daquela construída antes da chegada ao Brasil? As situações vivenciadas pelos africanos no Brasil coadunam com crença no mito da democracia racial e/ou lusotropicalismo? Eis as questões que vão nortear a discussão da sessão a seguir.

8.2.5 *Identidade brasileira do ponto de vista do pertencimento territorial: perspectiva dos interlocutores africanos*

Foram encontradas cinco classes de produção de sentidos, que se fundem espacialmente, com retenção de corpus de 63,27%. Obervemos a Figura 15 a seguir:

FIGURA 15 QUANDO OS AFRICANOS PENSAM O BRASIL (RETENÇÃO 63,27%)

Classe 4		Classe 1		Classe 3		Classe 2		Classe 5	
País de múltiplos problemas		Brasil violento e inseguro		O Brasil factual versus difundido				As contradições de viver no Brasil	
25.8 %		21%		16.1%		21 %		16.1 %	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Pais	14.71	Violência	16.12	Foma	16.4	Existir	11.88	Melhor	22.23
Cultura	8.34	Escolher	11.44	Brasileiro	7.79	Sempre	8.37	Família	22.23
Riqueza	2.75	Mulher	3.97	Quando	7.17	Pensar	7.89	Dar	16.4
		Sofrer	3.97			Novela	3.97	Mundo	5.95
						Jeito	3.97		
		Sexo masculino	5.25	Convivência 0	5.95				

Fonte: Danfá (2021)

A classe 1, intitulada “*um Brasil violento e inseguro*”, traz a imagem de um país marcado pela violência e insegurança, uma visão negativa dos africanos com relação aos brasileiros. Apesar de alguns discursos que apontam para um país reconhecido pelo seu potencial esportivo e cultural, predomina a visão preconceituosa de um país onde a criminalidade prevalece. Observemos os exemplos a seguir:

Insegurança- no Brasil o que mais me chama atenção é a insegurança, que se vive todos os dias em todos os momentos. A maior preocupação que eu tenho é de mais uma vez ser abordado no ônibus, na rua ou dentro da minha residência para ser assaltado. (estudante de Angola, masculino).

Violência- escolhi violência por ser mais importante porque é o dia a dia do Brasil. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Futebol-é porque é uma modalidade desportiva mais praticado pelos brasileiros. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Por sua vez a classe quatro, intitulado “*país de múltiplos problemas*”, traz a imagem de um país que apesar de ser potencialmente rico e culturalmente forte apresenta alguns problemas estruturais. A dimensão territorial do Brasil parece servir de justificativa para os problemas sociais. Ou seja, um país com dimensão continental, favorecendo o descontrole, e, por conseguinte, a criminalidade e desigualdade social. Observemos os exemplos a seguir.

País com menos segurança- a primeira frase é o mais importante porque em qualquer país o povo sempre precisa da segurança. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Rico- o Brasil é um país rico tanto em termo de riqueza natural como soja, minério, país fértil e como na importação de carne para o exterior. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Desigualdade- quando penso no brasil a primeira palavra que vem à mente é a desigualdade, isso se justifica pelo fato de ser um país de maioria da população negra, mas que ao vermos questão da representatividade política constata-se uma presença quase nula na câmara dosdeputados e no senado federal. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Os estudantes africanos se deparam, portanto, com uma imagem do Brasil não hegemônica e encoberta pela imagem mítica do Brasil, aquela sustentada pela ideologia do lusotropicalismo e do mito da democracia racial defendida por Gilberto Freyre (2003), em “a casa grande de senzala”.

As classes 2 e 3, que intitulamos de “*o Brasil factual versus difundido*” estão mais aglutinadas e trazem, de um lado, a imagem do Brasil apresentada internacionalmente, apoiada nos estudos de Gilberto Freyre. E do outro lado, aquela contestada, porém, não hegemônica, sustentada pela tese dos pensadores como Florestan Fernandes (2008), Virgínia Bicudo (2010), que se figuram entre os autores do projeto Unesco, que tinha como intuito o projeto antirracista. Os autores desse projeto negam a crença na harmonia racial no Brasil defendida pelo Freyre (2003). Virgínia Bicudo, por exemplo, acredita que a ascensão econômico-social do negro não anula as marcas raciais. Um dos resultados do estudo de Bicudo demonstra que os negros com menor ascensão econômica são aqueles que demonstravam mais atitudes de rejeição com relação à raça negra e “mulata” quando se compara com os sujeitos brancos. Um outro resultado diz respeito aos negros da classe média, os quais eram mais pessimistas quando se trata da possibilidade de uma relação solidária com os brancos (BICUDO; MAIO, 2010). A atitude semelhante foi defendida por Florestan Fernandes (2008), já no segundo volume da “*integração do negro na sociedade de classe*”, segundo o qual

O paralelismo entre “cor” e a “condição social dependente” só pode ser rompido a partir do momento em que o negro e o mulato alcancem condições de equiparação econômica, social e política diante do branco. Na verdade, a referida análise também sugere, conclusivamente, que essas condições não são, em si mesmas, suficientes para modificar o status quo racial imperante [...] (FERNANDES, 2008, p.419).

O autor insiste:

não basta reduzir a distância social e econômica entre o “negro” e o “branco” para refundir o padrão das relações raciais. A obstinação em

confundir os aspectos visíveis do “preconceito de cor” com algo que às vezes se subestima como simples “preconceito de classe” fomenta, pois, um verdadeiro impasse. (FERNANDES, 2008, p.464).

No entanto, Fernandes (2008) reconhece que a inserção social do negro na ordem econômica e social competitiva acarretará, mesmo que de forma paulatina, transformações sociológicas significativas. Nota-se, portanto, que, para ambos os autores, as relações raciais são multidimensionais, uma vez que envolvem um processo histórico-social herdado, que joga um papel fundamental nas relações entre negros e brancos. Argumentos que vão na contramão da proposta de Gilberto Freyre, que acredita na paz social no Brasil.

A hegemonia do pensamento freyriano no senso comum dos brasileiros faz com que os africanos acreditem a priori na harmonia racial do Brasil, objetivada pela mídia, através das novelas. E a posteriori se deparam com uma imagem de um país com problemas ligados à violência, e, não apenas um país rico em biodiversidade e culturalmente potente. Observemos os trechos a seguir:

Camuflagem- acredito que o Brasil camufla muitas coisas demonstra ser algo que não é na totalidade do jeito que nós pensamos, é como se não houvesse coisas negativas, porém existem. (estudante de Moçambique, feminina).

Criminalidade- o Brasil é um país de muita criminalidade, porque a imprensa demonstra isso e não sou eu mesmo que afirmo isso, porque estou aqui e tenho visto certos comentários de alguns colegas de como é Brasil. (estudante de Angola, masculino).

Novela- novela é uma forma de divulgação da realidade de alguns cidade brasileira mais bonito e como beleza das meninas brasileiras que me atraia e me levou a pensar a estudar no brasil por causa das cidades e as belas moças. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Sexo- porque desse jeito que a mídia sempre representa o Brasil, embora seja errado, mas é o que acontece embora sabemos que a realidade difere. (estudante Cabo-Verde, masculino).

Os dois últimos trechos demonstram a crítica dos africanos com relação objetificação da mulher brasileira, apresentada de forma hipersexualizada. Uma imagem preconceituosamente associada ao Brasil, reproduzindo a lógica da objetificação da mulher negra (“mulata”) escravizada.

Por último, a classe cinco, intitulada “*as contradições de viver no Brasil*”, traz a imagem de um país interessante para se viver e que ao mesmo tempo causa medo. Alguns consideram Brasil a segunda casa, para uns com cultura musical e carnavalesca melhor

do mundo, e outros um lugar de racismo e desigualdade social. Observemos os exemplos a seguir:

Racismo- Brasil é um país onde o racismo é vivido para muitas pessoas, mas é um racismo camuflado ou melhor dizer um racismo invisível que não é notado por certas pessoas. (estudante de Angola, feminina).

Difícil de viver- achei que o Brasil é difícil de se viver, porque ele dá muitas escolhas para um estrangeiro e que se a pessoa não se cuidar ela poderá cair na tentação de fazer coisa ruim. (estudante da Guiné-Bissau, feminina).

Músicos- as músicas brasileiras na minha opinião são uma das melhores, visto que no Brasil há uma grande diversidade musical como mpb, sertanejo, funk, pagode etc. (estudante da Angola, feminina).

Carnaval- Brasil é conhecido mundialmente pelos seus melhores carnaval do mundo. (estudante de Cabo-Verde, masculino).

Desigualdade social- é um fato real no Brasil é uma das equações que me incomoda bastante. Quando vejo o resultado, ou seja, o fruto dessa separação entre as classes, na qual as vezes levam as pessoas a serem abandonadas nas ruas devido a falta de condições por parte dessa família. (estudante da Guiné-Bissau, masculino).

Tanto os africanos assim como os brasileiros partilham a imagem do Brasil não lusotropicalista e desarmônico, apontando as potencialidades e deficiências. Do ponto de vista das potencialidades do país, houve maior convergência no léxico dos dois grupos, principalmente no que concerne às riquezas naturais (rico em biodiversidade) e culturais (carnaval, música, futebol). Do ponto de vista das imagens defeituosas do país, ambos os grupos consideram o Brasil um país racista, desigual e preconceituoso, reforçando a tese dos pensadores do projeto UNESCO, que colocam em xeque a tese do Brasil coeso e pacífico racialmente. Porém, os dois grupos divergem sutilmente, na medida em que os brasileiros relevam a corrupção, feminicídio e intolerâncias político-ideológicas, que se potencializaram com o bolsonarismo, como um dos maiores problemas enfrentados pelo Brasil. Enquanto os africanos focaram na violência e criminalidade como um dos maiores problemas do Brasil, materializados nos assaltos. Houve ainda convergência na objetificação da mulher brasileira, porém, ambos os grupos se mostram críticos à projeção mundial da mulheridade depreciativa. Em resumo: pode se dizer que estamos diante da crise da identidade brasileira, o que se explica pela instabilidade e flexibilidade da identidade (Ver HALL, 2003).

Do ponto de vista das ancoragens propostas por Doise (1992), os elementos convergentes e divergentes na representação recíproca entre africanos e brasileiros se

ancoram no âmbito sociológico e psicossociológico. A ancoragem sociológica diz respeito às posições e inserções sociais dos indivíduos que exercem influência na formação do campo representacional. Por sua vez a ancoragem psicossociológica sustenta-se nos discursos ideológicos, crenças, normas, valores sociais e que se enquadram no âmbito das relações sociais (BRASIL, et.al, 2018; DOISE, 1992). Neste sentido, a representação do africano está enraizada no pensamento social brasileiro e no âmbito das relações sociais, que atrela tudo que é africano à precariedade. E na imagem construída sobre os negros no Brasil e no mundo, reflexo de um passado escravagista, que atrela a negritude à desrazão, ao negativo da razão, à primitividade, e a serem eternos escravos. No caso do brasileiro, a representação da brasilidade se ancora na crença lusotropicalista, mito da democracia racial e na imagem do brasileiro cordial (FREYRE, 2003; HOLANDA, 1995; VALENTIM, 2011).

Tanto os africanos como os brasileiros atribuem à mídia e ao discurso ideológico e institucional, a responsabilidade pelas imagens depreciativas atribuídas no âmbito das relações intergrupais. Para os africanos a imagem do brasileiro ligada a banditismo, desonestidade, “mulher fácil”, exibicionismo foi ensinada pelos discursos midiáticos. Estes estudantes atribuíram também à mídia a responsabilidade pela imagem internacionalmente propagada, que considera o Brasil um país de harmonia racial e paz social. Imagem que, segundo os africanos, é deturpada, por escamotear a face racista, preconceituosa e discriminatória do Brasil. Por sua vez, os brasileiros consideram a mídia e o sistema de educação brasileiro como responsáveis pela construção da África imaginária, que vinculam este lugar e os seus cidadãos a caos, desorganização generalizada, selvageria, pobreza extrema, atraso cultural.

A pobreza constitui o elemento consensual na caracterização da África, e, a representação consensual do Brasil diz respeito à corrupção, racismo e diversas formas de intolerância. Para Moscovici e Doise (1992), o consenso possui três características fundamentais, a saber: escolha, confiança e razão. A primeira diz respeito à escolha, que é uma das características fundamentais do consenso, isto porque é necessário que os indivíduos escolham aderir aos elementos consensuais diante da infinidade de posições contrastantes. Assim, para tomar decisão diante de infinitudes de questões e divergências no âmbito das relações interpessoais ou intergrupais é preciso que haja liberdade e oportunidade para escolher. A segunda característica refere-se à credibilidade e confiança de aderir ao sistema de valores, normas e crenças. A confiança permite o compromisso e consentimento dos indivíduos para que possam agir em prol dos objetivos

do grupo. O ato de aderir não é por si só suficiente, é importante confiança mútua, buscando convergência de interesses.

E a terceira tem a ver com a razão, isto é, a capacidade humana de fazer escolhas racionais. Dito de outra maneira, os indivíduos não aderem cegamente às ideias consensuais, mas sim, com base nas escolhas racionalizadas e/ou calculadas. O uso da racionalidade permite que os indivíduos, no ato de escolher, percebam as contradições, antagonismos e conflitos de opinião (MOSCOVICI; DOISE, 1992). Os autores ressaltam que qualquer consenso deixa margem para os dissensos, desacordos e ideias conflitantes, o que abre espaço para sempre haver a negociação. Isso significa que o contexto, mesmo aceite coletivamente, não anula o direito de os indivíduos discordarem da maioria dominante. Por essa razão, tornam-se improcedentes as explicações que colocam o racismo e as diversas formas de discriminação como irracionais ou como predominantemente estruturais.

Neste sentido as representações consensuais sobre africanidade mítica ou brasilidade mítica não são isentas de reelaboração e ressignificação, pois os indivíduos não vivem na condição de imobilidade. Se a sociedade partilha a imagem mítica da África, que atrela a este lugar e aos seus cidadãos tudo que é precário, incivil, retrógrado, estes mesmos sujeitos são capazes de pensarem uma africanidade mais favorável e promissora. Da mesma forma, se os africanos aprenderam através da mídia internacional e brasileira que a brasilidade é “globeleza”, hipersexualização da “mulata” brasileira (GONZALEZ, 2020), corrupção e banditismo, eles têm a capacidade de ressimbolizar e ressignificar uma outra imagem da brasilidade, neste caso, a mais favorável.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção de estratégias plurimetodológicas nesta tese nos permitiu acessar os resultados convergentes. Assim, o uso de delineamento quase-experimental, técnica de descontextualização normativa, e técnica de substituição, fez emergir de forma flagrante o preconceito e racismo, através do desmaracamento da zona muda. As distintas técnicas no delineamento quase-experimental geraram a diminuição da pressão normativa, favorecendo a evocação de atributos de caráter preconceituoso e racista. O nosso dispositivo metodológico se adaptou ao estudo de fenômenos sensíveis e tensos, neste caso, as relações intergrupais entre africanos e brasileiros. Isso significa que podemos utilizar a plurimetodologia para produzir resultados convergentes, e, por conseguinte, garantir a maior acuracidade dos dados analisados. Neste sentido, o uso de diversas estratégias metodológicas não necessariamente permite acessar de forma explícita os fenômenos preconceituosos e/ou indesejáveis socialmente, é preciso uma boa articulação. Com relação à técnica de substituição, apesar da pergunta ser feita em nome da população geral, ela não anula as idiosincrasias, na medida em que ao falar em nome do endogrupo fala-se em nome próprio também. Aliás, a relação entre o indivíduo e o grupo de pertença é uma relação fusional, por este motivo a técnica de substituição apreende simultaneamente o ponto de vista individual e coletivo.

No que se refere à hipótese de contato, embora não tenhamos investigado a questão da paridade social, verificamos que quanto maior for o grau de convivência mais atributos apreciativos aparecem, principalmente no léxico dos brasileiros e, quanto menor for o grau da convivência mais os atributos de caráter negativo e preconceituoso aparecem. Verificamos o maior mascaramento da zona muda na presença dos pesquisadores negros, principalmente o pesquisador africano, e, maior desmascaramento da zona muda na presença do pesquisador branco.

Os conteúdos representacionais positivos entre os estudantes que convivem muito estão associados à aplicação do questionário pelos pesquisadores negros. Por sua vez, os conteúdos representacionais negativos entre os estudantes que convivem pouco ou não convivem estão associados ao contexto da aplicação do pesquisador branco. Portanto, as hipóteses levantadas sobre a zona muda e hipótese do contato se confirmam. Do ponto de vista teórico-metodológico os nossos achados demonstram o diálogo possível entre a hipótese da zona muda de Abric e hipótese do contato proposto por Allport.

Ressalta-se que a convivência ou contato institucional entre os estudantes brasileiros e africanos da UNILAB é mais próxima, o que explica a prevalência de conteúdos representacionais positivos destes quando comparados com os discentes da UFPE. Isso reforça a tese de Allport, segundo a qual o contato, principalmente quando acrescido da paridade social, suaviza o preconceito, isto porque a proximidade entre os grupos majoritários (agentes da discriminação) e os minoritários (vítimas da discriminação) favorece maior conhecimento do outro, e, por conseguinte favorece a apreciação favorável de forma mútua. Os africanos mudaram a apreciação que tinham dos brasileiros no período anterior à chegada no Brasil, isto é, estes estudantes relataram a experiência do racismo, preconceito após a vivência no solo brasileiro. Já para os brasileiros, a presença dos africanos no Brasil só muda a percepção em caso da maior convivência e diante do pesquisador africano, mantendo em certa medida a imagem da africanidade precária, incivil e caótica

Apesar da prevalência de conteúdos representacionais positivos no léxico dos estudantes brasileiros da UNILAB sobre os africanos, fruto de maior convivência e contato institucional, constatamos a convivência balcanizada, marcada pelas relações hostis, distanciamento, tensão, conflitos, evitação do contato físico e verbal entre os dois povos. Observamos os pequenos “guetos” no campus universitário da UNILAB, através da separação e da ausência de comunicação nítida entre os estudantes africanos e brasileiros no restaurante universitário, no recinto da universidade, na sala de aula, no ônibus circular. Estes achados corroboram com estudo de Lima e Feitosa (2017) e Danfá e Aléssio (2020). Corroboram também com os achados de Sherif e colaboradores (1988), segundo o qual nas condições de rivalidade, disputa de interesses e situações de comparação dos ganhos a nível intergrupar, o julgamento negativo fica exacerbada. Neste sentido, acreditamos que as políticas de ações afirmativas acirraram as tensões raciais subjacentes na estrutura social brasileira, e, por conseguinte, reforçaram a apreciação negativa sobre os africanos. Essa discussão pode ser encontrada nos estudos de Camino et. al. (2014) e Lemes e Torres (2013). Os resultados da tese coadunam, ainda, com os estudos de Tajfel, que concebe a identidade como um processo dialético e relacional, definindo o melhor ou piorar a partir do processo da comparação endogrupo e exogrupo. Trata-se de um processo movido pelas tensões e disputas do poder, através do binarismo “nós” e “eles”.

A hipersexualização surge na acusação de ambos os grupos, porém com diferenças no tipo de grupo hipersexualizado. Os interlocutores brasileiros hipersexualizam os

homens africanos e os interlocutores africanos hipersexualizam as mulheres brasileiras, neste caso, a figura da “mulata” brasileira, discutida por Lélia Gonzalez. O que se explica pela hipersexualização e feitichização dos corpos negros comuns na caracterização da negritude. Embora não apareça de forma explícita nesta tese, não descartamos a hipersexualização das mulheres africanas.

Será que os africanos têm a consciência de que são as mulheres negras as principais vítimas de hipersexualização? Estudos futuros podem explorar a possível relação entre a hipersexualização da mulher brasileira e a categoria racial. Para os brasileiros, coloca-se a seguinte questão: será que a não hipersexualização das mulheres africanas tem a ver com o fato delas não serem corpos desejáveis pelos brasileiros? Abrem-se também pistas para estudos futuros, através da investigação da possível relação entre a não hipersexualização e a indesejabilidade do corpo das mulheres negras e/ou africanas.

Se a africanidade precária prevalece na estrutura representacional dos africanos pelos brasileiros, na representação da brasilidade a imagem do “homem” cordial defendida por Sérgio Buarque de Holanda e a imagem de um povo da convivência harmônica entre as três raças, defendida por Gilberto Freyre, ganharam um novo oponente, neste caso, o brasileiro racista, preconceituoso, homofóbico, intolerante, ignorante e sexista. Diante do pesquisador africano, principalmente, os interlocutores brasileiros se mostram solidários aos africanos no que tange ao racismo sofrido pelos negros no Brasil, admitindo, portanto, a face sombria da brasilidade, que é marcada pelas diversas formas de intolerância e discriminação social.

Em ambos os grupos foram grandemente evocados os atributos da expressividade, por exemplo, alegres, animados, festeiros, etc., o que reforça o argumento da Jessé Souza (2018), segundo o qual os sujeitos pertencentes ao sul do mundo, por exemplo, países africanos e Brasil, são vinculados aos atributos da expressão corporal, enquanto isso, os sujeitos pertencentes ao norte, Europa e EUA, são ligados aos atributos do âmbito da racionalidade e/ou intelecto. Para Jessé isso explica o racismo culturalista à brasileira, introduzido por Gilberto Freyre, atrelando à brasilidade as exibições corporais, por exemplo, “mulata” brasileira. No caso dos africanos ligados à infantilização, irresponsabilidade, por exemplo, as frases como “*os africanos bebem muito*”, “*vieram no Brasil só para brincar, tirando desnecessariamente a vaga dos outros*”. Mistura-se, neste último caso, a ameaça realista, simbólica e a exotização. Os mesmos achados, que atrelam os negros à expressividade e vigor corporal podem ser encontrados nos estudos

psicossociais de Cabecinhas (2007), Jorge Vala e colaboradores (2015), Camino et.al (2001).

Os dois grupos convergiram na caracterização e aceitação da África como berço da humanidade, cumprindo função histórica importante na ancestralidade mundial e na identidade brasileira. Ambos concordaram igualmente na caracterização do Brasil como um país de grandeza continental, com riquezas em termos de biodiversidade, belezas naturais, por exemplo, Amazônia e as praias. No caso dos africanos, o léxico dos brasileiros atrela o belo ao selvagem, por exemplo, savana, animais silvestres.

Em nosso estudo, diferentemente da concepção dialética de Fanon (2008), segundo a qual o racismo se estrutura nas antinomias negro-complexo de inferioridade e branco-complexo de superioridade, nos deparamos as antinomias *acusação* e *defesa*. Neste caso, os africanos não se veem como inferiores, tendo em vista que a inferioridade é atribuída a eles pelos seus congêneres brasileiros, que por sua vez, se defendem atribuindo a culpa do racismo na “estrutura” ou nas instituições, mídia por exemplo. Acrescenta-se a isso as antinomias *feio vs bonito*, *fedor vs fragrância*, *sujeira vs limpeza*. Estas antinomias referem-se as thêmatas, que segundo Markova (2002, 2008), dizem respeito aos conteúdos que se reatualizam enquanto grandes temas de debate na arena pública, constituindo fontes de conflitos e de tensão, tendo se organizado através de oposições. As “thematizações” semelhantes foram encontrados no estudo de Danfá, Aléssio e Torres (2021).

Os africanos são caracterizados com atributos antagônicos, comuns na caracterização dos negros, conforme Stuart Hall tem enfatizado. É possível coexistirem atributos como “*charmosos, porém amostrados*”, ou seja, há sempre um “*mas*”, advérbio de adversidade, na caracterização do africano e do negro. Neste sentido, os africanos são caracterizados comumente com os atributos ligados ao exibicionismo, exotização e feitichização dos seus corpos. Isso pode explicar a vinculação dos negros às atividades que envolvem exibição corporal para o outro assistir.

Os nossos achados reforçam que o preconceito racial e racismo com relação aos africanos, expressos através de atributos que vinculam a África e a africanidade à precariedade, caos, desorganização generalizada e incapacidade para o progresso civilizacional. Esta forma de expressão de racismo está presente tanto no discurso no nível societal, através do discurso das instituições midiáticas (ver DANFÁ; ALÉSSIO; TORRES, 2021), assim como no âmbito das relações intergrupais e interindividuais.

Neste sentido, fornecemos provas empíricas no que se refere à presença do racismo antinegro e/ou antiafricano no nível macrossocial, intergrupar e interpessoal.

Houve relatos, durante a coleta, da ausência do preenchimento das vagas dos aprovados no vestibular e vaga reserva, o que pode se explicar pela evitação do possível contato com os africanos, reflexo de preconceito racial e racismo fortemente enraizados na sociedade brasileira. Os estudos futuros podem explorar a relação entre a não ocupação da vaga na UNILAB e o racismo.

Nesta tese não exploramos a perspectiva intraindividual do preconceito, racismo e estereótipos, na medida em que o nosso foco incide nos níveis intergrupar e interpessoal. A dimensão macrossocial não implica a desconsideração das perspectiva intraindividual, tendo em vista o papel das idiosincrasias na expressão de preconceito, racismo e estereótipo. Tanto a supervalorização da perspectiva macrossocial assim como a microssocial apresentam limites, na medida em que o foco em uma determinada perspectiva em detrimento da outra limita o nosso olhar. O que reforça a importância da articulação psicossociológica, através de diferentes níveis de análise propostos por Doise (2002).

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 2001.
- ABRIC J.C. **Metodologia da Abordagem Estrutural das Representações Sociais**. Ed. Eres. França. Universidade de Provence, Laboratório de Psicologia social, 2003.
- ADELOWO, A. African psychology: The psychological adjustment of African women living in New Zealand. **Papers on Social Representations**, v. 24, n. 1, p. 6.1-6.21, 2015.
- ADORNO, T. (1950). Prejudice in the interview material. In: HORKHEIMER, M., FLOWERMAN, S.H. (org.). **Studies in prejudice**. New York: Harper & Brothers, 1950. p. 605-653.
- ALLPORT, G. **The nature of prejudice**. Massachusetts: ADDISON-WESLEY PUBLISHING COMPANY, 1954.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANDRADE, D. A. **Representações sociais de velhice por diferentes grupos etários: analisando estruturas e processos**. 2014. 136f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Versão impressa e eletrônica.
- ANDRADE, É. A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 58, n. 137, p. 291-309, 2017.
- ANTONIO, A. et al. Effects of racial diversity on complex thinking in college students. **Psychological science**, v. 15, n. 8, p. 507-510, 2004.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.
- BÂ, A. H. **Amkoullel, o menino fulo**. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. 2003. 376 p. Título original: Amkoullel, l'enfant Peul. ISBN 978-85-7242-044-0.
- BARRETO, L. M.; COUTINHO, M. P. L.; RIBEIRO, C. G.. Qualidade de vida no contexto migratório: um estudo com imigrantes africanos residentes em João Pessoa-PB, Brasil. **Mudanças-Psicologia da Saúde**, v. 17, n. 2, p. 116-122, 2009.

BASTIN, G.; BOUCHET-VALAT, M. Media Corpora, Text Mining, and the Sociological Imagination-A free software text mining approach to the framing of Julian Assange by three news agencies using R. TeMiS. **Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 122, n. 1, p. 5-25, 2014.

BICUDO, V. L.; MAIO, M. C. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Editora Sociologia e Política, 2010.

BIRD-POLLAN, S. Hegel, Freud and Fanon. **London: Rowman &**, 2015.

BONOMO, M. et al. Representações sociais de ciganos: ancoragem histórica, categorização social e a invenção do outro cigano. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 37, 2020.

BOURDIEU, P. Compreender. In Bourdieu, P. (Org.) **A miséria do mundo**. Tradução: Mateus S. Soares Azevedo, Jaime A. Clasen, Sérgio H. de Freitas Guimarães, Marcus Antunes Penchel, Guilherme J. de Freitas Teixeira, Jairo Veloso Vargas. Rio de Janeiro: Editoria Vozes, 1997, p.693-732. Título do original: La misere du monde. ISBN 2-02-019674-3.

BRASIL, J. A.; CABECINHAS, R. Processos identitários, representações sociais e migrações: reflexões sobre a identidade latino-americana. **CECS-Publicações/eBooks**, p. 123-138, 2014.

BRASIL, J. A.; CABECINHAS, R.. Representações sociais e processos identitários: relações (pós) coloniais e a construção simbólica da América Latina. **Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)**, Universidade do Minho, Portugal, p.318-332, 2019.

CABECINHAS, R. **Preto e branco: a naturalização da discriminação racial**. Porto:Campo das Letras, 2007.

CABECINHAS, R. Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação. Lisboa: Veja, p. 407-418, 2002.

CABECINHAS, R.; LIMA, M.; CHAVES, A. M. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In Miranda, J., João, M. I. (orgs.). **Identidades Nacionais em Debate**. Oeiras: Celta, 2006, p.67-92.

CABECINHAS, R. “Nós somos diferentes, mas eles são todos iguais”: um estudo sobre estereótipos e percepção da variabilidade grupal entre jovens angolanos e portugueses.

Actas do V Colóquio de Sociologia das Organizações **Portugal: Assimetrias no (sub) Desenvolvimento**, Universidade do Minho, 28-29 de maio de 1998

CABRAL, A. **A arma da teoria**. n. 4. **RJ: Codecri**, 1980.

CAMARGO, B.V; JUSTO, A.M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. LACCOS. Brasil: UFSC, p. 01-18, 2013.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição-UFSC-Brasil**, p.2018, 01-74.

CAMINO, L. et al. Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. SPE, p. 117-128, 2014.

CAMINO, L. et al. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista de psicologia política**, v. 1, n. 1, p. 13-36, 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Editora Paz e Terra, 2018.581 p. Título original: The power of identity. ISBN 978-85-7753-385-5.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a negritude**. Tradução: Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. Título original: Discours sur la négritude. 120 p. ISBN 978-85-61191-33-7.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução: Noêmia de Sousa. Lisboa:Livraria Sá da Costa editora, 1978. Título original: Discours sur le colonialisme. 69 p. 9788595710689.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA-LOPES, R.; PEREIRA, C. R. A normatividade das atitudes e do comportamento social. In: COSTA-LOPES RUI; PEREIRA, CÍCERO ROBERTO (Org.). **Normas, atitudes e comportamento social**. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012, p. 14-24.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Graal, 1984.

COSTA, S. I. F.; DINIZ, D. **Bioética: ensaios**. Brasília: Letras livres, 2001.

CROCKER, J.; SCHWARTZ, I. Prejudice and ingroup favoritism in a minimal intergroup situation: Effects of self-esteem. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 11, n. 4, p. 379-386, 1985.

CROCKER, J. et al. Downward comparison, prejudice, and evaluations of others: Effects of self-esteem and threat. **Journal of personality and social psychology**, v. 52, n. 5, p. 907, 1987.

CROCKER, J.; LUHTANEN, R.. Collective self-esteem and ingroup bias. **Journal of personality and social psychology**, v. 58, n. 1, p. 60, 1990.

DANFÁ, L.; ALÉSSIO, R. L.S.; TORRES, A. R. R.. Ébola en la Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidad y desvalorización cultural de África. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, v. 21, n. 1, p. 2342, 2021.

DANFÁ, L.; ALÉSSIO, R. L.S. Dimensões alteritárias da Ebola no Brasil: um estudo na revista Veja. **Psicologia e Saber Social**, v. 6, n. 1, p. 3-12, 2017.

DANFÁ, L. **Alteridade, racismo e representações sociais: o caso do ebola no Brasil**. 2016. 129f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Versão impressa e eletrônica.

DANFÁ, L.; ALÉSSIO, R. L. S. Imigração africana e psicologia: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro**, 72 (3), p.113-128, 2020.

DANFÁ, L. Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. SPE, 2020.

DANFÁ, L. et al. Prejudice and normative decontextualization: methodological considerations illustrated by the representation of AIDS in Africa and African. **Psychologica**, v. 2, n. 60, p. 83–99, 2017.

DAVIS, M. **Planeta favela, Boitempo**. Tradução: Beatriz Medina. **São Paulo**, 2006. 272 p. Título original: Planet of slums. ISBN 978-85-7559-087-4.

DELACAMPAGNE, C. (1983). **L'invention du racisme: Antiquité et Moyen Age**. Fayard.

DELACAMPAGNE, C. **História da Escravatura da Antiguidade aos Nossos Dias**. 1ª Edição. Tradução: Pedro Elói Duarte. Rio de Janeiro: Grafia Ltda, 2013. 240 p. Título original: Histoire de l'esclavage. ISBN 978-989-8285-74-4.

DEMOULIN, S. et al., Les cas de l'infra-humanization. In: Mazas, M.S. e Licata, L. (orgs). **L'Autre Regards Psychosociaux**. Presses Universitaires de Grenoble, p.73-94, 2005

DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2014. 216 p. Título original : L'identité en Psychologie Social : des processus identitaires aux représentations sociales. ISBN 978-2-200-35176-2.

DESCHAMPS, J.-C. Analyse des correspondances et variations des contenus des représentations sociales. In: J.-C. Abric (org) **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Ramongville-Saint Agne: Erès, p.179-200, 2003.

DIOP, C. A. **The African origin of civilization: Myth or reality**. Westport: Lawrence Hill, 1974.

DIOP, C. A. **A unidade cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Tradução: Sílvio Cunha Neto. Edições Pedagogo, 2014. 198 p. Título original: L'unité culturelle de L'Áfrique Noire. Domaines du patriarcat et du matriarcat dans l'antiquité classique. ISBN 978-989-8655-47-9.

DOISE, W. Da psicologia social à psicologia societal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 27–35, 2002.

DOISE, W.; DESCHAMPS, J.; MEYER, G. The accentuation of intra-category similarities: differentiation between social groups. **Studies in the social psychology of intergroup relations**, p. 159-168, 1978.

DOISE, W. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de psychologie**, v. 45, n. 405, p. 189-195, 1992.

DOISE, W.; VALENTIM, J. P. Levels of Analysis in Social Psychology. In: James D. Wright (orgs.), **International Encyclopedia of the social & Behavioral Sciences**, 2nd edition, Vol 13. Oxford: Elsevier. p. 899–903, 2015.

DOUGLASS, F. **A narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano**. Tradução de Leonardo Poggia Vidal. Título original: Narrative of the life of

Frederick Douglass: an American Slave. Rio Grande do Sul, 2012. 202p. ISBN 978-1515175346.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução: José Luiz Pereira da Costa. **New York, Bantam Classic**, 1998. Título original: The Souls of Black Folk.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador:EDUFBA, 2008. 194 p. Título original: Peau noire, masques blancs. ISBN 978-85-232-0483-9. Título original

FANON, F. **O oho se afoga/mãos paralelas, teatro filosófico**. Tradução: Edson César de Souza Sobrinho. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020. 236 p. Título original: Écrits sur l'alienation et la liberte. ISBN 978-65-86754-00-1.

FANON, F. **Por uma revolução africana. Textos políticos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021, 278 p. Título original: Pour la Révolution Africaine. ISBN 9788537819128.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução. Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2015. 474 p. Título original: Les damnés de la terre. ISBN 9788576720140.

FARLEY, A. P. The black body as fetish object. **Or. L. Rev.**, v. 76, p. 457, 1997.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

FERNÁNDEZ-DOLS, J.M. Normas formais e informais vs. normas explícitas e implícitas: uma tipologia de normas alternativas. In: COSTA-LOPES, Rui; PEREIRA, Cícero Roberto (Org.). **Normas, atitudes e comportamento social**. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012, p. 25-43.

FIRMIN, A. **De l'égalité des races humaines: anthropologie positive**. Collection XIX, 2016.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil-1)**. Recife, Pernambuco: Fundação Gilberto Freyre, 2003

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal (2ºTOMO)**. Recife, CEPE, 1970.

GARCIA, A.; GOES, D. C. Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 138-153, 2010.

GARCIA-MARQUES, L. G.; FERREIRA, M. B.; MARGARIDA, V.. Processos de influências social. *In*: VALA, JORGE; MONTEIRO, MARIA BENEDICTA (Org.). **Psicologia Social**. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 245–324.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, 2012.

GOMES, N. L.; VIEIRA, S. L. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afrobrasileira (UNILAB). **Revista Lusófona de Educação**, n. 24, p. 75-88, 2013.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora ZAHAR, 2020.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de antropologia**, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p. Título original: ISBN 978-85-8317-048-8.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et.al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p. Título original: Thinking the Diaspora: Home-Thoughtsfrom Abroad.

HALL, S. Quem precisa de identidade? Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Título original: Who needs identity? *In*: Silva, T.T. (org). **Identidade e diferença**. 15.ed. Petrópoles: editora Vozes, 2020 p.103-133. ISBN 978-85-326-2413-0.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 64 p. Título original: The questiono of cultural identity. ISBN 978 85 8316 007 6.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOKS, b. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. Editora Elefante, 2019. 356 p. Título original: Black Looks: Race and Representation. ISBN 978-85-93115-21-9.

HUGON, P. **Geopolítica da África**. Tradução: Constância Morel. São Paulo: Editora FGV, 2009. 172 p. Título original: Géopolitique de L'Afrique. ISBN 978-85-225-1020-7.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture ea revolução de São Domingos**. Tradução: Afonso Teixeira Filho. Boitempo, 2010. 400 p. Título original: The Black jacobins. ISBN 978-85-8593-448-4.

JESUINO, J. C. Um conceito reencontrado. In: Almeida, A.M.O., Santos, M.F.S., Trindade, Z.A (Orgs.), **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, p.41-75.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: Arruda, A. (org.) **Representando Alteridade**. Petrópolis: Vozes, p. 47-67, 2002.

JODELET, D. Formes et Figures de L'altérité. In: Mazas, M.S. e Licata, L.(orgs). **L'Autre Regards Psychosociaux**. Presses Universitaires de Grenoble, p.23-47, 2005.

KALY, A. P. A presença-ausência dos árabes e de muçulmanos nos processos de modernização Brasileira: a readequação dos mapas coloniais. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, n. 26, p. 121-152, 2016.

KALAMPALIKIS, N. Des noms et des représentations. **Les cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, Éd. de l'Université de Liège, 2002, p.20-31.

KALAMPALIKIS, N. Le processus de l'ancrage: l'hypothèse d'une familiarisation à l'envers. **Cahiers du GRePS**, v. 1, p. 19-25, 2009.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Editora Cobogó, 2020. 247 p. Título original: Plantation memories. ISBN 978-85-5591-080-7.

KRATCOSKI, P. Introduction: Overview of Major Types of Fraud and Corruption. Introduction: Overview of Major Types of Fraud and Corruption. In: KRATCOSKI, Peter C.; EDELBACHER, Maximilian (Orgs.). **Fraud and Corruption: Major Types, Prevention, and Control**. Springer, 2018, p.3-20.

KRONBERGER, N; WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: BAUER, M. W.; Gaskell, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual práctico**. Petropolis: Vozes, p.416-443, 2012.

LEBART, L.; SALEM, A. Statistique textuelle. **Paris: Dunod**,1994.

LEMES, L. M. S; TORRES, A. R. R. Análise psicossocial do posicionamento frente às ações afirmativas relacionadas a deficientes físicos, mulheres e negros. **Revista Jurídica**, p. 20-29, 2013.

LE BON, G. **Lois psychologiques de l'évolution des peuples**. Félix Alcan, 1907.

LERNER, M. J. The belief in a just world. In: **The Belief in a just World**. Springer, Boston, MA, 1980. p. 9-30.

LICATA, L.; KLEIN, O. **Regards Croisés sur un Passé Commun : anciens colonisés et anciens coloniaux face à la action au Congo**. In: Mazas, M.S. e Licata, L.(orgs). *L'Autre Regards Psychosociaux*. Presses Universitaires de Grenoble, 2005, p.241-274.

LIMA, M.E.O; VALA, J. Dimensões e significados das identidades sociais. **Simetrias e identidades: jovens negros em Portugal**. Portugal: Celta Editora, 2003.

LIMA, M. E. O. A análise dos estereótipos diálogos entre a Teoria das Representações Sociais e os modelos da cognição social. In. Lima, M.E.O.; França, D.X.; Freitag, R.M.(Orgs). **Processos psicossociais de exclusão social**. São Paulo:Blucher Open Access, 2020, p.33-46.

LIMA, M.E.O. Preconceito. In: Camino, L. Torres, A.R.R., Lima M.E.O., Pereira, M.E. **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília Technopolitik, p. 589-642, 2013.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

LIMA, L. S.; FEITOSA, G. G. Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

LIPPMANN, W. **Public opinion**. New York, 1922.

MALLARD, S. D. S.; CREMASCO, M. V. F.; METRAUX, J. C. Estrangeiridade e vulnerabilidade psíquica: algumas contribuições psicanalíticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 125-132, 2015.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais as dinâmicas da mente**.

Petrópolis: Vozes, 2008.

MARKOVÁ, I. Des thémata de base des représentations sociales du sida. In: Garnier, C. (org). **Les formes de la pensée sociale**. 1. éd . Paris: Presses universitaires de France, p.55-78, 2002.

MBEMBE, A. **A crítica da Razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. 320 p. Título original: Critique de la raison négre. ISBN 978-85-66943-51-1.

MBEMBE, A. **Brutalismo**. La Découverte, 2020.

MILLAND, L.; FLAMENT, C. De la zone muette aux facettes d'une représentation sociale. In: Lo Monaco, G.; Delouée, S.; Rateau, P. (orgs). **Les représentations sociales: Théories, méthodes et applications**. Paris: Bibliothèque Nationale, 2016, p.505-516.

MINGUILLÓN-CAMPOS, J.; PINO-DÍAZ, J. Aplicación de la técnica de Regresión Lineal Simple a la relación Contribution–Quality en el análisis de correspondencias en data mining con R. TeMiS [R Text Mining Solution]. **Fiabilidad Industrial**, 2016.

MONTEIRO, M. B. Relações intergrupais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia Social**. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 494–568.

MOORE, C. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MORAIS, E. R. C. **Conflitos bioéticos na demarcação dos limites da vida: Um estudo sobre as representações sociais de aborto e eutanásia**. 2018. 172f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2018. Versão impressa e eletrônica.

MORRISON, T. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 152 p. Título original: The Origin Of Others. ISBN 978-85-359-328-0.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2013. 40 p. Título original: Social representations- Explorations in Social Psychology. ISBN 0-7456-2226-7.

MOSCOVI, S. **A Psicanálise, Sua Imagem e Seu Público**. Tradução: Sonia Fuhrmann, Petrópolis: Vozes, 2012. 456 p. Título original: La psychanalyse son image et son public. ISBN 978-2-13-054681-8.

MOSCOVICI, S. **Psychologie des minorités actives**. Presses universitaires de France, 1991.

MOSCOVICI, S. Subjetividade Social. In: SÁ, Celso Pereira (org.). **Imaginário e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p.11-62.

MOSCOVICI, S; DOISE, W. Dissensions et consensus. Une théorie générale des décisions collectives. Paris: Presses universitaires de France, 1992.

MUNANGA, K. As Ambiguidades do Racismo. In: Kon, Noemi Moritz; Silva Maria Lúcia; Abud, Cristiane Curi (org.). **Racismo e o negro no Brasil, questões da Psicanálise** (pp.33-45). São Paulo: Editora Perspectiva LTDA, 2017, p.33-45.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

NASCIMENTO, A. R. A.; MENANDRO, P. R. M. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 2, p. 72-88, 2006.

OBENGA, T. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, Wiredu (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p.31-49.

OLIVA, A. R. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. **tempo de histórias**, v. 9, p. 90-114, 2005.

OLIVEIRA, A.; AMARAL, V. A análise factorial de correspondências na investigação em psicologia: Uma aplicação ao estudo das representações sociais do suicídio adolescente. **Análise Psicológica**, v. 25, n. 2, p. 271-293, 2007.

PEREIRA, G. M. S.; SANTOS, B. R. Subjetividades en tránsito: la identidad, la diáspora y cultura inmaterial. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

PEREIRA, C. R.; SOUZA, L. E. C. Fatores legitimadores da discriminação: Uma revisão teórica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 2, 2016.

- PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 1, p. 95–107, 2003.
- PEREIRA, C. R.; VALA, J. Do preconceito à discriminação justificada. **In-Mind_Português**, v. 1, p. 1-13, 2010.
- PIERMATTÉO, A. et al. Context Variations and Pluri-methodological Issues concerning the Expression of a Social Representation: The Example of the Gypsy Community. **The Spanish Journal of Psychology**, v. 17, 2014.
- PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. Editora 34, 2013.
- PINO-DÍAZ, J. et al. Tutorial de R-Text Mining Solution. 2016.
- POLLI, G. M.; WACHELKE, J. Confirmação de centralidade das representações sociais pela análise gráfica do questionário de caracterização. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 97-104, 2013.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Cosejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Argentina, Buenos Aires: 2005.
- RAMOS, A. G. **Patologia social do "branco" brasileiro**. Jornal do Commercio, 1955.
- REINERT, M. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. **Bulletin of Sociological Methodology/Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 26, n. 1, p. 24-54, 1990.
- REIS, L. N. O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: Intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964). 2010. 206f. Dissertação (Mestrado em estudos étnicos e africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, [2010].
- RODRIGUES, J. Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais. **Revista História & Perspectivas**, v. 25, n. 47, 2013.
- ROSENDO, A. P. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do sistema de ensino**. Recensões LusoSofia. Corvilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.
- SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SÁ, C. P.; OLIVEIRA, D. C.; PRADO, L. A. As memórias colectivas do descobrimento do Brasil: imagem comum e juízos diferenciados nas populações portuguesa e brasileira. **Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 275-291, 2003.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. EdUERJ, 1998.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. 185 p. Título original: *Orientalism*. ISBN 85-7164-133-1.

SAID, E. **Imperialismo e cultura**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANCA, W. **Preconceito, discriminação “racial” no seio dos estudantes na unilab**. 2016. 177f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), 2016. Versão impressa e eletrônica.

SANTOS, J.R. A propósito das noções de “problema social” e “problema sociológico”. **Universidade de Évora: CIDEHUS**, p.1-18, 2000

SANTOS, M.F.S. **Representações Sociais e Psicologia Social**. Universidade Federal de Pernambuco (LABINT): Recife, 2009.

SANTOS, E. F.; SCOPINHO, R. A. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 2, p. 168-182, 2015

SCHWARCZ, L.M., STARLING, H.M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: companhia de Letras, 2015.

SCHWARCZ, L.M. Raça, Cor e Linguagem. In: Kon, Noemi Moritz; Silva Maria Lúcia; Abud, Cristiane Curi (org.). **Racismo e o negro no Brasil, questões da Psicanálise** (pp.33-45). São Paulo: Editora Perspectiva LTDA, 2017, p.91-120.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX**. Editora Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.

- SHERIF, M. **Group conflict and co-operation: Their social psychology**. Psychology Press, 2015.
- SHERIF, M. et.al. **The robbers cave experiment: Intergroup conflict and cooperation**. Wesleyan University Press, 1988.
- SHERIF, M. **The psychology of social norms**. Harper & Brothers Publishers, 1936.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T.T. (org). **Identidade e diferença**. 15.ed. Petrópolis: editora Vozes, p.73-102, 2020.
- SOUSA, Y. S. O. Drogas e normalização: uma análise psicossocial desde a perspectiva das representações sociais. 2017. 242f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Versão impressa e eletrônica.
- SOUSA, Y. S. O. et al. O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 2, p. 1-19, 2020.
- SOUZA, N. S. Tornar-se negro. **Rio de Janeiro: Graal**, 1983.
- SOUZA, J. **A elite do atraso**. Da escravidão à Lava Jato. São Paulo: LeYa, 2017.
- SOUZA, J. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Leya, 2018.
- STAERKLÉ, C. Représentations sociales et relations intergroupes. **Les représentations sociales: Théories, méthodes et applications**, p. 457-467, 2016.
- STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: A política do " nós" e " eles"**. Tradução: Bruno Alexander. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. 208 p. Título original: How Fascism Works: The Politics Of Us and Them. ISBN 978-85-254-3820-1.
- TAGUIEFF, P.A. **O racismo**. Tradução: José Luís Godinho. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 157 p. ISBN 972-771-510-9.
- TAJFEL, H. Grupos Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia Social I. Tradução: Lígia Amâncio. **Lisboa: Livros Horizonte**, 1981. 185 p. Título original: Humans Groups and Social Categories.
- TAJFEL, H. Grupos Humanos e Categorias Sociais: Estudos em Psicologia Social II. Tradução: Lígia Amâncio. **Lisboa: Livros Horizonte**, 1981. 185 p. Título original: Humans Groups and Social Categories.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. The social identity theory of intergroup behavior. **Psychology of intergroup relations**, v. 2, p. 7-24, 1986.

TAJFEL, H. *Stereotypes*. In: Hogg, Michel A., Abrams Dominic (orgs.), **Key readings in social psychology. Intergroup relations: Essential readings**. Psychology Press, p132-145, 2001.

TCHAM, I. **Estar, ficar e retornar: estudantes africanos no brasil e os dilemas da migração**. 2016.324f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Versão impressa e eletrônica.

TECHIO, E. M.; TORRES, A. R. R.; SOUSA, Y. S. O. Violência e ações coletivas no Brasil: reflexões para a intervenção psicossocial. **Inclusão Social**, v. 13, n. 2, 2020.

VALA, J. Articulação Psicossociológica e Diálogos Intra e Interdisciplinares. In: Gondim, S.M.G. e Chaves, A.M. (orgs.). **Práticas e Saber Psicológicos e suas Conexões**. Salvador: UFBA, 2011, p.65-92.

VALA, J. Pensamento social e representações sociais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M., B. (Org.). **Psicologia Social**. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 569–602.

VALA, J. Racisms: Social representations, racial prejudice and normative pressures. **Papers on Social Representations**, v. 22, p. 1-29, 2013.

VALA, J.; BRITO, R.; LOPES, D. **Expressões dos racismos em Portugal**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

VALA, J. Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. In: Jesuíno, J.C., Mendes, F.R.P., Lopes, M.J. **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, p. 153-183, 2015.

VALENTIM, J. P. Representações sociais do luso-tropicalismo e olhares cruzados entre portugueses e africanos. **MJ Simões (Coord.) Imagotipos Literários: Processos de (Des) configuração na Imagologia Literária**, p. 55-75, 2011.

VARGEM, A; MALOMALO, B. A Imigração Africana Contemporânea para o Brasil: Entre a Violência eo Desrespeito aos Direitos Humanos. **Diáspora Africana ea Imigração da era da Globalização: Experiências de Fefúgio, Estudo, Trabalho**, p. 107-123, 2015.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011.

WACHELKE, J. et al. Tabela de proporções condicionais: auxílio para interpretação da análise de correspondências múltiplas (ACM) em pesquisas psicológicas. **Interação em Psicologia**, v. 23, n. 3, 2019.

WILLS, T. A. Downward comparison principles in social psychology. **Psychological bulletin**, v. 90, n. 2, p. 245, 1981.

WOLTER, R. P.; WACHELKE, J.; NAIFF, D. A abordagem estrutural das representações sociais e o modelo dos esquemas cognitivos de base: perspectivas teóricas e utilização empírica. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 1139-1152, 2016.

WOLTER, R. The structural approach to social representations: Bridges between theory and methods. **Psico-USF**, v. 23, n. 4, p. 621-631, 2018.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Título original: Concepts of identity and difference. In: Silva, T.T. (org). **Identidade e diferença**. 15.ed. Petrópoles: editora Vozes, p.7-72, 2020.

ZAVALLONI, M., GUERIN, L.C. **Identité Sociale et Conscience: introduction à l'Ego-Ecologie**, Montreal: Presses de L'Université de Montreal, 1984.